

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE LARANJEIRAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM AGROECOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL - PPGADR**

GENECI RIBEIRO DOS SANTOS

**QUINTAIS PRODUTIVOS E O PAPEL DAS MULHERES CAMPONESAS PARA O
FORTALECIMENTO DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA: UM ESTUDO DAS
EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS PELO MOVIMENTO DE MULHERES
CAMPONESAS – MMC/ SC**

LARANJEIRAS DO SUL

2021

GENECI RIBEIRO DOS SANTOS

QUINTAIS PRODUTIVOS E O PAPEL DAS MULHERES CAMPONESAS PARA O FORTALECIMENTO DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA: UM ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS PELO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS – MMC/ SC

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável – PPGADR da Universidade Federal da Fronteira Sul(UFFS), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável.

Orientadora: Profa. Dra. Siomara Aparecida Marques

Coorientadora: Profa. Dra. Josimeire Aparecida Leandrini

LARANJEIRAS DO SUL

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Santos, Geneci Ribeiro dos

QUINTAIS PRODUTIVOS E O PAPEL DAS MULHERES CAMPONESAS PARA O FORTALECIMENTO DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA: UM ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS PELO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS ? MMC/ SC / Geneci Ribeiro dos Santos. -- 2022.

203 f.:il.

Orientadora: Pós Doutorado Profa. Dra. Siomara Aparecida Marques

Co-orientadora: Doutorado Profa. Dra. Josimeire Aparecida Leandrini

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Laranjeiras do Sul, PR, 2022.

1. Projeto de Agricultura Camponesa Agroecológica e feminista do MMC/SC. I. Marques, Profa. Dra. Siomara Aparecida, orient. II. Leandrini, Profa. Dra. Josimeire Aparecida, co-orient. III. Universidade Federal da

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GENECI RIBEIRO DOS SANTOS

QUINTAIS PRODUTIVOS E O PAPEL DAS MULHERES CAMPONESAS PARA O FORTALECIMENTO DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA: UM ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS PELO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS – MMC/ SC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável - PPGADR- da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural sustentável.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 8/12/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Siomara Aparecida Marques- UFFS/PPGADR
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Josimeire Aparecida Leandrini - UFFS/PPGADR
Coorientadora

Prof. Dr.^a Liria Angela Andrioli – UFFS/PPGADR
Avaliador

Prof. Dr.^a Catiane Cinelli – (UFMA)
Avaliador

Dedico este trabalho para três mulheres especiais na minha vida: minha mãe Lúcia dos Santos (in memória) camponesa, trabalhadora, lutadora que me deu o Dom da Vida. À Ana Maria Primavesi (in memória) por seu legado de pesquisas, estudos, aprendizados e luta em defesa da agricultura agroecológica. À minha filha Ana Lúcia que chegou em nossas vidas neste período de escrita desta dissertação. Seu nome é a junção dos nomes dessas duas mulheres admiráveis que representam a luta, ousadia, exemplo e o legado de muitas mulheres que lutaram e lutam por um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Cheguei até aqui graças a contribuição, orientação e apoio de muitas pessoas, que nesse processo todo foram muito importantes para que eu pudesse concluir essa pesquisa. Com todo carinho e gratidão, quero dizer meu Muito Obrigado a todos e todas que, de uma forma ou outra, estiveram comigo nessa caminhada.

Agradeço ao meu companheiro, Verilson Gheno por sempre estar do meu lado contribuindo, me dando forças em todos os momentos de dificuldades, angústias e incertezas, por sonhar comigo e me dar todo suporte e condições para realização desse sonho.

Agradeço a todos meus familiares, em especial, meu irmão, Valdecir Ribeiro dos Santos e minha cunhada Sonia Guerini R. Santos, minha sobrinha Kailane da Costa e minhas irmãs Gracieli dos Santos e Cleci da Costa por me auxiliarem no cuidado do meu filho, Júlio Henrique, para que pudesse ir para Laranjeiras do Sul/PR, cumprir os créditos das disciplinas.

Agradeço ao meu filho Júlio Henrique, por todas as vezes que tive que deixá-lo para viajar até Laranjeiras, sentia minha ausência, mas, mesmo assim me dava aquele abraço apertado e me dizia: “Vai Mamãe!” Agradeço, por ser essa criança esperta, inteligente e compreensiva.

Agradeço minha pequena Ana Lúcia, que desde o início dessa caminhada esteve comigo dentro do meu ventre, com seu nascimento bagunçou bastante a escrita, necessitava dos meus cuidados e atenção, foi pra mim um grande desafio, mas sua chegada nesse momento da minha vida me trouxe muitos ensinamentos, força, esperança e a certeza que lutar, estudar vale à pena.

Agradeço a professora, Siomara Marques que desde o início acreditou no meu projeto de pesquisa, e assumiu o desafio de me orientar, e contribuir com a pesquisa, agradeço todos os momentos que compartilhamos, experiências, problemas, dificuldades, sonhos, utopias. Agradeço toda compreensão e os seus ensinamentos.

Agradeço a professora, Josimeire Leandrini que aceitou o desafio de ser coorientadora desta dissertação, e por toda sua contribuição na construção coletiva dessa pesquisa a partir da realidade, vivência e experiências de muitas mulheres, agradeço toda dedicação e por ter compartilhado seus conhecimentos.

Agradeço a todos os professores e professoras, do Programa de Pós Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável (PGADR), que contribuíram com meu processo de formação e aprendizagem.

Agradeço aos meus colegas do Programa de Pós Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável (PPGADR), pela troca de experiências, conhecimentos e debates na construção da agroecologia.

Agradeço imensamente, as mulheres camponesas e monitoras que participaram dessa pesquisa e compartilharam um pouco de suas lutas, suas experiências de produção agroecológicas, seus sonhos e utopias. Muito Obrigada, as companheiras, Adélia Schmitz, Carmen K, Munarini, Edel Schenaider, Iraci Colombo, Ivete M, Mendes, Ivanete G, Mantelli, Joana F, Sebben, Lucimar M, Cervinski, Maria de Fátima Cividini, Zenaide T, M, da Silva.

Agradeço ao Movimento de Mulheres Camponesas, que desde sua origem luta pela libertação das mulheres de todas as formas de violências, opressão e submissão. E se desafia construir coletivamente com as mulheres camponesas o projeto de agricultura camponesa agroecológica e feminista.

Muito Obrigado a Todos (as)!

RESUMO

“Quintais produtivos e o papel das mulheres camponesas para o fortalecimento da produção agroecológica”, trata-se de um estudo a partir das experiências desenvolvidas pelo Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), do estado de Santa Catarina. No final da década de 1990, o Movimento propôs a construção do projeto de Agricultura Camponesa Agroecológica e Feminista. Para as mulheres camponesas a Agroecologia é o caminho à superação dos inúmeros impactos e consequências ambientais que se intensificaram com a efetivação da proposta da revolução verde. A ciência da Agroecologia disponibiliza princípios, metodologias de trabalho e conhecimentos para projetar e manejar agroecossistemas que sejam produtivos e ao mesmo tempo conservem os recursos naturais, que sejam culturalmente adaptados, social e economicamente viáveis. Por meio do projeto do MMC, as mulheres camponesas participantes do Movimento, iniciaram suas experiências com princípios da produção agroecológica nos espaços que cultivam, manejam, coordenam e possuem maior autonomia e domínio como a horta, o pomar, a lavoura e os sistemas agroflorestais, conjunto de elementos que atualmente denominam de “quintais produtivos agroecológicos”. No Brasil, Quintal é o termo utilizado para se referir ao terreno situado ao redor da casa, uma como a porção de terra próxima à residência, de acesso fácil e cômodo, na qual se cultivam múltiplas espécies alimentícias, bem como outros produtos, como lenha e plantas medicinais. Para o MMC, o quintal produtivo consiste em uma prática de produção articulada com o projeto de agricultura camponesa agroecológica e feminista que intimamente relacionado com a prática das mulheres camponesas. No espaço do quintal, historicamente, as mulheres conseguem produzir como elas querem para atenderá demanda de alimentos para o autoconsumo. Nesse sentido a pesquisa buscou analisar na prática educativa dos quintais produtivos desenvolvidos pelas mulheres camponesas inseridas no MMC/SC, os benefícios sociais, econômicos e ecológicos, bem como sua importância para sociedade, as contribuições para a autonomia econômica das mulheres e o fortalecimento da prática agroecológica e sustentável. A metodologia utilizada foi à pesquisa-ação. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se entrevistas contendo perguntas abertas semiestruturadas para grupo de mulheres camponesas dirigentes que atuam como monitoras dos projetos do MMC/SC e possuem forte relação com a práxis: prática - teoria - prática.

Palavras-chave: Economia feminista; Movimento Social; Transição Agroecológica.

ABSTRACT

Productive backyards and the role of peasant women to strengthen agroecological production”, is a study based on the experiences developed by the Peasant Women's Movement (MMC), in the state of Santa Catarina. In the late 1990s, the Movement proposed the construction of the Agroecological and Feminist Peasant Agriculture project. For peasant women, Agroecology is the way to overcome the numerous environmental impacts and consequences that have intensified with the implementation of the green revolution proposal. The science of Agroecology provides principles, work methodologies and knowledge to design and manage agroecosystems that are productive and at the same time conserve natural resources, which are culturally adapted, socially and economically viable. Through the MMC project, the peasant women participating in the Movement began their experiences with the principles of agroecological production in the spaces they cultivate, manage, coordinate and have greater autonomy and control such as the vegetable garden, the orchard, the farming and agroforestry systems, set of elements that are currently called “agroecological productive backyards”. In Brazil, Quintal is the term used to refer to the land located around the house, a portion of land close to the residence, with easy and comfortable access, on which multiple food species are grown, as well as other products, such as firewood. And medicinal plants. For the MMC, the productive backyard consists of a production practice articulated with the agroecological and feminist peasant agriculture project that is closely related to the practice of peasant women. In the backyard space, historically, women have been able to produce as they want to meet the demand for food for self-consumption. In this sense, the research sought to analyze in the educational practice of productive backyards developed by peasant women inserted in the MMC/SC, the social, economic and ecological benefits, as well as its importance for society, the contributions to the economic autonomy of women and the strengthening of the practice agroecological and sustainable. The methodology used was action research. As a data collection instrument, interviews were used with semi-structured open questions for a group of rural women leaders who act as monitors of the MMC/SC projects and have a strong relationship with praxis: practice - theory - practice.

Keywords: Feminist economics; Social movement; Agroecological Transition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Encontro Formação Monitoras	32
Figura 2- Mística Encontro Formação de Monitoras- MMC/SC	41
Figura 3- Prática realizada na Oficina de Quintais no Município de São José do Cedro/SC...41	
Figura 4 - Passos para a transição Agroecológica no MMC/SC	83
Quadro 1 - As principais características dos quintais produtivos agroecológicos das mulheres camponesas.....	119
Figura 5 - Agrofloresta quintal produtivo agroecológico Edel.....	139
Figura 6 - Experiência Sistema Agroflorestal da Carmen.....	140
Figura 7 - Plantas Medicinais quintal produtivo agroecológico Lucimar	144
Quadro 2 - Plantas medicinais quintal Noemi	144
Figura 8 - Jardim Quintal Produtivo Agroecológico da Noemi	147
Figura 9 - Produção Autoconsumo Quintal Produtivo Agroecológico da Lucimar	151
Figura - 10 Caderneta Agroecológica Carmen.....	156
Gráfico 1 - Renda da produção do Quintal da Carmen	158
Gráfico 2 - Renda da produção do quintal da Zenaide	158
Gráfico 3 - Renda da produção do quintal Noemi.....	159
Gráfico 4 - Destino da produção quintal da Carmen.....	160
Gráfico 5 - Destino da produção quintal da Zenaide.....	161
Gráfico 6 - Destino da Produção quintal da Noemi.....	161
Figura 11 - Desenho Quintal da Carmen.....	173
Quadro 3 - Produção Diversificada do Quintal da Carmen Listadas no Desenho	174
Figura 12 - Fluxograma produção para Autoconsumo e Comercialização da Unidade Produção da Carmen.....	176
Figura 13 - Desenho Quintal Produtivo Agroecológico da Joana.....	178
Quadro 4 - Produção Diversificada do Quintal da Joana Listadas no Desenho	179
Figura 14 - Fluxograma, Produção para Autoconsumo e Comercialização	180
Figura 15 - Desenho do Quintal da Noemi.....	182
Quadro 5 - Produção Diversificada Quintal da Noemi Listadas no Desenho	183
Figura 16 - Fluxograma Produção para Autoconsumo e Comercialização	184
Figura 17 - Desenho do quintal da Zenaide.....	185
Quadro 6 - Produção Diversificada do Quintal da Zenaide Listadas no Desenho	186

Figura 18 - Fluxograma Produção para Autoconsumo e Comercialização	187
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
ABA	Articulação Brasileira de Agroecologia
ABCAR	Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural
ACARESC	Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina
ELAA	Escola Latino Americana de Agroecologia
ENA	Encontro Nacional de Agroecologia
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
AS-PTA	Agricultura Familiar e Agroecologia
AMTR-RS	Associação de Mulheres Trabalhadoras do Rio Grande do Sul
AMTR-SUL	Articulação de Mulheres Trabalhadoras da Região Sul
CA	Censo Agropecuário
CAPA	Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor
CUT	Central Única dos Trabalhadores
CMA	Cúpula Mundial sobre Alimentação
CTA/ZM	Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata
DPMRQ	Diretoria de Políticas para as Mulheres Rurais e Quilombolas
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural
EUA	Estados Unidos da América
EM	Microrganismos Eficientes
FAO	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
FETRAF	Federação dos Trabalhadores na Agricultura familiar
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
IFPR	Instituto Federal do Paraná
INCA	Instituto Nacional de Combate ao Câncer
MAA	Movimento Agricultura Alternativa

MMA	Movimento de Mulheres Agricultoras
MMC	Movimento de Mulheres Camponesas
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NPK	Nitrogênio, Fósforo e Potássio
OMA	Organização de Mulheres Agricultoras
ONGs	Organizações não Governamentais
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PANC	Plantas Comestíveis não Convencionais
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNCF	Programa Nacional de Crédito Fundiário
PROUNI	Programa Universidade para Todos
SOF	Sempre Viva Organização Feminista
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA METODOLOGIA DE PESQUISA	23
2.1	RELAÇÃO DA PESQUISADORA COM A TEMÁTICA	23
2.2	METODOLOGIA PESQUISA-AÇÃO.....	27
2.2.1	Passos para construção da pesquisa	31
2.3	MULHERES CAMPONESAS SUJEITAS PARTICIPANTES DO PROCESSO DE PESQUISA	33
2.4	ORGANIZAÇÃO INTERNA DO MOVIMENTO: AS MONITORAS	39
2.5	O SUJEITO COLETIVO: O MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS DE SANTA CATARINA.....	42
3	O PAPEL DAS MULHERES CAMPONESAS DO MMC/SC NA CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA.....	45
3.1	AGRICULTURA NO BRASIL ANTERIOR À REVOLUÇÃO VERDE	45
3.2	A REVOLUÇÃO VERDE CHEGA AO BRASIL	52
3.3	O CAMINHO É A AGROECOLOGIA.....	61
3.4	PROJETO DE AGRICULTURA CAMPONESA, AGROECOLÓGICA E FEMINISTA NO MMC/SC	65
3.5	AGROECOLOGIA E AS MULHERES CAMPONESAS	68
3.6	LUTA PELO ACESSO À TERRA PARA AS MULHERES CAMPONESAS....	74
3.7	O MÉTODO DE TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA DO MMC/SC.....	83
3.7.1	Manejo e conservação do solo	86
3.7.2	Produção diversificada de espécies vegetais e animais	88
3.7.3	Eliminação do uso de agroquímicos: os transgênicos	89
3.7.4	Eliminação do uso de agroquímicos: os agrotóxicos	92
4	QUINTAIS PRODUTIVOS E A PRÁTICA EDUCATIVA DAS MULHERES CAMPONESAS.....	95
4.1	QUINTAIS PRODUTIVOS.....	95
4.2	AS DEFINIÇÕES DO SIGNIFICADO DE QUINTAL PRODUTIVO PARA AS MULHERES CAMPONESAS	103
4.3	CARACTERÍSTICAS DOS QUINTAIS PRODUTIVOS AGROECOLÓGICOS DAS MULHERES CAMPONESAS QUE PARTICIAM DO MMC/SC.....	113

4.4	BENEFÍCIOS DOS QUINTAIS PRODUTIVOS	120
4.4.1	Benefícios Sociais.....	120
4.4.1.1	<i>Soberania alimentar e nutricional</i>	<i>120</i>
4.4.1.2	<i>Conservação e valorização dos saberes da cultura camponesa.....</i>	<i>127</i>
4.4.1.3	<i>Melhoria na autoestima e independência das mulheres camponesas.....</i>	<i>134</i>
4.4.2	Benefícios Ecológicos.....	134
4.4.2.1	<i>Cultivo, conservação e manutenção da biodiversidade.....</i>	<i>134</i>
4.4.2.2	<i>Sistemas agroflorestais</i>	<i>138</i>
4.4.2.3	<i>Cultivo e uso de plantas medicinais</i>	<i>141</i>
4.4.2.4	<i>Cultivo de flores, jardinagem e paisagismo.....</i>	<i>146</i>
4.4.2.5	<i>Cuidado e conservação da água</i>	<i>149</i>
4.4.3	Benefícios Econômicos	151
4.4.3.1	<i>Produção do autoconsumo dos quintais das mulheres camponesas.....</i>	<i>151</i>
5	PASSOS PARA UMA ECONOMIA FEMILISTA SOLIDÁRIA NO MMC/SC	164
5.1	EXPERIÊNCIAS DE QUINTAIS PRODUTIVOS AGROECOLÓGICOS DAS MULHERES CAMPONESAS	172
5.1.1	Quintal produtivo agroecológico da Carmen	173
5.1.1.1	<i>Técnicas e práticas agroecológicas da Carmen</i>	<i>176</i>
5.1.2	Quintal produtivo agroecológico da Joana	178
5.1.2.1	<i>Técnicas e práticas agroecológicas da Joana</i>	<i>180</i>
5.1.3	Quintal produtivo agroecológico da Noemi	181
5.1.3.1	<i>Técnicas e práticas agroecológicas da Noemi.....</i>	<i>184</i>
5.1.4	Quintal produtivo agroecológico da Zenaide	185
5.1.4.1	<i>Técnicas e práticas agroecológicas da Zenaide</i>	<i>188</i>
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	191
	REFERÊNCIAS.....	197
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	204
	APÊNDICE B – Roteiro de questões para entrevista com monitoras	206
	APÊNDICE C – Roteiro questões para entrevista com as monitora em seus quintais produtivos agroecológicos.....	207

1 INTRODUÇÃO

Ao olharmos para agricultura nos dias de hoje, visualizamos muitos avanços tecnológicos, produção em larga escala, monoculturas, uso intensivo de agrotóxicos e insumos químicos industriais, que estão contaminando os recursos naturais, solo, água, florestas e a biodiversidade. Esse modelo de produção não se preocupa com a vida, com a natureza, menos ainda com a saúde das pessoas. Seus objetivos são sempre a produtividade, altos rendimentos e o lucro.

Esse tipo de agricultura está sendo questionado, estudado e compreendido por muitas pessoas, como pesquisadores, cientistas, camponeses e camponesas de que essa forma de praticar agricultura não serve mais, precisa ser superada. O pensamento inovador para a agricultura é a ciência da agroecologia que dispõe de conhecimentos, conceitos, metodologias, princípios e técnicas produtivas capaz de incorporar questões sociais, culturais, ambientais, éticas e de valorização dos saberes ancestrais e atuais dos camponeses e camponesas.

Miguel Altieri (2012), destaca que atualmente, a discussão sobre a produção agrícola tem evoluído, saindo de uma abordagem puramente técnica para uma leitura mais complexa, caracterizada por dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas. Para a construção do novo paradigma da agricultura agroecológica se faz necessário a desconstrução de conceitos, técnicas e processos do modelo de agricultura convencional. Sugerem estudar e incorporar saberes que promovam tecnologias limpas, que respeitam os bens comuns naturais, ao mesmo tempo em que ofereçam aos produtores um caminho produtivo e positivo, econômica, financeira, social, ambiental e eticamente. (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014).

Para o autor Costa (2017), a agroecologia incorpora os conhecimentos científicos e os saberes das comunidades tradicionais para buscar saídas frente às consequências causadas pelo modelo de agricultura convencional. Desse modo,

A agroecologia incorpora os conhecimentos acumulados no campo da ecologia – assim como os saberes das populações tradicionais – em sua busca de saídas para impactos causados pela agricultura contemporânea, na sua relação com o meio ambiente e com as dimensões produtiva, ecológica, energética, econômica, financeira e sociocultural. (COSTA, 2017, p.48).

Assim, a agroecologia pode ser compreendida como um conhecimento especializado, onde “[...] fornece as bases científicas, metodológicas e técnicas para uma nova revolução

agrária não só no Brasil, mas no mundo inteiro.” (ALTIERI, 2012, p.15). As mulheres feministas agroecológicas organizadas no IV Encontro Nacional de Agroecologia, também reafirmaram a concepção de que a agroecologia precisa ter um enfoque sistêmico, que considere as dimensões ecológica, econômica, social, cultural, política e ética. (GT MULHERES/IV ENA, 2018).

Nesse sentido, a proposta dessa pesquisa está relacionada com uma forma diferente de pensar e praticar a agricultura integrada e conectada com o modo de vida camponês. Com as lutas, formação e organização do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), movimento social referenciado por sua construção e contribuição para fortalecimento da Agroecologia sob o olhar feminista, por meio do qual os princípios e a prática produtiva agroecológica é aplicada, experimentada e concretizada pelas mulheres camponesas no espaço de seus quintais produtivos.

O uso da terminologia “Quintal” é recente no Movimento de Mulheres Camponesas do Estado de Santa Catarina. Foi nos encontros e demais espaços de estudo e formação que as mulheres camponesas decidiram ressignificar, retomar o uso do termo “quintal”, que se trata da produção diversificada que fazem próximo de suas casas, que há tempos atrás já fora usado pelas avós, mães, mas na atualidade, poucas regiões do estado costumam utilizar esse termo.

Ressignificando suas experiências de produção em seus quintais produtivos, as mulheres camponesas avançam no debate sobre a importância do seu trabalho no que diz respeito à produção de alimentos diversificados e saudáveis, para o autoconsumo familiar sendo uma atividade importante na geração de renda e autonomia econômica das famílias camponesas. Por meio da prática de produção diversificada e saudável de alimentos, as mulheres camponesas estabelecem uma relação de cuidado e preservação dos bens naturais, da biodiversidade das sementes crioulas, das plantas medicinais, dos pequenos animais etc., e a valorização dos conhecimentos e saberes ancestrais. As experiências de produção que desenvolvem em seus quintais se orientam pelos princípios da produção agroecológica tais como: manejo adequado dos solos, diversificação de cultivos, policultivos, preservação e conservação da biodiversidade, produção e manutenção das sementes crioulas e eliminação dos agroquímicos.

Nesse contexto a problemática da pesquisa dialoga com o trabalho realizado pelas mulheres camponesas pouco valorizado pela sociedade capitalista, patriarcal e machista que enxerga as atividades de produção realizadas por elas em seus quintais apenas como extensão do trabalho doméstico, ocupando o espaço do privado e, por isso, a dificuldade de reconhecer, valorar e valorizar esse importante trabalho desempenhado historicamente pelas

mulheres. Diante do exposto, apontamos a pergunta problema dessa pesquisa: Qual o papel das mulheres camponesas no fortalecimento da produção agroecológica a partir dos quintais produtivos?

Desse modo compreendemos ser de fundamental importância descrever as experiências e contribuições que as mulheres camponesas estão construindo e desenvolvendo para o fortalecimento da produção agroecológica que está presente em suas práticas cotidianas, principalmente no espaço dos seus quintais produtivos.

Para melhor compreender o significado desse processo, a pesquisa busca identificar na prática educativa dos quintais produtivos, nas experiências desenvolvidas pelo MMC/SC, os possíveis benefícios sociais, econômicos e ecológicos, bem como a importância deles para sociedade as contribuições dessa prática para a autonomia econômica das mulheres e o fortalecimento da prática agroecológica.

Às respostas a esse objetivo geral de pesquisa elaboram-se outras questões explicitadas nos seguintes objetivos específicos: Descrever as experiências do Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina, que contribuem para a implementação e fortalecimento dos quintais produtivos e da agroecologia; Analisar o trabalho, bem como as práticas, saberes e conhecimentos sobre a produção agroecológica e sustentável que as mulheres camponesas desenvolvem em seus quintais. Identificar as espécies da biodiversidade cultivadas nos quintais produtivos das mulheres camponesas, a produção destinada ao autoconsumo familiar e renda obtida com essa produção. Compreender a importância e a contribuição que os quintais produtivos desenvolvidos pelas mulheres camponesas desempenham para avançar na transição agroecológica das unidades de produção familiar.

A metodologia escolhida para coleta e análise dos dados foi a da pesquisa ação que se caracteriza como uma pesquisa qualitativa. A pesquisa também apresenta um aspecto etnográfico pela utilização do diário de campo. Apesar de priorizarmos metodologias qualitativas no tratamento dos dados, para alguns deles optamos pelo uso de gráficos, recursos da metodologia quantitativa que melhor apresentavam a sistematização de informações das entrevistas, das observações, anotações de campo, entre outros.

A pesquisa apresenta o estudo das experiências de quintais produtivos agroecológicos que o MMC desenvolve em todo o Estado de Santa Catarina. Entretanto para este estudo foi necessário o recorte para realização da pesquisa de campo. O primeiro recorte aconteceu com a escolha do grupo das monitoras que é composto aproximadamente por 20 mulheres camponesas. Desse grupo foi escolhido 11 monitoras que atuam desde o início na formação e construção do Projeto de Agricultura Camponesa Agroecológica e Feminista. O segundo

recorte ocorreu com a escolha de 4 (quatro) mulheres camponesas e monitoras que relataram suas experiências práticas de produção. A escolha dessas quatro experiências segue o critério da localização pelo fato de residirem próximo ao município da pesquisadora, todas localizadas na região Oeste do Estado de Santa Catarina.

Para coleta de dados com base em entrevistas foi utilizado roteiro de perguntas abertas semiestruturadas. As entrevistadas são mulheres camponesas, dirigentes que fazem parte do grupo de monitoras do Movimento Estadual, contribuem na construção do projeto de agricultura camponesa agroecológica e feminista, atuam nos processos de formação sobre a temática dos quintais produtivos agroecológicos e desenvolvem experiências de produção agroecológica em suas Unidades de Produção Familiar.

A sistematização teórica do conhecimento sobre experiências de produção agroecológica e do trabalho que mulheres camponesas vêm desenvolvendo por meio dos movimentos sociais, tem ocupado espaço importante dentro da academia. A temática sobre o projeto de agricultura camponesa agroecológica e feminista do e no MMC/SC, já foi abordada por várias autoras e autores. Destaco aqui a dissertação de mestrado do autor, Nilton Adão “Movimento das Mulheres Camponesas e a Semeadura de novas perspectivas e os significados da (re)produção de sementes crioulas para as mulheres no Oeste Catarinense” (2009). A dissertação de mestrado da autora Catiane Cinelli sobre o “Programa de Sementes Crioulas de Hortaliças: Experiência e Identidades no Movimento de Mulheres Camponesas”(2012). A tese de doutorado de Sirlei Gaspareto, “Pedagogia da Semeadura: A construção de saberes pelo Movimento de Mulheres Camponesas no programa de sementes crioulas”(2018). Destacamos a tese de doutorado da autora Eliane A. Barros “Mulheres Camponesas e seus quintais agroecológicos: diálogo de saberes em defesa da vida”(2018). Todos esses trabalhos são exemplos que apresentam importante construção teórica para o feminismo camponês e a agroecologia.

O diferencial dessa pesquisa está no esforço em estabelecer o diálogo entre o conhecimento teórico com os saberes e práticas desenvolvidos pelas mulheres camponesas no espaço que elas denominam de “quintais produtivos agroecológicos”. A pesquisa também evidencia o processo que o Movimento de Mulheres Camponesas – (MMC/SC) foi construindo coletivamente com as mulheres para o fortalecimento da agroecologia como prática, movimento, ciência e modo de vida.

Essa pesquisa também apresenta importante relevância social, todo o conhecimento, e os saberes das mulheres camponesas preservados desde a ancestralidade e ao mesmo tempo ressignificados, precisam ser valorizados e reconhecidos, entre eles destacamos; o papel

historicamente desempenhado pelas mulheres na produção de alimentos, garantindo a segurança e a soberania alimentar dos povos, a recuperação e manutenção de espécies de plantas e animais, assegurando a sobrevivência desta e das futuras gerações, a preservação e o cuidado com os bens naturais e a contribuição das mulheres camponesas para o fortalecimento de experiências de produção agroecológica e sustentável.

Muitas horas de leituras, conversas, diálogos com as orientadoras e as dirigentes do Movimento de Mulheres Camponesas para que pudéssemos ir construindo a pesquisa e a estrutura do texto. Nas falas parecia ser algo muito fácil, mas no momento da escrita sempre a dificuldade: - Por onde começar? Pois bem, nosso primeiro passo foi definir a metodologia de que se trata: um Estudo de Caso? Sim, mas também queremos trazer para essa pesquisa os princípios e fundamentos da pesquisa-ação, então com o estudo teórico a definimos como a metodologia a ser utilizada.

Buscando responder o objetivo geral e os específicos, o trabalho traz elementos, considerações e definições sobre a teoria estudada bem como a sistematização das questões das entrevistas com as mulheres camponesas. Nessa lógica, o texto da dissertação está estruturado em 6 (seis) partes/capítulos, sendo que cada parte está representada por um título anterior ao que expressa o conteúdo específico daquela parte/capítulo, pois temos a pretensão de mostrar para as leitoras e leitores, a longa caminhada que fomos percorrendo desde o início da construção dessa pesquisa.

A proposta de convidar para iniciarmos uma caminhada para um quintal produtivo agroecológico, pelo texto escrito também está relacionado com os passos que o MMC/SC foi construindo para chegar até os quintais produtivos agroecológicos. E chegar até os quintais sinalizando que a caminhada continua, pois para o MMC/SC, a caminhada não termina no quintal, pois seu objetivo é avançar dando passos importantes que contribuam para que as mulheres camponesas possam colher frutos de suas experiências de produção agroecológica.

A primeira parte: Iniciando nossa Caminhada para o Quintal Produtivo Agroecológico, compreende as descrições e análises dos subtemas sobre a Relação da Pesquisadora com a Temática; a Metodologia da Pesquisa Ação; os Procedimentos da Pesquisa de Campo; Apresentação das Mulheres Camponesas Participantes da Pesquisa; e, a História do Movimento Mulheres Camponesas SC.

A segunda parte: Estudar, Conhecer e Preparar um Solo Fértil, apontamos alguns elementos da agricultura no Brasil a partir do ano de 1950, trazendo as principais mudanças e transformações que foram ocorrendo com o processo da revolução verde bem como o conceito, contribuições e a perspectiva da ciência agroecológica. O projeto de agricultura

camponês, agroecológico, feminista e popular defendido e desenvolvido pelo MMC. O papel e os desafios das mulheres camponesas na construção da agroecologia que são; a luta contra o sistema de dominação patriarcal, enfrentamento ao modelo de agricultura convencional, a luta pelo direito do acesso à terra. Destacamos também a importância para luta e garantia de outros meios de produção essenciais como; às sementes, à água, às tecnologias adaptadas, às políticas públicas, ao crédito, que viabilizem as condições econômicas de produção e comercialização das mulheres camponesas. Diante dos desafios trouxemos os processos e o método de transição para agroecologia construído pelo MMC/SC.

A terceira parte: Chegamos ao Quintal Produtivo Agroecológico, Vamos Lançar Nossas Sementes Crioulas. Aprofundamos aspectos teóricos sobre conceito de “Quintal”. Com intuito de compreender melhor como as sujeitas da pesquisa definem quintais produtivos, descrevemos brevemente um histórico de como o movimento chega ao debate e a prática da agroecologia para definir sua política em torno do que se compreende como quintais produtivos agroecológicos. Touxemos como as experiências práticas estão sendo construídas pelas mulheres camponesas através da sistematização das seguintes questões: Como surgiu o debate do quintal produtivo no MMC/ SC? O que seria o termo quintal produtivo agroecológico? Quais as características dos quintais produtivos das mulheres camponesas participantes do MMC/SC? E ainda nessa seção, abordamos os benefícios sociais, econômicos e ecológicos dos quintais produtivos agroecológicos, das mulheres camponesas e sua importância para as famílias camponesas e a sociedade.

A quarta parte: Iniciando a Colheita dos Primeiros Frutos. Enfatizamos a luta do MMC/SC na construção de uma economia camponesa, feminista e solidária visando a visibilidade reconhecimento e valorização do trabalho das mulheres camponesas. Descrevemos quatro experiências desenvolvidas pelas mulheres camponesas e suas famílias, sendo duas consolidadas como agroecológicas e duas em processo de transição para agroecologia. Importantes experiências que visam demonstrar a metodologia trabalhada pelo MMC/SC, que vem contribuindo para o fortalecimento da agroecologia para além do espaço dos quintais.

A quinta parte: Com Feminismo há Agroecologia, a frase pronunciada pelas mulheres camponesas feministas que constroem a agroecologia em seus territórios, que lutam e caminham em direção à construção de um Feminismo Camponês e Popular, socializamos as considerações finais desta pesquisa, que não representa o final da caminhada, mas sim o ponto até onde nos propomos chegar com essa pesquisa.

2 A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA METODOLOGIA DE PESQUISA

Uma pergunta bem pertinente surgiu desde o início da elaboração do projeto de pesquisa: Que metodologia utilizar que possa contemplar as inúmeras dimensões que as experiências e as práticas educativas dos quintais produtivos agroecológicos, desenvolvidos pelas mulheres camponesas, apresentam? Foi aí que concentramos nossos esforços buscando construir uma metodologia de pesquisa coletiva, e isso foi acontecendo através de conversas, debates com as orientadoras e as dirigentes do MMC/SC.

O texto a seguir é o resultado dessa construção coletiva, o título, Relação da Pesquisadora com a Temática, foi sugestão de uma dirigente do MMC/SC em uma das conversas, propôs escrever a trajetória de militância no Movimento que se relaciona com a temática de pesquisa escolhida.

No processo de construção coletiva, entendemos que as bases metodológicas da pesquisa ação nos ajudariam a compreender melhor as práticas desenvolvidas pelas mulheres camponesas em um universo bastante amplo do ponto de vista social, político, camponês, feminista e do projeto de agricultura agroecológica.

Nessa proposta, aprofundamos sobre as bases metodológicas da Pesquisa ação, em seguida descrevemos os passos que fomos construindo coletivamente para realização da pesquisa, apresentamos as sujeitas que contribuíram com as questões e debates que perpassam toda a escrita e sobre o sujeito coletivo da pesquisa que é o Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina.

2.1 RELAÇÃO DA PESQUISADORA COM A TEMÁTICA

Importante ressaltar que a escolha do tema de pesquisa está primeiramente interligada com minha trajetória de militância no Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina, que se inicia no ano de 2004. Na juventude, participei dos encontros de formação para as jovens do MMC, espaço esse que permitia reunir jovens camponesas de todo o estado de Santa Catarina para estudar e debater sobre diversos temas, entre eles destaca os seguintes: as desigualdades de gênero, patriarcado, feminismo e a realidade da juventude no campo, principalmente das jovens mulheres, que na maioria das vezes remete o olhar para as dificuldades e desafios que nós, jovens do campo enfrentávamos, como por exemplo, o pouco

acesso ao lazer, a terra, ao estudo e o êxodo rural, este cada vez mais crescente entre as jovens e isso me intrigava porque a maioria de nós queria permanecer no campo, mas as condições dadas para as jovens mulheres na maioria das famílias era muito desigual em relação aos jovens homens.

No ano de 2006 fui indicada pelo movimento para fazer o curso Tecnologia em Agroecologia na Escola Latina Americana de Agroecologia, idealizada pela Via Campesina¹. Durante o curso procurei aprofundar meus estudos sobre o papel das mulheres camponesas na produção agrícola e no trabalho de conclusão de curso (TCC), aprofundamos o tema “Divisão Sexual e Social do Trabalho nas Famílias Camponesas do Oeste de Santa Catarina²”.

Em 2010, já formada tecnóloga em agroecologia, percebia a importância de contribuir com o debate e o fortalecimento da agroecologia junto às mulheres camponesas assumindo a tarefa de monitora no Programa de Recuperação, Produção e Melhoramento de Sementes Crioulas de Hortaliças e coordenando o coletivo de formação.

Particpei de inúmeros momentos de formação no MMC, relacionados com projeto de agricultura camponesa e agroecológico, e tive oportunidade de aprender muito com as mulheres camponesas. Entre esses aprendizados, destaco aqueles relacionados às suas práticas de produção e como as mesmas foram aprimorando e desenvolvendo técnicas facilitadoras do seu trabalho e das outras companheiras, sim porque entre as mulheres camponesas existe constantemente troca de experiências, saberes e aprendizados. Como exemplo cito alguns do

¹ A Via Campesina é uma organização mundial que articula movimentos camponeses em defesa da agricultura familiar em pequena escala e agroecológica para garantir a produção de alimentos saudáveis. Entre seus objetivos, constam a construção de relações de solidariedade, reconhecendo a diversidade do campesinato no mundo; a construção de um modelo de desenvolvimento de agricultura que garanta a soberania alimentar como direito dos povos de definirem suas próprias políticas agrícolas; e a preservação do meio ambiente, com a proteção da biodiversidade. A Via Campesina nasceu em 1992, quando várias lideranças contribuíram para a emancipação e libertação das mulheres. Fizeram parte da pesquisa grupo de mulheres que participam e que são militantes do MMC, e um grupo de mulheres que não participam do movimento. Nesse sentido, a pesquisa mostrou que as mulheres dos continentes americano e europeu que participavam do II congresso da Unión Nacional de Agricultores y Ganaderos de Nicaragua (Unag), realizado em Manágua, propuseram a criação de uma articulação mundial de camponeses. Tal proposição foi efetivada em 1993. (FERNANDES, 2012, p.765).

² O trabalho apresentado na conclusão do Curso Tecnologia em Agroecologia do Instituto – IFPR, teve a orientação da professora e militante do MMC, Zenaide Collet e coorientadora a professora Alexandra Filipak. A proposta do trabalho foi discutir como se reproduz a divisão sexual e social do trabalho nas famílias camponesas e dessa forma como as militantes dirigentes do MMC/SC têm uma concepção diferente de como o trabalho deve ser dividido na família, elas começam avaliar seu cotidiano e repensar formas de superar situações de discriminação e desigualdades. Mesmo tendo a compreensão que na prática não é fácil mudar relações de gênero que foram sendo construídas e reforçadas ao longo da história, elas possuem consciência que essas relações precisam ser mudadas. Claro, umas conseguem mais outras menos, mas o importante é que elas estão constantemente buscando a mudança. O grupo de mulheres que não participa do movimento, enfrenta muito forte no seu cotidiano, a influência da cultura patriarcal, o poder na figura do homem. A divisão do trabalho é muito desigual, elas não têm autonomia porque é o homem quem administra o dinheiro e a unidade de produção, tem o lazer limitado com relação aos seus maridos, não possuem consciência da importância da luta pela construção de novas relações de gênero e igualdade na família. (SANTOS, 2010, p. 44-45).

ponto de vista técnico produtivo: limpeza e seleção das sementes de tomate, colheita do gergelim, limpeza das sementes de “Quinoa”, controle do ataque de formigas cortadeiras, a infestação da grama “tiririca” em seus quintais, desintoxicação do solo, e as receitas de alimentação saudável como bolo de feijão, refrigerante de cenoura, pão de ora-pro-nóbis, panquecas de couve, espinafre, beterraba entre outras, e como fazer o uso das plantas medicinais.

Entre tantos outros aprendizados e conhecimentos que poderia continuar aqui listando, os que mais me marcam e me desafiam a continuar estudando e pesquisando são os aprendizados relacionados às suas lutas diárias, na tentativa de mostrar e convencer suas famílias e a sociedade que a agroecologia é possível. Mesmo com inúmeros estudos apontando e comprovando que a agroecologia do ponto de vista econômico, social e ambiental é mais correto e viável, e sabendo que as mulheres camponesas têm esse conhecimento e compreensão, de como efetivar a agroecologia superando as relações desiguais de gênero, o patriarcado, o modelo de agricultura convencional, o agronegócio, os inúmeros desafios que são colocados para elas, é o que mais motivou-me estudar e aprender. São as alternativas e soluções que elas vão construindo para irem avançando, mesmo que seja um pouquinho em suas experiências de produção agroecológica, a partir da sua luta cotidiana, da sua trajetória e realidade de vida.

Em 2015, participei do projeto “Organização Produtiva de Mulheres e Promoção de Autonomia por meio do Estímulo à Prática Agroecológica³”, desenvolvido pela Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS em parceria com os movimentos sociais do campo, através de um convênio com a Diretoria de Políticas para as Mulheres Rurais e Quilombolas (DPMRQ) do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário. O objetivo do projeto era a execução de ações formativas com mulheres e profissionais das entidades e dos movimentos que desenvolvem atividades de organização produtiva e de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) para mulheres, seja ATER Mulheres ou ATER Agroecologia. (BONI et al, 2017). A metodologia deste projeto dividia-se em módulos de formação para mulheres ofertados no formato de cursos e foi especificamente no Módulo II, que tratava sobre o tema “Produção de autossustento, quintais produtivos na agricultura familiar e camponesa: o papel historicamente

³Mulheres Camponesas (MMC), Movimento Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf) e entidades que prestam serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) como a Oestebio e Unitagri dos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. O projeto teve início no ano de 2015 e término em 2016.

desempenhado pelas mulheres”⁴, que o termo “quintal produtivo” começa a ser estudado e debatido pelas mulheres camponesas de Santa Catarina. O módulo apresentou uma visão teórica mais ampla do conceito, porém na prática, as camponesas participantes do curso demonstraram compreensão do seu significado, pois há muitos anos já se encontram desenvolvendo práticas, trabalhando, plantando, cuidando e manejando “seus quintais”.

Nesse período ingressei no curso de especialização em Educação do Campo com Ênfase em Estudos da Realidade Brasileira na UFFS, campus de Chapecó. Nesse mesmo ano, o município de Xaxim (SC) iniciou o projeto “Semeando o Futuro” que se tratava de cursos de capacitação para mulheres do campo e da cidade, por meio do qual tive a oportunidade de ser indicada pelo Movimento de Mulheres Camponesas para coordenar e assessorar as aulas do curso no eixo “Quintais Produtivos”. Devido a essa vivência com a temática, no artigo de conclusão de curso, decidi por estudar um pouco mais e escrever sobre “Quintais Produtivos: suas contribuições para o fortalecimento do Projeto Agricultura Camponesa Agroecológico e Feminista”. O artigo teve como objetivo analisar a contribuição que os quintais produtivos agroecológicos, desenvolvidos pelas mulheres camponesas em suas unidades de produção, desempenham papel importante para garantir a soberania alimentar das famílias e o fortalecimento da produção agroecológica.

No mesmo período recebi a proposta do MMC para contribuir na equipe de coordenação do projeto “Fortalecimento de Quintais Produtivos e Autonomia das Mulheres”. Coincidência ou não, a verdade é que de uns anos para cá estou bastante envolvida em torno dessa temática.

O estudo e os debates com os grupos de mulheres me instigam cada vez mais a aprender e aprofundar as questões sobre os quintais. Nessa caminhada, fui acumulando experiências e conhecimentos, mas junto também me acompanha o sentimento e a percepção de se tratar de um tema amplo e complexo que um artigo, uma pesquisa é insuficiente para dar conta de todas as questões e dimensões que estão envolvidas e que se expressam na prática e na cultura das mulheres camponesas, e também porque se trata de um tema importantíssimo a ser estudado e compreendido, pensando na proposta agroecológica de redesenho de agroecossistemas.

Mesmo com meu filho Júlio Henrique, pequeno, com 3 aninhos de idade e um mês após o ingresso no Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da

⁴ Mais informações no livro *Organização Produtiva de Mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica*, organizado por Valdete Boni, Siomara A. Marques, Naira E. R. Mohr, Tânia M. de Bastiani, no ano de 2015.

UFFS, tive a confirmação da gravidez da minha filha Ana Lúcia, estudando, militando e com filhos pequenos, sempre busquei e busco meios para contribuir com o MMC, principalmente nas práticas relacionadas ao projeto popular de agricultura camponesa agroecológica, presente na vida das mulheres camponesas e na prática educativa dos quintais produtivos do MMC/SC que como militante e pesquisadora expressa e se constitui o objeto de minha pesquisa. Tenho a compreensão que esta pesquisa, além da intenção pessoal, também apresenta a sua importância e relevância acadêmica e social.

2.2 METODOLOGIA PESQUISA-AÇÃO

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e visa “Trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social.” (MINAYO, 2011 p. 21). Como a pesquisa ocorre no campo das práticas educativas do MMC, movimento social em que atuo⁵, sendo ao mesmo tempo, militante e pesquisadora, optamos pela metodologia da pesquisa-ação, cuja base teórica se encontra em Thiollent (1986, p. 14):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Thiollent (1986), também considera que a “[...] pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou participação.” Com ela é necessário produzir conhecimentos, adquirir experiências, contribuir para discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas.” Outro autor, Tripp (2005), também concorda que a pesquisa-ação produz muito conhecimento baseado na prática, inclusive sugere que deveria ser incorporado ao conteúdo acadêmico das disciplinas.

Outro elemento importante da pesquisa-ação considerado por diversos autores “[...] é a busca de unidade entre a teoria e a prática, construir e reconstruir a teoria a partir de uma

⁵ O desafio que se coloca para este trabalho acadêmico no nível de mestrado, está na tomada de certa “distância” do tema/objeto de estudo, pois conforme dito acima, a pesquisadora faz parte do movimento tanto como militante e promotora do projeto de agroecologia feminista como também é camponesa. Para “garantir” este objetivo acadêmico, metodologicamente optou-se por estruturar a pesquisa a partir do método da pesquisa ação ou pesquisa participante.

sequência de prática refletidas criticamente.” (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 54). Partindo do ponto de vista desses autores sobre o que uma metodologia participativa e orientadora da reflexão sobre teoria e prática, esta pesquisa tem a pretensão de avançar no debate e produzir conhecimentos e aprendizados sobre a prática dos quintais produtivos, valorizando os saberes das mulheres camponesas.

Segundo Thiollent (1986), a pesquisa-ação é voltada para diversificadas aplicações iniciando pela educação, comunicação, serviço social, organização, tecnologia em particular para o meio rural. O que nos levou definir a pesquisa-ação como metodologia de pesquisa foi principalmente porque acontece em cenários sociais e também por se aplicar no meio rural, espaço onde se localiza a prática educativa dos quintais produtivos. Com isso, indica que “Os valores operando na pesquisa-ação participativa são aqueles que pertencem à aplicação do conhecimento na prática das classes sociais consideradas.” (THIOLLENT, 1986, p. 88).

Em muitas pesquisas realizadas no meio rural, o pesquisador não conhece a realidade dos camponeses e camponesas, o que leva a utilizar metodologias padronizadas sem nenhuma pretensão de ter a participação e o envolvimento dos sujeitos. Assim, como afirma Thiollent (1986, p. 86) “[...] nas instituições de pesquisa agropecuária, as metodologias de pesquisa utilizadas pertencem ao padrão de pesquisa convencional (métodos quantitativos) aplicado sem participação dos usuários.” Logo, esse tipo de pesquisa não valoriza o saber popular das mulheres camponesas.

Nesta pesquisa buscamos trazer esse saber que é próprio das mulheres camponesas que alguns estudiosos costumam definir como conhecimento empírico ou saber informal, onde “[...] por exemplo, o pequeno produtor rural conhece várias exigências naturais e econômicas às quais ele costuma submeter por experiência [...] o saber popular é rico, espontâneo, e muito apropriado à situação local.” (THIOLLENT, 1986, p. 67). A mulher camponesa possui um saber muito rico sobre o cultivo e manejo da agrobiodiversidade, preparo de alimentos, criação de animais enfim, eu diria sobre o modo de vida camponês que raramente se recorre às teorias para encontrar técnicas agrícolas de como fazer, pois é um saber que já as acompanha há muito tempo, foi repassado por seus antepassados, aprendido, experimentado, analisado, aprimorado e praticado na sua lida diária no campo.

Buscando visibilizar esse “conhecimento empírico ou saber informal”, as sujeitas escolhidas para a pesquisa foram às participantes do grupo das “monitoras” considerando a representatividade sociopolítica do grupo. Para Thiollent, (1986, p. 62) “[...] trata-se, de (amostras intencionadas) um pequeno grupo de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas representam em relação a determinado assunto.” Segundo

Tripp (2005), não se conhece exemplos de pesquisa-ação que tenham utilizado a sociedade como um todo, tem sido utilizado como instrumento de trabalho e de investigação, grupos, instituições e coletividades de pequeno e médio porte.

Os elementos epistemológicos dessa pesquisa se fundamentam em princípios da teoria do materialismo histórico dialético e do marxismo. Neste caminho do pensamento, buscamos em Freire (2014), a dialogicidade, relação sujeito-sujeito, e a práxis (prática-teoria-prática). Desse modo, a “[...] práxis é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo.” (FREIRE, 2014, p. 52). O pensamento freireano está presente nesta pesquisa, porque de certa forma perpassa a ação do MMC. As mulheres camponesas estudam, praticam, debatem e voltam a estudar, praticar e avaliar suas ações numa relação em que o diálogo entre os sujeitos é imprescindível.

A partir da fundamentação citada, a pesquisa participante exige um estilo de procedimento para a efetivação da pesquisa, isto porque, segundo Brandão e Borges (2007, p. 54), não se faz pesquisa por fazer, mas porque a pesquisa deverá apresentar resultados que “[...] interferem nas práticas sociais, e, de novo, o seu curso levanta a necessidade e o momento da realização de novas investigações participativas.” Para Thiollent (1986,p.8), “Os procedimentos a serem escolhidos devem obedecer a prioridades estabelecidas a partir de um diagnóstico da situação no qual os participantes tenham voz e vez.”

Como procedimento de coleta de dados à campo, utilizamos a técnica das entrevistas. As monitoras foram entrevistadas com roteiro de questões abertas, semiestruturadas, realizadas individualmente durante os encontros de preparação e formação do grupo no município de Chapecó, no Centro de Formação Maria Rosa, o qual se constituiu numa casa para realizar formação com as mulheres camponesas do estado de Santa Catarina. É um espaço que tem como objetivo acolher as mulheres para atividades, encontros e reuniões. As monitoras são sujeitas chave da pesquisa para contribuir nas percepções e conhecimentos sobre o projeto de Agricultura Camponesa Agroecológica e Feminista do MMC, que inclui os quintais produtivos agroecológicos e sua importância para as famílias e a sociedade.

Tendo presente a teoria e práxis freiriana foram realizadas visitas a quatro Quintais Produtivos coordenados por mulheres camponesas militantes e monitoras do MMC. Estes quintais se localizam na região Oeste de Santa Catarina nos municípios de Chapecó, São Miguel do Oeste, Anchieta e Palma Sola. Os critérios de escolha foram: 1) ter preenchido a caderneta agroecológica, 2) possuir alguma experiência de comercialização, 3) e serem próximos do município onde residem, facilitando assim o deslocamento por não dispor de recursos financeiros para a pesquisa.

As quatro mulheres que contemplaram os critérios expostos foram escolhidas no Encontro de Formação de Monitoras⁶. Os conhecimentos e aprendizados que elas adquirem nos espaços de formação do MMC, é colocado em prática nos seus quintais. Através de roteiro de perguntas abertas semiestruturadas, foram motivadas a relatar suas experiências agregando na pesquisa, informações sobre como planejam o trabalho e como fazem o manejo das práticas agrícolas que utilizam somando seus saberes, conhecimentos adquiridos nas oficinas de formação dos projetos do MMC e aqueles herdados de seus antepassados e que vão ao encontro de modos de produção agroecológica e sustentáveis desenvolvidos em seus quintais. Importante destacar que as entrevistas foram gravadas para garantir a fidelidade das informações na transcrição. A caminhada no quintal como estratégia metodológica teve como objetivo identificar as espécies da biodiversidade que as mulheres cultivam. O resultado desta caminhada foi a elaboração de um mapa/desenho do quintal demonstrando as diferentes culturas cultivadas e como as mesmas estão ordenadas no espaço.

Outro instrumento utilizado para registro de informações pela pesquisadora foi o diário de campo que contribuiu com informações observadas. O diário de campo é um caderninho, ou uma caderneta, ou arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades. Respondendo a uma pergunta frequente, as informações escritas no diário de campo devem ser utilizadas pelo pesquisador quando vai fazer uma análise qualitativa. (MINAYO, 2011, p. 71).

Também utilizamos as informações da Caderneta Agroecológica que é um instrumento utilizado pelas mulheres camponesas para fazer anotações referente à produção dos quintais destinados ao autoconsumo familiar, doação e venda. A Caderneta Agroecológica é um projeto realizado pelo MMC em parceria com o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona

⁶O encontro de formação das monitoras realizou-se nos dias 10 e 11 do mês de novembro de 2019, no Centro Formação Maria Rosa, localizado no Bairro Presidente Médici, rua Sete de setembro 2070 d, Chapecó/SC. O tema de estudo no encontro “Qualificação em Gestão e Economia Feminista”, o principal encaminhamento foi com relação a continuidade do trabalho para o ano seguinte assim como planejamento e organização das oficinas para o ano de 2020.

da Mata CTA/ZM, do GT Mulheres da ANA⁷ e da ActionAid Brasil⁸. É um método pelo qual as mulheres camponesas anotam a produção de seus “quintais produtivos” referente a cada mês, durante 1 (um) ano, sobre o que se destina ao consumo, venda, troca e doações. Tem como principal objetivo mostrar a renda econômica obtida de seus quintais, dar visibilidade e valorizar a produção agroecológica e diversificada das mulheres camponesas.

2.2.1 Passos para construção da pesquisa

1º Passo: Elaboração do Projeto de Pesquisa

Início no ano de 2018 com a elaboração da primeira proposta do projeto de pesquisa para participar do processo seletivo do programa de mestrado.

2º Passo: Conversa com Dirigentes MMC/SC

No mês de setembro de 2019 realizamos uma conversa com dirigentes do MMC sobre a temática definida e a metodologia a ser utilizada. As sugestões propostas naquele momento pelas dirigentes foram as seguintes:

- Descrever a trajetória de militância da pesquisadora no MMC que se relaciona com o tema de pesquisa.
- Utilizar as produções teóricas sobre os quintais, elaboradas pelas dirigentes do movimento.

⁷ A Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) é um espaço de articulação e convergência entre movimentos, redes e organizações da sociedade civil brasileira engajadas em experiências concretas de promoção da agroecologia, de fortalecimento da produção familiar e de construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento rural. Atualmente a ANA articula vinte e três redes estaduais e regionais, que reúnem centenas de grupos, associações e organizações não governamentais em todo o país, além de quinze movimentos sociais de abrangência nacional. A ANA organiza a sua ação em três frentes. A primeira delas consiste em articular iniciativas realizadas pelas organizações que fazem parte da ANA em seus programas de desenvolvimento local/territorial, promovendo o intercâmbio entre elas e fomentando a reflexão coletiva sobre as lições delas extraídas. Dessas lições, são retirados subsídios para a segunda frente de ação: o trabalho de incidência sobre as políticas públicas. Através da prática da troca de experiências e de debates, são identificados gargalos e desafios para o desenvolvimento da agroecologia e elaboradas propostas para a criação e o aprimoramento de políticas públicas que promovam o aumento de escala da agroecologia nos territórios. Esse esforço tem fortalecido a ANA como ator político representante do campo agroecológico, legitimado para propor e negociar o aprimoramento de políticas junto ao governo. A terceira frente de ação da ANA se refere à comunicação com a sociedade, que busca dar visibilidade à realidade da agricultura familiar e às propostas defendidas pelo campo agroecológico. (ANA, 2020).

⁸ A actionAid é uma organização internacional que trabalha por justiça social, igualdade de gênero e pelo fim da pobreza. Foi fundada no ano de 1972, e está presente em 45 países, alcançando mais de 15 milhões de pessoas no mundo. Atua no Brasil desde o ano de 1999, estando presente em mais 2.4 mil comunidades beneficiando mais de 300 mil pessoas. Trabalha em parceria com comunidades e organizações locais em projetos de educação, agroecologia e clima, igualdade de gênero, participação e democracia. (ACTION, 2020).

- Definir critérios para escolha das monitoras que iriam fazer parte da pesquisa procurando contemplar diferentes realidades e experiências no que diz respeito às formas de comercialização.

Nesta conversa, também realizamos a leitura e correção das questões do roteiro de entrevistas.

3º Passo: Apresentação do Projeto de Pesquisa e Definição da Amostra

Este segundo passo aconteceu em dois momentos, sendo o primeiro nos dias 09 e 10 de novembro 2019 no Encontro de Formação do Grupo de Monitoras, onde a coordenação do encontro nos proporcionou espaço na programação para apresentar ao grupo o projeto e as intenções de pesquisa de campo e nos intervalos da formação, organizamos juntamente com o grupo, as entrevistas individuais com 7 (sete) monitoras. Juntamente com o grupo e observando os critérios já definidos anteriormente, foi escolhida as 4 monitoras que receberão a visita em sua unidade de produção para realização das entrevistas.

Figura 1- Encontro Formação Monitoras



Fonte: Autora (2019)

4º Passo: Análise e Interpretação dos Dados

Concluído a pesquisa de campo, procedemos primeiramente à transcrição das entrevistas. O passo seguinte foi organizar as principais categorias de análise: quintais

produtivos, benefícios dos quintais produtivos, processos de transição para a agroecologia e economia feminista. Buscando dialogar com as teorias, “[...] a categorização tanto pode ser realizada previamente, exigindo um conhecimento sólido por parte do pesquisador para encontrar um esquema classificatório adequado ao assunto a ser analisado, como pode surgir a partir da análise do material de pesquisa.” (MINAYO, 2011, p. 88). Nesta pesquisa, as categorias são as que surgiram tanto da pesquisa de campo como do estudo bibliográfico acadêmico e das ações do Movimento de Mulheres Camponesas.

Fazer uma boa análise e interpretação dos dados de uma pesquisa exige do pesquisador percorrer um caminho conforme destaca Minayo (2011), desse modo chegamos a uma interpretação quando conseguimos realizar uma síntese entre: questões da pesquisa, resultados obtidos a partir do material coletado, das inferências realizadas e a perspectiva teórica adotada. Trata-se de uma fase importantíssima da pesquisa e nesse sentido todo esforço é para encontrar o melhor caminho e chegarmos a uma boa síntese dos resultados proporcionados pelo processo da pesquisa-ação.

2.3 MULHERES CAMPONESAS SUJEITAS PARTICIPANTES DO PROCESSO DE PESQUISA

Participaram da pesquisa 11 mulheres camponesas dirigentes que também são monitoras e atuam nos processos formativos do MMC/SC. Sendo que sete delas foram entrevistadas individualmente no encontro de formação de monitoras. E quatro foram entrevistadas em suas Unidades de Produção onde se identifica constante e forte relação com a **práxis** (prática-teoria-prática) do Movimento, presente em seus quintais produtivos. Todas são camponesas, possuem e desenvolvem experiências em seus quintais produtivos e residem em municípios da região Oeste de Santa Catarina.

Gostaríamos de apresentar essas mulheres valorosas, contemplando aqui suas experiências e conhecimentos, bem como suas trajetórias de vida, militância e lutas no MMC. Didaticamente optamos por apresentá-las de forma mais sucinta: nome, idade, escolaridade e a motivação que as levou participar e fazer parte do Movimento de Mulheres Camponesas. Iniciamos a apresentação pelas primeiras sete mulheres camponesas e monitoras com as quais foram realizadas somente as entrevistas.

Adélia 72 anos. Mora no Município de Itapiranga (SC). Escolaridade, 2ª série (corresponde aos anos iniciais do ensino Fundamental). Com relação ao ensino formal, assim como a companheira Adélia, muitas mulheres camponesas não tiveram oportunidade de completar seus estudos quando eram mais jovens por inúmeros motivos, ou por morar distante da escola ou mesmo por não existir ensino educacional nas comunidades do campo e muitas delas trabalhavam desde pequenas contribuindo com a família nas atividades referentes à lida no campo. A sociedade e seus próprios pais naquele período, costumavam afirmar que para trabalhar na roça, não precisava de muitos estudos, nessa lógica as mulheres camponesas estudavam muito pouco.

Adélia fala da importância que teve o Movimento de Mulheres Camponesas em seu processo de formação, por ser uma organização que incentiva as mulheres do campo, para sempre estar buscando “formas de estudar” com base na educação popular. E ela afirma com orgulho que participando e atuando na direção do MMC, ela fez uma faculdade e que as mulheres que participam do Movimento se transformam. Adélia participa do MMC, ativamente como liderança desde o ano de 1991.

Eu posso dizer isso, eu passei por todos os estágios de coordenação, de líder da comunidade de coordenação do município, regional, coordenação da Estadual da região Sul e até a coordenação Nacional. Então isso pra mim foi muito importante que hoje eu digo com grande orgulho, eu fiz a faculdade de uma maneira diferente(ADÉLIA).

Edel, 71 anos, mora no Município de Palmitos (SC), escolaridade 5ª série (do ensino Fundamental) e sobre isto ela diz: “*Eu, assim, na escola, a gente não tem muita formação, mas foi até quinta série, depois a gente fez aquele curso assim com os movimentos né, com o Movimento de Mulheres também, e daí esses cursos ajudou bastante*”.

Edel faz parte do Movimento desde o seu início, militando e contribuindo na organização e constituição do grupo de base no Município. Participou das primeiras caravanas que foram para Brasília reivindicar a previdência social, o direito da aposentadoria para mulheres e homens do campo. Na época, o que mais a motivava fazer parte do MMC segundo ela, era porque as mulheres não tinham direitos, não eram reconhecidas como trabalhadoras rurais, não tinham os documentos pessoais, não tinham aposentadoria, não exerciam lideranças na sociedade, seja no sindicato, na cooperativa, etc. “*E a mulher era assim, só pra fazer os serviços*”. A luta pelos direitos previdenciários e o reconhecimento da mulher na profissão de trabalhadora rural foi o que a motivou e a motiva até hoje fazer parte desse Movimento.

Iraci, 70 anos, mora no Município de Descanso (SC). Tem escolaridade no nível de graduação em Pedagogia. Iraci é o exemplo de mulher camponesa que não teve oportunidade de estudar quando era jovem, a militância no MMC, sua persistência e vontade de buscar sempre mais formação e conhecimento para melhor contribuir e ajudar as demais companheiras, foi a motivação para que ela, com quase seus 70 anos de idade, concluísse o curso superior: *“Então terminei a faculdade em 2018. 28 de outubro me formei na faculdade de pedagogia em São Miguel do Oeste, na UNINTER.” (IRACI).*

Iraci participa do MMC desde o início⁹. A organização do Movimento no Município onde atua, teve importante contribuição da Igreja Católica, quem a motivou participar foi uma irmã religiosa que sempre dizia: *“Mas vocês mulheres não podem ficar só aqui, vocês precisam ir além.” (IRACI).* E como era uma liderança atuante na Igreja da comunidade, sempre a convidaram para reuniões municipais, regionais, mobilizações, seminários, e aí ela foi *“ganhando gosto”* e não deixou mais de participar. Mesmo com os filhos pequenos, como ela conta:

Teve todos os meus filho na época., eu levava eles pra reunião, na época já comecei dirigir também, daí eu botava eles dentro da bacia de banho, lá na reunião e eles ficavam, dormiam e quando eles começaram crescer, ficarem maiores, eles ficavam com meu marido em casa né, ele levava eles na roça, os mais velhos cuidavam dos menores e assim foi, então eu praticamente dei continuidade, não assim que saísse a semana inteira, ia de manhã e voltava de noite por causa das crianças, mas a gente sempre participava. (IRACI).

Ivanete, 51 anos, mora no Município de Palma Sola (SC). Escolaridade possui graduação em Comércio Exterior. Participa do MMC há 29 anos e o que a motivou foi uma reunião realizada no Município por uma das fundadoras do Movimento, a ex-deputada Luci Choinacki. O objetivo dessa reunião era organizar a luta pela licença maternidade. Ivanete aceitou o convite para fazer parte da caravana que foi na mobilização em Florianópolis e depois desse dia nunca mais parou de participar e sempre assumiu papel na direção.

Eu participava primeiro só no município, daí comecei a ser liderança, líder de base, aí depois entrei na direção na diretoria municipal, depois na direção regional e hoje faço parte da direção ampliada. Então todos esses anos eu sempre tive participando de alguma coisa na direção, já fui coordenadora 3 vezes lá em Palma Sola. Eu sempre tô dentro da direção se não é de coordenadora é de tesoureira, secretária e agora sou monitora na estadual. (IVANETE).

⁹ No Estado de Santa Catarina o Movimento de Mulheres Camponesas teve início no ano de 1983.

Ivete tem 50 anos e mora no Município de Itá (SC). Escolaridade, Ensino Médio. Iniciou sua militância no MMC quando era jovem, tinha 17 anos, num momento histórico muito importante para as mulheres camponesas que participaram e contribuíram na luta para garantir os direitos da classe trabalhadora na Constituição de 1988, como o reconhecimento da profissão de trabalhadoras rurais e a garantia dos direitos previdenciários. Naquele momento, sua participação era mais na comunidade e no grupo de base, depois se inseriu na organização regional e logo na direção Estadual. Sua motivação foi a busca por formação e conhecimento: *“Na verdade, fui muito em busca assim, de formação, de conhecimento, o que mais me motivou a participar.” (IVETE).*

Lucimar, 56 anos, mora no Município de São José do Cedro (SC). Escolaridade, “2º grau”, hoje o Ensino Médio: *“Fiz o segundo grau depois dos 40 anos”*. Conta que participou das mobilizações, e das atividades Municipais. Em 2001 foi convidada para fazer um curso de formação, antes ela tinha participado de uma mobilização em Florianópolis, registrou tudo, fez várias fotos naquelas máquinas antigas de revelar. Certo dia, levou as fotos para uma das companheiras da comunidade que tinha ido junto na atividade, e essa tinha um convite para participar de uma formação do MMC em Chapecó, mas não podia porque estava com problema de coluna, então sugeriu que ela fosse. Lucimar apenas pegou o convite e não confirmou se ia ou não, o filho a acompanhava e quando chegaram em casa, ele se encarregou de falar para o pai que a mãe tinha recebido um convite e que ela devia ir porque era bem importante: *“Meu filho começou: Mãe vai, mãe vai, aí acabei indo. E quem me incentivou foi meu filho.” (LUCIMAR).*

Maria de Fátima, 60 anos. Mora no Município de Saltinho (SC). Escolaridade, 4ª Série (primeiros anos do ensino Fundamental): *“Estudei até a 4ª série, o que a gente sabe é cursinho e o que a gente faz na prática porque estudo, estudei só até a 4ª.” (MARIA DE FÁTIMA).* Participa do MMC, há 30 anos, 12 anos é monitora e já percorreu quase todo o Estado de Santa Catarina, realizando oficinas dos projetos de sementes, plantas medicinais e nos últimos anos, sobre os quintais produtivos. O que motivou fazer parte do Movimento foi sua participação em um grande encontro, com 8 mil mulheres no Município de Xanxerê (SC). A cunhada dela era da direção Municipal do MMC e não podia ir para o encontro porque estava com problemas de saúde, sugeriu que ela fosse:

Daí ela me disse: - Vai você! Ai eu disse: - Vou lá fazer o que, nunca tinha visto? Ai vim com outra colega nossa, em quatro nós viemos, num fusca. Viemos e dali pra frente eu não parei de participar, me apaixonei por aquele movimento, por aquelas maneiras de ser conduzido todos os problemas, e aprendi muito com o Movimento. (MARIA DE FÁTIMA).

Vamos apresentar as quatro monitoras, que foram entrevistadas em suas Unidades de Produção, espaço onde as mesmas estão constantemente construindo a **práxis** (prática-teoria-prática) do Movimento. Essas mulheres avançaram em um importante passo construído a partir do diálogo, trabalho e conscientização, buscando maior participação e envolvimento dos demais membros da família e dessa forma, avançando no processo de transição para a agroecologia e nessa perspectiva, construindo coletivamente formas de comercialização, geração de renda e autonomia.

Carmen tem 63 anos, nasceu e reside até hoje, na comunidade Faxinal dos Rosas, Chapecó (SC), na propriedade que ainda era de seus avós. Sua escolaridade é Ensino Médio completo. Conseguiu concluir o ensino fundamental e médio através da escola de formação da CUT. No MMC, teve oportunidade de fazer muitos cursos, de Economia Feminista, Agroecologia, entre outros. Conta ela:

Eu estudei até o segundo grau, graças à participação que eu tenho tido nos movimentos sociais, no sindicato, que eu fiz num projeto da CUT, que eu terminei o ensino fundamental e daí fiz o médio numa escola da CUT. É o que eu tenho de estudo até agora, e também tenho bastante formação na área da agroecologia que a gente sempre participa de curso e tá sempre atuando. (CARMEN).

O que a motivou a fazer parte do MMC, foi a luta das mulheres por direitos e igualdade. Na época em que começou a participar, as mulheres se organizavam em torno da luta pelo reconhecimento da profissão de trabalhadoras rurais e pela aposentadoria para as mulheres e homens do campo, a luta pela garantia da previdência social e solidária: “*Então o que me empolgou naquela época..., fazer parte do Movimento foi a luta pelos direitos das mulheres que não tinham.*” (CARMEN).

Joana tem 51 anos e mora no Município de Descanso (SC). Escolaridade, Curso Técnico em Agroecologia, pelo Instituto Federal. Concluiu o curso de graduação à distância em Turismo Rural em 2019. Está sempre buscando formação e mais conhecimento para colocar em prática em sua Unidade de Produção. O que motivou participar do MMC, foi a luta por direitos e a busca por mais conhecimento sobre as sementes crioulas e a produção agroecológica.

Noemi tem 59 anos e mora no Município de Palma Sola (SC). A escolaridade, graduada em Ciências Contábeis. Concluiu o curso no ano de 2018: “- *Eu me graduei em Ciências Contábeis, fiz através do Enem, pela bolsa do PROUNI e pela universidade UNINTER.*” (JOANA). Participa do MMC, desde o ano de 1985, e o que a motivou, foram as

falas de uma das fundadoras do MMA¹⁰, a ex-deputada Luci Choinacki, que sempre falava sobre os direitos das mulheres agricultoras. Conta Noemi que ela sempre dizia: *“Agricultora também é uma profissão, que deve ser valorizada e que não devemos ter vergonha e sim orgulho de trabalhar na roça e produzir alimentos.”*

Zenaide tem 56 anos e mora em Anchieta (SC). Escolaridade, até o Ensino Fundamental. Participa do MMC há 13 anos. Quem a motivou foi sua irmã, Miriam, que é uma das fundadoras do Movimento no Município. Zenaide conta que logo que casou foi morar na cidade, então quando vinha passear na casa dos pais a irmã sempre comentava sobre a organização das mulheres, mas como estava vivendo na cidade grande em outro momento de sua vida, disse que “não dava muita importância”. Quando retornou a morar em Anchieta, a irmã lhe fez o convite para participar de uma oficina do MMC sobre sementes crioulas. Aceitou o convite, participou, gostou e cada vez foi aumentando seu interesse em continuar participando com objetivo de aprimorar seus conhecimentos e colocar em prática na sua unidade de produção:

Através dessa oficina, foi que comecei me integrar dentro do Movimento, comecei me interessar porque pra mim era uma coisa diferente, nova e diferente e que ao mesmo tempo foi algo que me mostrou o que era a realidade do campo, e o que eu ia viver dali pra frente, porque a partir daquele momento, eu tinha decidido que nos ia ficar na propriedade e foi o que me interessou, porque eu queria buscar mais conhecimento pra eu poder trabalhar na propriedade. (ZENAIDE).

Essas onze mulheres camponesas entrevistadas que também são monitoras e dirigentes, exercem um papel muito importante nos processos de formação do MMC/SC e na construção do projeto de agricultura camponesa agroecológica. A militância e atuação nos processos formativos e organizativos a participação nas lutas, as experiências de produção construídas no espaço dos quintais, seus conhecimentos tanto os adquiridos no Movimento como os que preservam e ressignificam desde seus ancestrais, suas percepções e análise crítica sobre a temática que propomos com toda a certeza é o que engrandece essa pesquisa.

¹⁰ Até o Congresso Nacional de 2004 o Movimento era denominado de Movimento de Mulheres Agricultoras. Esta história será contada no item 2.5.

2.4 ORGANIZAÇÃO INTERNA DO MOVIMENTO: AS MONITORAS

As monitoras são formadas por grupos de mulheres camponesas, dirigentes, representantes de vários municípios do Estado, sendo eles: Anchieta, São José do Cedro, São Miguel do Oeste, Palma Sola, Saltinho, Quilombo, Chapecó, Lages, Maravilha, Tunápolis, Itapiranga, Descanso, Palmitos e Campo Erê. No momento da elaboração do projeto desta pesquisa, o grupo se encontrava atuando nos projetos “Fortalecimento de Quintais Produtivos e Autonomia Econômica das Mulheres” iniciado em 2017, com término em 2019 e na sequência, com o projeto intitulado “Mulheres Camponesas Enfrentamento à Violência, Promovendo Saúde e Autonomia”, com término previsto para o ano de 2020, abrangendo cerca de 70 municípios do estado de Santa Catarina onde o Movimento de Mulheres Camponesas possui grupos de base organizados.

O Movimento de Mulheres Camponesas utiliza o termo monitoras, se referindo a um grupo de mulheres camponesas, dirigentes, que se disponibilizam a fazer um processo de formação sobre determinados temas, como exemplo: agroecologia, produção, recuperação e melhoramento de sementes crioulas, cultivo e uso de plantas medicinais, homeopatia, sistemas agroflorestais, criação de galinhas caipiras orgânicas, promoção de autonomia econômica, combate à violência, saúde, estudos e debates sobre o projeto de agricultura camponesa agroecológica feminista e popular, sistema patriarcal, feminismo, quintais produtivos entre outros. Após um processo de formação, as participantes são convidadas pela direção do MMC a fazer parte do grupo de monitoras. As que se sentem preparadas e também têm disponibilidade de tempo e facilidade de deslocamento, assumem alguns grupos de mulheres nos municípios para realizar as oficinas, que em outras palavras, é um encontro, um dia de estudo e troca de experiências entre as mulheres participantes.

Como a pesquisa foi realizada com mulheres integrantes do grupo de monitoras, consideramos ser importante descrever o papel da monitora que também é dirigente e geralmente já possui um longo processo de formação e atuação no Movimento. A monitora precisa ter disponibilidade de tempo para participar dos encontros de formação porque ela será a responsável pela socialização e multiplicação do debate e dos conhecimentos com as demais mulheres camponesas pertencentes à base do MMC/SC.

Nos encontros de formação das monitoras se constrói coletivamente uma proposta de trabalho. Essa metodologia é adotada pelo MMC/SC para realização das oficinas nos Municípios. O início da oficina referente ao projeto “Fortalecimento de Quintais Produtivos e

Autonomia Econômica das Mulheres” se dá por volta das 9 horas da manhã, com acolhida das participantes, mística¹¹, análise de conjuntura, estudo do tema proposto, almoço partilhado e uma prática que consiste realizar juntamente com as participantes, uma análise de solo, o teste de poder germinativo das sementes crioulas, repelentes, biofertilizantes, caldas, ou fazer os Micro-organismos Eficientes-EM¹², entre outras práticas definidas pelo grupo. O término da oficina acontece por volta das 16 horas, essa proposta precisa ser adaptada pela monitora de acordo com a realidade de cada grupo. Cada monitora se responsabiliza por realizar as oficinas próximas de seu município para também facilitar o seu deslocamento, mas às vezes precisa contribuir em outros municípios mais distantes.

Com relação a importância da definição dos horários de início e término das oficinas, as monitoras já conhecem a realidade das mulheres camponesas, antes de ir para atividade, elas fazem os trabalhos domésticos, fazem a ordenha, pois a maioria se dedica a atividade leiteira, alimentam os animais, algumas precisam deixar o almoço pronto etc., incluindo também o tempo que precisam para o deslocamento até o local da oficina. O término da oficina também precisa ser planejado pensando no tempo de volta para casa e os trabalhos de ordenha, cuidado dos animais, trabalhos domésticos entre outros.

A monitora possui muitas responsabilidades, ela precisa estudar, preparar o conteúdo, articular as participantes, marcar a data da oficina, ver com as dirigentes dos municípios, o local para realização da oficina que geralmente acontece na casa de alguma participante das oficinas ou então em espaços comunitários que facilitam o deslocamento das mulheres.

A formação proposta para as oficinas do MMC é baseada na metodologia e princípios da educação popular. Nas oficinas as mulheres camponesas estudam, debatem, aprendem umas com as outras, trocam experiências e também trocam sementes, mudas de plantas, receitas, conversam sobre a organicidade do MMC, encaminham as ações e atividades no Município, na Regional e Estado. A temática estudada nas oficinas é o que está em debate

¹¹ A mística deve ser entendida como sendo o conjunto de motivações que sentimos no dia a dia, no trabalho organizativo, que impulsiona nossa luta para frente. Ela é responsável por reduzir a distância entre o presente e o futuro, fazendo-nos viver antecipadamente os objetivos que queremos alcançar. (MST - Coleção Saber e Fazer, n.2, p.4). Nos encontros e espaços de formação do MMC a mística é um momento muito especial que se vivencia sentimentos, utopias e busca transmitir mensagem de esperança e força na luta por libertação, por uma sociedade mais justa, por um ambiente mais saudável etc. Esse momento pode conter uma música, um poema, uma poesia, ou encenação teatral, enfim. E está presente a simbologia de luta do MMC, Bandeira, chapéu de palha, flores, plantas, alimentos, sementes, etc. É a mística camponesa e feminista, difícil explicar em palavras, mas seu objetivo sempre é transmitir alguma mensagem ou fazer uma reflexão crítica. Cada pessoa que vivencia esse momento sente e interpreta do seu jeito.

¹² EM - Micro organismos Eficientes - são minúsculos seres vivos encontrados na natureza. Trata-se de uma prática desenvolvida pelos precursores da agricultura natural. As mulheres camponesas aprenderam nas oficinas do MMC/SC como fazer a captura desses microrganismos e preparar o EM, pois seu uso é eficiente e tem uma ampla utilização, nos solos, nas plantas, na água, nos animais bem como na limpeza das casas e nas instalações dos animais.

naquele momento no Movimento, estrategicamente planejado a partir de ações orientadas pelos eixos de organização, formação e lutas.

Figura 2- Mística Encontro Formação de Monitoras- MMC/SC



Fonte: Autora (2019)

Figura 3- Prática realizada na Oficina de Quintais no Município de São José do Cedro/SC



Fonte: WhatsApp - Grupo Monitoras MMC/SC (2019)

2.5 O SUJEITO COLETIVO: O MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS DE SANTA CATARINA

O sujeito coletivo dessa pesquisa é o Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina, por isso descrevemos o processo histórico e as principais bandeiras de luta do MMC/SC, sendo que a proposta desse trabalho está relacionada com o processo de organização, formação, lutas e o projeto de agricultura camponês agroecológico e feminista que vem sendo construído coletivamente pelas mulheres camponesas militantes inseridas no Movimento.

De acordo com cartilha *“Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina; uma História de organização lutas e conquistas”* (MMC/SC, 2008), a década de 1980 foi marcada pela mobilização e efervescência política com o surgimento dos “Sindicatos dos Trabalhadores Rurais” e os “Movimentos Sociais do Campo” que questionam a realidade brasileira e colocam em pauta as bandeiras de luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Como dito, vários movimentos surgem nesse período e mais precisamente no ano de 1983, mulheres trabalhadoras rurais no Oeste do estado de Santa Catarina também começam a se organizar dando início à Organização de Mulheres Agricultoras - OMA, tendo como principais bandeiras de luta, a libertação das mulheres de todas as formas de exploração, submissão, dominação e violência, mas muito forte a conquista do direito de poder sair de casa, de participar dos encontros das mulheres, dos sindicatos e dentro deles travar a luta pela igualdade de gênero, direito de votar e ser votada, ocupar os espaços de decisão da sociedade.

Segundo a cartilha do (MMC/SC, 2008), a organização das mulheres percebe a necessidade de avançar para a construção de um movimento autônomo de mulheres surgindo o Movimento de Mulheres Agricultoras - MMA. No ano de 1988, durante o processo de construção da Constituinte Brasileira, o movimento se mobiliza e também reivindica a valorização das trabalhadoras rurais através dos direitos previdenciários. Na década de 1990, o movimento se caracterizou pela luta e conquista dos direitos previdenciários, documentação pessoal e profissional, reconhecimento da condição de seguradas especiais, implementação da

previdência pública universal e solidária. Mas também pela garantia do acesso aos benefícios como a aposentadoria das mulheres aos 55 anos e dos homens aos 60, auxílio doença, aposentadoria por invalidez, auxílio reclusão e pensão por morte, salário maternidade – todos no valor de um salário mínimo. Além disso, o direito à titulação da terra em nome da mulher. Com a conquista da aposentadoria das mulheres do campo, o movimento realizou uma forte campanha para a confecção da documentação destas trabalhadoras rurais que necessitavam da mesma, principalmente para poderem acessar tais benefícios.

Em 2004, o MMA se consolida como movimento nacional denominando-se Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), reforçando a identidade de movimento camponês, autônomo, popular e feminista no qual tem como missão a libertação das mulheres de todas as formas de opressão, submissão, exploração e violência; produção de alimentos diversificados e saudáveis; construção do projeto de agricultura camponesa e agroecológico e a transformação da sociedade. A consolidação do Movimento em nível nacional, contribui para que as mulheres camponesas tenham uma leitura ampla para entender a dominação do latifúndio, a invasão dos monocultivos e transgênicos, o controle das transnacionais sobre os territórios, a privatização dos bens naturais e a padronização dos alimentos. Mas também associa o sistema capitalista neoliberal e a cultura patriarcal aos problemas que as mulheres enfrentam no seu cotidiano (MMC/SC 2008).

Nas décadas de 1960 e 1970 a agricultura brasileira inicia um intenso processo de mudanças, chegam ao Brasil as propostas da revolução verde, processo de modernização da agricultura anterior ao surgimento do movimento autônomo de mulheres. Consta na cartilha do MMC/SC (2008, p. 8).

[...] que nas primeiras reuniões e encontros, as mulheres debatiam sobre os impactos e as consequências desse modelo de produção, como o endividamento dos agricultores e agricultoras nos bancos, o baixo preço dos produtos, os cortes de subsídios agrícolas, o êxodo rural, o uso intenso de agrotóxicos, a perda de muitas espécies de sementes crioulas, mudança dos hábitos de vida, entre outros.

De acordo com a autora Boni (2012), o movimento pode ser apresentado em três principais fases, sendo a primeira voltada ao reconhecimento da profissão e à garantia de direitos trabalhistas, a segunda voltada à saúde das mulheres rurais e a terceira ligada ao discurso e à prática da agroecologia e da alimentação saudável. Nessa trajetória, aparece com muita força o debate do feminismo camponês, que está sendo aprofundado juntamente com a prática e formação dos quintais produtivos. (SANTOS; CIMA; BONI, 2018, p. 118).

É possível visualizar essas fases na trajetória do MMC, porém nenhuma delas aconteceu de forma pura e isolada das demais, segundo as autoras Santos, Cima e Boni (2018), ao mesmo tempo em que na década de 1980 até meados de 1990 o Movimento, reivindicava os direitos trabalhistas, também se discutia o modelo de produção que hoje chamamos de agronegócio *versus* o modelo de agricultura de pequeno porte, a que hoje chamamos de agricultura camponesa. Junto com o debate da saúde, ainda se pautavam a necessidade de documentação para as mulheres e, especialmente, a crítica ao modelo de agricultura que impõe restrições na produção da agricultura camponesa. É o acúmulo destes debates no interior do movimento que culmina no momento atual vivenciado pelo MMC, promovendo a recuperação de sementes crioulas e a produção diversificada de alimentos com base na agroecologia, garantindo a soberania alimentar.

Desde a sua origem, o Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina contesta o modelo de agricultura industrial proposto pela revolução verde, o agronegócio. E no final da década de 1990, debate e assume como missão a construção de um projeto de agricultura baseado nos princípios da agroecologia a partir do programa de recuperação produção e melhoramento das sementes crioulas, produção diversificada e saudável de alimentos, a descontaminação, recuperação e conservação da fertilidade dos solos, eliminação do uso de agroquímicos o cuidado com ambiente os recursos naturais e a biodiversidade.

3 O PAPEL DAS MULHERES CAMPONESAS DO MMC/SC NA CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA

Dialogaremos sobre alguns aspectos da agricultura décadas antes da revolução verde e o surgimento do debate da agroecologia, conceituações, princípios e dimensões, referenciados por autores do campo científico como Miguel Altieri, Francisco R. Caporal, José Antônio Costabeber, Manoel B. Costa, Emma Siliprandi, Luiz Carlos Pinheiro Machado, Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho e Carlos Armenio Khatounian. Buscando maior aproximação e relação da teoria estudada com as experiências práticas do MMC, descrevemos o projeto de agricultura camponesa, agroecológica e feminista, para responder um dos objetivos específicos da pesquisa: a descrição das experiências do Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina que contribuem para a implementação e fortalecimento dos quintais produtivos agroecológicos.

3.1 AGRICULTURA NO BRASIL ANTERIOR À REVOLUÇÃO VERDE

Como era o cenário agrícola brasileiro, décadas antes da revolução verde? Os autores, Machado e Machado Filho (2014), escrevem sobre esse período tendo como referência o ano de 1950. De acordo com eles nesse período a agricultura brasileira dividia-se basicamente em três segmentos:

- 1- A grande lavoura para exportação, como café, cacau, cana de açúcar e pecuária bovina no qual denominam de desgraça econômica que inicia com a invasão portuguesa e perdura até nossos dias.
- 2- A criação extensiva de bovinos, por grandes latifundiários, supria o consumo interno, embora a sua produção fosse notadamente, destinada à exportação pelos frigoríficos estrangeiros. No Rio Grande do Sul, também se destacavam as “charqueadas”, matadouros que produziam o charque consumido principalmente pelos estados do Nordeste.
- 3- A produção colonial que abastecia o consumo interno, a chamada produção de gêneros alimentícios como feijão, milho, mandioca, batatinha, arroz, frutas, carne, leite, hortaliças etc. Nas cidades mais populosas esses produtos eram vendidos por vendedores ambulantes ou em “vendas” e armazéns de “secos e molhados”. Ou em “casas coloniais”. (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014 p.45).

Na região Oeste de Santa Catarina identifica-se o segmento da produção colonial, agricultura para auto sustento que consistia produzir uma grande diversidade de alimentos

garantindo assim o autoconsumo das famílias e a comercialização do excedente dessa produção. Descrevemos esse período a partir da narrativa feita pelas mulheres camponesas entrevistadas sendo que a maioria delas nessa época era criança, adolescente, suas lembranças e vivências possibilitaram elaborar um texto com alguns elementos que trazem questões sobre: Como as famílias produziam? O que produziam? Como se alimentavam? Como armazenavam os alimentos? E ainda destacam algumas características de como viviam.

Sobre como produziam e como plantavam, as mulheres camponesas relataram que nesse período “o preparo do solo, o plantio e a “limpa”¹³ era tudo feito manual, força braçal humana e tração animal”. Iraci relata: *“Eu até lavrei com bois, eu perdi meu pai com sete anos, então só tinha minha falecida mãe, e eu era a mais velha ainda, então depois que eu tinha uma idade, se tinha a terra assim que não era muito ruim, mas eu lavrava com bois, com arado né, e a gente plantava tudo manual.” (IRACI)*. Ivanete também complementa: *“Deste período, eu lembro que ainda lá na nossa comunidade, não tinha chegado muito esse processo da revolução verde, quando eu era criança, assim, eu sei que a gente cultivava tudo manualmente, se produzia de tudo pro o autoconsumo, a gente dependia bem pouco do mercado.” (IVETE)*.

Nesse período, uma prática usada pelos agricultores era a denominada de “coivara”, faziam as roçadas na capoeira ou na mata e realizavam as queimadas para posteriormente fazer o plantio do milho ou feijão. Essa prática exigia realizar o sistema de “pousio”¹⁴ de um, dois ou mais anos para assim, a terra descansar e a vegetação novamente se regenerar naquela área e novamente se realizava a roçada, a queima e o plantio.

Antes eles faziam, era muito comum a roçada né, roçavam, passavam fogo, plantavam [...] Roçavam, passavam fogo, queimavam, depois deixavam um tempo de novo aquele pedaço, trocavam né, um ano roçavam de um lado, no outro, pegavam outro lado, deixavam um ano dois, de pousio, descanso né, crescia aquele capoeirão e depois faziam a roçada e o plantio e também usavam muito arado de bois né, mexiam a terra, faziam a limpa pra plantar com os bois, lavravam, passavam a enxada depois, pra limpar a planta com a enxada ou mesmo como os bois, cavalo... Muitos usavam na nossa região Oeste era muito comum isso. (JOANA).

As famílias não possuíam muita terra e a pouca que tinham, era bastante dobrada, o que levava a buscar alternativas e utilizar práticas a exemplo dos consórcios: “[...] A terra não

¹³A expressão “Limpa” usada pelas camponesas trata-se do manejo realizado para retirar do meio das culturas as plantas que na agroecologia chamamos de plantas espontâneas ou indicadoras, (quem não tem essa compreensão costuma dizer mato, inço, praga, etc.) Essa limpeza é realizada através do uso de enxada, roçadeira, foice ou então manual.

¹⁴Expressão cabocla ou regional que significa repouso da área de plantio por determinado período para recuperar a fertilidade do solo.

era chata e era plantada, era lavrada à boi, plantava o milho, depois dobrava, plantava a soja, aí limpava tudo de enxada.” (LUCIMAR).

Iraci também lembra como as crianças e adolescentes se envolviam nas atividades agrícolas. E a “debulha” dos grãos de milho, feijão etc, era realizada pela máquina movida a motor, chamada de “trilhadeira” que exigia muitas pessoas para contribuir na “trilhagem”, inclusive as crianças eram quem seguravam as bolsas para os grãos não caírem no chão.

A gente plantava milho, feijão, com máquina, isso era tranquilo. Roçar, carpir a gente fazia, colhia, então a gente amontoava e na época os tios trilhavam então, mas mesmo assim a gente participava de tudo, segurando as bolsas que daí trilhava, pegava os grãos e tudo. ou botar fora a palha que era serviço e até brincadeira pras crianças né, não era tão criança, mas a gente já aproveitava e brincava. (IRACI).

Zenaide identifica a forma de produção realizada pelo pai como agroecológica, mesmo não conhecendo a agroecologia. *“Assim... quando eu era criança, eu lembro muito que meu pai sempre trabalhou meio no rumo que nois temo trabalhando hoje, agroecológico. Eles nunca, desde que eu me criei, fiquei até os 18 anos na roça, eu nunca vi o pai usar adubo químico, nenhum tipo de veneno.” (ZENAIDE).*

As famílias produziam grande diversidade de alimentos para garantir a sua dieta alimentar e nutricional. Compravam poucos itens, a exemplo do sal, erva mate e a querosene porque não tinham luz elétrica. Noemi relata como era na casa dos seus pais:

Então..., o que eu me lembro ainda da casa do meu pai e da minha mãe, a gente plantava uma diversidade de coisas né, milho, um pouco de soja, [...] feijão, arroz, batatinha, batata doce, mandioca, amendoim, cebola, alho. [...] A gente tinha as galinhas, o porquinho pra banha pra carne, a vaca de leite, o terneiro pra fazer uma carne também. Então a gente basicamente buscava na época, no “bolicho”¹⁵, sal, a erva mate e a farinha de trigo, no mais, as outras coisas..., e querosene, porque a gente não tinha luz elétrica na casa do meu pai e minha mãe.

Lucimar também lembra desse período:

[...] Lembro que lá em casa, lá no meu pai... que a gente era criança, a gente colhia, plantava de tudo para comer, tinha que produzir [...] e o feijão, a gente colhia o arroz, plantava de tudo, batatinha eu lembro de colher, ir buscar de carroça sacos cheios de batatinha, era bem diferente porque naquela época se produzia mais pro consumo.

¹⁵A referência a “bolicho” é uma expressão regional rural que se entende o mesmo que mercado, pequeno comércio presente nas comunidades rurais.

As famílias produziam trigo e levavam nos “moinhos” para fazer a farinha para consumo como relata Ivanete: “[...] *A farinha branca tinha moinho pra eles fazer a farinha*”. Carmen também relata que o pai levava o trigo no moinho, e a mãe também fazia a farinha de mandioca e de biju no "monjolo":

Sempre tinha bastante trigo daí ele levava no moinho o trigo e trazia aquela sacada de farinha, fazia uma pia lá na dispensa de bolsa de farinha de trigo e tinha pro ano inteiro, daí a farinha pro pão não precisava comprar do próprio trigo que ele colhia, e daí para ir no moinho tinha acesso, tinha moinho perto iam no moinho faziam farinha. A minha mãe lidava muito com farinha de mandioca e de biju, quando tinha o monjolo, ela fazia farinha de biju depois que ela largou mão com monjolo, ela fazia só farinha de mandioca, açúcar de cana, tudo isso nós fazia pro ano inteiro.

As famílias consumiam uma alimentação saudável conforme relata Adélia:

Eu tenho quase 72 anos, então eu tenho bem presente na minha infância, na minha adolescência e juventude o que a gente plantava, como plantava, o que a gente consumia, e o que a gente comprava, então era uma alimentação assim bem natural, a gente consumia aquilo que a gente produzia, quando terminou a produção que a gente colhia, por exemplo, batatinha, cebola..., ninguém pensava em ir comprar então a gente consumia outros produtos até que a gente colhia de novo né?

Naquela época as escolas no campo não forneciam merenda (lanche) para os alunos, então as mães preparavam algum alimento para as crianças levar para consumir no recreio (intervalo), assim como lembra Carmen: “*Nesse período, era o tempo que eu ia na aula né, então eu lembro, bem assim, que não tinha merenda na escola, nós levava de casa merenda e daí nós sempre levava batata assada, pão, a mãe fazia pão de milho pra nós levar e nós se alimentava tanto em casa como na escola, sempre de alimento bem saudável.*”

Sem energia elétrica não possuíam freezer, geladeira para armazenar os alimentos para consumir por períodos mais longos, conheciam e utilizam algumas técnicas de armazenamento e conservação. Carmen relata como sua família fazia:

Eu lembro que tinha aquelas pipa grande de vinho no porão, então a gente não tinha geladeira, não tinha as coisas, mas a mãe guardava a carne de porco quando carneava, guardavam dentro da banha, aí tinha por um tempo e o charque também, fazia e guardava, cuidava pra colocar em local fresco, aí sempre tinha o torresmo fresquinho. [...] Daí debaixo do porão do meu pai, tinha aqueles caixões grandes, que eu nunca me esqueço de que ia lá sempre procurar banana enterrado lá no meio dos feijões e dos arroz lá, que nós trazia os cachos de banana e enterrava lá para madurar.

Além dos saberes sobre as técnicas de armazenamento, as famílias principalmente as mulheres se preocupavam em fazer os cálculos das quantidades necessárias, por exemplo, de

arroz, feijão, e outros, que a família precisava para o consumo, e para sementes, não só para o período de um ano, e sim dois, porque se no ano seguinte acontecesse alguma intempérie da natureza (estiagem, seca, excesso de chuvas, etc.) e perdesse a produção, a família possuía a quantidade necessária armazenada sem correr o risco de faltar o alimento, conforme relata, Noemi:

Então a diversidade na produção pra gente ter pro ano..., eu lembro que a minha mãe era muito cuidadosa quando a gente colhia o arroz, ela já tinha uma noção de quanto arroz a gente precisava, porque nós era uma família de dez pessoas né, o pai a mãe e oito irmãos. Então, ela já tinha noção de quanto arroz a gente precisava guardar, arroz pra dois anos, porque se no ano seguinte desse uma seca, a gente não ia se pegar sem arroz. Então essa questão assim de uma forma de contabilidade que se fazia também né, desse cuidado para que os alimentos não faltassem né, desse armazenamento que guardava esse arroz em casca de um ano para outro quando se fazia uma nova safra e se colhia bastante, aí esse antigo podia ceder para vizinhança, vender ou trocar por outras coisas, né.

O que era plantado para o consumo e também para venda, se utilizava sementes crioulas produzidas na propriedade pelas famílias e também não se utilizava adubos, fertilizantes sintéticos e nem mesmo venenos nas plantações, conforme relatam as falas a seguir:

[...] O soja, lembro que meu pai plantava soja Santa Rosa, que era uma soja crioula, aí tinha outro branco, que era Major, se não me engano o nome, acho..., era major, que daí na nossa região era bastante moro [morro], se adaptou, era um soja mais resistente. (LUCIMAR).

Na verdade, eu, particularmente nossa família, a gente nunca usava veneno nessas épocas, a gente plantava o milho, o produto do galpão, o feijão de segunda planta que a gente falava né... Nunca usamos nem adubo nem veneno ou ureia, nada, a gente sempre plantava em grande quantidade para comércio e para sustentar a família. (FÁTIMA).

“Bem antes eu via lá na casa do meu pai, nós trabalhava assim, nós não tinha, o pai não tinha veneno, o único veneno que eles conheciam era pra matar formiga, veneno de matar formiga essa época existia assim né, mas assim de passar nas plantações isso não tinha, isso era bem assim estilo camponês que se fazia naquela época então se plantava milho, feijão, engordava porco, tinha galinha e tudo, então essas coisas o pai tinha tudo. (EDEL).

Não tinha nada de veneno naquela época nem se pensava em veneno. Às vezes tinha o tal veneno de gafanhoto que às vezes tinha algum ataque, daí o pai sempre tinha guardado ou pra pulga ou alguma coisa assim, mas nunca veneno pra por em roça, nunca se pensou nisso. (CARMEN).

Não se comprava as sementes porque cada família possuía a técnica de fazer sua própria semente, assim também era bastante comum as trocas de sementes e mudas entre as famílias.

[...] Eu lembro muito bem da época que a gente guardava, fazia todas as sementes dos milhos, da soja, do feijão, do todo. Arroz a gente cultivava muito, batatinha né, mandioca, essas coisas, tudo de tudo, assim era vários tipos de feijão e ervilhas lentilhas, tudo nós cultivava e fazia as sementes. (IVETE).

Assim também Adélia reforça: “Ninguém comprava semente, não existia isso porque toda a semente era feita na propriedade, o que se fazia na comunidade era troca, se uma família tinha um tipo que a outra família não tinha, então se trocava bastante sementes né, mudas, mas ninguém comprava.” (ADÉLIA). E Joana conta que “[...] guardavam a semente de um ano pro outro ou trocava com os vizinhos, pegavam com os parentes conhecidos.”

A importância de fazer as trocas das sementes é visando melhorar a viabilidade genética de plantas e também animais. Assim,

A questão das trocas de sementes, que de vez em quando minha mãe trocava semente de amendoim com a avó, com alguma das tias ou com outras vizinhas que moravam para um lado, por exemplo, o lado que nós morava pegava mais o sol da manhã, então a mãe trocava com alguém que pegasse mais o sol da tarde, era uma forma de renovar as sementes, que a gente perguntava pra ela porque ela fazia essa troca, ela dizia pra renovar as sementes, pra não ter as mesmas sementes num lugar assim, fazia também com ovos pra renovar as galinhas caipiras, essas práticas que se fazia. (NOEMI).

A prática de selecionar e preparar as sementes para o plantio era ensinado pelos pais às crianças ainda pequenas, como contam Carmen e Lucimar. Nesse sentido,

Eu nunca me esqueço, que eu era pequena e ainda tinha que tá ajudando eles selecionar, eles selecionavam as espigas de milho mais bonita lá no garpão que aquelas era pra semente, até o jeito de dibuiar ele ensinava pra nós. (CARMEN).

Eu lembro que dia de chuva a gente ia no galpão debulhar o milho da semente, separava, tirava as pontinhas, debulhava o milho com a mão e guardava a semente pra plantar. (LUCIMAR).

Esse conhecimento foi repassado por muitas gerações e acompanha as mulheres camponesas até os dias de hoje, como conta a Noemi ao lembrar da prática da mãe em fazer mudas de cebola: “Uma coisa que estou recuperando agora, que minha mãe nunca comprou nem semente nem mudas de cebola, ela fazia a partir da cebola crioula, ela enterrava as cebolas para fazer as mudas e depois transplantar, eu também estou recuperando isso agora.”

As famílias costumavam fazer os “puxirão”. No passado, o puxirão era uma prática pela qual se exercia muito a entreatjada e a solidariedade entre as famílias. E isso foi bem

lembrado pela companheira Adélia: *“Então tinha muita entreaajuda entre os vizinhos na agricultura, principalmente quando acontecia um caso de doença, quando acontecia alguma coisa, todos os vizinhos ajudavam aquela família a plantar, a colher, então tinha muita solidariedade entre as pessoas.”*

As mulheres camponesas entrevistadas relatam esse período de sua infância, - demonstrando que as famílias não eram tão dependentes do mercado, produziam as sementes, os alimentos e também o sabão para lavar as roupas, louças, assim como lembra Noemi, que entre os poucos itens que se comprava no mercado, também continha a soda que era usada para fazer o sabão: *“A gente fazia o sabão em casa comprava a soda também, fazia o sabão em casa a partir das tripas e também uma parte de torresmo do porco a gente fazia ou então quando matava um boizinho com o sebo e tal se fazia o sabão em casa e esse era usado, não usava nem detergente.”*

Ivanete diz que não possuíam dívidas em bancos, *“Não tinha dívida em banco, tudo o que eles [os pais] plantavam, eles colhiam, vendiam, o dinheiro era deles, não dependia de nem uma empresa, nem um banco, nada.”*

Fátima diz que seu filho questiona: *“Meu Deus! Como a gente sobrevivia naquela época?”* Ela respondeu à pergunta do filho dizendo: *“É que a gente não tinha muitos gastos né, antigamente lá onde nós morava, 30 anos que tem luz elétrica e sem luz elétrica, não tinha motor pra puxar água, não tinha geladeira, os gastos eram mínimos, hoje os gastos são maiores e quase que se gasta mais do que recebe.”*

A distância e a dificuldade de transporte não permitiam que as pessoas fossem com certa frequência para a cidade fazer compras, conforme conta Ivanete seu pai ia pra cidade quando vendia a produção.

[...] eu lembro que quando ele vendia os porco, ele ia pra cidade fazer compra de roupa e calçado, fazia aquele ranchão sabe, e a gente comprava muita pouca coisa. A gente morava longe da cidade, tinha que pegar ônibus, dava uns 30 km, tinha que caminhar primeiro uns 5 km, e depois pegar ônibus que dava mais uns 30 km, pra ir pra cidade fazer as compras e voltar, então quando ia pra cidade demorava um dia inteiro, saia de manhã e voltava de noite e a vizinhança lá tudo era assim. (IVANETE).

As entrevistadas lembram e relatam sobre esse período da agricultura com bastante emoção que é carregada de sentimentos, simbologia, conhecimentos e enfatizam a importância da autonomia e da produção diversificada e saudável de alimentos. Carmen descreve como um tempo de “muita fartura”, e também destaca na sua fala como foi ocorrendo as mudanças no modo de produzir:

Me cai na lembrança um tempo de muita fartura antes de vir esses maquinários e coisa, depois meu pai começou a plantar fumo daí começamos a ir pra trás dessa questão da alimentação, mas, foi depois que ele começou plantar fumo, que daí tinha que plantar, ficava muito tempo cuidando do fumo e sobrava menos tempo para cuidar das outras roças de subsistência.

E os agricultores foram forçados a se adaptar a uma agricultura para a qual a indústria é quem diz o que plantar e como plantar, e nessa nova lógica muitas famílias abandonaram a prática de produzir a diversidade para auto consumo familiar. Assim chegamos à década de 1960¹⁶, num cenário que apresenta uma agricultura modernizada, capitalista e um setor camponês completamente subordinado aos interesses do capital industrial. (STÉDILE, 2005). A partir desse período a agricultura brasileira passa por intenso processo de mudanças adotando e incorporando os princípios propagandeados pela então chamada revolução verde.

3.2 A REVOLUÇÃO VERDE CHEGA AO BRASIL

Com o fim da segunda guerra mundial em 1945, surge um cenário lamentável de milhões de vítimas mortas nos conflitos, economia de diversos países arrasada e milhões de pessoas passando fome. A par das perdas com o conflito, com a Europa destruída e o Japão arrasado, segundo dados confiáveis, havia milhões de pessoas famintas, especialmente nos países da África, Ásia e América Latina. (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014).

O setor industrial que se ocupava de produzir equipamentos, armas e munições para guerra, precisou encontrar um novo consumidor. Nesse contexto identifica na agricultura um consumidor em potencial para sua produção, desde que procedesse a algumas alterações em seus processos industriais para fabricação dos fertilizantes químicos, agrotóxicos e equipamentos mecânicos. (COSTA, 2017).

Os Estados Unidos foi um dos primeiros países a adotar as tecnologias da indústria química e mecânica no setor agrícola, e com o evento do pós-guerra, passou a exportar para outros países, a exemplo do México, através da Fundação Rockefeller. Este foi o primeiro

¹⁶ Essas mudanças são visíveis desde a chegada da revolução verde no Brasil, sob o comando de um governo civil militar e o atual governo também tem perfil militar, e tem priorizado o agronegócio a produção em larga escala para exportação, liberação de inúmeros tipos de agrotóxicos que inclusive já foram proibidos na Europa. E diante da Pandemia do Coronavírus (COVID-19) a agricultura familiar e camponesa não obteve apoio e nem auxílio emergencial para a produção de alimentos, combate à fome e enfrenta desafios com o corte de recursos e das políticas públicas.

passo para a “revolução verde”, financiada por uma fundação norte-americana. (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014). Dessa forma também chega ao Brasil. A disseminação da chamada agricultura moderna no Brasil foi fomentada por grupos econômicos com interesses diretos no consumo de petróleo, insumos químicos e mecânicos como as Fundações Ford, Rockefeller, Kellogs, além do próprio governo americano. (COSTA, 2017).

A propaganda dos idealizadores da revolução verde era aumentar a produtividade agrícola e acabar com a “fome no mundo”. Prometiam “esverdear” os campos agrícolas com a produção de alimentos, nessa perspectiva apropriou-se fortemente do conhecimento científico tecnológico e introduziu no campo os insumos químicos, fertilizantes, sementes híbridas, agrotóxicos, maquinários fabricados por grandes indústrias internacionais, as multinacionais, mudando completamente o jeito de fazer agricultura como também o modo de vida dos camponeses e camponesas. Essas mudanças profundas na agricultura vieram com promessas, de soluções sociais e econômicas, mascarando estratégias do capital mundial.

Os que criaram a revolução verde diziam que ela iria aumentar a produção e a produtividade agrícola, iria produzir tantos alimentos que acabaria com a fome do planeta. Na verdade a Revolução Verde é um programa de desenvolvimento do capitalismo na agricultura e na pecuária, que se baseia na produção voltada para o lucro e para o mercado, através:

- da genética vegetal com a produção e multiplicação de sementes híbridas ou “melhoradas”, resistentes a doenças e pragas e adaptadas para receber altas doses de adubos químicos;
- da aplicação de novas técnicas agrícolas ou tratos culturais – aplicação intensiva de adubos químicos e venenos;
- da mudança da infra-estrutura agrícola e a aplicação de mecanização pesada e intensiva em todas as atividades possíveis;
- da genética animal com animais de raças “melhoradas”, uso de antibióticos, hormônios e produtos químicos. (GÖRGEN, 2004, p. 26).

De acordo com o autor Costa (2017), a partir da década de 1960, o Brasil passou a orientar sua agricultura pelos padrões da revolução verde, com o Estado fomentando e subsidiando a adaptação do modelo tecnológico químico-mecânico, desenvolvido originalmente para realidades temperadas e frias, nas condições tropicais e subtropicais.

E como a revolução verde chega na região Oeste de Santa Catarina? Por meio da política estatal para a agricultura através da extensão rural. Conforme os autores que analisam a extensão rural, destacam que esta foi criada no Brasil pelos norte-americanos para difundir o modelo de agricultura da revolução verde. A partir de 1950, quando se consolida a produção de bens e capital no Brasil, a extensão rural passa a se implantar no país, assumindo para si a tarefa de educar o homem do campo para tirá-lo do atraso. (KAGEYAMA, 1987 apud CAPORAL, COSTABEBER, 2007).

Para o processo de implantação da extensão rural no país, foi fundada em nível nacional a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). O sistema ABCAR, através das associações estaduais, levou a assistência técnica gratuita aos produtores agrícolas nacionais, por meio dos “pacotes tecnológicos”, que nada mais eram que receitas a serem aplicadas nas diversas regiões do país, nos cultivos e nas criações. (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014).

Respondemos à questão da chegada da extensão rural no Oeste de Santa, a partir dos relatos sobre a realidade vivenciada pelas mulheres camponesas naquela época, Noemi conta como iniciou o trabalho da extensão rural

Aí eu me lembro, quando eu já tinha uns 13, 14 anos, a antes disso ainda eu lembro que na comunidade começou um trabalho com a questão, na época era ACARESC¹⁷ né, da extensão rural que vinham... Eu lembro que meu pai ia em algumas reuniões e chegava em casa e dizia que o agrônomo tinha dito que o resto das palhas de milho ou de soja era pra queimar, porque isso ia fazer com que as doenças da produção anterior ia contaminar a próxima, o próximo plantio, e o meu pai, eu lembro assim que ele era bem categórico e dizia assim: - “Se alguém quer queimar as palhas que sobra da cultura pode queimar, mas as minha eu não vou queimar e ninguém vai me mandar”.

Noemi continua relatando como esse processo da extensão rural chega às comunidades para convencer os pequenos agricultores a mudar suas técnicas, seu jeito de produzir e de fazer agricultura.

E aí quando chegou uma época, o pessoal começou comentar da questão dos clubes 4S¹⁸, que por sorte ou por azar não sei, a comunidade que a gente morava, na época Município de São José do Cedro, nessa comunidade nossa, não saiu o clube 4S né, então nós ficamos fora desse, o que a gente sabe que era, depois ouvindo falar das comunidades vizinhas, era um processo de enquadrar as mulheres, as jovens né, pra que elas fossem boas donas de casa, boas cuidadoras de uma horta né. E os jovens, os rapazes, então pra essa questão da produção, pro comércio nas lavouras de milho de soja, dos suínos que faziam práticas em pequenos quadros pra provar que se fosse bem cuidado, e que inclusive eu lembro de uma comunidade vizinha que os jovens levavam água com regador pra regar um quadro de milho pra que ele de fato produzisse dentro daquela estimativa que o agrônomo tinha anunciado né. Mas como se isso fosse possível fazer em uma lavoura de terras dobradas, é difícil mesmo em terras planas, e se faltar chuva como vai conseguir irrigar, quando se planta 30, 40 ou 50 kg de milho, ou uma extensão de terra de 3, 5 ou 10 hectares, então essa questão de iludir as pessoas pra essa nova tecnologia. (NOEMI).

¹⁷A ACARESC - Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina. Fundada em 1956 foi extinta e hoje o órgão responsável pela Assistência Rural no Estado é a EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina.

¹⁸A sigla dos “Clubes 4S” significa 4 palavras: “**Saber, sentir, saúde, servir**”. Metodologia de trabalho criada pelas empresas de Crédito e Extensão Rural para impulsionar a modernização agrícola. Se tratava de cursos oferecidos para Jovens e mulheres do campo com objetivo de negar os saberes e os conhecimentos tradicionais dos agricultores e agricultoras.

Esse processo de modernização agrícola Brasileiro contou com apoio dos governos, instituições de ensino e pesquisa, extensão rural e crédito para pequenos e grandes proprietários de terras. Sobre esta questão, Carmem traz o exemplo do seu pai:

Daí a partir dos anos 68, acho que foi 70, por aí que meu pai adquiriu um trator, foi a primeira vez que foi no banco, daí pra fazer um financiamento pra comprar um trator um Valmet naquela época, e daí com a vinda do trator, já veio também junto o pacote, era pra ele poder fazer também financiamento para destoque¹⁹ e pra ficar melhor pro trator trabalhar nas roças, que as roças era muito de toco e coisa, então já veio o trator pra destoque, já veio também..., começaram influenciar em plantar semente comprada.

O agricultor acessando ao crédito agrícola para fazer a lavoura, era incentivado adquirir o pacote tecnológico composto por sementes híbridas, fertilizantes e os agrotóxicos, como relembra Ivete:

E eu lembro também que quando alguns vizinhos já começaram a usar os venenos primeiramente assim o secante pra matar os “inços” que chamavam e daí depois que começou, eu lembro daí dos milhos híbridos. Então eu já [...] tinha uns 8 a 10 anos quando começou né, que daí nós começou a comprar o milho híbrido a usar o adubo químico, essas coisas”.

Os agricultores passam a ser dependentes da compra de insumos industriais e para cada safra, novos insumos, sementes, adubos químicos, agrotóxicos, passam a ser necessários. As sementes melhoradas somente são produtivas, com base no pacote tecnológico.

Lembro que assim, que meu pai, quando ele comprava, eu lembro que ele comprava alguma semente de milho, ele comprava um saquinho, mas no ano seguinte ele não comprava porque ele tirava o milho, ele dizia, da segunda planta, coisas que hoje já não são mais possíveis. Então a forma de como essa tecnologia foi avançando, então no início ela permitia que os agricultores ainda pudesse tirar dessa semente selecionada que chamavam, podiam tirar uma semente para plantar no ano seguinte. Hoje se fizer isso, a produção cai muito né, então as sementes já estão bem mais produzidas de uma forma técnica, que uma segunda planta já não rende, já não produz mais, ou então muitos dos transgênicos, a gente sabe que tem essa tecnologia do terminator,²⁰ que daí já nem vai mais nascer né. (NOEMI).

Na década 1970, foram introduzidos os confinamentos na criação suína, seguido o modelo norte-americano trazido para o Brasil por um técnico Catarinense. (MACHADO;

¹⁹ A entrevistada está se referindo a destocar, que é uma prática usada para limpar o solo, ou seja, retirar tocos e raízes de árvores que ficam no terreno depois do desmatamento da floresta, facilitando o plantio e colheita mecanizados.

²⁰ Terminator é uma tecnologia utilizada na produção de sementes transgênicas, conforme a entrevistada explica as plantas transgênicas produzem sementes estéreis, por isso os agricultores não podem utilizar essa semente para fazer o plantio na safra do ano seguinte.

MACHADO FILHO, 2014). Nesse sentido, *"Aí eu lembro que chegou também os porcos brancos né, que eram de raça, veio a ração."* (Noemi).

As falas das companheiras Noemi e Zenaide demonstram que a "revolução verde" não chegou na mesma época na região Oeste de Santa Catarina, por um lado excluiu os agricultores pobres que não podiam comprar seu pacote tecnológico e por outro também ocorreu resistência por parte dos agricultores que não a aceitavam.

Quando eu casei em 1990, eu lembro que as pessoas da comunidade elas diziam assim, mas, vocês são loucos, vocês param de fazer o cultivo das plantas e capinar e tal e tirar um pouco das ervas que a gente não queria do meio do milho do feijão, vocês terminam numa ponta e já começam de novo embaixo e vão até em cima né, mas, a gente foi por muitos anos que não usava todo mundo já usava veneno e a gente não usava e depois meu marido acabou entrando também e começou usar. (NOEMI).

Eu percebi mudança mesmo foi nos anos 80, 88, 90 pra cá assim, que comecei perceber uma mudança onde as pessoas deixaram aquela ideia de trabalhar mais o orgânico e começaram com essa revolução verde, que diziam que era tudo mais com adubo químico aí já veio os venenos porque eles falavam que nossa aumentava a produção diminuía o tempo de serviço [...] mas, a gente percebe muito que essa época de mudança, teve muita perda também de muita coisa. (ZENAIDE).

Os precursores da "revolução verde" diziam que iam acabar com a "fome no mundo", propaganda "falsa", pois não conseguiu resolver esse problema, pelo contrário, intensificou as desigualdades sociais, econômicas e os problemas ambientais. Milhões de pessoas ainda morrem de fome no mundo todo.

Os alimentos estão contaminados por resíduos de agrotóxicos, baixando o valor nutricional, teve muito investimento na industrialização e padronização da alimentação. Acompanhamos o avanço das monoculturas e o aumento da concentração de terras por grandes latifúndios, êxodo rural, perda da autonomia dos pequenos agricultores, contaminação dos bens naturais, águas, solo, das sementes crioulas, erosão genética de espécies da agrobiodiversidade local, entre tantas outras consequências.

Como o processo da revolução verde se intensifica na atual conjuntura da agricultura sobre o olhar das mulheres camponesas entrevistadas? Para Adélia: *"[...] hoje a agricultura moderna da revolução verde, fez uma grande violência com os camponeses."* (ADELIA). Para Noemi a agricultura proposta pela revolução verde tem avançado e se intensificado cada vez mais no Estado de Santa Catarina: *"Então, no Estado, o que se percebe é essa agricultura convencional altamente tecnificada e ela anda a passos largos"*. (NOEMI). Para Carmen a agricultura está baseada no uso intensivo de agrotóxicos: *"A agricultura hoje,*

meu Deus do céu! Hoje a gente tem que cuidar até pras crianças não irem de pé no chão na roça, porque tudo tá envenenado.”

E as técnicas de produção utilizadas são de monocultura, o preparo do solo e o plantio se faz com maquinários, e os insumos agrícolas utilizados são todos industriais.

Hoje é muita máquina né, muito monocultivo... A nossa região aqui é muito forte o leite né, então é pastagem no inverno, no verão planta milho, faz silagem, e tudo semente comprada, bota insumos, tudo vem o pacote pronto, tem que pôr tanto de adubo, tanto de ureia, tantos venenos e tudo né. Então a maioria dos agricultores é assim né, pastagem ou milho pra grão, colhe o milho, mas é comprada a semente adubo, insumos, tudo né. (JOANA).

Para produzir é preciso adquirir o pacote tecnológico, sementes, adubos, venenos, etc., as famílias não têm recursos próprios para custear a produção, então recorrem aos financiamentos e estão sempre endividadas conforme relata Ivanete:

[...] a semente muito carro, insumo carro, tem que pegar dinheiro do banco para plantar porque chega a hora de plantar eles não têm dinheiro e se eles fizerem financiamento, vai tudo pro banco e não sobra nada, então tá difícil eu acho que tá muito difícil hoje em dia para sobreviver os agricultores pequenos.

A maioria das propriedades agrícolas baseia-se na especialização da produção de uma ou duas culturas vegetais, como por exemplo milho ou soja, ou então integrações de suínos ou frangos às agroindústrias bem como a pecuária leiteira:

Olha hoje a agricultura ela tá muito modificada né, no sentido assim principalmente na minha região se cultiva muito pouco grãos, ela foi muito pro lado da vaca de leite, tem muito aviário, muito chiqueirão, então ela criou outra dimensão, como também é uma região montanhosa assim, então é bem forte isso, [os agricultores] se especializaram em um tipo ou quando muito, às vezes duas, ou vaca de leite e frango, ou vaca de leite ou suíno, ou então suíno e frango. (IVETE).

Ivanete, também comenta sobre a questão das integrações que são atividades presentes na maioria das propriedades agrícolas da região Oeste de SC: *“Hoje pros pequenos, tá difícil né, pros produtor de leite que no meu Município a maioria dos pequenos da agricultura familiar, hoje eles têm leite, eles vendem leite ou eles têm aviário, aí são integrados, ou têm aviário ou chiqueirão de porco ou têm vaca de leite.”*

Lucimar enfatiza sobre as monoculturas de soja e o cultivo de fumo, mesmo tendo diminuído nos últimos anos, mas ainda têm muitas famílias envolvidas nessa atividade agrícola: *“É, hoje tá um monocultivo quase que geral, porque você vê nas propriedades que você vai ou a pessoa planta fumo ou a pessoa planta soja ou a pessoa tem gado de leite. Na*

minha região não tem muito, mas já teve tempo que teve frangos, hoje não tem mais por causa da distância, as firmas tiraram né.”

Os agricultores passam a ser dependentes da indústria fornecedora de insumos, como afirma Ivete: *“É que as pessoas se tornaram assim muito dependentes, se tornaram na verdade funcionários das empresas.”* Na mesma fala, Ivete traz o exemplo de muitas famílias que se dedicaram tanto a especializar-se em uma ou duas atividades agrícolas que não conseguem mais produzir o seu próprio alimento, *“Se tornaram assim muito dependentes do mercado, não produzem mais pro autoconsumo.”* Nesse mesmo sentido Lucimar também relata:

A gente vê propriedades que não têm nada, nem um pezinho de tempero, sabe tipo nós que participamos do Movimento e tem outra visão né, mas vejo em propriedades de famílias que não participam, que não tem essa cultura de produzir, só produzem para venda e não pro consumo da família né, compram tudo no mercado.

Quanto a contaminação do ambiente e dos bens naturais, água, solo e também dos alimentos diz Edel que: *“É, hoje então, depois que entrou essa revolução verde, aí mudou bastante né, então eu acho assim que prejudicou muito essa questão do meio ambiente, água e tudo assim e também dos alimentos, os alimentos hoje estão contaminados não são alimentos saudáveis.”*

Os solos estão desgastados e com baixa fertilidade, acrescenta Fátima: *“As terras também enfraqueceram porque na época a gente só tirava dela e não devolvia porque se a gente tivesse cuidado da terra, de repente agora ela tava forte igual, mas a gente não tinha esse entendimento né.”*

Importante destacar que esta percepção sobre o que é um alimento saudável e também sobre o cuidado com a fertilidade e conservação dos solos, as mulheres camponesas foram adquirindo através dos processos formativos trabalhados pelo Movimento que tem assumido como missão a construção de um projeto de agricultura agroecológica e sustentável.

Noemi descreve um exemplo de como o agronegócio vai se apropriando das terras agricultáveis dos pequenos agricultores aumentando assim o êxodo rural:

Então, esse ano, a nossa região aqui, ela não teve grandes prejuízos com a seca porque embora não tenha chovido pra manter as águas, mas pra lavoura em si, cada período de curtos intervalos, tem dado uma chuva pra que a lavoura pudesse produzir e assim o que se vê pela vizinhança uma colheita muito alta né, inclusive os valores, os preços do milho e da soja, e isso preocupa quando que aquele que já tem bastante terra produz bastante, com um preço bom, isso significa mais gente perdendo seu pequeno terreno, sua pequena lavoura, pro agronegócio e o êxodo rural aumentar e em época de crise, isso traz uma preocupação ainda maior.

A agricultura familiar e camponesa, ocupam apenas 24% das terras agricultáveis enquanto o agronegócio ocupa 76% das terras agricultáveis. Quando os pequenos agricultores inseridos nesse modelo de produção encontram dificuldade para pagar seus financiamentos e se manter na atividade agrícola, arrendam ou vendem suas terras, geralmente para quem já possui grandes latifúndios, aumentando a concentração de terras, o avanço dos monocultivos, a perda da biodiversidade e o êxodo rural.

A migração das famílias camponesas para cidade é uma questão preocupante, esse fenômeno representa a perda da cultura e identidade camponesa, ameaça o desaparecimento do campesinato e intensifica problemas sociais e econômicos como: a ocupação desordenada das cidades, desemprego, falta de renda, aumento da violência, etc.

Avançar na organização e luta dos Movimentos sociais do campo, fortalecer as iniciativas e experiências de produção agroecológica, precisam estar conectadas com a luta e resistência das camponesas e dos camponeses para poder permanecer no campo, trabalhando a terra, lutando por políticas públicas, por condições dignas de trabalho e renda, produzindo alimentos saudáveis, cuidando da vida e da natureza.

Outra questão bem importante lembrada pela companheira Fátima, é a que se trata do “envelhecimento do campo” e da ausência de um processo geracional para sucessão das unidades agrícolas de produção familiar: *"Hoje nós arrendamos a nossa terra porque ele tá com 66 anos, eu com 60, problemas de saúde bastante forte, já os guris saíram todos, trabalham fora né, então não conseguimos fazer, um, o nosso sucessor lá na roça."* Essa é a realidade de muitas das unidades de produção familiar na qual permanecem somente os pais, e esses se encontram cansados, envelhecidos, com problemas de saúde e os filhos e filhas estão morando e trabalhando na cidade não tendo interesse, ou motivação para dar continuidade à atividade agrícola que já fora exercida em alguns casos ainda por seus avós, repassada para os pais e agora corre sérios riscos de desaparecer, acabar por não ter sucessores para dar continuidade à vida na agricultura.

As mulheres camponesas entrevistadas descrevem sobre a agricultura na Região Oeste de Santa Catarina na atualidade, apontando para uma agricultura industrial altamente tecnificada, desenvolvida pelos grandes fazendeiros, latifundiários do setor do agronegócio e a agricultura convencional exercida pelos pequenos agricultores da agricultura familiar que na maioria dos casos está integrada às cooperativas e agroindústrias. Também contam que nem toda a agricultura familiar e camponesa está inserida na produção convencional, há os que resistem a esse modelo de produção e erguem a bandeira de luta por uma produção orgânica

ou agroecológica, conforme as falas das mulheres a seguir: “[...] e alguns trabalham na agroecologia que plantam “coisas assim” [alimentos saudáveis e diversificados] para vender na feira, nos mercados, plantam coisas assim na agroecologia.” (IVANETE).

Zenaide identifica dois tipos de agricultores: aquele que pensa só no lucro e o que pensa na vida e produz conforme os princípios da agroecologia:

[...] tem aquele que só tá preocupado no lucro e o resto pra ele não muda muito, se ele tá destruindo todas as formas de vida, porque dependendo da forma como a pessoa trabalha, ela quer gerar tanto lucro, tanto lucro, que ela esquece que ela tá matando muita coisa pra poder ter esse lucro [...]. A visão daqueles que querem melhorar ter um conforto melhor na sua propriedade, mas que eles pensam tanto no cuidado da terra quanto da vida do ser humano e no geral.

Podemos observar então por esses relatos que como resistência e enfrentamento ao modelo de agricultura convencional, as mulheres camponesas, militantes no MMC/SC, estão construindo e praticando experiências agroecológicas em suas unidades de produção: “[...] nós em nossas unidades de produção temos o trabalho da agroecologia.” (EDEL).

O uso intensivo de agrotóxicos utilizados na agricultura convencional tem sido um dos motivos que leva muitas mulheres camponesas a optar por outro projeto de agricultura baseado nos princípios da agroecologia:

[...] daí foi por esse motivo, dessa questão dos envenenamentos das lavouras convencionais que é direto veneno, veneno que nós resolvemos fazer um pedaço da nossa lavoura virar outro projeto de agricultura que é a tal da agrofloresta. Que daí **estendemos esse quintal que eu tinha em redor da minha casa**, que já faz tempo desde que eu comecei ter essa consciência da agroecologia e a participar do movimento de mulheres que a gente vai aprendendo e trocando experiência do valor da agroecologia e da gente produzir alimento saudável. (CARMEN. Grifo meu).

Adélia reforça como as mulheres têm demonstrado mais resistência ao modelo de agricultura convencional:

Nós do Movimento, principalmente nós mulheres, **nós estamos resistindo** de uma maneira diferente, produzindo a nossa alimentação o mais natural possível, não vou dizer que ela é totalmente livre, porque mesmo naqueles espaços que nós produzimos alimentação, não se passa, não se usa adubo químico, não se passa nem um produto químico, mas se ao redor se passa, então nosso produto não é totalmente livre de agrotóxicos, mas a gente sempre busca produzir o máximo possível, alimentação saudável, alimentação natural né, pra cuidar da nossa saúde. (ADÉLIA. Grifo meu).

Conforme destacaram as entrevistadas, é nesse mesmo cenário agrícola da região Oeste de Santa Catarina que estão inseridas as experiências dos quintais produtivos agroecológicos praticados pelas mulheres camponesas. A consciência da importância de

produzir alimento saudável não é apenas no sentido do cuidado com a família ou por viabilidade econômica, mas o quintal é visto e vivido como resistência política.

3.3 O CAMINHO É A AGROECOLOGIA

O caminho a seguir é o que nos leva para a construção de agriculturas de base agroecológica mais sustentável. Conforme destaca Altieri (et al., 1998 apud ALTIERI, 2012, p. 120),

A necessidade de combater urgentemente a pobreza rural e ao mesmo tempo preservar e regenerar a base de recursos deteriorada das pequenas propriedades exige uma busca ativa de novas abordagens para a pesquisa agrícola e manejo dos recursos. Organizações não Governamentais (ONGs) há muito vêm argumentando que a estratégia de desenvolvimento agrícola sustentável que promova a preservação do meio ambiente deve ser baseada em princípios agroecológicos e deve empregar uma abordagem mais participativa para o desenvolvimento e a difusão de tecnologias. Afinal, muitos concordam que esse pode ser o caminho mais sensato para resolver os problemas da pobreza e da insegurança alimentar como os da degradação ambiental.

As mulheres feministas agroecológicas pertencentes ao Grupo de Trabalho da ANA, presentes no IV ENA (Encontro Nacional de Agroecologia) em Belo Horizonte, afirmam que a agroecologia tem sido o caminho:

A agroecologia tem sido o caminho coletivo de construção de uma filosofia de vida que, a partir de uma forma de pensar e fazer a agricultura, propõe relações justas e igualitárias e equilibradas entre as pessoas e dessas com o ambiente orientando assim visões de mundo, ações cotidianas, atuações políticas e práticas produtivas, de consumo e de construção de novas relações sociais pautadas nos valores da ética, solidariedade, reciprocidade, e princípios de precaução e responsabilidade. (GT MULHERES ANA/IV ENA, 2018, n.p.).

Ousamos dizer que essa caminhada inicia desde o surgimento de importantes movimentos de base ecológica que questionavam o modelo de agricultura industrial. De acordo com Khatounian, (2001) nas décadas de 1920 a 1940, organizaram-se os primeiros movimentos que usavam adjetivos como biológico-dinâmico, orgânico ou natural para se diferenciarem da doutrina dominante centrada na química.

A agroecologia valoriza os importantes avanços e conhecimentos dos movimentos da agricultura biodinâmica, orgânica, natural, biológica assim como da permacultura. No

entanto, vários pesquisadores e ativistas do campo agroecológico reivindicaram a existência de diferenças importantes entre eles, uma vez que a agroecologia se propõe a ser um enfoque científico que permita pensar a sustentabilidade como um todo. (SILIPRANDI, 2015, p. 86).

De acordo com Costa (2017), o termo agroecologia surgiu nos anos de 1930, formulado por ecólogos, para designar a ecologia aplicada à agricultura. Os estudos ecológicos, todavia, estavam na época mais centrados nos estudos naturais, ficando a cargo dos agrônomos as pesquisas aplicadas na esfera da agricultura.

O mesmo autor também comenta que o uso do termo no espaço acadêmico, foi a partir dos anos de 1950. Com o amadurecimento do conceito de ecossistema, a ecologia agrícola ganha maior expressão e parcela dos agrônomos passam a internalizar em seus trabalhos os conteúdos da agroecologia. (COSTA, 2017).

A Siliprandi (2015), seguiu esta afirmação de vários autores, enfatizando que o termo agroecologia se popularizou e passou a ser conhecido na década de 1970, tendo como pioneiros e maiores divulgadores Miguel Altieri e Stephen Gliessman. Com isso, “No decorrer dos anos 1980 foram publicados vários trabalhos que popularizaram esse conceito, o qual passou a ser utilizado também por outros pesquisadores e estudiosos da América Latina e da Europa”. (SILIPRANDI, 2015, p.82).

Os caminhos da agroecologia no Brasil, segundo a narrativa histórica apresentada por Costa (2017), nos anos de 1960 estavam em evidência os movimentos de contestação ao padrão tecnológico agrícola hegemônico. Em outros países como na França se falava em Agricultura Biológica, na Alemanha era expressiva a corrente da Agricultura Biodinâmica, nos Estados Unidos e Inglaterra predominava a corrente da Agricultura Orgânica, e no Japão identificava-se a Escola da Agricultura Natural. No ano de 1968 foi publicado o livro de Rachel Carson “*Primavera Silenciosa*”, a obra apontava os efeitos do uso de agrotóxicos nos EUA, dos organoclorados, sobre os quais confirmavam os efeitos carcinogênicos, mutagênicos e teratogênicos, sobre os animais. No Brasil um dos primeiros e grandes críticos ao modelo agrícola centrado no uso de agrotóxicos, desmatamento e degradação do solo, foi o engenheiro agrônomo José Lutzemberger.

Na segunda metade da década de 1970 foram organizados os primeiros eventos sobre agricultura alternativa. Em 1979, foi publicado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) o livro de Adilson Dias Paschoal “*Pragas, Praguicidas e a Crise Ambiental: Problemas e Soluções*”. A obra alertava sobre os problemas com aumento das pragas na agricultura e a intensificação no uso de agrotóxicos. Nesse mesmo ano era publicado o livro de Ana Maria Primavesi “*Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais*”, obra muito

importante para o embasamento técnico e científico do Movimento de Agricultura Alternativa.

Em 1985 foi publicado o livro de Francis Chaboussou “*Plantas Doentes pelo uso de Agrotóxicos: A teoria da Trofobiose*” e em 1991 foi publicado pela AS-PTA o livro “*Adubação verde no Sul do Brasil*”. Essas obras aprofundaram os debates sobre agricultura alternativa. Desse modo o Movimento de Agricultura Alternativa, segue com importantes publicações no campo científico e técnico mais popularizados e estudados nos cursos de agronomia da época. Na década de 1980 surgem as ONGS ambientalistas. No Brasil, destaca-se pela sua abrangência geográfica e capacidade de articulação, a ONGAS-PTA, que inclusive tem mantido um grande esforço editorial. (Khatounian, 2001).

A partir de meados de 1980 a AS-PTA, passou a traduzir artigos e trabalhos de cunho científico, tecnológico e político, problematizando o modelo agrícola e o padrão tecnológico hegemônico nas esferas teórico conceitual, social, econômico, financeiro e ambiental. (COSTA, 2017).

No ano de 1989, a AS-PTA traduz e lança o livro de Miguel Altieri “*Agroecologia: bases científicas da agricultura alternativa*”. A agroecologia ganha expressão no MAA e passa ser internalizado, o estudo é debatido nas ONGs que atuam junto aos movimentos sociais do campo.

A agroecologia é um termo bastante recente no Brasil,

A partir de meados da década de 1990, o movimento agroecológico brasileiro avançou expressivamente em ação e organização com a constituição da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), que congrega os quadros técnicos envolvidos com trabalhos em distintas esferas do campo da agroecologia, da articulação Nacional de Agroecologia (ANA) envolvendo ONGs e movimentos sociais, e com a expansão das ações das instituições governamentais e não governamentais de âmbito local, regional e nacional. (COSTA, 2017, p. 81).

Na década de 1990, com mais intensidade no início do ano 2000, os movimentos sociais do campo, principalmente aqueles vinculados à Via Campesina, aprofundam o debate sobre a agroecologia como bandeira de luta frente ao avanço e à destruição ambiental provocada pelo modelo de agricultura convencional.

Nesse sentido, está em gestação uma concepção mais recente de agroecologia ainda mais ampliada: a partir da prática dos movimentos sociais populares do campo que não a entendem como “a” saída tecnológica para as crises estruturais e conjunturais do modelo econômico e agrícola, mas que a percebem como parte de sua estratégia de luta e enfrentamento ao agronegócio e ao sistema capitalista de exploração e da depredação da natureza. (GABUR; TONÁ, 2012, p. 57).

Do ponto de vista conceitual a agroecologia, é uma ciência norteadora, que integra princípios ecológicos, sociais, econômicos e agronômicos. Conforme destaca Altieri (1987, apud ALTIERI, 2004, p. 23),

A agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos Agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo.

Para Costa (2017), a agroecologia incorpora os conhecimentos acumulados no campo da ecologia – assim como os saberes das populações tradicionais – em busca de saídas para impactos causados pela agricultura contemporânea, na sua relação com o meio ambiente e com as dimensões produtiva, ecológica, energética, econômica, financeira, e sociocultural do sistema em foco.

Altieri (1987), afirma que a Agroecologia utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional –genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais. Contribuindo com este pensamento,

A proposta da agroecológica enfatiza agroecossistemas complexos nos quais as interações ecológicas e os sinergismos entre seus componentes biológicos promovem os mecanismos para que os próprios sistemas subsidiem a fertilidade do solo, sua produtividade e a sanidade dos cultivos.

A Agroecologia emerge como disciplina que disponibiliza os princípios ecológicos básicos sobre como estudar projetar e manejar agroecossistemas que sejam produtivos e ao mesmo tempo conservem os recursos naturais, assim como sejam culturalmente adaptados social e economicamente viáveis. A Agroecologia é o estudo holístico dos agroecossistemas, abrangendo todos os elementos ambientais e humanos. Sua atenção é voltada para a forma, dinâmica e a função de suas inter-relações, bem como os processos nos quais estão envolvidas. (ALTIERI, 2012, p.105).

Os autores Machado e Machado Filho (2014, p. 36), compreendem a agroecologia

[...] como um método, um processo de produção agrícola – animal e vegetal – que resgata os saberes populares que a “revolução verde” destruiu ou escondeu, incorporando-lhes os extraordinários progressos científicos e tecnológicos dos últimos 50 anos, configurando um corpo de doutrina que viabiliza a produção de alimentos e produtos limpos, sem venenos, tanto de origem vegetal como animal, e o que é fundamental, básico, indispensável, em qualquer escala. É, pois, uma tecnologia capaz de confrontar o agronegócio em qualquer escala.

A agroecologia surge questionando e fazendo enfrentamento aos efeitos da agricultura baseada no uso de agroquímicos e tecnologias fabricadas e disponibilizadas pela indústria e

como ciência agrega os inúmeros estudos e conhecimentos de outras disciplinas científicas, valoriza os saberes dos camponeses e camponesas, indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais e propõe metodologias para o desenvolvimento de agriculturas de base ecológica e mais sustentáveis.

3.4 PROJETO DE AGRICULTURA CAMPONESA, AGROECOLÓGICA E FEMINISTA NO MMC/SC

Nas páginas acima comentamos sobre o projeto de agricultura do MMC, intitulado Projeto de Agricultura Camponesa Agroecológico e Feminista. Neste capítulo pretendemos trazer mais elementos sobre o mesmo. É importante destacar que este projeto faz parte da missão do Movimento de Mulheres Camponesas que busca.

A libertação das mulheres trabalhadoras de qualquer tipo de opressão e discriminação. Isso se concretiza nas lutas, na organização, na formação e na implementação de experiências de resistência popular, nas quais as mulheres sejam protagonistas de sua história. Na construção do projeto de agricultura camponesa a partir dos princípios da agroecologia. Lutamos pela transformação da sociedade baseada em novas relações sociais entre os seres humanos e deles com a natureza. (MMC/SC, 2014, n.p.).

A construção do projeto de agricultura camponesa a partir dos princípios da agroecologia é assumido pelas mulheres camponesas do estado de Santa Catarina, buscando concretiza-lo na prática. Tendo compreensão dos desafios se questionavam: Como vamos fazer? quais metodologias utilizar? Como envolver as mulheres? Foram necessários muitos momentos de formação, estudos e debates para que coletivamente as mulheres camponesas pudessem definir os rumos na construção desse importante projeto. Desse modo se retoma aqui um dos objetivos específicos desta pesquisa que seria descrever as experiências do Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina, que contribuem para a implementação e fortalecimento dos quintais produtivos e da agroecologia. Este objetivo pode ser contemplado na descrição de como o Movimento foi construindo seu projeto de agricultura com base nos princípios da agroecologia a partir da compreensão e da realidade das mulheres camponesas.

Para isso precisamos retornar um pouco na história do MMC/SC para entender em que momento e contexto, o projeto de agricultura camponesa, agroecológico e feminista passa ser

prática educativa no campo político e na prática cotidiana das mulheres camponesas. O MMC, no contexto das tensões vividas no campo, iniciou uma luta em defesa de um projeto popular de agricultura camponesa e agroecológica. (GASPARETO, 2018). O marco foi a 8ª Assembleia Estadual do Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina, que ocorreu em Concórdia, em novembro de 2001. Naquela ocasião, as mulheres decidiram pelo enfrentamento ao modelo de agricultura imposto pelo sistema capitalista e debateram ações concretas para avançar no projeto de agricultura camponesa agroecológica a partir do cotidiano das mulheres. Nesse período, o movimento lançou o Programa de produção, recuperação e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças. (MMC/SC, 2008).

Para Cinelli (2012, p. 56), relata que “[...] o Programa de Sementes surgiu a partir da compreensão do MMC acerca da necessidade de um novo projeto de agricultura, que seria uma forma de assegurar uma alimentação saudável pautada na defesa da soberania alimentar com base na preservação das próprias sementes crioulas, patrimônio da humanidade”. O programa tem como objetivo “[...] construir com as mulheres camponesas a experiência prática e teórica de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças, como ação concreta das mulheres camponesas na construção do projeto de agricultura camponesa a partir dos princípios da agroecologia”. (MUNARINI; COLLET, 2007, p.4). E para melhor desenvolver pedagogicamente os processos de transição das mulheres camponesas para a agroecologia feminista, o programa estabelece as seguintes ações:

- Trabalhar as novas relações de gênero, na família, no trabalho, na produção e na relação com o ambiente;
- Oportunizar as mulheres camponesas o aperfeiçoamento técnico e prático na recuperação, produção e uso de sementes crioulas a partir das práticas acumuladas;
- Incentivar as mulheres camponesas para a produção de alimentos em sua unidade de produção ou no seu grupo, bem como, recuperar sementes crioulas de hortaliças, cultivando sentimentos de novos valores a serem compartilhado com as gerações atuais e as futuras;
- Denunciar o modelo capitalista transnacional e alertar sobre as consequências dos alimentos transgênicos e das tecnologias que destroem a vida;
- Elevar a auto-estima e a valorização da profissão de Trabalhadora Rural capaz de produzir, criar e recriar participando ativamente na produção e reprodução da vida;
- Criar as condições para as mulheres camponesas participar das oficinas e ser agentes de um novo projeto de agricultura camponesa a partir dos princípios da agroecologia. (MUNARINI; COLLET, 2007, p. 4).

A leitura da conjuntura feita pelas mulheres camponesas no estado, naquela época refletia as consequências trazidas pela revolução verde acompanhada do intenso processo de modernização da agricultura, endividamento das famílias do campo, o uso de agrotóxicos, êxodo rural etc. Uma das estratégias encontradas pelo Movimento, em prol do Projeto de

Agricultura Camponesa Agroecológica, foi a criação do Programa de Sementes Crioulas de Hortaliças. A partir daí as mulheres começaram a reelaborar suas perspectivas em relação ao campo, buscando outro jeito de fazer agricultura. (GASPARETO, 2018).

Neste projeto, o MMC procurou difundir e apoiar o manejo de sementes crioulas nas comunidades sobre a ótica da promoção do ativismo feminista viabilizando uma agricultura com maior respeito à natureza e valorização do conhecimento local para a garantia de uma base alimentar saudável em oposição ao modelo monocultor. (ADÃO, 2009).

E porque as mulheres escolheram trabalhar com as sementes de hortaliças? A tese de doutorado de Sirlei Gaspareto, dirigente Estadual do MMC/SC aponta que a definição de “Hortaliças”, nos indica que a horta passa ter um significado político-formativo. Primeiro, porque expressa a resistência de luta das mulheres camponesas que a partir de pequenos pedaços de terra, compreendidos como “[...] seus territórios, vão produzindo a diversidade de sementes e por meio delas, criam um encorajamento para lutar frente ao agronegócio, ancorados em outra perspectiva societária, numa lógica de vida em contraposição ao capital.” (GASPARETO, 2018, p.157).

O trabalho realizado pelas mulheres camponesas com as sementes crioulas de hortaliças, permitiu iniciar um importante processo de enfrentamento ao modelo de agricultura convencional, frente o avanço dos monocultivos, da intensificação do uso de agrotóxicos, sementes híbridas e transgênicas, fertilizantes solúveis e da contaminação e degradação do solo da água, e conseqüentemente a perda da biodiversidade.

Dessa forma o programa permitiu o avanço significativo na construção do projeto de agricultura camponês, popular e agroecológico, pois as experiências de produção realizadas pelas mulheres camponesas passaram ser orientadas pelos princípios da produção agroecológica, conciliando o cuidado e preservação ambiental com a produção de alimentos saudáveis e diversificados para autoconsumo, garantindo a segurança e soberania alimentar e nutricional das famílias e a busca por autonomia e geração de renda, principalmente para as mulheres, mas também para suas famílias.

O programa das sementes crioulas de hortaliças, foi um primeiro passo dado para a construção de uma proposta de produção agroecológica com protagonismo e participação das mulheres camponesas. A implementação desse programa pelo MMC/SC contribuiu para que as mulheres camponesas pudessem compreender como seria possível praticar a agroecologia a partir de algo que era próprio delas, que já faziam em seu cotidiano, só precisavam um pouco mais de estudo, formação, dedicaçãoe principalmente a valorização do seu trabalho e dos seus saberes e conhecimentos.

As experiências com princípios da produção agroecológica continuam o MMC/SC intensifica os processos formativos avançando na prática de recuperação, produção e melhoramento de outras variedades de sementes crioulas como milho, feijão, pipoca, amendoim, tubérculos de mandioca, batata, enfim muitas outras, bem como o estudo sobre a produção e uso de plantas medicinais, criação de pequenos animais (galinhas caipiras), na implementação de sistemas agroflorestais, na preservação e manutenção da biodiversidade e dos bens naturais, floresta, solo, água e de todos as formas de vida existentes no planeta.

A agroecologia defendida pelo movimento é vista como um modo de vida e um projeto de sociedade. Também é compreendida e assumida pelas mulheres camponesas, mas na prática e na vivência diária e passa ser uma atitude pessoal muito mais das mulheres do que da família, pois o sistema patriarcal, o machismo, são fortes e presentes em suas realidades e no cotidiano do trabalho de muitas mulheres camponesas, são os homens que administram a unidade de produção e decidem o que produzir e de que forma produzir. Dessa forma, a produção realizada no quintal, assim como a gestão, planejamento e manejo são realizadas pelas mulheres e, é nesse espaço que as práticas dos princípios da produção agroecológica, são identificados com mais visibilidade e intensidade em relação às outras atividades agrícolas ou espaços de produção trabalhados pelas famílias.

Mas por outro lado, as experiências individuais desenvolvidas pelas mulheres camponesas em seus quintais, orientadas pelos princípios da agroecologia, têm contribuído para que várias famílias conheçam, aprendam e se motivem a iniciar processos de transição para a agroecologia em suas unidades de produção.

3.5 AGROECOLOGIA E AS MULHERES CAMPONESAS

No campo voltado à construção teórica e conceitual da agroecologia encontramos poucas autoras mulheres. Alguns trabalhos têm tratado sobre as desigualdades de gênero na agricultura, uma questão que tem sido considerada importante, mesmo assim não há referências concretas ao tema e nas elaborações dos principais teóricos da agroecologia também não têm sido dada atenção e destaque necessários conforme destaca Siliprandi (2009, p. 142),

Vários textos que descrevem as premissas e métodos da Agroecologia se referem às desigualdades de gênero como fontes de preconceitos contra as mulheres e como aspectos que deveriam ser considerados na elaboração dos seus programas de pesquisa e propostas de intervenção. No entanto, não existem aprofundamentos sobre a problemática, que é fundamental para o entendimento de como se expressam as relações de poder no meio rural e que determina uma parcela significativa da população camponesa (as mulheres) aos meios de produção e aos recursos ambientais. Com exceção de autores como Vandana Shiva e Joan Martinez Alier (que argumentaram sobre a necessidade da inclusão das mulheres nos movimentos ambientais).

A autora destaca que apesar dessa ausência de abordagem sobre o tema, é inegável que as relações de poder determinam as condições de participação dos homens e mulheres nos espaços de decisão sobre os rumos da sociedade e, portanto, na construção do desenvolvimento rural sustentável. (SILIPRANDI, 2009).

A construção teórica da agroecologia acumulou e popularizou conceitos, princípios e fundamentos extremamente importantes, mas jamais poderá deixar de considerar a luta, o trabalho e o papel desempenhado pelas mulheres na construção da agroecologia. Para Pacheco (2007) as questões trazidas pela agroecologia do ponto de vista ecológico, político e socioeconômico, precisam dialogar mais com a concepção feminista, porque a agroecologia coloca em xeque as questões de redistribuição, as questões de justiça no campo e do desenvolvimento, que já vimos ser baseado e centrado hoje na apropriação privada dos bens da natureza, mercantilização e artificialização crescente do meio ambiente.

A autora Siliprandi (2009, p. 147), enfatiza que “[...] a agroecologia não cumprirá seus propósitos de ser uma teoria e um modelo para ação emancipatória dos camponeses se também não se ocupar teórica e praticamente, do enfrentamento das questões da subordinação das mulheres agricultoras.” As mulheres feministas agroecológicas do Grupo de trabalho da Articulação Nacional de Agroecologia (GT de Mulheres da ANA), participantes do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), construíram o lema: “Sem Feminismo não há Agroecologia”. Para essas mulheres o entendimento sistêmico da agroecologia é ciência, prática e movimento. (GT MULHERES ANA, IV ENA, 2018). Neste evento,

Afirmamos esse lema porque, para nós o feminismo e a agroecologia fazem parte da construção de um mesmo projeto de transformação da sociedade que garanta a soberania dos povos, sobre os seus territórios, e promova a produção e consumo de alimentos saudáveis, a partir do uso e manejo sustentável dos agroecossistemas ao mesmo tempo em que reconheça o conhecimento, o trabalho e a contribuição econômica das mulheres para a sustentabilidade da vida e promova autonomia, igualdade, liberdade. O feminismo pelo qual levantamos nossos punhos e bandeiras é o feminismo popular, anticapitalista, anti racista antiLGBT- fóbico! (GT MULHERES ANA, IV ENA, 2018, n.p.).

Para o MMC, a Agroecologia e a luta feminista precisam andar juntas para que de fato ocorra as transformações necessárias seja no enfrentamento ao modelo de agricultura capitalista, seja na superação do sistema patriarcal e machista presente na luta cotidiana das mulheres camponesas.

O MMC/SC defende e tem proposto a construção do projeto de agricultura camponesa, agroecológica, popular e feminista em contraponto ao modelo de produção agrícola convencional, baseado no uso de insumos industriais, na exploração das mulheres, dos bens naturais do ambiente, concentrador e dominador de terras, deterritórios, destruidor da biodiversidade, saberes e cultura popular dos povos.

O projeto de agricultura que as mulheres camponesas estão construindo, é baseado em princípios e valores onde a prática de cultivar a terra, produzir alimentos saudáveis precisa respeitar a biodiversidade e os ciclos da natureza, ao mesmo tempo também compreende a necessidade de cuidar, preservar e conservar os bens naturais (solo, água, ar, florestas e fauna). Nesse projeto de agricultura a Agroecologia e o feminismo precisam andar juntos na luta pela construção de relações sociais de igualdade de gênero, entre homens e mulheres para que não haja mais exploração, violência e invisibilidade do trabalho das mulheres, dos jovens e das jovens camponesas, para que ocorra as transformações necessárias para a superação do sistema de dominação patriarcal e do modelo de produção agrícola capitalista, que buscam a todo custo o lucro, baseado na exploração, concentração, destruição e morte .

É um projeto de agricultura baseado nos princípios e fundamentos da agroecologia e do feminismo para que as mulheres camponesas sejam valorizadas, reconhecidas, possam opinar, propor, ter autonomia, liberdade para planejar e colocar em prática seus projetos e seus sonhos para a construção de uma agricultura sustentável, saudável para o ambiente e também para as pessoas.

De acordo com debate realizado pelo GT de Mulheres,

[...] o mundo pelo qual nosso feminismo e nossa agroecologia lutam só será possível com enfrentamento ao capitalismo patriarcal e ao racismo, para a construção da autonomia das mulheres sobre suas vidas, seus corpos, seu trabalho, sem ameaças cotidianas de violência nas casas, nas ruas, nos roçados, nas redes e movimentos sociais. Na construção da Agroecologia precisamos ser ouvidas: é fundamental que nossas realidades, anseios e concepções e contribuições sejam considerados.(GT MULHERES ANA, IV ENA, 2018, n.p.).

Assim sendo, agroecologia e feminismo estabelecem um diálogo ideológico: ambas propõem transformação nas relações sociais. Ambas se colocam contra hegemonia ao

capitalismo e, portanto, devem se contrapor também ao patriarcado, que é a base ideológica do modelo capitalista. (ROMÃO, 2007).

O conceito de patriarcado refere-se ao sistema social de dominação masculina sobre as mulheres. (SILVA, 2007, p. 145). O patriarcado também é concebido como uma “[...] forma social onde os homens detêm o poder” ou como “preponderância do homem sobre a mulher em todos os terrenos da vida social”. (DELPHY, 2009,p.173).

Para as mulheres camponesas entrevistadas, o modelo de produção convencional capitalista se apropria do sistema de dominação patriarcal, para explorar e dominar as mulheres e a natureza. São grandes desafios a serem superados, para que as mulheres camponesas, possam construir a Agroecologia. As falas a seguir trazem como essas questões se expressam no dia a dia de muitas mulheres camponesas. Ivanete relata seu exemplo contando que o marido faz as lavouras orientando-se pelo modelo de produção convencional, para ele é mais prático passar veneno até mesmo próximo da casa, mas para ela é uma batalha impedir que seja passado veneno em seu quintal no espaço que produz os alimentos e que está trabalhando e desenvolvendo práticas com os princípios da produção agroecológica. Para Ivanete as mulheres

[...] enfrentam essa maneira de produção convencional e enfrentam também dificuldade dos companheiros apoiar, ajudar, porque que têm uns que diz: - Passa veneno, por que perder tempo pra capinar, dá muito trabalho? Então às vezes as mulheres não conseguem fazer o trabalho manual, elas têm alguma doença, elas têm dor nas costas ou algum problema de saúde e os companheiros pegam e vão lá e passam veneno e dizem: - Ah! Porque tu não passa veneno? As famílias, às vezes, puxa pra outro lado. A mulher não tem apoio, deveria de ser apoiada pela família. Eu por exemplo, todo dia tenho que batalhar, meu marido faz lavoura convencional e ele diz: - Vamos passar veneno! E eu falo: - Não quero passar veneno, deixa que eu vou capinar, eu vou devagar e vou fazer sem veneno! Ontem mesmo, tava lá o peão que a gente tem lá pra fazer a lavoura, ele pegou a máquina. Eu disse: - Que vai fazer com essa máquina? Ele disse: - Vamos passar veneno aqui nesses matos na beira da estrada. Eu disse: - Não, aqui perto da casa você não vai passar veneno! Falei: - Pode deixar assim aqui, não quero veneno! Então, sem me pedir né, aí ele pensou, vou limpar, passar veneno para limpar esses matos. Eu não quero, não vou deixar. (IVANETE. Grifo meu).

Para Lucimar as mulheres camponesas têm consciência e opção pela produção agroecológica, só que elas enfrentam inúmeros desafios tanto na família como na sociedade. Na família por exemplo, as mulheres não têm espaço para dialogar sobre seus projetos, sonhos e ideias, não encontram apoio e elas sequer participam das decisões que são tomadas sobre o planejamento e execução das atividades agrícolas, compra de insumos, equipamentos, maquinários, venda da produção, para onde vão os investimentos, ou seja, são excluídas desse processo, o que dificulta o domínio do todo da unidade de produção. Nessa lógica são os

homens que administram e decidem pelo modelo de produção convencional, iludidos pela propaganda de mais produtividade e de altos lucros. E na sociedade, têm os vizinhos dizendo que a agroecologia não é possível, os meios de comunicação que apresentam e reforçam diariamente a propaganda para o modelo de produção agrícola capitalista do agronegócio (agro é pop).

*Essa é complicado como a gente já comentou na maioria das vezes, a mulher não tem o seu espaço na família, quem mais puxa pro agroecológico é nós mulheres, mas tem o contraponto que é os homens que na maioria das famílias eles visam o lucro, eles pensam que têm que produzir pra vender, têm que fazer dinheiro, e eles não conseguem enxergar que se você deixa de gastar, você tá produzindo dinheiro, né. Então é uma dificuldade muito grande que nossas companheiras..., eu tenho, acho que todo mundo enfrenta, e o capitalismo um domínio, porque você vê na imprensa, como se o nosso trabalho, é como se não dá certo, e a gente tem certeza que dá certo, é só você querer trabalhar, só que você encontra mídia contra, tem o capitalismo contra, a gente tem muita coisa que não quer o nosso trabalho, **então essa é nossa maior dificuldade que a gente encontra, o enfrentamento que a gente tem que ter com o capitalismo, com a mídia, com os próprios vizinhos, que acham que isso nunca vai dar certo né. Eu acho que a mulher tem muita dificuldade porque ela não tem o domínio do todo da propriedade.** (LUCIMAR. Grifo meu).*

Para Fátima o desafio para avançar na agroecologia está no enfrentamento ao sistema de dominação capitalista patriarcal, no qual a prática de produção agrícola realizada pelos homens na unidade de produção familiar, é convencional, é uma produção de monoculturas feita em larga escala e com interesse comercial, ocupando toda a área de terra agricultável, às vezes até próximo às residências, com uso intensivo de agrotóxicos. Nessa lógica de produção, o desafio das mulheres está em convencer a família de que precisa ter um espaço maior para produção de alimentos saudáveis e também precisa do apoio e da contribuição de todos. Ela diz que a sociedade questiona quando fala em agroecologia, pois já lhe perguntaram se é possível sobreviver e sustentar a família com a Agroecologia. Fátima responde que “*Sim, é possível desde que tenha a compreensão da família*”, sendo que em alguns casos a mulher é sozinha, não tem voz diante de uma família composta por quatro ou cinco homens por exemplo.

É por incrível que pareça, é essa prática desses homens que têm que plantar pra vender, que têm que plantar bastante soja, às vezes planta até na escada aquele soja, e passam veneno. Então o desafio das mulheres tá sendo muito grande em convencer a família que precisaria de um espaço maior pra planta alimentação saudável. [...] quando você fala em agroecologia já perguntam assim: - Mas, é possível sobreviver com agroecologia? Sustentar a família né, a gente diz que é possível sim, é possível sim, desde que tenha uma compreensão da família né. Agora, a mulher sozinha de repente em uma casa com quatro, cinco homens que só pensam no capital e alimentação muito pouco, às vezes vendem o feijão que eles colhem, porque muita gente não come aquele feijão que eles plantam, porque

passam veneno pra amadurecer rápido. Eles vendem aquilo e vão comprar também no mercado, sem saber que aquele também tem veneno né. (FÁTIMA).

Lucimar traz o desafio com relação ao acesso à terra para as mulheres produzirem, elas não possuem autonomia para escolher ou mesmo determinar que tal área de terra vai ser destinada à produção orgânica ou agroecológica, os homens determinam e utilizam todas as terras agricultáveis da unidade de produção para produzir transgênicos e monoculturas no modelo de agricultura convencional. É no quintal que a mulher consegue produzir seguindo os princípios da produção agroecológica, sendo que o espaço do quintal é variável nas unidades de produção, em algumas ele ocupa uma área de terra grande, mas em outras é extremamente pequeno. Além do desafio da falta de terra para a mulher produzir, também encontram mais desafios com relação à contaminação de suas experiências de produção pelos agrotóxicos e produtos químicos utilizados nas lavouras convencionais dentro de suas unidades de produção e também das lavouras dos vizinhos que fazem divisa com suas propriedades.

Na maioria das vezes o quintal é onde a mulher consegue produzir porque a gente vê, não é todas as companheiras que têm a liberdade pra dizer: - Vou pegar aquele pedaço e vou plantar, vou fazer minha produção! Na maioria das vezes, o homem pega a melhor terra, os melhores espaços pra ele produzir os produtos transgênicos lá, né, mas a mulher com sua capacidade, em qualquer espaço ela consegue produzir, né. Então a gente vê que a mulher tem muita dificuldade pra conseguir seu espaço, pra produzir seu alimento, porque às vezes você até tem um espaçozinho de terra, mas ao redor passam veneno, tem os produtos químicos né, que acaba atrapalhando o quintal. (LUCIMAR).

Ivanete relata seu exemplo, tem o sonho de fazer uma agrofloresta, inclusive já participou de cursos sobre o tema, seu marido trabalhava na lógica do modelo de produção convencional e não apoia, para ela é um desafio convencer o marido. Ela reforça em sua fala que não desiste fácil desse projeto e afirma que um dia ainda colocará em prática. Quantas mulheres camponesas estão nesse processo tendo que enfrentar os homens, marido e filhos, para poder implementar suas experiências de produção agroecológica, exigindo espaço de terra, convencendo da importância ou mesmo buscando apoio, incentivo e ajuda para pôr em prática seus sonhos e projetos de produção agroecológicas.

O que eu quero falar, é que eu quero fazer uma agrofloresta, fiz um curso lá em Anchieta, faz acho uns dois anos, queria implantar uma agrofloresta, meu marido não me deixou, botou mil empecilhos: - Não, porque é longe, tem que fazer lá na chácara! (Nós temos uma chácara que dá uns 5 km da minha casa). Não, lá não dá porque você vai se matar trabalhando, porque lá não tem água. Porque, porque, porque... eu ouvi tanto que eu desisti de fazer lá, mas eu quero fazer, eu vou fazer, hora dessa vou fazer na outra chácara mais perto de casa, tenho duas chácaras, que

tem moradia, mas lá em baixo já não tem mais ninguém morando e na outra chácara tem minha enteada e a companheira dela morando e lá eu quero fazer, vou começar botar no papel e eu quero fazer a agrofloresta e ele só dá contra, que dá muito trabalho, que aonde já se viu que tem que capinar tudo na mão, não dá para passar veneno, que quem que vai fazer, que só vai dar trabalho, não vai dar nada, só me bota pra baixo, mas eu vou fazer. É pura grama lá onde quero fazer, tipo tem uns pés de pitanga, umas árvores assim meio espalhada, daí ali eu quero fazer uma pequena agrofloresta, mas eu vou fazer, eu me apaixonei pelas agroflorestas. Nossa! Muito lindo de ver as plantas tudo misturada, daí tu colhe umas coisas logo, coisa de horta assim, depois tu vai deixando as árvores crescer, as frutíferas as bananeiras. Eu tenho espaço e não me deixam fazer. (IVANETE. Grifo meu).

As falas das mulheres camponesas reforçam que o enfrentamento ao sistema de dominação capitalista patriarcal, que se expressa no poder de dominação que a sociedade capitalista tem reforçado e dado aos homens sobre as mulheres, é uma luta necessária para que as mulheres camponesas possam construir de forma igualitária e justa a agroecologia, seja enquanto ciência, prática, movimento e modo de vida.

3.6 LUTA PELO ACESSO À TERRA PARA AS MULHERES CAMPONESAS

O desafio colocado pelas entrevistadas sobre a questão do acesso à terra para as mulheres camponesas poder produzir de forma agroecológica, indicou a necessidade de aprofundarmos um pouco mais sobre essa temática. No Brasil há um contingente de homens e mulheres que não possuem direito a um dos principais meios de produção agrícola, a terra, recurso fundamental para produzir alimentos e ter uma vida com mais dignidade e melhores condições de sobrevivência. E se tratando do acesso à terra para as mulheres, há muita desigualdade entre homens e mulheres.

Uma das formas de acesso à terra para as mulheres, é através da herança, mas não são todas as famílias que as mulheres são contempladas com esta herança, geralmente são os filhos homens que recebem a posse da terra, e em algumas situações, a família possui pouca terra, o que leva à exclusão das mulheres.

A autora Paulilo (2010), aponta em seus estudos que a terra é passada de herança para as mulheres quando o casal não possui filhos homens, ou quando a família decide que quem vai permanecer na unidade de produção e cuidar dos pais é alguma filha mulher, o que não significa que ela terá posse de toda a área produtiva, às vezes ela fica com as estruturas, casa, galpão, animais e uma área um pouco maior com relação aos demais irmãos herdeiros.

A autora também observa que na maioria das situações em que a mulher recebe terras de herança, os homens assumem a responsabilidade com relação à gestão, administração dessas terras e em alguns casos se encarregam de vender e comprar em outra região, excluindo a mulher de poder decidir e administrar a terra que recebeu de herança de sua família.

Há no Sul do Brasil, principalmente nas antigas regiões de colonização italiana e alemã, um padrão a respeito da sucessão nas propriedades rurais. Esse padrão, é claro, comporta variações e exceções, mas são principalmente os filhos homens que herdaram a terra enquanto as mulheres se tornam agricultoras por casamento. Elas recebem herança quando o casal não tem descendência masculina ou quando uma filha casada cuida dos pais até que eles morram. Além disso, o padrão de herança igualitária pode surgir quando a terra não tem mais importância como meio de produção para os filhos ou quando os pais têm propriedades grandes. O que importa reter aqui é que se for preciso excluir alguém, as mulheres são as primeiras a serem escolhidas. Elas são sempre consideradas como “filhas ou esposas de agricultores”, termo que identifica tanto as que trabalham nos campos com as que não o fazem. Também quando a terra pertence à mulher por herança, é o marido considerado o responsável. (PAULILO, 2010, p. 5).

As autoras Guimarães, Santos e Alves (2019), afirmam que a desigualdade de gênero com relação ao direito ao acesso à terra para as mulheres, está enraizada nas tradições relacionadas a uma estrutura social composta pelo tripé, família, sociedade e mercado que sempre tem favorecido e privilegiado os homens.

A desigualdade de gênero na propriedade da terra sempre esteve enraizada nas tradições fortemente relacionadas a três institutos: família, Estado e mercado. Neste tripé havia uma nítida preferência dada à linhagem masculina no processo de herança e de privilégios masculinos no casamento; uma distribuição tendenciosa pelo Estado aos homens acerca dos programas de colonização, assentamento ou reforma agrária; e um favoritismo masculino de participação no mercado de terras, em que as mulheres possuíam pouca ou nenhuma chance para atuarem como compradoras de terras. Esse contexto fundiário, expressa nitidamente o forte preconceito que havia contra as mulheres em seu acesso à terra, e ratifica a ausência de isonomia entre homem e mulher. (GUIMARÃES; SANTOS; ALVES, 2019, p. 572)

As autoras acima citadas também discutem sobre a pouca ou nenhuma chance de participação das mulheres no mercado de compra de terras. A grande maioria das mulheres camponesas é pobre e não possui capital, e mesmo quando a família consegue acumular recursos com objetivo de comprar terras, são os homens que assumem essa função.

A autora Paulilo, (2010) em seu artigo “*Movimento de Mulheres Agricultoras: Terra e Matrimônio*”, destaca que quando a propriedade é pequena nem todos os filhos que são homens herdaram terras como herança, mas os pais costumam compensá-los com apoio financeiro para estudar, adquirir uma profissão ou uma certa quantia em dinheiro que ela

denominou de “comecinho de vida”, enquanto as mulheres “recebem o dote, que muitos também chamam de enxoval, que são coisas para casa, máquina de costura, alguns animais, e a festa do casamento, uma quantia muito menor comparada ao que os filhos homens recebem”.

A partir de 1980 ocorreu um intenso processo de organização, luta, reivindicações e mobilizações das mulheres do campo para que na Constituição de 1988 constasse os direitos trabalhistas e o direito legal à propriedade para as mulheres, podendo obter a titulação da terra na modalidade conjunta (nome do casal). Conforme destacam as autoras Barbosa e Lerrer (2016),

Torna-se ainda importante chamar a atenção para o fato de que os principais direitos de propriedade da terra para as mulheres no Brasil são consequência da participação das trabalhadoras rurais em organizações sindicais, no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e no Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR). A partir da década de 1980, as ações das mulheres nos sindicatos e nos movimentos se fortaleceu e a tônica das reivindicações foi o acesso à propriedade e aos direitos trabalhistas. Com a Constituição de 1988, as mulheres conquistaram o direito legal à propriedade e a possibilidade de titulação conjunta para as terras distribuídas via reforma agrária. Todavia, por ser uma possibilidade legal ao invés de obrigatoriedade, tal direito não foi implementado até o ano de 2000. (BARBOSA, LERRER, 2016, p. 247).

De acordo com Deere (2004) “[...] a ANMTR-Sul e suas organizações constituintes foram as que lideraram nas campanhas sociais, focando a obtenção dos direitos da mulher rural à previdência social bem como o reconhecimento da profissão de mulher trabalhadora rural”. O MMC/SC que até o ano de 2004 era denominado Movimento de Mulheres Agricultoras - MMA/SC, sempre colocou em pauta a importância da luta pela Reforma Agrária e a titulação da terra em nome das mulheres.

O Movimento de Mulheres Agrícolas de Santa Catarina (MMA-SC), por exemplo, liderou a campanha em 1986 com 100 mil assinaturas de mulheres trabalhadoras rurais, a fim de colocar seus direitos na pauta constitucional, levando-as até Brasília em uma enorme caravana. Antes da adoção da Constituição Federal de 1988, a questão dos direitos da mulher à terra tinha sido levantada nos encontros em nível municipal. Por exemplo, nos 25 encontros municipais em Santa Catarina em 1986, um dos temas tinha sido “luta pela titulação da terra em nome das mulheres nos projetos de assentamentos da reforma agrária”. (DEERE, 2004, p. 182).

As autoras Hora, Nobre e Butto (2021), realizaram análise sobre as mulheres no Censo Agropecuário 2017, e com relação à temática “mulheres e o acesso à terra”, as autoras apontaram que o CA-2017 identificou 5,073 milhões de estabelecimentos ocupando uma área total de 351,289 milhões de hectares e que as mulheres com acesso à terra equivalem a um

percentual de 19,7% (769.672) na agricultura familiar. O menor percentual de mulheres com acesso à terra é a região Sul com apenas 11,7%.

E com relação às formas de obtenção da terra entre homens e mulheres, as autoras constataram que o maior percentual está em licenças ou titulações concedidas em comunidades quilombolas e povos indígenas, seguida de titulação em áreas de reforma agrária e o acesso por herança ou posse não titulada.

Ao analisar a forma de obtenção da terra entre homens e mulheres na agricultura familiar verifica-se que o maior percentual se encontra em licenças ou titulações concedidas para comunidades quilombolas e povos indígenas (com 30,38% e 23,28% respectivamente), seguida pela titulação ou licença de ocupação por reforma agrária com 22,2% e em percentuais aproximados em casos de titulação por regulamentação na Amazônia, e também de herança ou posse não titulada. (HORA; NOBRE; BUTTO, 2021, p.18).

As formas de acesso à terra para as mulheres camponesas se limitam à herança, seja por parte de suas famílias, considerando ser uma parcela bem pequena que são contempladas com herança de terras de forma igualitária e justa, ou então herança da família de seus companheiros, ou através do mercado de compra de terras, que exige muitos anos de trabalho do casal e dos filhos ou então pela aquisição através das linhas de crédito do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF).

Essas formas de acesso à terra e a conquista do direito à titulação conjunta, não significa que as mulheres tenham autonomia e poder de decisão, pois historicamente esse poder tem sido repassado aos homens, a sociedade lhes atribui o papel de “chefes de família” e dessa forma é dado a eles o poder de decisão, de gestão, administração e também de compra e venda de terras. Nesse sentido, é um desafio para muitas mulheres camponesas poderem produzir a diversidade de alimentos e implementar suas experiências orientadas pelos princípios da agroecologia, pois elas precisam enfrentar esse poder dado aos homens e cabe a elas dialogarem, lutarem pelo acesso à terra dentro do grupo familiar.

Para as mulheres camponesas é de fundamental importância que elas tenham mais acesso aos meios de produção: terra, água, sementes bem como políticas públicas que lhes garantam melhores condições de produção e comercialização para poder avançar na construção e fortalecimento da agroecologia, na sua autonomia e libertação. A autora Deere (2004), afirma que o direito à terra para as mulheres aumenta seu poder de barganha na família e na sociedade e, ao mesmo tempo, contribui para avançar na luta por mais igualdade entre homens e mulheres. Nesse sentido,

O reconhecimento da importância dos direitos da mulher à terra acontece geralmente por duas razões, o que nós temos chamado de argumentos ‘produtivista’ e de ‘empoderamento’. O argumento produtivista refere-se ao reconhecimento de que o direito das mulheres à terra está associado com o aumento do bem-estar de mulheres e seus filhos, bem como com sua produtividade e, portanto, com o bem estar de sua comunidade e sociedade. O argumento do empoderamento reconhece que os direitos das mulheres à terra são decisivos para aumentar seu poder de barganha dentro da família e da comunidade, para acabar com sua subordinação aos homens e, assim, atingir uma real igualdade entre homens e mulheres. (DEERE, 2004, p. 176-177).

Com essa pesquisa não conseguimos tratar de todas as questões e trazer dados mais concretos com relação ao acesso à terra para as mulheres camponesas. Mas ela nos permitiu constatar que muitas mulheres camponesas ainda possuem pouco ou nenhum poder de decisão com relação à administração, e o uso da terra tem sido uma dificuldade para muitas mulheres camponesas conseguirem implementar e ampliar suas experiências de produção agroecológica em suas unidades de produção, a exemplo de uma agrofloresta que exige uma área de terras um pouco maior.

As unidades de produção administradas pelos homens e o avanço do modelo de agricultura convencional, são exemplos que reduzem o acesso das mulheres camponesas à terra para produzir a diversidade de alimentos e conseguir trabalhar com os princípios da produção agroecológica.

O envelhecimento no campo é uma questão colocada como desafio para muitas experiências com princípios da produção agroecológica, construídos com muita luta, trabalho e esforço pelas mulheres camponesas, pois correm o risco de desaparecer com a continuidade da tradição de passar a terra como herança para os filhos e filhas que optam produzir orientados pelo modelo de agricultura convencional, isso para aqueles que permanecem no campo e geralmente moram na mesma área de terra dos pais. Mas, também tem casos de filhos e filhas que trabalham e vivem na cidade e não possuem interesse de voltar para o campo, então a área de terra que cabe a eles como herança é arrendada ou vendida.

Importante ressaltar que a organização e luta do Movimento teve avanços significativos com relação a luta pelo acesso à terra que no passado constava apenas o nome do marido na escritura. As mulheres camponesas ficavam com os piores pedaços de terra para produzir a alimentação necessária para o consumo da família. Hoje, ainda enfrentam muitos desafios, conforme destacamos, a diferença está que as mulheres camponesas têm consciência dos seus direitos e que através da luta e organização coletiva é possível conquistar direitos.

Noemi destaca sobre os desafios que as mulheres camponesas encontram para avançar na agroecologia: “*Ainda precisa fazer muita discussão na família. Falta política de incentivo*

que seja acessível para as mulheres. A sociedade ainda não tem consciência da diferença entre o convencional e o alimento saudável.”

Para Carmen o desafio é que as pessoas não têm conhecimento sobre os problemas de saúde causados pelos agrotóxicos: *“O desafio é compreender assim, essa questão, a quantia que o veneno tá acabando com nossa saúde né, então sem nós compreender isso, vai ser difícil”*.

As falas da Edel e Zenaide refletem sobre o desafio que as mulheres encontram para avançar na agroecologia com relação à falta de políticas públicas, recursos financeiros de fácil acesso para que as mulheres possam colocar em prática suas experiências de produção, consumo e comercialização agroecológica: Conforme destacam as entrevistadas. *“As mulheres têm dificuldade de acessar políticas públicas²¹ recursos financeiros.”* (ZENAIDE). Contribuindo com está reflexão, o

Financeiro é um, então sabe que as mulheres não conseguem pegar dinheiro, né assim, porque isso gera muito questionamento né, pra tu conseguir pegar algum dinheiro e projeto assim a fundo perdido a gente não consegue, então isso seria uma coisa, se a gente pudesse assim, não precisava ser montanhas de dinheiro seria pouco, mas, isso não consegue. (EDEL).

Perguntamos para as mulheres camponesas referente a seu trabalho no quintal produtivo sobre qual modelo ou projeto de agricultura se aproxima e por quê? Diante de tantos desafios que as mulheres enfrentam para avançar na produção agroecológica, as entrevistadas responderam que seus quintais são agroecológicos, outras disseram que estão em processo de transição para agroecologia pelo fato da unidade de produção familiar ser convencional e é no espaço do quintal que estão conseguindo aplicar os princípios da agroecologia. Com essas falas, as mulheres camponesas apontam que o paradigma agroecológico no MMC, está em construção e nesse processo identifica-se experiências em diferentes estágios. Edel diz que seu quintal é agroecológico, juntamente com sua filha conseguiu avançar para além do quintal trabalhando toda unidade de produção agroecológica. Para ela, o trabalho com a agroecologia transforma as pessoas.

Eu, lá é agroecológico, nós lá não passamos nada, nós tamo usando palhadas, tamo bem assim na agroecologia mesmo e cada ano que passa surge mais uma ideia né.

²¹ Até 2016 a agricultura familiar e camponesa tinha acesso a poucas políticas públicas, mas hoje em 2021 o atual governo tem provocado o desmonte dessas poucas políticas públicas, conquistadas com tanto esforço e luta entre elas está o Programa de Aquisição de Alimentos- PAA, Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), do Plano Nacional de Agroecologia e produção orgânica (Planapo), lançado em 2013. A Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), vetou o PL 823/21 e do PL 735/20, Lei Assis de carvalho, que reivindicava auxílio emergencial para agricultura familiar e camponesa durante a Pandemia da COVID-19. Para fomentar a produção de alimentos, melhorar as condições de vida da população rural e fortalecer experiências de produção orgânica e agroecológica.

Esse trabalho com a agroecologia, ele transforma a pessoa, se tu começa fazer coisas, você vai tendo outras ideias, você vai acrescentando, tua cabeça vai se transformando, vai abrindo pra um espaço muito maior, tu nem imagina [...] (EDEL).

Fátima considera que seu quintal é agroecológico, devido sua prática de produzir a diversidade de alimentos saudáveis, e não utilizar agrotóxicos e nem insumos químicos. Também destaca o problema que enfrenta com os vizinhos que utilizam venenos “fortes” que acabam danificando e contaminando sua produção.

O meu é agroecológico, porque nem veneno de formiga a gente usa, usamos laranja né, sem colocar nem um tipo de veneno né, o meu quintalzinho por pequeno que seja, mas ele é agroecológico, o problema é em redor que sempre tem alguém que planta convencional, e às vezes danifica até nossas plantas pelos venenos fortes que passam nos poteiros, mas eu considero ele agroecológico. Até esses dias, a gente almoçando, meu marido olhou e disse: - Olha! Quanta coisa nós colhemos, né! Então aquele dia a gente não tinha nada de comprado, a não ser o sal na mesa, então isso é bom demais, saber que você produz o teu alimento e de boa qualidade. (FÁTIMA. Grifo meu).

Ivanete também diz que seu quintal está quase agroecológico, porque há muitos anos vem trabalhando nesse espaço sem uso de venenos, utilizando receitas caseiras agroecológicas, aplicando os princípios da agroecologia. Nos diz que

O meu tá quase pra agroecológico já, porque já faz muitos anos que não passo veneno nenhum, nem na minha horta nem no meu quintal nem na minha roça que eu chamo horta, pomar e roça, mas é tudo meu quintal, que tenho em vários lugares, é agroecológico, não deixo passar veneno nem perto de casa nas plantas, nada, só coisas assim da agroecologia, essas receitas caseiras que não é tóxica pra espantar bichinhos. O EM²², que agora a gente tá usando, adubo de casa, tenho esterco de ovelha, gado e esterco de galinha, às vezes misturo faço um pouco de compostagem, as folhas que eu tiro do pátio, eu vou botando em um canto da horta, depois vou jogando uma terra em cima, aquilo vai apodrecendo e ficando como adubo. Antigamente, eu jogava em qualquer lugar, depois que aprendi que dá pra usar na horta, eu boto tudo na horta ou perto de uma planta que fica ali e vira adubo, eu não queimo mais e nem jogo fora. (IVANETE).

Lucimar diz que seu quintal está em processo de transição para o modo de produção agroecológico, escolheu um espaço grande e protegido para produção diversificada e saudável de alimentos, fez barreiras de proteção vegetal para diminuir a contaminação por agrotóxicos aplicados nas culturas convencionais de milho e soja transgênicos, produzidos na sua unidade de produção e nas lavouras dos vizinhos. Para ela dificilmente a unidade de produção algum dia venha se tornar orgânica ou agroecológica. Aponta como desafio o envelhecimento do

²² Trata-se do uso de Microrganismos Eficientes, que são fungos, bactérias, coletados na natureza especialmente nas matas, pelas mulheres e preparado uma solução que é utilizada para melhorar a fertilidade dos solos e a nutrição das plantas. Usado também nos animais e para fazer a limpeza das casas, e instalações dos animais.

casal e a falta de interesse dos jovens em assumir a unidade de produção e diz que no futuro, provavelmente a terra seja alugada para outra pessoa no qual terão dificuldades de controlar.

Na verdade lá em casa agora, a gente tem um espaço grande que a gente tá produzindo meio que tudo, mas ainda uma parte da propriedade, ainda é plantada soja, então a propriedade ela não é orgânica, tem químico porque a parte que eles plantam soja, aí já é soja transgênica, porque hoje em dia não, tem outra semente, então é tudo assim. Mas a gente tem um bom espaço, tá tentando deixar como a gente diz, quebra vento, onde a gente planta o soja, a parte que a gente tem as parreiras, os amendoim, as pipocas, pro veneno não passar pra aquele lado né. Então a gente tá tentando deixar quebra vento, acho que diz que é pro veneno não ir, que não é toda a propriedade, é um espaço bom, grande, que foi escolhido pra isso mesmo, que é um lado da terra que não fica no meio onde é passado veneno e até porque dá, porque na propriedade vizinha, eles têm pastagem perene, então dificilmente é passado algum produto químico lá, então já fecha, porque na maioria das vezes a gente tinha problema com as divisas com os morador, mas aquele espaço ficou bom, que dificilmente vai chegar o veneno. Mas acho que se encontra em processo de transição porque na parte onde produzimos a alimentação, é agroecológico, não usa nada de produto químico, a gente usa repelente natural, adubo esterco de vaca que a gente pega dos animais que tem lá, mas não é [totalmente] agroecológico porque do outro lado tem a planta, o soja por exemplo. Ano passado tinha milho, esse ano, o soja. Não sei se um dia vai se tornar totalmente orgânico ou agroecológico, porque a gente tá ficando velho, os novos não estão se interessando, então provavelmente vai ser alugado pra alguém que tu não vai ter como ter o controle né. (LUCIMAR).

Para Adélia a verdadeira agroecologia é um desafio

[...] porque a verdadeira agroecologia, nem adubo orgânico tu deveria usar, porque a verdadeira agroecologia é o espaço ali, a terra tem que dar tudo que a planta precisa e os nossos terrenos ainda não são assim, embora que nós adubamos com adubação verde, com esterco e assim, mas ele não dá pra dizer que é agroecológico.

No seu quintal produtivo, Adélia produz a diversidade de alimentos para o autoconsumo do grupo familiar, sem o uso de maquinários e produtos químicos, sendo que na mesma unidade de produção a área de terra trabalhada pelos filhos é de produção convencional. Identifica a experiência do seu quintal produtivo no processo de transição para agroecologia, no qual está aplicando alguns princípios da produção agroecológica.

O que vou te dizer, no meu quintal produtivo, eu produzo muita coisa pro grupo familiar, porque eu e meu marido, nós plantamos pro consumo, os pequenos animais, engordamos os terneiros pequenos, as galinhas e plantamos no quintal a mandioca, o arroz, feijão, a cebola, pipoca, amendoim e a batata doce, a batatinha. Nós produzimos todas essas coisas né. Eu não sei como, eu dizia, embora outra área de produção é convencional, se faz com máquina e tudo, mas essas áreas nossas de produzir os alimentos é sem máquina e sem adubo, sem produto químico. Mas como já falei não é totalmente livre [de agrotóxicos], mas eu diria que não é o modelo ainda ideal né, ainda não é o modelo ideal. Identifico meu quintal numa transição para agroecologia onde a gente aplica alguns princípios agroecológicos, mas não é o modelo agroecológico ideal. (ADÉLIA).

Conforme os autores Caporal e Costabeber (2007), a transição agroecológica pode ser definida como o processo gradual de mudança através do tempo nas formas de manejo e gestão dos agroecossistemas, tendo como objetivo a mudança de um sistema de produção convencional para um sistema de base ecológica, que também requer a mudança de valores e atitudes dos atores sociais com relação aos bens naturais e ao ambiente.

A transição agroecológica, desde a perspectiva aqui adotada, pode ser definida como o processo gradual de câmbio através do tempo nas formas de manejo e gestão dos agroecossistemas, tendo como meta a passagem de um sistema de produção “convencional” (que pode ser mais ou menos intensivo em insumos externos) a outro sistema de produção que incorpore os princípios, métodos, tecnologia com base ecológica. Nesta definição a ideia de “base ecológica” da atividade agrária se refere a um processo de ecologização dinâmico, contínuo e crescente, através do tempo, e sem ter um tempo final determinado. Esse processo de ecologização implica não somente uma maior racionalização produtiva em base as especificidades biofísicas de cada agroecossistema, mas também uma mudança de atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo dos recursos naturais e à conservação do meio ambiente. (CAPORAL; COSTABEBER, 2007, p. 47).

A ciência da agroecologia adota o agroecossistema como unidade de análise e aplicação dos conceitos e princípios ecológicos, conforme define Altieri (2012, p. 105-106):

Os agroecossistemas são comunidades de plantas e animais interagindo com seu ambiente físico e químico que foi modificado para produzir alimentos, fibras, combustíveis e outros produtos para consumo e utilização humana. A agroecologia é o estudo holístico dos agroecossistemas, abrangendo todos os elementos ambientais e humanos. Sua atenção é voltada para a forma, a dinâmica e a função de suas interrelações, bem como para processos nos quais estão envolvidos.

Com base nessas definições que fundamentam o saber agroecológico e nos desafios apontados pelas mulheres camponesas entrevistadas para avançarem na prática da agroecologia, podemos constatar os seguintes obstáculos: o sistema de dominação patriarcal, o modelo de produção agrícola convencional, a falta de políticas públicas, a inexistência de recursos financeiros para fomentar a produção agroecológica, a dificuldade de compreensão e conscientização das famílias e da sociedade. Esses desafios presentes na vida da maioria das mulheres camponesas sempre foram e ainda são colocados pelas mulheres camponesas nos debates do MMC/SC como questões necessárias a serem discutidas, estudadas e superadas através de um longo processo de diálogo e conscientização, primeiramente nas famílias para que de fato elas possam avançar na agroecologia.

Politicamente as mulheres camponesas têm consciência de que o modelo de agricultura convencional não serve para elas, e tendo isso claro, os questionamentos são

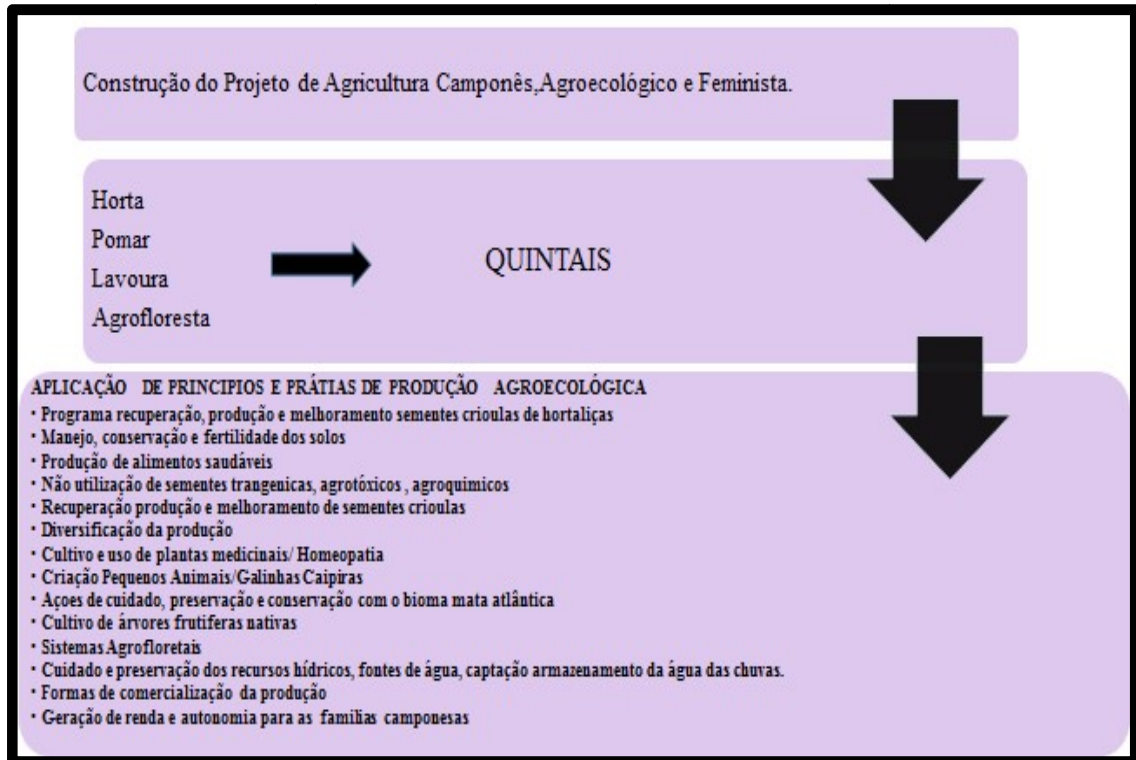
frequentes: Como fazer na prática a agroecologia? Como iniciar a transição para agroecologia? E elas compreendem que não é uma tarefa simples fazer a mudança de um modelo de produção convencional trabalhado pela família para uma proposta de produção de base agroecológica, é um processo lento e bastante complexo, não existe uma receita ou mesmo uma metodologia pronta que contemple as questões de conscientização, mudança de atitudes e valores, e de como superar um sistema de dominação patriarcal, machista, no qual as mulheres camponesas infelizmente estão inseridas.

Coletivamente as mulheres camponesas constroem o projeto de agricultura camponês, agroecológico e popular contemplando a realidade de vida, o trabalho e a prática das mulheres. Iniciam na prática processos de transição para agroecologia a partir dos espaços de maior domínio das mulheres, primeiro a horta depois o pomar, a lavoura e mais adiante, compreendem que esses espaços agregados constituem seus quintais produtivos, e neles realizam suas experiências práticas de produção com princípios agroecológicos, tendo como objetivo avançar na transição agroecológica para toda unidade de produção familiar, até chegarem a uma agrofloresta.

3.7 O MÉTODO DE TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA DO MMC/SC

O esquema abaixo apresenta a metodologia, os passos que o Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina foi construindo coletivamente com as mulheres camponesas como estratégia para avançar em processos de transição para a agroecologia.

Figura 4 - Passos para a transição Agroecológica no MMC/SC



Fonte: autora (2021)

Os processos de formação social, política, cultural, técnica e produtiva em torno da agroecologia no MMC/SC, estão em construção e quando se trata de experiências práticas de produção agroecológica, é possível identificar experiências desenvolvidas pelas mulheres e suas famílias em quatro diferentes estágios: 1) Experiências de produção com princípios da agroecologia no espaço dos quintais desenvolvida só pelas mulheres; 2) Experiências de produção com princípios da agroecologia no espaço dos quintais desenvolvida pelo casal e em alguns casos também com envolvimento dos filhos(as); 3) Experiências em que as Unidades de Produção Familiar estão em processo de transição para a agroecologia e, 4) Experiências de produção Agroecológica mais consolidada.

Essas experiências estão sendo construídas a partir de muita luta e persistência das mulheres camponesas e em alguns casos percebemos que suas práticas têm convencido, motivado e envolvido suas famílias para construção de uma proposta de produção agroecológica. Porém, conforme destacamos acima, os desafios a serem superados pelas mulheres camponesas para poder avançar na produção agroecológica são inúmeros, exige um esforço muito grande, elas não podem desanimar, lutam diariamente e é no espaço dos seus quintais produtivos que geralmente possuem maior domínio, vão construindo experiências com princípios da agroecologia. Para não desanimarem, o apoio do movimento como força coletiva neste processo é fundamental.

Segundo Altieri (2012), a agroecologia emerge como disciplina que disponibiliza os princípios ecológicos básicos sobre como estudar, projetar e manejar agroecossistemas produtivos e sustentáveis do ponto de vista econômico e social, mas além disso a proposta da agroecologia também ressalta a importância dos agroecossistemas complexos que contempla as interações dos processos ecológicos que ocorrem em condições naturais como: ciclagem de nutrientes, interações predador-presa, competição, simbiose e mudanças decorrentes de sucessões ecológicas. É fundamental compreender essas relações e processos ecológicos para aplicar os princípios ecológicos visando o redesenho de agroecossistemas sustentáveis. Nessa lógica o autor aponta os seguintes princípios ecológicos:

- Aumentar a ciclagem de biomassa e otimizar a disponibilidade e o fluxo equilibrado de nutrientes.
- Assegurar solo com condições favoráveis para o crescimento das plantas, particularmente por meio do manejo da matéria orgânica e do incremento de sua atividade biológica.
- Minimizar as perdas decorrentes dos fluxos de radiação solar, ar e água, e da cobertura do solo.
- Promover a diversificação inter e intra espécies no agroecossistema, no tempo e no espaço.
- Aumentar as interações biológicas e os sinergismos entre os componentes da biodiversidade promovendo processos e serviços ecológicos chaves. (ALTIERI, 2012, p.106).

Para os autores como Machado e Machado Filho (2014), antes de formular procedimentos que põem em prática a produção agroecológica, é preciso estabelecer princípios básicos a serem observados em qualquer escala e qualquer latitude. Os autores elaboraram os seguintes princípios agroecológicos de manejo e condutas sustentáveis que são totalmente distintas das tecnologias vigentes do agronegócio. Assim,

- Respeitar e usar racionalmente e proteger os bens naturais - ar, água, solos, fauna, flora, biomas;
- Respeitar a cidadania;
- Respeitar a biodiversidade;
- Respeitar o bem-estar animal;
- Realizar a policultura na mesma área agrícola
- Não arar
- Não gradear;
- Não usar qualquer instrumento de agressão ao solo
- Não usar sementes transgênicas;
- Não usar agrotóxicos;
- Não usar na produção animal, ivermectina e seus derivados químicos;
- Não utilizar fertilizantes solúveis;
- Realizar semeadura em máquinas de plantio direto;
- Em escalas artesanais ou quando se faz o PRV, realizar a semeadura com sobressemeadura e pisoteio com animais;
- Usar máquinas apropriadas e mais leves. (MACHADO E MACHADO FILHO, 2014, p. 199-200).

O autor Costa (2017) também colabora nesse sentido. A orientação de um sistema agrícola pelos conteúdos da agroecologia implica na observância de alguns princípios e orientações básicas fundamentadas nos conhecimentos e acúmulos da ecologia e da agricultura tradicional (COSTA, 2017, p. 83). Para o autor alguns princípios são importantes a serem observados, tais como:

- A diversificação e a integração das explorações;
- A genética determinada pelo clima;
- O manejo e conservação do solo;
- O manejo e conservação da água;
- O manejo e conservação Flora;
- A sanidade Vegetal;
- O manejo das plantas espontâneas;
- A produção e nutrição animal;
- A agregação de Valor à produção;
- Aspectos políticos e Institucionais. (COSTA, 2017, p. 86-113).

Os autores acima citados destacam os princípios fundamentais a serem considerados visando uma proposta de produção com base na agroecologia. Nos quintais produtivos manejados pelas mulheres camponesas, identifica-se muitos desses princípios. Aqui não conseguiremos abordar todos, destacamos três deles, manejo e conservação dos solos, a diversificação da produção e a eliminação dos agroquímicos.

3.7.1 Manejo e conservação do solo

Nos quintais produtivos das mulheres camponesas costuma-se dar uma atenção especial com relação ao manejo, fertilidade e conservação do solo conforme os ensinamentos de Ana Maria à natureza o ambiente ele influi em tudo. (PRIMAVESI, 2009). O solo não pode ser visto apenas como substrato usado como suporte para as plantas. Primavessi compreende o solo como um ser vivo”.

Na agricultura de precisão o solo está sendo considerado como simples substrato morto que se trabalha com tratores guiados por satélite e cujo os computadores fazem a análise química e da umidade, adubando com KPK²³, e indicando a irrigação. Mas de fato, não é um substrato morto como na lua, mas um ser vivo e

²³A sigla NPK, são os macronutrientes Nitrogênio, Fósforo e Potássio.

sem vida não funcionam as delicadas inter relações, que ligam toda a natureza como uma teia. (PRIMAVESI, 2009, p. 17).

Para os autores Machado e Machado Filho (2014, p. 296) o solo também é concebido como um ser vivo

[...] somente um solo vivo pode manter uma atividade agrícola limpa, eficiente e viável economicamente ao longo do tempo e na mesma área. No conceito agroecológico, a adubação não é feita para nutrir a planta, mas para alimentar a vida no solo, disponibilizando às plantas os nutrientes necessários.

O autor Costa (2017), afirma que o conceito agroecológico de solo fértil incorpora os aspectos físicos, químicos e biológicos, e não apenas os indicadores físicos e químicos como faz a agronomia tradicional.

No espaço dos quintais, o manejo ecológico do solo realizado pelas mulheres camponesas, tem como um dos primeiros passos a desintoxicação dos solos, pois esses na maioria dos casos, já foram utilizados para produção convencional e se encontram contaminados pelo uso de agrotóxicos, fertilizantes industriais solúveis, dentre outras tantos produtos além de práticas adotadas que causaram sua degradação. Em seguida é necessário fazer a recuperação e manutenção da fertilidade do solo, procurando contemplar um dos princípios apontados por Altieri (2012) que é “assegurar ao solo as condições favoráveis para o crescimento das plantas, particularmente por meio do manejo da matéria orgânica e do incremento de sua atividade biológica.” (ALTIERI, 2012, p. 106).

O manejo e as práticas utilizadas pelas mulheres camponesas em seus quintais, buscam uma melhor eficiência na ciclagem de nutrientes, bem como a manutenção e melhoria das características físicas, químicas e biológicas do solo. Entre os adubos utilizados para melhorar a fertilidade dos solos, estão a adubação verde. De acordo com os autores Techio e Macagnam (2006), a adubação verde contribui para melhorar as características do solo, é eficiente no controle da erosão e na ciclagem de nutrientes e também contribui para o aumento da produtividade das culturas.

Os adubos verdes são definidos como a utilização de plantas de cobertura em rotação, sucessão ou consorciação com culturas, visando à proteção superficial bem como a manutenção e melhoria das características físicas, químicas e biológicas do solo, inclusive em profundidades significativas. O uso de plantas de cobertura verde é eficiente no controle da erosão e na ciclagem de nutrientes²⁴, evitando perdas,

²⁴Entende-se como ciclagem de nutrientes o processo de absorção dos nutrientes minerais disponíveis no solo pelas plantas de um determinado ecossistema, sua translocação interna nesses vegetais, e o retorno desses nutrientes acumulados na fitomassa (massa dos vegetais) novamente para o solo, reiniciando assim o ciclo de

principalmente de nitrogênio por lixiviação. Algumas espécies promovem aumentos consideráveis de rendimentos nas culturas subsequentes, tornando altamente econômicas. (TECCHIO, MACAGNAN, 2006, p.79).

As mulheres camponesas também costumam utilizar em seus quintais para melhorar a fertilidade dos solos, húmus de minhoca, compostos e esterco de animais provenientes da sua própria unidade de produção. De acordo com os autores citados acima, “[...] os estercos são excrementos sólidos e líquidos dos animais. A aplicação de esterco agrega nutrientes, aumenta a retenção da umidade e melhora a atividade biológica, e como consequência, a fertilidade e a produtividade do solo.” (TECCHIO; MACAGNAN, 2006, p. 77).

3.7.2 Produção diversificada de espécies vegetais e animais

A diversificação é um princípio bastante considerado e presente nos quintais produtivos manejados pelas mulheres camponesas. O autor Costa (2017, p. 87) afirma que

[...] a diversificação das explorações é especialmente importante para atingir uma maior estabilidade biológica no agroecossistema e a consequente redução dos problemas de fito zoo sanitário. Diversificação essa que guarda estreita relação com a genética das explorações vegetais, animais e seu grau de adaptação a cada ecologia.

Conforme destaca Altieri (2012, P. 110) “[...] existem várias estratégias para restaurar a diversidade agrícola no tempo e no espaço, incluindo rotação de culturas, cultivos de cobertura, policultivos/consórcios, e integração com a criação animal, além de outras estratégias similares que apresentam as seguintes características ecológicas.” Os policultivos/consórcios, rotação de culturas, os sistemas agroflorestais, integrado com a criação animal, são estratégias de diversificação de manejos adotadas pelas mulheres camponesas em seus quintais.

Os autores Altieri (1994) e Gliessman (1998) apontam que a diversidade de espécies vegetais (hortaliças, verduras, tubérculos, grãos, cereais, frutas, ervas medicinais, flores, lenha, etc.) assume grande valor nos agroecossistemas por vários motivos. Assim, indica que

absorção e decomposição. Esse é um dos ciclos mais importantes para vida no planeta, pois é a partir dele que as árvores e outros vegetais conseguem se desenvolver adequadamente. (FLORESTAL, 2021).

- À medida que a diversidade aumenta, crescem também as oportunidades para que as espécies possam coexistir e interagir de forma benéfica, o que pode contribuir bastante para a sustentabilidade do agroecossistema.
- Uma maior diversidade sempre permite que seja feito um melhor uso dos recursos do agroecossistema. Existe uma melhor adaptação à heterogeneidade do habitat, levando a uma complementaridade nas necessidades das diferentes espécies cultivadas, a uma diversificação de nichos, a uma sobreposição dos nichos das espécies, e ao compartilhamento dos recursos.
- Os ecossistemas nos quais as plantas estão intercaladas possuem maior resistência associada a insetos herbívoros, uma vez que neles existe uma maior abundância e diversidade de inimigos naturais que mantém sob controle populações de espécies individuais de herbívoros.
- A combinação de diferentes cultivos gera uma diversidade de microclimas dentro dos sistemas agrícolas, que pode fazer que eles sejam ocupados, por um conjunto de organismos espontâneos – inclusive predadores benéficos, parasitóides, polinizadores, fauna do solo, e antagonistas – que cumprem um papel importante para totalidade do sistema.
- A diversidade na paisagem agrícola pode contribuir para a conservação da biodiversidade nos ecossistemas naturais do entorno.
- A diversidade do solo favorece uma variedade de serviços ecológicos, tais como ciclagem de nutrientes, a desintoxicação de substâncias químicas prejudiciais e a regulação no crescimento das plantas.
- A diversidade diminui o risco de prejuízo para os agricultores, especialmente os que vivem em áreas marginais com condições ambientais de alta instabilidade. Num sistema diversificado, se a produtividade de um cultivo é comprometida, os rendimentos gerados por outras culturas podem compensar as perdas. (ALTIERI, 2012, p. 112).

A diversificação tanto de espécies vegetais como de animais manejada e presente nos quintais produtivos das mulheres camponesas, favorece para que ocorra melhor equilíbrio ecológico e contribui para a elaboração de um cardápio diário, contendo uma grande diversidade de alimentos saudáveis para o consumo das famílias, e ao mesmo tempo que produzem uma diversidade de alimentos, também se preocupam com a preservação e conservação dos bens naturais (solo, água, florestas), e conseqüentemente a manutenção da biodiversidade local para que essas e as futuras gerações possam usufruir. A diversificação presente em seus quintais também contribui para a renda e autonomia econômica das famílias camponesas.

3.7.3 Eliminação do uso de agroquímicos: os transgênicos

A construção coletiva do projeto de agricultura baseado nos princípios da agroecologia acompanhado de um intenso processo de formação e conscientização, foi importante para que as mulheres camponesas tomassem a decisão de não utilizar mais em seus espaços de

produção, os agroquímicos, seja as sementes híbridas ou transgênicas, os fertilizantes solúveis e os agrotóxicos.

Em suas experiências de produção orientadas pelos princípios da agroecologia, as mulheres camponesas fazem uso das sementes crioulas, sendo que muitas delas estão sendo preservadas e cuidadas pelas famílias há muitas gerações. As sementes crioulas também são multiplicadas através de doação e trocas entre as mulheres, são sementes crioulas produzidas, selecionadas e melhoradas em suas unidades de produção, aprendizados adquiridos também por meio do projeto Semente Crioulas do MMC/SC. Além de serem fontes naturais de produção diversificada de alimentos, são símbolos de resistência aos agroquímicos transgênicos. Por causa de sua importância na realização de eliminação de agroquímicos, discorreremos um pouco sobre o que são sementes crioulas e sua importância para a perspectiva agroecológica do Movimento.

Semente crioula segundo a definição do autor Maicá (2012, p. 701),

[...] é o material cultivado localmente, geração após geração, o que determina sua adaptação à comunidade onde está sendo cultivado, pelos camponeses que ali habitam. A semente é selecionada pelo método de seleção massal. Como exemplo podemos citar as diversas variedades de milho, feijão e alface entre outros, dos quais os agricultores possuem as sementes por várias gerações, sementes que são constantemente plantadas e multiplicadas localmente. À medida que o agricultor seleciona as sementes durante certo período de tempo ele melhora e aclimata as variações de um local.

Para Carvalho (2005), as pessoas estabelecem com as sementes nativas, varietais ou crioulas, uma relação afetiva carregada de simbologias, ritos e saberes, é um patrimônio genético que acompanha a humanidade servindo como alimento para corpo e para as emoções e que possibilita uma maior relação ser humano natureza.

As pessoas se relacionam com as sementes nativas, varietais ou crioulas de maneira afetiva. Instintivamente ou pela mediação simbólica nos usos e costumes, as pessoas sabem que as sementes carregam nas suas entranhas a história de um patrimônio genético pleno de diversidade. As sementes crioulas têm sido guardadas, reproduzidas e melhoradas milenarmente pelos camponeses e povos indígenas em todo o mundo. Elas têm garantido para eles e para toda a humanidade a diversidade étnico-ambiental que herdamos. Tais sementes têm servido como alimento para o corpo e para as emoções. Elas mediam crenças nas relações místicas com o sagrado, unem os diferentes quando se fazem alimentos no cotidiano da vida social, insinuam a partilha pelo seu significado de alimento potencial que pode ser repartido entre os que necessitam plantar e deixam-se latente para despertar como a genealogia de um insuspeitado vir-a-ser, de uma nova ou renovada relação dos homens com a natureza. (CARVALHO, 2005, n.p.).

Para as mulheres camponesas organizadas no MMC, as sementes crioula²⁵ são resistência ao modelo capitalista convencional de agricultura e representam a resistência e luta pela soberania alimentar e autonomia sobre a nossa produção, sobre nosso direito de ter acesso à alimentos saudáveis. (SILVA; RAUBER, 2020).

Segundo Maicá (2012, p. 703) “[...] antes as sementes pertenciam a toda a comunidade. Eram um bem comum, um símbolo da vida e, em muitas culturas eram vistas como algo sagrado. Na atualidade as sementes se tornaram mercadoria”. O avanço do modelo de agricultura capitalista convencional, sobre os territórios e os biomas brasileiros, têm contribuído para a erosão genética de inúmeras espécies e variedades de sementes crioulas que eram cultivadas pelas famílias camponesas. Diante dessa problemática, o MMC sempre teve a preocupação com a recuperação, produção, melhoramento e multiplicação das sementes crioulas, pois tem a compreensão que as sementes crioulas são patrimônio da humanidade.

O trabalho realizado pelas mulheres camponesas no que diz respeito à recuperação e multiplicação das sementes crioulas, foram decisivos na produção de alimentos saudáveis, na preservação e multiplicação dos saberes e conhecimentos, no uso das plantas e ervas e raízes que geram vida ressignificando nossa identidade de mulher camponesa, trabalhadora rural e produtora de alimentos. (SILVA; RAUBER, 2020).

As sementes crioulas têm um significado amplo para as mulheres camponesas, são sementes que geram vida, partilha, saberes que estabelecem uma conexão com a história dos seus antepassados, representa a luta e resistência da cultura camponesa. E para avançar na prática agroecológica, as sementes crioulas são fundamentais, pois através delas produzem seus alimentos saudáveis e garantem a soberania alimentar e nutricional. Com as sementes crioulas é possível diversificar a produção, gerar autonomia, independência, liberdade, poder de decisão sobre o que, e como produzir.

A prática das mulheres camponesas de recuperar, produzir, melhorar e multiplicar as sementes crioulas contribui para preservação e manutenção das sementes crioulas e permite que elas estejam sob o domínio dos camponeses e camponesas e das comunidades tradicionais, bem como exercem um papel fundamental para conservação e manutenção da agrobiodiversidade local para essas e as futuras gerações. Através de suas experiências práticas de produção em seus quintais fazem o enfrentamento às grandes empresas multinacionais capitalistas que controlam e monopolizam o comércio de sementes transgênicas.

²⁵ Na região serrana de Santa Catarina, as mulheres camponesas encontraram em torno de 37 variedades de sementes de couve.

3.7.4 Eliminação do uso de agroquímicos: os agrotóxicos

Perguntamos para as mulheres camponesas entrevistadas se seu quintal era agroecológico? A maioria delas respondeu que sim, pelo fato de fazer muitos anos que não utilizam nesse espaço nenhum tipo de insumo químico ou agrotóxicos. Esta resposta das mulheres camponesas pode ser considerada uma visão limitada e reducionista sobre a agroecologia, mas para elas, eliminar o uso de fertilizantes e agrotóxicos no seu quintal, na lavoura, é um passo importante para avançar com a prática e os princípios da produção agroecológica, pois possuem a compreensão sobre os malefícios e consequências causados pelo uso intensivo de agrotóxicos e que esses são responsáveis pela contaminação dos alimentos, do solo, das águas, acabam com a biodiversidade e provocam inúmeros problemas de saúde às pessoas.

O Instituto Nacional de Combate ao Câncer (INCA), traz uma definição do que são agrotóxicos. Nos indica que

Agrotóxicos são produtos químicos sintéticos usados para matar insetos, larvas, fungos, carrapatos sob a justificativa de controlar as doenças provocadas por esses vetores e de regular o crescimento da vegetação, tanto no ambiente rural quanto urbano. Os agrotóxicos têm seu uso tanto em atividades agrícolas como não agrícolas. As agrícolas são as relacionadas ao setor de produção, seja na limpeza do terreno e preparação do solo, na etapa de acompanhamento da lavoura, no depósito e no beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens e nas florestas plantadas. O uso não agrícola é feito em florestas nativas ou outros ecossistemas, como lagos e açudes, por exemplo. (INCA, 2021, n.p.).

Na agricultura convencional são utilizados muitos agrotóxicos e produtos que causam impactos sobre o ambiente e a saúde das pessoas. São inseticidas, fungicidas, herbicidas, raticidas, acaricidas, desfolhantes, nematocidas, moluscicidas e fumigantes. (RIGOTTO; ROSA, 2012).

O uso intensivo dos agrotóxicos causa efeitos degradantes para a saúde das pessoas e para o ambiente. As mulheres camponesas enfrentam muitos problemas com uso intensivo dos agrotóxicos, pois estes contaminam suas plantações e em alguns casos que o uso é intensivo próximo às suas unidades de produção ou mesmo na mesma área, têm dificuldade de produzir algumas culturas.

Conforme destaca o autor Görge (2004, p. 75) “[...] o uso intensivo de venenos tem causado vários problemas para plantas que não são alvos das aplicações. Por exemplo, os pequenos agricultores têm dificuldades de cultivar mandioca e uvas onde se usam muitos herbicidas à base de glifosato ou 2,4-D²⁶.”

A compreensão que as mulheres camponesas possuem com relação às consequências dos agroquímicos, os saberes herdados de seus ancestrais, somado à formação, luta e ao trabalho do MMC na busca por uma produção limpa, saudável baseada nos princípios da agroecologia, são as motivações para que no espaço dos seus quintais, seja eliminado o uso de fertilizantes, de sementes híbridas, transgênicas e dos agrotóxicos.

Em seus quintais os fertilizantes são os esterco dos animais e biofertilizantes. Para o controle do ataque de pragas e doenças, costumam usar receitas caseiras de repelentes, caldas²⁷ e para o plantio, as sementes utilizadas são sementes crioulas adaptadas localmente que são mais resistentes ao ataque de pragas e doenças.

²⁶O glifosato é um dos venenos mais consumidos mundialmente. Criado nos anos 1950 pela indústria farmacêutica, o princípio ativo ficou conhecido nos anos 1970, quando a empresa Monsanto – hoje pertencente à Bayer – desenvolveu um poderoso herbicida. Suas vendas estouraram quando a companhia lançou sua linha de sementes transgênicas Roundup, resistentes ao glifosato, nos anos 1990. A soja, o milho e o algodão resistentes ao herbicida permitiram ao setor agrícola ampliar o uso do glifosato nas lavouras para matar ervas daninhas. O herbicida à base de glifosato é aplicado nas folhas de plantas daninhas, aquelas que nascem espontaneamente no meio das lavouras e prejudicam a produção agrícola. Ele bloqueia a capacidade da planta de absorver alguns nutrientes. “É um produto usado para matar planta”, diz Luiz Cláudio Meirelles. “No início, não era possível usá-lo durante o plantio, porque matava também aquilo que se queria cultivar. Com a soja geneticamente modificada, resistente ao glifosato, passou a ser possível.” O glifosato também pode ser usado como dessecante. Ou seja, se o produtor quiser colher a soja e por algum motivo ela ainda estiver verde, o herbicida uniformiza a lavoura e permite antecipar a colheita. **No ano de 2019 a Anvisa faz reavaliação do glifosato, iniciada em 2008, e permite seu uso no Brasil. Afirma que a substância “não apresenta características mutagênicas e carcinogênicas”.** A agência avaliou 16 pareceres próprios e 3 externos. Até 6 de junho estão abertas as consultas públicas sobre o glifosato no país. (FIOCRUZ, 2021).

O veneno 2,4-D: foi usado por exército dos EUA na Guerra do Vietnã para desfolhar árvores o que levou a destruição das plantações de arroz do país. O 2,4-D tem um grande poder desfolhante, atingindo principalmente as plantas de folhas largas (como é o caso das parreiras de uva). Na matéria de Pedro Neves Dias na página do Brasil de Fato escreve que o veneno pulverizado em plantações de soja contamina outros cultivos no Rio Grande do Sul. O herbicida se espalha com o vento, prejudicando diversas outras culturas vizinhas, como a da uva. Destaca que a utilização de agrotóxicos que têm como base o 2,4-D (ou ácido diclorofenoxiacético) está prejudicando uma série de produtores rurais da região da Campanha, principalmente a cultura da uva, mas não somente. Afeta também produtores de erva-mate, maçã, nozes, mirtilo, hortaliças e oliveiras. (BRASIL DE FATO, 2021). As mulheres camponesas relatam que em áreas próximas onde se utilizam muito desses agrotóxicos estão tendo dificuldade de produzir culturas como da uva, chuchu, hortaliças, etc.

²⁷As caldas, repelentes e biofertilizantes são preparados sob a orientação das receitas publicadas em matérias, bibliografias lidas, pesquisados pelas mulheres camponesas. Entre eles cito os da EMBRAPA, EPAGRI, CAPA, AS-PTA e outros. Ou então pela socialização e troca de aprendizados, realizados nos encontros, seminários, oficinas do MMC/SC, quando realizam experiências práticas em que as próprias mulheres ensinam as demais como fazer caldas, repelentes, biofertilizantes, que geralmente elas aprenderam fazer em encontros que participam da REDE ECOVIDA, em Jornadas e encontros de Agroecologia, ou em encontros nos Municípios em parceria com a EPAGRI, CAPA entre outras entidades.

Essas práticas e técnicas adotadas pelas mulheres camponesas em seus quintais, são importantes pelo fato de promover autonomia econômica, mas também a autonomia em poder decidir sobre “o que” e “como” plantar, que técnicas e insumos utilizar tendo presente que são de baixo custo, que possibilita maior agregação de valor e renda para sua produção e principalmente a não dependência da indústria fornecedora de agroquímicos.

O papel desempenhado pelas mulheres camponesas como guardiãs das sementes crioulas com a prática de cultivar e manejar grande biodiversidade de espécies historicamente, tem contribuído para a segurança e soberania alimentar dos povos. A agroecologia é uma ciência integradora de outras ciências, as mulheres camponesas foram aproximando o conhecimento teórico científico da agroecologia com seus saberes e no espaço dos seus quintais estão desenvolvendo experiências práticas com objetivo de avançar no fortalecimento da produção agroecológica.

4 QUINTAIS PRODUTIVOS E A PRÁTICA EDUCATIVA DAS MULHERES CAMPONESAS

Nossa pretensão aqui é aprofundar mais sobre a temática da pesquisa: Quintais Produtivos, suas definições, conceituações e características a partir de uma abordagem teórica alinhada com a prática educativa construída pelas mulheres camponesas. Desse modo, retomamos aqui um dos objetivos específicos desta pesquisa que é analisar e identificar na prática educativa dos quintais produtivos, a experiência desenvolvida pelo MMC/SC quanto aos possíveis benefícios sociais, econômicos e ecológicos, bem como, as contribuições que estes trazem para a autonomia econômica das mulheres e o fortalecimento da prática agroecológica.

4.1 QUINTAIS PRODUTIVOS

Iniciamos o debate sobre a temática de pesquisa “Quintais”. Nos dicionários, a palavra quintal tem, entre outros significados, o de “pequena quinta”, aludindo-se a pequenas propriedades rurais ou chácaras. Desta maneira, os quintais são etimologicamente associados às atividades de produção agrícola e à vida no campo. (ALMADA; SOUZA, 2007).

Quando nos referimos aos quintais, existe uma grande variação na nomenclatura acadêmica utilizada para defini-los, mas é preciso ter uma atenção especial para não confundir com jardins e hortas, embora estes também possam ser elementos constituintes dos quintais e no Brasil, encontramos terminologias diferentes para designar estes espaços. Em Minas Gerais, por exemplo, é comum em diversas regiões, referir-se aos quintais como terreiros. Para além da diversidade terminológica, os quintais têm sido objeto de importantes pesquisas em diversos campos do conhecimento, em especial nas ciências biológicas, agrárias e na antropologia social. (ALMADA; SOUZA, 2007).

Já para o autor Amaral (2008 apud PEREIRA; NETO, 2015, p. 2), “[...] os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, fato esse que, por si só, indica sua sustentabilidade. Embora esse sistema de produção de múltiplas espécies tenha provido e sustentado milhões de pessoas economicamente, pouca atenção científica tem sido destinada ao assunto.”

Na bibliografia estudada encontramos em Brito e Coelho (2000), a definição do termo que se aproxima com os quintais manejados pelas mulheres camponesas. Assim,

No Brasil, Quintal é o termo utilizado para se referir ao terreno situado ao redor da casa, definido, na maioria das vezes, como a porção de terra próxima à residência, de acesso fácil e cômodo, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família, bem como outros produtos, como lenha e plantas medicinais. (BRITO; COELHO, 2000, p. 03).

Para Almada e Souza (2007, p. 23), “[...] os quintais são espaços que se constituem como patrimônio biocultural. Portanto, a variedade de espécies, sistemas de manejo, saberes e memórias associadas aos quintais, constituem o patrimônio biocultural das cidades e comunidades onde estão presentes.”

Continuando com o debate dos mesmos autores que afirmam que os quintais são espaços de memórias e resistências travadas pelos movimentos sociais e populares, pelas comunidades tradicionais do campo bem como das periferias urbanas à nível mundial, essa memória e resistência preservada pelas pessoas e pelas comunidades em seus quintais é que podem contribuir para caminhos das terras do “bem-viver”.

O debate sobre o patrimônio biocultural dos quintais, as memórias e resistências a eles associados inserem-se, portanto, nas lutas cosmopolíticas travadas pelos movimentos sociais e populares, comunidades rurais e tradicionais da periferia do sistema mundial. Os quintais são lócus da memória coletiva e individual, materializado nas espécies de plantas e animais, objetos, sistemas de manejo e saberes ecológicos que os constituem. Memórias constantemente atualizadas e restabelecidas por meio da reprodução da vida nos quintais. Talvez os quintais sejam de fato “resquílios de mundos da vida pré-capitalista”, como também podem ser centelhas que iluminam o caminho para um mundo pós-capitalista, para as terras do bem-viver. (ALMADA; SOUZA, 2007, p. 26).

Sobre o princípio da diversificação, definindo os quintais como sendo “[...] formas altamente eficientes de uso da terra visto que incorporam diversas culturas com diferentes hábitos de crescimento, tendo como resultado uma estrutura semelhante às florestas tropicais, com diversas espécies, e uma configuração em estratos, imitando o processo de sucessão”. (ALTIERI apud PEREIRA; NETO, 2015, p. 2).

Esses autores trazem o significado do termo Quintal, base teórica bastante relevante e importante para que possamos descrever e compreender sobre os quintais manejados pelas mulheres camponesas. Comentamos nas páginas anteriores que a definição coletiva pelo uso do termo “quintal” no Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina é bastante recente, nesse sentido faremos um esforço para construirmos um relato histórico a partir das entrevistas.

A teoria estudada nos disse que os “quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra” e que se trata da produção realizada próxima às residências. Não possuímos conhecimento de quantas e quais regiões do país, nem mesmo do Estado de Santa Catarina de como as pessoas costumam fazer referência a esse termo. Mas para esta pesquisa, pretendemos descrever como o MMC/SC definiu coletivamente, adotar o uso desse termo. Carmem lembra que o debate sobre quintal iniciou no MMC em nível nacional: “[...] *a partir de uma discussão a nível nacional que se criou essa ideia dos quintais, porque que não era em todas as regiões do Brasil que a horta, o pomar, é um fator de produção.*”

Algumas regiões do país onde o MMC está organizado, costumam se referir ao espaço de produção realizado pelas mulheres próximo às suas casas como quintal, enquanto em outros não. Em Santa Catarina, por exemplo, os quintais existem em todas as unidades de produção das mulheres camponesas, mas não é comum em todas elas o uso do termo.

Carmen sempre atuando como monitora de oficinas do MMC/SC, esteve muitas vezes na região Sul do estado para fazer formação e ela comenta que as mulheres camponesas daquela região onde o MMC/SC possui grupos de base organizados, costumam fazer uso desse termo com mais frequência: “[...] *mesmo aí na região Sul elas não falam em horta elas falam em quintal.*”

As mulheres camponesas da região Sul do estado, usam o termo quintal, mas na região Oeste parece que não se usa mais esse termo conforme lembra Fátima que na sua família a avó e também a mãe costumavam falar quintal: “*Essa palavra quintal, é muito antiga né, quando a gente tava ainda na casa da mãe, ela falava quintal, vai buscar tempero ou chá no quintal, a avó também falava quintal.*”

No ano de 2015 às mulheres camponesas participaram do curso de formação “Organização Produtiva de Mulheres e Promoção de Autonomia por Meio do Estímulo à Prática Agroecológica”²⁸. A criação e execução desse curso contou com envolvimento e debate político dos movimentos feministas com representantes do Movimento de Mulheres

²⁸O projeto “Organização Produtiva de Mulheres e Promoção de Autonomia por Meio do Estímulo à Prática Agroecológica” foi desenvolvido pela Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS através de convênio com a Diretoria de Políticas para as Mulheres Rurais do Ministério do Desenvolvimento Agrário. O projeto inicial que visava capacitar as técnicas prestadoras de Ater foi ampliado e passou também atender turmas de dirigentes e técnicas de três organizações parceiras dos projeto: Movimento de Mulheres Camponesas (MMC, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST), e Federação da Agricultura Familiar na Agricultura Familiar (Fetraf). O curso foi organizado em seis módulos de formação. O I módulo: “Agricultura Familiar e Camponesa: as questões de gênero na organização da produção”. O II módulo: “Produção de Autossustento, quintais produtivos na agricultura familiar e camponesa: o papel historicamente desempenhado pelas mulheres”. Módulo III, “Feminismo, Agroecologia e sustentabilidade”. Módulo IV, Plantas medicinais, aromáticas e alimentícias, o Módulo V, Organização produtiva e economia feminista, e o módulo VI tratou sobre o “Acesso à Políticas Públicas pelas mulheres, com foco em políticas agrárias e agrícolas”. (BONI; MARQUES, 2015, p.7-9).

Camponesas nos espaços governamentais principalmente do PNATER – Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. O MMC/SC teve um papel bastante significativo para a que o curso acontecesse no estado, atuando junto à coordenação, com participação das monitoras e dirigentes na formação de três turmas, sendo elas: Dirigentes MMC, Técnicas dos Movimentos Sociais e das Dirigentes de outros Movimentos Sociais. As turmas foram compostas pelo MMC, MST, MAB, MPA e Fetraf-Sul. O MMC também contribuiu com a elaboração da cartilha de estudo, assessoria dos módulos e o recebimento das turmas nas unidades de produção das mulheres camponesas para visitação de experiências de produção agroecológicas.

Num dos artigos para compor a cartilha que serviu de suporte teórico e estudo das turmas do módulo II, que tratava da “Produção de Autossustento, Quintais Produtivos na Agricultura Familiar e Camponesa: O Papel Historicamente Desempenhado pelas Mulheres”²⁹, está a primeira elaboração teórica e definição do termo feitas pelo MMC/SC sobre “Quintais”

Para o MMC, quintais produtivos agroecológicos são espaços de terra que congregam diversos elementos, normalmente gerenciados por mulheres. Elas coordenam a organização, o manejo e planejamento da produção na horta, horto medicinal, no pomar, nos jardins; criação e reprodução de animais de pequeno porte; a captação das águas da chuva, o processamento artesanal de derivados de leite, as conservas, os doces, os sucos, a confecção de artesanatos; bem como organizam a despensa, o galpão e outras instalações necessárias para ferramentas e armazenamento da colheita. (COLLET; CIMA, 2015, p. 51).

Podemos dizer que a partir desse curso, o MMC/SC começou estudar e compreender mais sobre o termo. Nas entrevistas perguntamos às monitoras como e quando surgiu o termo quintal produtivo agroecológico no MMC/ SC? A maioria delas respondeu que o uso do termo quintal no MMC/SC é recente, mas que o debate, o estudo sobre a valorização da produção diversificada, saudável, agroecológica realizada pelas mulheres camponesas, inicia ainda no final da década de 1990 quando o MMC/SC realiza os primeiros debates sobre a construção do projeto de agricultura camponesa, agroecológico e feminista.

Edel lembra que participou de uma "reunião em 1998, 1999 foi aqui em Chapecó que o movimento puxou, aí veio o pessoal do CAPA, assim pra falar sobre agroecologia."

²⁹COLLET, Zenaide, CIMA, Justina. Produção de autossustento, quintais produtivos na agricultura familiar e camponesa: O Papel Historicamente Desempenhado pelas Mulheres, p. 37- 57, In: BONI, Valdete, Marques Siomara A, et al, **Organização Produtiva da Mulheres e Promoção de Autonomia por meio do estímulo à Prática Agroecológica**. Ed. Copiart, Tubarão, 2015, 148p.

Para Ivete o debate e a prática educativa dos quintais, começa desde o período que as mulheres camponesas decidem pela construção do projeto de agricultura:

É um termo mais recente que a gente começou de estudar. Eu lembro assim que eu comecei participar muito dos debates, que a gente fez uma rodada de seminários que debatia essa questão dos agrotóxicos, da alimentação, dos hábitos alimentares, antes se fazia mais o debate da previdência, da saúde pública e tal, e quando se começou fazer esse debate sobre a agricultura que se tinha e a agricultura que nós queria.

Lucimar também concorda que a prática educativa dos quintais está em construção desde o momento que MMC/SC vem debatendo sobre as consequências do modelo de produção agrícola baseado na revolução verde, e as mulheres camponesas assumem o programa das sementes crioulas: “[...] começou no movimento discutir muito a questão da revolução verde, que veio pra acabar com as nossas sementes. Eu lembro que a gente fez atividade em Curitiba, teve uma grande troca de mudas de sementes, ali começou a desenvolver o trabalho do movimento pros quintais produtivos.”

Edel lembra também quando o Movimento começa a debater a questão da agroecologia:

No ano de 2001 a partir das decisões tomadas na VIII Assembleia Estadual do MMC, em Concórdia, que se decidiu focar e trabalhar mais na agroecologia, que era um projeto contrário do que tava ali [referindo-se à agricultura convencional] e a gente queria trabalhar esse nosso projeto, o projeto da vida, esse projeto do bem estar das mulheres, do avanço, do empoderamento das mulheres.

Com o “Programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças”, as mulheres camponesas intensificam as práticas de produção em seus quintais, mesmo sem essa definição do uso do termo: “[...] desde os anos 2001, 2002 e dali pra frente que a gente começou trabalhar a importância de produzir, de recuperar as sementes, as plantas, as ervas medicinais e as frutíferas nativas.” (LUCIMAR).

Carmen também reforça que: “Esse debate nós já vinha fazendo nas oficinas de sementes com as mulheres, dizendo, falando sobre a nossa horta, falando sobre o valor da gente produzir o próprio alimento, alimentação saudável. Desde 2001, 2003 que a gente começou a ensinar mais essa questão nas oficinas de sementes.”

Para Ivanete os quintais surgem no MMC/SC desde a “Campanha Nacional da Alimentação Saudável”³⁰ promovida pelo Movimento:

³⁰Campanha pela produção de Alimentos Saudáveis, lançada oficialmente em fevereiro de 2007 como tema político para o Dia Internacional de Luta das Mulheres, em 8 de março. Segundo o MMC: O Movimento de

Surgiu do lançamento da campanha da alimentação saudável, começou anos atrás, só que não me lembro o ano, eu participei, mas que a gente começou falar dos venenos que prejudica a saúde, dá câncer, dá um monte de doenças. Então o movimento começou se preocupar e começou trabalhar projetos pra produzir alimentos saudáveis, sem venenos, sem agrotóxicos, sem químicos e faz muitos anos que a gente trabalha e as mulheres se interessam.

Para as entrevistadas, a prática educativa dos quintais produtivos é um processo iniciado desde quando o MMC/SC questionou as propostas da revolução verde e definiu coletivamente a construção do projeto de agricultura agroecológica:

Primeiro a gente começou a fazer um trabalho com sementes crioulas, melhoramento de sementes crioulas de hortaliças, isso foi uma formação que nós fizemos né, e depois nós entramos na reeducação alimentar e daí foi surgindo aquele termo quintal produtivo que agente fez um trabalho, um aprofundamento, e trabalhamos em cima disso porque é um espaço muito rico nas unidades de produção. (ADÉLIA).

Para chegar ao uso do termo quintal, existe um longo processo de organização e formação no MMC/SC que está articulado com a construção do projeto de agricultura camponês agroecológica e feminista. Edel tentou fazer os cálculos de quanto tempo este processo vem sendo construído:

[...] foi assim, por etapas, primeiro das sementes, sobre as plantas medicinais. Então esses dias, eu tava contando os anos, foi dois anos que a gente trabalhou com isso, mais dois anos com as plantas medicinais, depois foi mais uns dois anos de treinamento com as monitoras, daí foi um ano que a gente fez sobre a mata atlântica, depois foi um ano que a gente fez das galinhas caipiras e sobre os biomas, em outro ano. Isso já dá 10 anos.

Outro momento importante de debate e estudo relatado pelas monitoras foi a contribuição do MMC/SC no projeto “Semeando o Futuro” no Município de Xaxim/SC, que

Mulheres Camponesas, em seus 20 anos de história e construção, vem reafirmando a agricultura camponesa como forma de resistir, enfrentar e negar o modelo capitalista e patriarcal no campo. Construímos nossa luta no sentido de propor um projeto de Agricultura Camponesa fundamentado nos princípios da agroecologia, que garanta a soberania alimentar como direito, onde o povo possa produzir e comer seus próprios alimentos respeitando as diferentes culturas, o ambiente e promovendo vida. Assim o MMC Brasil, neste 8 de março, Dia Internacional da Mulher, lança a Campanha Nacional pela Produção de Alimentos Saudáveis, com o lema “Produzir Alimentos Saudáveis, Cuidar da vida e da natureza!”. O objetivo é avançar na luta pela soberania alimentar, contribuindo no combate à fome e a miséria, tornando visível o grande potencial de produção de alimentos que agricultura camponesa possui, evidenciando o papel das mulheres nesse processo e sensibilizando a sociedade para a situação de degradação da natureza, como também as possibilidades de retomar o cuidado com a vida. A campanha articula atividades em três frentes de ação: a) a recuperação das sementes crioulas - com bancos de sementes, melhoramento das variedades e trocas; b) a recuperação e revalorização dos saberes tradicionais sobre plantas medicinais; c) a produção alimentar de base ecológica com a redução e revalorização dos hábitos e alimentares, a partir da ética do cuidado com a vida e com a natureza. (JALIL, 2009, p. 9-10).

ofertava cursos para mulheres do campo e da cidade em várias modalidades, sendo um deles, “Quintais Produtivos”.

Para Fátima, a atuação do MMC/SC nesse projeto contribuiu para fortalecer mais a palavra “quintal produtivo agroecológico”. Mais mulheres estudaram sobre esse tema e passaram a fazer uso:

Ah, eu acho que faz uns cinco anos, não sei bem certinho a data, que saiu aquele projeto ali pra Xaxim, que a gente trabalhou. Então veio fortalecer mais essa palavra quintal produtivo agroecológico, que aí a gente trabalhou ali com aquelas mulheres que moram no perímetro urbano e que foi bem aceito, aí que foi estendido pra mais então essa palavra. [...] não que ela não existia, mas dali pra cá que se usa mais essa palavra quintal. (FÁTIMA).

Iraci também comenta que a formação com as mulheres em Xaxim foi de onde surgiu a palavra quintal no MMC/SC, e iniciaram-se os debates que não se ouvia falar mais a palavra quintal, quintais: “[...] nós tivemos aquela formação em Xaxim, com as mulheres dos bairros, acho que foi aí que a gente iniciou a fala, a conversa que a gente já não ouvia mais falar dos quintais e na verdade o quintal é o todo. Então a partir de Xaxim, surgiu essa palavra quintal e começou ampliar.”

A formação realizada com as mulheres urbanas também reforçou o debate que os quintais estão presentes e são desenvolvidos nas cidades, na área que sobra do lote ou terrenos abandonados: “[...] um quintal produtivo é um quintal produtivo que não precisa ser só na área rural, tu pode fazer no fundo do quintal, no fundo de um terreno na cidade mesmo, sendo pequenininho o espaço, mas tu podes produzir ali também.” (ADÉLIA).

Em 2017 o MMC/SC iniciou o projeto “Fortalecimento de Quintais Produtivos e Autonomia das Mulheres”. Intensificando o debate e estudo sobre quintais produtivos para mulheres camponesas organizadas no MMC/SC, em 75 municípios do Estado. O estudo sobre os quintais no MMC possibilitou às mulheres camponesas perceber que elas fazem esse trabalho no quintal há bastante tempo, como afirma Ivete: “[...] mas daí assim, o quintal produtivo, na verdade veio se descobrir, começou falar que, na verdade, nunca se tinha perdido o hábito de fazer.” As mulheres camponesas se identificam com esse termo e enxergam nele suas práticas, seu trabalho: [...] **nós adotamos esse nome porque as mulheres se identificaram bastante.** (IVETE. Grifo meu).

Esse termo integra a diversidade de espécies cultivadas pelas mulheres como as alimentícias, frutíferas, condimentares, medicinais, as flores e a criação dos pequenos animais: “Então, o quintal, começamos a notar depois dos estudos, que ele é mais

abrangente, ele abrange essa questão do pomar, das frutas, dos pequenos animais, de toda a produção, inclusive das flores do jardim, de tudo isso que é do cuidado das mulheres.” (CARMEN. Grifo meu).

Nos debates, as mulheres camponesas fazem uma importante reflexão no sentido de que toda a produção realizada por elas, está segregada, separada quando se referem à horta, horto medicinal, agrofloresta, espaço de criação dos pequenos animais, espaço de produção de alimentos, e compreendem ser importante denominar tudo como “quintal” que integra esse conjunto de denominações, espaço onde produzem alimentos diversificados e saudáveis. Conforme a fala da Noemi,

*Então pela questão assim, que alguns diziam: - Ah! Na minha horta. Outras diziam: - Lá no meu horto de plantas medicinais! Então a gente não pode trabalhar essas coisas em caixinhas, então tem que ser o conjunto das coisas, dessa biodiversidade que se consorcia para que de fato o ambiente se torne mais saudável. Então, como você vai trabalhar separado a horta, o horto ou pomar, o espaço das aves... Aí tem o espaço assim, que às vezes tem que ser um espaço maior, onde você planta o arroz, a mandioca e tal. Então seria como você vai denominar cada coisa de forma diferente, né. Então a gente foi aprofundando no Movimento essa questão, que **a gente deveria denominar tudo isso com um nome só**, e a gente entendeu como tudo isso faz parte de um ambiente e faz parte da construção do **nosso espaço da produção**, da alimentação saudável e diversificada, então entendemos que esse é o espaço que se chama **o quintal**. (NOEMI. Grifo meu).*

O MMC/SC intensifica a formação e as experiências práticas de produção nos quintais produtivos, desde o momento que toma a decisão coletiva pela construção do projeto de agricultura camponesa agroecológica e feminista e que está intimamente integrado e relacionado com a prática das camponesas. Pois o quintal é um espaço onde historicamente as mulheres conseguiram produzir da forma como elas querem, atendendo às suas demandas e de suas famílias. Portanto o uso do termo quintal reforça a estratégia para continuar avançando na agroecologia a partir de um espaço onde as mulheres conquistaram maior autonomia e poder de decisão e através dele, constroem verdadeiros laboratórios de experimentação, de técnicas, manejo e princípios agroecológicos.

4.2 AS DEFINIÇÕES DO SIGNIFICADO DE QUINTAL PRODUTIVO PARA AS MULHERES CAMPONESAS

Os debates iniciados no MMC nacional e os processos de formação realizados no estado, conforme descritos acima, contribuíram para o movimento adotar o uso do termo “quintais produtivos agroecológicos”. As camponesas se identificam bastante com o termo. Nas entrevistas quando perguntamos: o que significa para você o termo quintal produtivo agroecológico? As respostas foram extensas e com definições muito apropriadas e articuladas com o debate que o Movimento está construindo, próximo com a definição teórica do paradigma agroecológico.

As camponesas entrevistadas disseram que geralmente os quintais se localizam próximo às residências. Para Noemi a casa faz parte do quintal: “[...] *ele começa a partir da tua casa, a tua casa também faz parte do quintal porque a tua casa não está fora do quintal, está ali no meio, porque esse espaço onde você dorme, descansa, ele tem que fazer parte do quintal, porque é ali que você tem que se sentir bem.*”

A casa faz parte do quintal para as mulheres camponesas, tudo está interligado, conectado com seu trabalho, desde os afazeres domésticos de dentro de casa como lavar, cozinhar, passar, faxinar, etc., até o cuidado com a família. Trabalhos esses fundamentais para a manutenção da vida. E na maioria das vezes esse trabalho é simultâneo, por exemplo, enquanto a roupa está lavando a mulher está cuidando das plantas, vai cozinhar o almoço ou a jantar, passa no quintal colher os temperos, legumes, os alimentos que precisa para preparar a alimentação da família. A maior parte da produção do quintal é destinada ao consumo da casa, ou seja, o autoconsumo. Na varanda da casa estão as plantas ornamentais de vaso, no jardim as árvores de sombra estão próximas à casa, espaço este de descanso, lazer, ou mesmo de observação, contemplação das flores, das paisagens, dos pássaros, borboletas, desse conjunto que contribui para um ambiente bonito, agradável, de tranquilidade e bem estar de quem vive ali. Para o sistema capitalista, esse trabalho realizado pelas mulheres camponesas no espaço doméstico não é reconhecido, valorizado e nem remunerado, e o problema maior é que ainda busca reforçar e naturalizar o trabalho da camponesa como algo ligado ao “ser mulher”, à natureza feminina.

Para Edel o quintal está no entorno da casa, manejado e cuidado pelas mulheres: “*Quintal é uma plantação que a gente conhece que é em redor da casa, que as mulheres já*

dominavam e dominam ainda até hoje. Então, reservado mais para o cuidado das mulheres, então assim, se entendia né, que era o trabalho da mulher.”

Muitas pessoas ainda têm a compreensão que o trabalho no quintal é apenas a extensão do trabalho doméstico e de acordo com os princípios da divisão sexual e social do trabalho, é atribuído às mulheres, não sendo considerado do ponto de vista econômico, produtivo. Conforme destaca Paulilo (2004, p. 245),

[...] nas propriedades familiares rurais não é nada simples separar o que é trabalho doméstico do que seria trabalho produtivo. Afinal, o conceito de ‘trabalho produtivo’ foi cunhado para situações em que se dá a extração da mais-valia, ou seja, quando o trabalho excedente é apropriado pelo dono dos meios de produção, ou seja, o capitalista.

A autora Paulilo (2004, p. 245), ao realizar inúmeras pesquisas com mulheres rurais em várias regiões do Brasil, identificou que é considerado doméstico tudo o que é atribuição da mulher pois “[...] se ela vai para a roça com o marido, é trabalho produtivo, mesmo que o que for colhido seja tanto para vender como para comer. Se cuida da horta e das galinhas sozinha, é considerado trabalho doméstico.”

Silva (2007) comenta que muitos afirmam que o trabalho das mulheres na agricultura familiar é invisível, visto pelos seus maridos e pais como ajuda e que elas mesmas não se reconheceriam como agricultoras. Assim, “[...] as mulheres não são invisíveis, elas não são vistas no sentido de seu reconhecimento como sujeitos ativos dos processos produtivos [...] não são as mulheres que se ocultam, são as relações de poder e dominação patriarcal que lhes atribuem um lugar menor.” (SILVA, 2007, p. 7).

As mulheres camponesas organizadas no MMC, não se calam, lutam e exigem que seu trabalho seja reconhecido e valorizado tanto na esfera produtiva, como no trabalho doméstico na esfera reprodutiva. Elas fazem o diálogo com suas famílias e a sociedade mostrando que o trabalho realizado por elas no quintal produtivo é importante para construção de novas relações sociais, econômicas e ambientais.

Os quintais são os espaços no quais as mulheres camponesas e suas famílias produzem uma grande diversidade de espécies de plantas tais como as alimentícias, ornamentais, condimentares, medicinais, árvores frutíferas, madeireiras e os pequenos animais: *“O quintal é o espaço onde você tem um pouco de tudo, você tem esse conjunto da tua alimentação que você necessita pra você se alimentar de forma equilibrada e diversificada para que teu organismo funcione bem.”* (NOEMI). Para Ivete, é o espaço onde se produz de tudo para garantir uma alimentação saudável e diversificada para o consumo da família: *“É você cultivar aquilo desde o todo, os pequenos animais, as flores e a diversidade né.”*

Com o “Programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças”, as mulheres camponesas passaram a estudar e aprofundar mais sobre o conceito e a importância da alimentação saudável. A partir dos estudos de Sá (1980, p. 58 apud MMC/SC, 2006, p. 105) reforçam a importância de que “[...] para uma pessoa ser saudável do ponto de vista biológico, a alimentação normal deve ser quantitativamente suficiente, qualitativamente completa, além de harmoniosa em seus componentes e adequada à sua finalidade e ao organismo a que se destina.”

O autor Sá (1980), aponta as seguintes leis como fundamentais para alimentação, sendo elas: “quantidade, qualidade, harmonia e adequação que proporciona a cada pessoa uma alimentação saudável” e seguindo o estudo das leis de uma alimentação saudável possibilitou às mulheres camponesas avançar na compreensão que para se ter uma alimentação saudável se faz necessário repensar as formas de produção. É possível ter uma alimentação saudável se há mudanças na forma de produzir. Para isso afirmam que é preciso intensificar a produção agroecológica, recuperar e proteger a terra, a água, as florestas nativas, a biodiversidade de animais e plantas, como um espaço de convivência. (KIRCHNER; COLLET,2006).

A alimentação saudável é aquela produzida de forma orgânica ou agroecológica garantindo assim o sabor, qualidade e valor nutricional dos alimentos e as técnicas de produção adotadas, devem cuidar e preservar os recursos naturais e o ambiente. Desta forma também a diversidade de espécies é vital para o equilíbrio e vida saudável. (KIRCHNER;COLLET,2006).

O princípio da produção agroecológica que fundamenta a política do MMC para a produção de alimentos, está presente nos quintais produtivos das mulheres camponesas, porque elas compreenderam que as pessoas precisam consumir uma alimentação diversificada e saudável.

Adélia também define como espaço que se produz a diversidade: “[...] é o espaço onde nós produzimos nossas frutas, nossas verduras, nossas flores, nossos chás né, a diversidade que nos alimenta e nos deixa bem.” Ela ainda acrescenta na sua fala a relação de cuidado que a mulher camponesa estabelece com as plantas e a terra.

A relação de cuidado que as mulheres camponesas falam, inicia desde o processo de preparo do solo que vai desde agregar uma boa adubação, garantido que o mesmo tenha fertilidade e favoreça uma boa nutrição para as plantas, até a proteção desse solo com cobertura utilizando palhadas de adubação verde ou então palhadas das culturas anteriores.

Produzem as sementes seguindo as técnicas de seleção, colheita, beneficiamento e armazenamento das sementes crioulas. Na época do plantio as mulheres camponesas

costumam dizer que preparam um “berço” para lançar as sementes, procuram fazer o cultivo consorciado, diversificado, que contribui para o equilíbrio e saúde das plantas. Observam as fases da lua no calendário biodinâmico³¹, que orienta qual o dia ideal para plantar as variedades que são denominadas de frutos, raiz, grãos ou flores e acompanham com toda atenção às fases de germinação, crescimento, florescimento, frutificação e amadurecimento, até chegar à fase de colheita: “*Eu gosto muito, assim de plantar, regar, acompanhar as plantas, de cuidar, vê quando ela floresce, tudo, ter aquele cuidado com a terra e com as plantas.*” (ADÉLIA).

É nessa relação de atenção, cuidado, observação da natureza, manejo manual seja à mão, enxada, foice, facão, que é totalmente diferente de quem planta soja, por exemplo. O cultivo de soja, no modelo de produção convencional, as técnicas de produção usadas são as da monocultura, feitas com maquinários, a semente é transgênica comprada nas agropecuárias, utiliza muitos agrotóxicos e geralmente segue as orientações do técnico sobre plantio, adubação, combate de “pragas” e doenças, a colheita é feita com máquinas e a relação de cuidado com essas plantas, depende do receituário e orientação do técnico.

Lucimar diz que o quintal é símbolo de resistência para as mulheres camponesas e é o espaço que gera vida.

Pra mim o quintal produtivo, na minha visão como mulher, como mãe, eu acho que é o símbolo da resistência de nós mulheres, porque nós mulheres geramos a vida e no quintal produtivo, a gente vê muitas vidas, porque a gente produz tudo. Você tem o remédio, você tem a comida, você tem tudo lá, e pra mim o quintal produtivo é um sentido da vida, se você não produz tua comida, se você não produz o que comer, eu não vejo vida na mercadoria comprada em mercados, né. Porque você por a mão na terra, produzir, colher, ver a planta desenvolvendo, pra mim tudo é vida, faz parte da mulher. Acho que o quintal produtivo faz parte da nossa vida.

As mulheres camponesas falam dessa relação de cuidado com as plantas, com a terra, a natureza, que o quintal faz parte do ser mulher camponesa, faz parte das suas vidas, relacionam o ser mãe que gera vida às inúmeras vidas que estão presentes em seus quintais. Essas falas, muitas vezes, geram incompreensões, inclusive críticas por algumas feministas do tipo: Ah, então, as mulheres camponesas, com essas falas, reforçam que o trabalho de cuidados é de responsabilidade das mulheres. E por outro lado tem-se o sistema patriarcal

³¹O calendário biodinâmico é uma ferramenta que as mulheres camponesas se orientam para realizar seus plantios. Criado pela agricultora, pesquisadora polonesa Maria Thun, que se baseou nos conhecimentos ancestrais dos agricultores e agricultoras, foi traduzido e editado pela agricultura biodinâmica. O calendário biodinâmico relaciona a influência dos astros sobre os frutos, folhas, raízes, caules das plantas com os quatro elementos da vida terra- água- fogo – ar durante o dia e à noite. Dessa forma o calendário indica o dia e hora ideal para fazer o plantio de plantas identificadas como raízes, flores, folhas e frutos. (Informativo MMC/SC, dezembro de 2020).

reforçandonaturalizando e utilizando-se de falas do tipo: “As mulheres são mães, elas possuem o ‘dom’ de cuidar da terra, da natureza, os cuidados fazem parte da natureza feminina”.

O feminismo tem se ocupado desse debate conforme destaca Siliprandi (2009),

O feminismo chegou aos temas ecológicos já nos anos 60 do século passado. Esse não foi um encontro fortuito. Havia muitos elementos em comum entre a crise ambiental, que se avizinhava com o avanço da industrialização e da urbanização, e a percepção dos movimentos feministas sobre o lugar destinado às mulheres nessas sociedades emergentes. Os problemas decorrentes das guerras e do militarismo e a consequência da exclusão das mulheres do mundo público, trouxeram à tona que sua opressão se reproduzia em outras esferas, inclusive e, sobretudo, nos lares. Daí o lema do feminismo daquele período: O pessoal é político. (SILIPRANDI, 2009, p. 141).

Segundo a autora, como parte desse movimento, no final de 1970, surge o ecofeminismo, “[...] uma teoria que buscava associar a opressão que a humanidade exercia sobre a natureza à forma desigual que os homens tratavam as mulheres. As ecofeministas européias se destacam nesse debate.” (SILIPRANDI, 2009, p. 41).

Para Pacheco (2007,p.134). “[...] as relações sociais de gênero precisam ser desnaturalizadas dentro da agroecologia. Desnaturalizar essas relações que são explicadas muitas vezes, recorrendo-se à tradição, significa analisar as construções sociais de subordinação da mulher para a defesa de seus direitos”. Reforça também que os movimentos feministas têm tido um esforço teórico e político no debate sobre a relação natureza cultura, mas que há uma necessidade de retrabalhar o que significa a relação com a natureza e que o feminismo precisa retomar esse debate, com muita propriedade no diálogo crítico com a visão ecofeminista.

Penso que, na história do movimento feminista, a luta política para afirmar o lugar social e político das mulheres, e o investimento teórico-político feito pelas feministas no debate da relação natureza-cultura, talvez tenha levado a um outro extremo, que colocou alguma dificuldade de retrabalhar o que significa a relação com a natureza. Essa concepção, que os homens adotaram de forma completamente equivocada, que a natureza está aí a ser dominada a todo custo, está em questão. Eu penso que está na hora do feminismo retomar esse debate, com muita propriedade, no diálogo crítico com a visão ecofeminista. Precisamos dar um tratamento sobre os sentidos da relação com a natureza, no novo projeto de sociedade. (PACHECO, 2007, p. 134).

De acordo com Siliprandi (2009), o ecofeminismo é formado por diferentes correntes, desde a mais espiritualista, materialista, essencialista e a corrente construtivista que reconhece a necessidade de organização das mulheres como sujeito político e a luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres bem como traz as questões ambientais, a necessidade de que

a humanidade assuma postura responsável e de respeito diante o meio natural e demais seres vivos.

Para essa corrente, as alianças entre os movimentos feministas e ecologistas teriam que se dar a partir de alguns pressupostos, entre eles, o do reconhecimento mútuo de que a igualdade em termos de dignidade e direitos entre homens e mulheres é imprescindível e o da necessidade de posturas responsáveis da humanidade diante do meio natural e dos demais seres vivos. Essas seriam as condições para a construção de utopias em que o feminismo e o ecologismo teriam um papel fundamental. (SILIPRANDI, 2009, p. 142).

As mulheres camponesas lutam para superar as desigualdades sociais de gênero e direitos entre homens e mulheres contra todas as formas de violência, dominação, submissão e exploração que enfrentam nessa sociedade baseada em princípios capitalista, patriarcal e machista, que reforça e lhes atribui papéis, para os quais desde crianças são ensinadas a serem responsáveis pelas tarefas relacionadas aos “cuidados” com as pessoas e também com a natureza e ainda é naturalizado como sendo “dom” das mulheres e não como uma construção social que tem objetivos e propósitos de sobrecarregá-las de tarefas e responsabilidades sem o devido reconhecimento, valorização e sem remuneração.

As inúmeras atribuições dadas às mulheres ao longo da história, permitiram que as mulheres camponesas desenvolvessem conhecimentos e habilidades, que sim, são diferentes das dos homens. Um exemplo claro no qual se percebe essa diferença em relação aos homens camponeses, é que eles foram influenciados e convencidos com mais facilidade à adoção das técnicas de produção propagandeadas pela revolução verde, passando a se ocupar com atividades agrícolas voltadas para o comércio, produção em larga escala, monoculturas e o uso intensivo de agroquímicos. Entraram nessa lógica de produção adotando relações de dominação e destruição dos bens naturais, da natureza.

E as mulheres camponesas foram mais resistentes, digamos assim, questionando as consequências da revolução verde e entendendo ser de fundamental importância recuperar, produzir, cuidar das sementes crioulas, produzir alimentos diversificados e saudáveis para o autoconsumo familiar, preservar e cuidar dos bens naturais, da biodiversidade, como garantia da qualidade de vida, manutenção e sobrevivência dessas e das futuras gerações. E a luta das mulheres camponesas é que esse papel desempenhado historicamente por elas precisa ser valorizado, valorado, reconhecido e dado maior visibilidade. Nesse sentido a citação da Sempre Viva Organização Feminista - SOF (2006, p. 66), reforça que

As mulheres, a partir de suas próprias histórias, desenvolvem experiências fundamentais para que a humanidade possa criar uma sociedade justa e igualitária

com uma relação de respeito e equilíbrio com a natureza. Elas possuem técnicas e conhecimentos cultivados por muitas gerações sobre como plantar, colher, e preparar alimentos, sobre as plantas medicinais, sobre os ritmos e a diversidade das formas da natureza que podem ajudar as pessoas a viver melhor. As mulheres sabem – muitas vezes – como construir relações de solidariedade e como organizar resistências. Essas e outras formas que hoje são consideradas “femininas” devem ser valorizadas, não porque são características “naturais” das mulheres, mas como uma forma de cuidar da vida que deve ser compartilhada e praticada por toda a sociedade, tanto pelas mulheres como pelos homens.

Conforme destaca Pacheco (2002), historicamente as mulheres camponesas foram adquirindo, preservando e aperfeiçoando muitos saberes e conhecimentos importantes. Assim,

As mulheres adquiriram historicamente um vasto saber dos sistemas agroecológicos. Desempenham importante papel como administradoras dos fluxos de biomassa, conservação da biodiversidade e domesticação das plantas, demonstrando em muitas regiões do mundo um significativo conhecimento sobre as espécies de recursos genéticos e fitogenéticos, e assegurando por meio de sua atividade produtiva as bases para a segurança alimentar. (PACHECO, 2002, p. 20).

E de fato, as mulheres camponesas historicamente desempenham um papel fundamental em relação aos cuidados com as sementes crioulas, a produção diversificada e saudável de alimentos, garantindo soberania, segurança alimentar e nutricional, preservando os saberes e conhecimentos sobre a medicina popular no cultivo e uso das plantas medicinais e com relação ao cuidado e preservação da biodiversidade, dos bens naturais e a natureza. Entendem que esse trabalho é de fundamental importância para a construção da agroecologia e de uma sociedade mais justa, igualitária, digna para mulheres e homens. E nesse sentido as mulheres camponesas afirmam que é preciso construir novas relações sociais de gênero e de igualdade entre homens e mulheres e desses com a natureza. Reforçam que os cuidados com a biodiversidade, com a terra, água, a natureza e também com as pessoas não é, e não deve ser obrigação e responsabilidade somente das mulheres, mas sim de todas as pessoas, homens, mulheres, jovens, assim como é preciso ensinar as crianças, as novas gerações que o trabalho relacionado aos cuidados é tarefa de todos independente do sexo, para que possa ocorrer mudanças na estrutura de um sistema de sociedade baseada em princípios capitalista, patriarcal e machista.

Para Ivete, o trabalho realizado no quintal envolve todos os membros da família: “[...] representa muito um trabalho assim que a gente faz ali no grupo, no coletivo da família.” Na maioria das experiências de quintais produtivos, predomina o trabalho feminino. As mulheres camponesas têm buscado envolver os demais membros da família, os filhos, filhas os maridos (companheiros), buscando a construção de novas relações sociais de gênero dialogando e mostrando para família a importância e o quanto deve ser reconhecido e valorizado o trabalho

da produção diversificada e saudável de alimentos e da produção agroecológica e dessa forma, consideram o quintal como espaço educativo e pedagógico

É um espaço que concentra grande diversidade, importante para educação dos filhos/as, de luta e resistência que começa em casa na disputa e no enfrentamento muitas vezes silencioso, mas consciente do valor para saúde, o bem-estar, a mesa farta e saudável e a dignidade planetária. (CIMA; COLLET, 2015, p. 51).

O quintal produtivo da Edel é um espaço pedagógico, educativo de construção do conhecimento interdisciplinar. Ela nos relatou que fez uma propaganda nas escolas do município, convidando professores e turmas de alunos para conhecer sua experiência de produção agroecológica, nessa visita os professores podem desenvolver com seus alunos aulas práticas, complementar conteúdos trabalhados em sala aula através da observação e a vivência na prática:

Por exemplo, nós fomos nos colégios e aí falamos, nós temos isso e isso lá pra mostrar, se eles querem fazer aula sobre um tema, a visita, por exemplo, sobre a agroecologia, sobre plantas medicinais, sobre produção de alimentos sobre algum desse temas ali. Então os professores fazem uma aula assim, e eles vêm lá, e nós mostramos as coisas tudo, o que lá se está se praticando, o que nós estamos fazendo, o que estamos praticando, o que é isso, então tudo isso a gente está explicando pros alunos, vem de tudo quanto é canto lá. (EDEL).

A diversidade da produção dos quintais produtivos das mulheres camponesas é destinada primeiramente para o consumo familiar e com o excedente dessa produção é feito trocas, doações e comercialização para que outras famílias também possam ter acesso aos alimentos, saudáveis, diversificados e de qualidade:

Quintal é onde a gente produz comida, né. Eu vejo assim que produz comida, alimento para família, alimento pra outras famílias né, para outras pessoas. O que a gente acaba comercializando é alimentação de qualidade, por exemplo, aqui a gente tem uma alimentação saudável é uma produção bem diversificada, vários produtos é pro consumo da família, mas também pras outras famílias que o é o excedente que a gente comercializa né. Então acaba sendo de alimentação das outras famílias no geral. (JOANA).

Zenaide também acrescenta que com a comercialização da produção das mulheres camponesas, as famílias têm mais uma fonte de renda: *“Você pode ter uma diversidade grande, não só pra você, mas pras outras famílias também e que ele te dá renda, ele dá o sustento da família e onde te dá mais um excedente de renda, onde você pode tá aplicando em outras coisas dentro da própria propriedade né.”*

A diversidade da produção dos quintais também gera autonomia para as famílias conforme relata Noemi: *“Então, o quintal é o espaço onde a gente produz a nossa autonomia.”* Fátima define o quintal como um consórcio de plantas: *“[...] eu costumo dizer para as mulheres que é um consórcio de plantas, é onde você planta, a gente chama a horta, horto, pomar, jardim, pode ser consorciado, plantado tudo junto né, porque tem plantas que são ornamentais, chás, medicinais que são comestíveis, então esse é o quintal produtivo.”*

Iraci também tem essa compreensão que quintal pode abarcar diferentes formas e técnicas de cultivo: subsistemas de produção com lavoura, horta, horto medicinal, pomar, jardins, e nele podem ser cultivadas várias espécies como alimentares, frutíferas, ornamentais e medicinais de forma consorciada na mesma área como o caso dos sistemas agroflorestais: *“[...] não é só a horta é além da horta. Então, tem as plantas medicinais, tem as frutas, tem as flores, tem as verduras, tem os pequenos animais, é o todo um convívio que tem né, e mesmo a questão da agrofloresta que mesmo dentro dos quintais tem alguma coisa que é parecido com agrofloresta.”*

As mulheres camponesas têm a compreensão que sempre tiveram seus quintais, só que eles passam por processos de transformação. Edel coloca que antes da formação do MMC/SC, as mulheres camponesas realizavam as práticas no quintal nos momentos que não estavam trabalhando na roça onde se produz as culturas para comercialização e exige mais trabalho e dedicação da família e o quintal, onde se produz para auto consumo, era trabalho só de responsabilidade da mulher.

[...] mas sempre acompanhando o trabalho da roça e o trabalho no quintal, era feito assim em horas mais, que não se ia tanto à roça, assim, por exemplo, não atrapalhava a ida pra roça. Essa parte tinha que ser feita fora desses horários, então isso era uma realidade, mas hoje isso já é um pouco diferente pra quem participa do MMC, dos cursos pra fazer quintais produtivos, sobre agroecologia, já tem uma visão bem diferente né. (EDEL).

Costumavam referir-se à produção de alimentos destinada ao autoconsumo familiar realizada pelas mulheres como “miudezas”. Na maioria das famílias, para as mulheres conseguirem plantar essa produção diversificada de alimentos, elas precisavam reivindicar um pedaço de terra, o espaço destinado era aquele cheio de pedras, de difícil acesso onde não se podia fazer o trabalho com as máquinas, conforme relata Fátima:

A gente sempre plantava em grande quantidade pra comércio e para sustentar a família, aqueles cantinhos de pedra, que o arado não ia, era tudo manual, eu passava a enxada pra plantar. Na época a gente chamava de miudeza, sem saber que era comida né, porque se comida é miudeza o que é grandeza então né? Hoje a gente fala “nossas grandezas”. Então era sempre aqueles pedacinhos feios, ruim,

que a gente plantava, mas eu sempre plantei nossas comidas em casa e nunca a gente comprava.

Para Zenaide, atualmente o quintal tem um sentido especial após ter participado das formações do MMC, ela diz que obteve muitos aprendizados e percebe o quintal como espaço extenso que vai além do cultivo de plantas:

Pra mim, eu diria que tem na verdade até um significado, até especial, porque eu aprendi muita coisa quando nós começamos trabalhar os quintais produtivos aonde a gente achava que quintal era só o cantinho lá, e tu botava umas plantinhas e deu. Hoje, eu percebo que ele é bem extenso, que a gente aprendeu a lidar de uma maneira diferente nesse quintal.

A Formação acompanhada da motivação para a implementação de experiências práticas de produção agroecológicas, permitiu às mulheres camponesas recuperar uma grande diversidade de espécies de sementes crioulas, que com o avanço dos monocultivos, foram sendo deixadas de ser cultivadas pelas famílias camponesas, assim também como a criação dos pequenos animais. Edel relata um pouco dessa questão: “[...] eu acho que essa formação que nós recebemos, eu particularmente tenho colocado isso em prática né. [...] lá em casa então tem muitas práticas, lá que eu to fazendo, também recuperando sementes, produzindo algumas coisas que às vezes a gente não tinha mais e assim recuperar vários tipos de alimentos né.”

Carmem relata que antes do MMC/SC ter iniciado o estudo e debates, os quintais existiam, mas eles não eram valorizados, tão pouco considerados produtivos. Reforça que através da formação no Movimento, as mulheres vão tendo consciência. Em sua fala também relata o exemplo das suas amigas, vizinhas, que não participam do MMC e têm seus quintais, só que enxergam esse espaço de forma diferente, não têm a consciência que é um quintal produtivo.

*Então, o quintal antes parecia assim, que ele era um quintal, a gente cuidava do jardim, cuidava as plantas medicinais, tudo as outras coisas, mas a gente não tinha uma noção que ele era produtivo, **a gente tirava dali tanta coisa, mas não tinha consciência que aquilo era produção**, aí depois que gente começou estudar, que fomo vendo que realmente é muito produtivo, porque dali a gente tira toda a alimentação, a fruta, a verdura, a galinha, que a gente tem ao redor do quintal, a gente tem o açude, tem peixe, tem chiqueirinho com os porquinhos, pra gente ter o salame, a banha, tem a carne, tem um boizinho também sempre engordando. Então essas coisas tudo a gente começou a pensar que isso sim é produção, e a produção nossa, ela se tornou um quintal produtivo depois da consciência que a gente teve que é diferente das mulheres que não tem consciência que isso é produção. Porque as outras mulheres minhas amigas aqui, elas também têm seus quintais, mas não, ela não vê isso como quintal produtivo, não tem a consciência que a gente tem. Elas enxergam o quintal diferente, enxergam como um lugar que tem que sempre tá tudo arrumado, grama cortadinha e que tudo é responsabilidade da mulher, não pode ter*

mato que tem tá passando veneno ao redor pra não deixar vir mato, quanto mais limpo melhor, mas elas não têm essa visão que ali é um quintal produtivo. (CARMEN. Grifo meu).

Para o Movimento, os quintais manejados pelas mulheres camponesas são produtivos e agroecológicos, nesse espaço está presente os princípios da agroecologia, produção diversificada e saudável junto com a preservação e conservação dos recursos naturais e o cuidado ambiental.

*É agroecológico porque você tem que ter esse cuidado que nós entendemos enquanto mulheres camponesas, que a gente tem que fazer a produção diversificada de forma saudável e tem que ter esse **cuidado com o equilíbrio ambiental**, que a gente precisa cuidar a partir do quintal, que a gente vai ter o olhar sobre o ambiente, onde a gente vive e do todo né! Porque se a gente não equilibrar a partir do espaço onde você está no dia a dia, não adianta dizer que você defende, que precisa cuidar da mata atlântica, da floresta amazônica, mas ali onde você está no dia a dia, você não cuida então desse ambiente. Você tem que começar a construir de forma agroecológica a partir do espaço onde você vive, onde você produz seus alimentos. (NOEMI).*

A fala da Iraci vem no sentido de que a prática contribui para mostrar, convencer, que a agroecologia é possível: “[...] o quintal é aquilo que a gente prova que dá certo, é muito valoroso, faz bem pra pessoa, pro ambiente e tudo que vive ao nosso redor né. Então isso não tem explicação, é referência de tudo que é bom né!” Para as mulheres camponesas chegarem à definição do termo “quintal produtivo agroecológico” foi necessário um longo processo de formação, organização, luta e trabalho. A definição de quintal para elas é carregada de significados, tem relação com a teoria, mas muito mais com suas vivências, afetos, experiências e práticas.

4.3 CARACTERÍSTICAS DOS QUINTAIS PRODUTIVOS AGROECOLÓGICOS DAS MULHERES CAMPONESAS QUE PARTICIAM DO MMC/SC

Entre as características dos quintais produtivos agroecológicos das mulheres camponesas que participam do MMC/SC destacamos aspectos sobre a localização, a bibliografia estudada sugere que os quintais se localizam próximos às casas, a maioria das entrevistadas também concorda, porém quando falam dos seus quintais, as camponesas identificam que o quintal também pode se estender para áreas mais distantes das residências ou mesmo para toda área de produção: “Eu vejo que geralmente eles são próximos das casas,

não são muito longe.” (EDEL). Para Fátima também: “*Geralmente é próximo, porque o tempero tudo, [a gente] gosta de tirar na hora, fresquinho. Quanto mais próximo da casa melhor, é mais prático né.*”

Para Ivanete seu quintal se estende para outra área, chama de quintalzinho o próximo da casa, é cercado por conta da criação de galinhas que ela tem solta, mesmo contendo uma grande diversidade de plantas, esse espaço não é o suficiente para a produção do amendoim, pipoca, entre outras variedades que cultivava, necessitando de outra área que segundo ela, fica mais longe.

Tenho quintalzinho perto de casa e tenho lá na chácara que é mais longe pra eu plantar amendoim, pipoca, essas coisas que as galinhas não deixam, e eu tenho galinha caipira solta. Então, lá perto de casa, eu cerquei a casa, cerquei o quintalzinho com tela e o resto do pátio, elas ciscam por tudo, arrancam tudo, então lá perto não posso plantar. Então o quintal depende de cada casa, se tem um lugar perto, se não tem, as mulheres fazem mais longe, mas elas têm em algum lugar, sempre elas têm. (IVANETE. Grifo meu).

Para Joana, a maioria das mulheres procura ter o quintal mais próximo de casa, tendo presente a facilidade para cuidar e manter limpo. Considera a experiência dela um pouco diferente das demais. Por ter pouca terra, ela costuma plantar de forma consorciada, então para ela, o quintal é toda a área que ela planta: “*Eu aqui em casa não tenho muito separado, não tenho horta fechada, é meio misturado, mas eu tenho pouca área, então é um pouco diferente do geral, então a maioria procura plantar mais próximo da casa pra ficar mais fácil de cuidar, de manter limpo.*” (JOANA).

Joana continua dizendo que na maioria dos casos as mulheres têm o quintal próximo da casa para separar da área de produção convencional onde se utiliza agrotóxicos: “*A maioria dos quintais são próximos à residência assim, separado da produção maior, porque na maioria, ainda tem, que as mulheres cuidam, mas os companheiros delas, os filhos, enfim, que usam agrotóxicos e coisa, então a produção do alimento da família geralmente é um pouquinho separado.*”

Zenaide observa os quintais na sua comunidade e para ela cada família é de uma forma, mas que a grande maioria das mulheres têm o quintal próximo da casa, e há casos que o quintal é mais distante, dependendo da produção ou atividade agrícola que a família se dedica, se for atividade leiteira por exemplo, que exige bastante área para pastagem, então nesse caso, as mulheres têm menos área disponível para produzir. Nesse sentido como ela não se dedica à produção leiteira, conta que seu quintal é espalhado pela área toda e dessa forma tem a liberdade de escolher os melhores pedaços de terra e, dependendo do que ela vai

produzir, se a planta exige mais cuidados, necessita de irrigação, ela planta mais perto da casa, observa também as exigências de fertilidade de solo, se precisa de mais sol, mais sombra, isso tudo determina se planta próximo da casa ou mais distante

Na minha comunidade, na verdade, cada família é uma forma, uma grande parte das mulheres, elas têm o quintal produtivo delas mais perto da casa, algumas um pouco mais retirado dependendo de qual produção que cada família exerce. Eu, por exemplo, tenho bem espalhado meu quintal produtivo porque como eu não lido com gado de leite, então eu tenho um espaço a mais pra avançar na propriedade, mais espalhado, aí eu não dependo só de um lado, eu escolho na verdade o pedaço melhor de terra, então eu tenho bem espalhado porque dependendo da planta, é o espaço que eu vou escolher pra produzir, tanto é que a chácara inteira tem várias coisas, umas bem perto de casa, outras bem longe por causa do tipo de produção. [...] A produção do meu quintal produtivo assim é bem espalhada, então por causa disso, que conforme a planta é o espaço, questão do solo, do sol questão da sombra das árvores, outra questão onde tenho água com mais facilidade, porque conforme a planta, tu tem que ter mais água, então não posso plantar lá porque a terra é melhor, mas se eu não tenho como levar a água até lá, então por isso que meu quintal é bem espalhado. (ZENAIDE).

As entrevistadas também relataram o exemplo das mulheres camponesas que estão no espaço urbano, que têm o quintal próximo de casa e otimizam o espaço que têm, usam a criatividade para fazer os canteiros, reutilizando e reciclando materiais jogados no lixo: “[...] Tipo, quando é na cidade, tem que ser no espaço próximo da casa, ali nos pneus que tem pra flor, temperos, coisa assim.” (FÁTIMA). Essas mulheres têm seus quintais em um espaço mais reduzido, não sendo possível produzir de tudo, enquanto as mulheres camponesas têm a possibilidade de ter um espaço maior, segundo a fala da Carmen:

[...] as mulheres mais perto da cidade, assim que estão mais no perímetro mais urbano, elas têm seus quintais, que têm essa prática de produção das verduras, de ter um pé de fruta, só que ele é mais reduzido vamos dizer assim. Elas não pode ter de tudo, às vezes não pode ter uma galinha solta, um animal, uma coisa, ele já se reduz um pouco, [mas] não deixa de ser um quintal. Agora, têm aquelas mulheres no campo que têm essa possibilidade de ter um espaço maior em redor de casa.

A localização e o tamanho dos quintais produtivos agroecológicos das mulheres camponesas, envolvem vários fatores, um deles está no grau de conscientização, valorização e importância que as mulheres e suas famílias têm com relação à produção diversificada de alimentos, que se relaciona com a forma de produção adotada, o orgânico ou agroecológico, bem como a busca por autonomia econômica e geração de renda. Outro fator bastante comentado pelas mulheres camponesas entrevistadas trata-se da diversificação de seus quintais, princípio da produção agroecológica: “[...] eu vejo assim que nós aprendemos assim, a diversidade, a biodiversidade e muitas plantas misturadas.” (EDEL).

De acordo com Collet e Cima (2015), os quintais das mulheres camponesas é um espaço que apresenta grande diversidade, que contribui para ensinamentos, repasse de saberes e a educação dos filhos e filhas. O quintal também contribui para a luta e resistência das mulheres ao modelo de agricultura e ao sistema patriarcal, é uma luta silenciosa que começa dentro de suas casas. Assim, “É um espaço que concentra grande diversidade, importante para educação dos filhos/as, de luta e resistência que começa em casa na disputa e enfrentamento muitas vezes silencioso, mas consciente do valor para saúde, o bem estar, a mesa farta e saudável e a dignidade humana e planetária”. (COLLET; CIMA, 2015, p. 51).

A partir de suas localidades e realidades, identificam os quintais das outras mulheres que não estão inseridas no MMC, como quintais com menos diversidade, em relação aos seus conforme a afirmação de Edel: *“Assim em outros hortos e quintais, a gente vê só alface, só um tipo de produção e nossos quintais, é aquela mistura, aquela diversidade de plantas, essa é a grande diferença dos quintais das mulheres camponesas.”*

Ivete também comenta sobre a diferença dos quintais das mulheres que não participam do MMC:

Eu vejo muitas, e você vê que naquela casa é tudo muda comprada, semente, tudo comprada, então a diferença da mulher que participa do movimento já tem outra lógica, uma diversidade perto da casa, mistura de plantas com sementes crioulas, têm algumas plantas que já nascem por conta, não precisa nem estar sempre semeando, vem por conta.

Para Lucimar às famílias que estão inseridas no agronegócio e integrações, produzem menos diversidade, optam por comprar tudo, desde os alimentos, sementes, mudas: *“[...] estão mais ligado a integração ou o agronegócio, elas primeiro a produção de grande escala pra comercializar né, é pouca a produção do alimento da família, muitas compram tudo no mercado, quando tem horta compram já as mudinhas prontas, tem menos espaço, menos tempo.*

Carmem relata o exemplo que ela própria já vivenciou, quando a família decidiu entrar no processo de integração de aves, tendo que se adequar às exigências e normas técnicas das empresas que proibiam a criação dos pequenos animais diminuindo consideravelmente a diversidade do quintal:

[...] nós os aqui fizemos aviário no ano de 1977, por aí, daí nós não podia ter galinha solta, nós não tinha ovos, não tinha um monte de coisa, e desse tipo de quintal têm muitos ainda que estão na integração, que não pode [ter] os pequenos animais em redor de sua casa, mesmo morando no interior e tendo espaço. Não pode ter, ainda mais se é integrado, porque não pode ter nem porco, galinha, agora cada vez mais arrojado essa questão da vistoria, antes não podia ter galinha, podia

ter uma peste e passar pro aviário, agora não pode ter nem cachorro solto, nem porco, galinha, nem gado, ao redor do aviário, nada, nada. Então cada vez vai ficando mais reduzido assim a diversidade de produção dos quintais dessas pessoas, aí tem essa diferença de um quintal pro outro.

Lucimar atribui o alto grau de diversificação dos quintais produtivos das mulheres camponesas, à produção de suas próprias sementes e mudas bem como às trocas de plantas realizadas entre elas: *“As mulheres que estão no movimento, tão mais nessa questão da diversidade da produção, fazem mais trocas de sementes e buscam espécies com as outras companheiras, então têm mais diversidade, têm as próprias semente crioulas, trocam as sementes, fazem a mudinha em casa e bem mais diversificado, né.”*

As entrevistadas também atribuem toda essa diversidade ao conhecimento e estudo sobre o uso e as propriedades alimentícias e medicinais das plantas, isso motiva as mulheres a buscar sementes e mudas com as demais companheiras para cultivar em seus quintais.

Hoje, dá pra dizer que estão reconhecendo ainda certas plantas porque tipo, não vou citar todas, mas vou citar uma que a gente estudou também, eu me surpreendi com a quinoa né. A quinoa desde que eu era criança, a gente via aquela planta, nunca ninguém falou que ela era comestível, os passarinhos sim comiam muito, daí a gente tinha pra ornamentar porque é muito bonita a planta dela, a quinoa, com o benefício que ela tem então, a gente trabalha bastante. Então as mulheres hoje estão tentando reconhecer plantas que tinham e não sabiam como usar, tão ali pra bonito. Agora mesmo a gente tava falando do tempero do feijão, por exemplo, as nossas mães, nossas avós, sempre usou o louro no tempero do feijão, aí a gente perguntava por quê? Elas diziam: “- Pra dar um sabor”. Nem sabiam que era remédio, o louro é um baita remédio para o estômago, para o sistema digestivo e tudo né. Então elas já usavam, mas sem ter muita noção porque era saboroso, coisa assim né. Que nós no Movimento, a gente também estuda as propriedades e uso das plantas. (FÁTIMA).

Ivanete também reforça que o MMC tem realizado estudos e oficinas sobre as Plantas Alimentícias não Convencionais, as PANCs, e as mulheres camponesas estão cultivando em seus quintais e também incluindo na alimentação da família.

[...] que a gente também tá trabalhando a ora-pro-nobis, a capuchinha, várias plantas que não era convencionais, que a gente está aprendendo receitas, estamos fazendo e buscando ter. O ora-pro-nobis falam que é a carne do vegano, do vegetariano. Então as mulheres de cada planta nova que ficam conhecendo, elas querem uma muda, elas querem ter, elas incluem no cardápio da família. (IVANETE).

Para Ivete a diversidade dos quintais é maior quando as mulheres estão presentes e conseguem envolver mais a família. Ela comenta o exemplo de uma mulher que trabalha fora e o homem cuida do quintal sozinho, segundo ela a diversidade é menor:

Eu acho que o grande diferencial é a diversidade né, que é uma diversidade que você até percebe que é maior no lugar onde ela consegue envolver mais a família. Tem casos também que a mulher trabalha fora e mais o marido que cuida, já a diversidade não é tanta né, ainda tá naquele lado de fazer tudo os canteirinhos, tudo padronizado e tal. Mas quando é mais a mulher, tem mais a diversidade, tem a questão das plantas medicinais e também o todo, desde a casa, os artesanatos, tem uma cortina feita artesanal, os enfeites da casa, acho que tudo isso tá fazendo parte do quintal. Essa diversidade vai desde a produção dos temperos, dos vinagres, tudo que vai para alimentação da família. E ainda o sabão caseiro, xampu, que muitas fazem. (IVETE. Grifo meu).

A diversidade é maior quando a mulher consegue envolver a família, quanto maior a mão de obra, mais trabalho e conseqüentemente mais produção, ou seja, mais diversificação. Muitas mulheres fazem tudo sozinhas, o que resulta em grande sobrecarga de trabalho. Os quintais das mulheres camponesas são planejados, coordenados e predomina o trabalho das mulheres, sendo uma de suas principais características: *“Então esse espaço é onde a mulher domina, dá pra dizer assim a mulher coordena, então ali não tem muita interferência, ela que decide se dá pra plantar isso, mais aquilo, os tipos de plantas, de chás, seja lá, de flores, essa parte é a mulher que decide né, ela que planeja.” (EDEL).*

Para Collet e Cima (2015), os quintais produtivos agroecológicos das mulheres camponesas normalmente são gerenciados por elas. Com isso,

Para o MMC, quintais produtivos agroecológicos são espaços de terra que congregam diversos elementos, normalmente gerenciados por mulheres. Elas coordenam a organização, o manejo e planejamento da produção na horta, no horto medicinal, no pomar nos jardins; a criação e reprodução de animais de pequeno porte; a captação das águas das chuvas, o processamento artesanal de derivados de leite, as conservas, os doces, sucos, a confecção de artesanatos; bem como organizar a despensa, o galpão e outras instalações necessárias para ferramentas e armazenamento da colheita. (COLLET; CIMA, 2015, p. 51).

Para Lucimar o quintal é o espaço onde a mulher consegue produzir tendo mais autonomia e poder de decisão: *“Na maioria das vezes, o quintal é onde a mulher consegue produzir do jeito dela.”* Edel também relata que gerenciar um quintal é importante e complexo, envolve várias questões e não é uma tarefa simples. A mulher precisa planejar como e o que vai plantar, quantidades, preparar as sementes, o solo, os adubos orgânicos, introduzir junto às culturas plantas com função de repelir ou atrair, que contribuem para o controle do ataque de insetos. Esse trabalho exige muito conhecimento,

[...] então o plano, o gerenciamento dessas coisas, isso a mulher gerencia, gerente de um escritório é uma coisa, mas gerenciar um quintal é muito mais importante e tem muito mais, como digo, é complexo, porque ela tem que se preocupar com a plantação, do que o que ela vai plantar, do que ela tem que plantar e tudo; se preocupar com adubo que ela tem que fazer orgânico, e plantas que ajudam a

controlar, então tudo isso é uma coisa muito grande, não é simples sentar em uma mesa e fazer. Então, assim, gerenciar um quintal é muito importante, ainda mais feito por mulheres. (EDEL).

Elaboramos um quadro síntese trazendo as principais características dos quintais produtivos agroecológicos das mulheres camponesas que participam do MMC.

Quadro 1 - As principais características dos quintais produtivos agroecológicos das mulheres camponesas

LOCALIZAÇÃO	Próximo às residências, podendo se estender para áreas mais distantes, como também toda área de produção pode ser considerada quintal.
DIVERSIFICAÇÃO	Alto grau de diversificação: pequenos animais, árvores, flores, plantas ornamentais, frutíferas exóticas e também nativas, olerícolas, condimentares, plantas medicinais, PANCs, culturas anuais como amendoim, mandioca, batata doce, batatinha, feijões, arroz, abóboras, moranga, melão, melancia, pipoca, milho, alho, cebola, gergelim, linhaça, etc.
PLANEJAMENTO E MÃO DE OBRA	As mulheres planejam, gerenciam, coordenam e manejam com mais frequência e intensidade em determinadas tarefas como de plantio, limpeza e envolvimento dos demais membros da família.
INSUMOS, SEMENTES, MUDAS, ADUBOS, REPELENTE.	As sementes e mudas são crioulas produzidas em casa ou então adquiridas em trocas, doações e compras entre as mulheres camponesas. Adubos, repelentes produzidos na própria Unidade de Produção Familiar.
PRODUÇÃO	Agroecológica ou orgânica.
OBJETIVOS DA PRODUÇÃO	Principal objetivo atender a demanda de produção para o autoconsumo familiar, o excedente da produção também é doado entre os parentes, vizinhos, realizado trocas e venda direto aos consumidores, através de entrega de cestas, em feiras e casa colonial, em programas municipais de alimentação escolar PNAE e também para o Programa de Aquisição de Alimentos o PAA e em Mercados locais.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA	Assessoria técnica acontece através de projetos elaborados pelo MMC/SC. Conhecimento e formação técnica são adquiridos e socializados entre as mulheres em oficinas de formação do MMC/SC.

Fonte: autora (2021)

4.4 BENEFÍCIOS DOS QUINTAIS PRODUTIVOS

Um dos objetivos dessa pesquisa é identificar os possíveis benefícios sociais, econômicos e ecológicos dos quintais produtivos a partir das entrevistas realizadas com as monitoras. Os principais identificados estão nas dimensões social, ecológica e econômica que compreendem o paradigma agroecológico. Enquanto **benefícios sociais** estão: Segurança e soberania alimentar e nutricional; Conservação dos saberes da agricultura camponesa; Autoestima e independência das mulheres camponesas. Nos **Benefícios ambientais e ecológicos** destacam-se: Conservação e manutenção da biodiversidade; Cultivo e uso de plantas medicinais; Sistemas Agroflorestais; Cultivo de flores; Preservação e conservação da água. E os **Benefícios econômicos** seriam: Produção de alimentos/adubos, artesanatos; Geração de renda e Autonomia econômica.

4.4.1 Benefícios Sociais

4.4.1.1 Soberania alimentar e nutricional

Até chegar ao conceito de segurança alimentar houve um longo processo histórico de construção embasado nos estudos sobre a fome de Josué de Castro (1946). O próprio conceito foi passando por complementos relevantes e importantes, mas como não é o foco dessa pesquisa, não detalharemos todo esse processo. Adotaremos o conceito de soberania alimentar que é mais abrangente e contempla o debate e a luta construída pelos movimentos sociais do campo que compõem a Via Campesina internacional.

De acordo com os autores Caporal e Costabeber (2017), a expressão segurança alimentar, como conceito orientador para políticas públicas, apareceu no ano de 1974, durante a Conferência Mundial da Alimentação promovida pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). Em 1996, a mesma FAO estabeleceu um conceito mais ambicioso ao afirmar que “[...] se trata de assegurar o acesso aos alimentos para todos e a todo o momento, em quantidade e qualidade suficientes para garantir uma vida saudável.” (CAPORAL; COSTABEBER, 2017, p. 139).

O conceito de segurança alimentar usado por órgãos governamentais é questionado. Segundo Stédile e Carvalho (2012), no ano de 1996 a Via Campesina Internacional apresenta um novo conceito de soberania alimentar. Puxado pelas delegadas mulheres que participaram no fórum em paralelo a Cúpula Mundial sobre a Alimentação (CMA), realizada em Roma, pela FAO. Elas criticaram as propostas dos governos que pretendiam usar a política de segurança alimentar e o direito à alimentação para que empresas transnacionais tivessem a liberdade de transformar o alimento em mercadoria interessados apenas com seus grandes e lucrativos negócios.

O debate oficial girava em torno da noção de segurança alimentar. As mulheres foram críticas em relação aos termos utilizados na discussão dos governos, que, em sintonia com a hegemonia do neoliberalismo e com os princípios defendidos pela OMC, ajustaram a definição de segurança alimentar, tentando vincular o direito à alimentação à liberalização do comércio de alimentos, abrindo caminho para fazer da alimentação um grande e lucrativo negócio para as empresas transnacionais, a indústria química e de *fast-food*, entre outros. (STEDILE; CARVALHO, 2012, p. 720).

As mulheres não se calaram e juntamente com as demais organizações do campo, propuseram a construção do conceito de soberania alimentar afirmando que o alimento não é uma mercadoria e sim um direito humano.

Com esse debate feito pelas Mulheres, as organizações camponesas contrapuseram então ao conceito de *segurança alimentar* o conceito de *soberania alimentar*. Partiram do princípio de que *o alimento não é uma mercadoria, é um direito humano*, e a produção e distribuição dos alimentos é uma questão de sobrevivência dos seres humanos, sendo, portanto, uma questão de soberania popular e nacional. (STEDILE; CARVALHO, 2012, p. 720)

Essa concepção recebeu um complemento essencial em 2007, durante o Fórum Mundial pela Soberania Alimentar, realizado em Mali, cujo documento final, a Declaração de Nyéléni, afirma:

A soberania alimentar é um direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica, e seu direito de decidir seu próprio sistema alimentar e produtivo. Isto coloca aqueles que produzem, distribuem e consomem alimentos no coração dos sistemas e políticas alimentarias, por cima das exigências dos mercados e das empresas. (STEDILE; CARVALHO, 2012, p. 721).

Foi também reforçada na Conferência Mundial dos Povos sobre Mudanças Climáticas e os Direitos da Mãe Terra, realizada em Cochabamba, na Bolívia, em abril de 2010, destacando a participação feminina na construção do conceito:

E que, ao mesmo tempo, está em consonância com os direitos dos povos de controlar seus territórios, seus recursos naturais, sua fertilidade, sua reprodução social e a integração entre etnias e povos de acordo com interesses comuns, e não apenas determinados pelo comércio e o lucro. E há também uma influência na construção do conceito da visão feminina do mundo. Baseada na fertilidade e na reprodução social da humanidade em condições igualitárias e justas. (Coordinadora Latino Americana de Organizaciones del Campo, 2010, p. 23-25 apud STÉDILE; CARVALHO, p. 722).

Para Altieri (2012),

[...] os movimentos sociais do campo adotam o conceito de soberania alimentar como uma alternativa à abordagem neoliberal que aposta no comércio internacional injusto como forma de resolver o problema da fome mundial. Em vez disso, o conceito de soberania alimentar enfatiza o acesso dos agricultores à terra, sementes e água, focando na autonomia, nos mercados locais de produção-consumo, na soberania energética e tecnológica e nas redes de agricultor a agricultor. (ALTIERI, 2012 p. 366).

Para os autores Machado e Machado Filho (2014, p. 85), o conceito de Soberania alimentar estaria mais ligado à definição de soberania de um povo ou nação que seria “a capacidade que um país tem de alimentar sua população com produtos provenientes de sua agricultura – animal e vegetal – importando apenas um ou outro alimento que, mais por razões culturais que agrícolas, não são produzidos. Mas, a dieta básica, calórica e protéica – é suprida dentro de suas fronteiras.”

Para Pacheco (2007, p. 131), representante da Articulação Nacional da Agroecologia, soberania e segurança alimentar tem a ver com a defesa da biodiversidade, territórios e culturas tradicionais contra a sociedade de consumo:

É impossível falar de soberania e segurança alimentar sem fazer a defesa intransigente da biodiversidade, do direito à terra e território, das culturas alimentares regionais, e do resgate de culturas que estão se perdendo, e da importância do autoconsumo. Estamos contra a homogeneização dos padrões, tanto na produção, como também, no consumo. Isso se articula com a questão da relação com o mercado e com a prioridade das relações diretas entre produtor e consumidor. Por isso valorizamos os mercados locais com as feiras agroecológicas. É um tema que nos leva também a aprofundar o debate sobre o papel das mulheres, tão importante para a segurança alimentar. Está associado ainda à importância das articulações políticas para enfrentar a questão dos acordos internacionais, que, cada vez mais, impõem restrições às políticas públicas. Qualquer iniciativa que seja vista como subsídio a essa pequena agricultura é condenada pela Organização Mundial do Comércio.

Concordando com todas as questões levantadas por Pacheco, relevantes e fundamentais para de fato garantir a segurança e soberania alimentar dos povos, acrescentamos ainda a luta e enfrentamento ao modelo de produção capitalista do

agronegócio. Lembrando que uma das principais propostas da revolução verde era acabar com a fome no mundo, dados têm revelado que o problema social da fome está muito distante de ser resolvido. A insegurança alimentar no Brasil tem aumentado nos últimos anos, em pesquisa realizada no período de julho 2017 a julho de 2018, pela Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) e divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) em novembro de 2020, relata que a fome chegou a 10,3 milhões de pessoas, sendo 7,7 milhões de moradores da área urbana e 2,6 milhões da área rural. (BRASIL DE FATO, 2020). Em estudos realizados pela Actionaid (2020), mostra que quase 15 milhões de pessoas devem passar fome no Brasil até o final do ano de 2020.

Segundo Caporal e Costabeber (2007), se por um lado estamos diante de um problema de acesso à alimentos, por outro estamos diante de uma carência na produção de comida para atender às necessidades de todos os brasileiros(as) em quantidade e qualidade. Quanto à quantidade, o padrão agrícola dominante no país tem deixado a desejar quando o assunto é a produção de alimentos básicos. (CAPORAL; COSTABEBER, 2007, p. 139-140).

O autor Teixeira (2019) publicou em sua análise do Censo Agropecuário de 2017, que a agricultura não familiar, (agronegócio) produz e vende 103, 156, 255 toneladas de soja, 90,7%. É uma produção bastante grande que é destinada para exportação. Segundo os autores Caporal e Costabeber (2017), o consumo nacional de soja em grão na alimentação humana é pequeno, até porque a ingestão dessa leguminosa não faz parte dos hábitos alimentares da população. Os dados do CA (2017), também analisado por Teixeira (2019), demonstram que “a agricultura não familiar” tem aumentado a produção e venda de alimentos essenciais que compõem a dieta alimentar da população Brasileira, a exemplo do feijão e do arroz.

Preocupa esse setor estar produzindo tamanha quantidade desses grãos, devido a qualidade dessa produção que passa ser consumida pela maioria da população que não produz o seu próprio alimento. Os dados do Censo Agropecuário 2017, também revelaram o aumento do uso de agrotóxicos. “A participação dos gastos com agrotóxicos nos dispêndios produtivos totais dos estabelecimentos correspondeu a 10%. A agricultura ‘não familiar’ foi responsável por 89% dos gastos totais com agrotóxicos”. (TEIXEIRA, 2019, p. 12). Importante ressaltar que dos 3 mil produtos agrotóxicos comercializados no Brasil 967 foram aprovados nos anos de 2019 e 2020. (REPÓRTER BRASIL, 2021).

O agronegócio se destaca pela alta produção de *commodities*. Na maior área de terras agricultáveis do país, a produção de produtos destinados à alimentação humana está contaminada por resíduos de agrotóxicos e também consideradas de baixo valor nutricional. Para esse modelo de produção, os alimentos são mercadorias e também apresenta grande

dependência de agrotóxicos, sementes e fertilizantes que geralmente são importadas ou produzidas no país por empresas multinacionais.

Conforme consta nas pesquisas dos autores Machado e Machado Filho (2014, p. 85)

Com a Lei de Patentes e controle das sementes pelas multinacionais o quadro já se configura problemático. Mas, se acrescentarmos que 60% dos fertilizantes são importados e, praticamente 100% dos agrotóxicos são importados ou produzidos por empresas multinacionais, conclui-se que o país tem sua soberania alimentar ameaçada.

A concentração de terras e falta de políticas públicas que incentivem a produção de alimentos diversificados e saudáveis para agricultura familiar, camponesa e urbana, são questões que têm contribuído para o aumento da insegurança alimentar e nutricional da população brasileira. “O grande desafio das instituições governamentais, sociedade civil e dos povos está em comprometer-se e assumir o princípio da soberania alimentar com todas as suas dimensões para o desenvolvimento integral de todo o ser vivo e a sustentabilidade do planeta.” (COLLET; CIMA, 2015, p. 50).

Nesse sentido vários movimentos sociais, organizações, entidades, ONGs do campo e da cidade se juntam na luta para avançar em ações que promovam a soberania alimentar. As experiências dos quintais produtivos das mulheres camponesas apresentam importante contribuição com a soberania alimentar. Perguntamos às entrevistadas qual era a importância e os benefícios sociais, econômicos e ecológicos dos quintais produtivos agroecológicos das mulheres camponesas e com relação a esse debate, as entrevistadas responderam sobre exercer o direito de produzir seus alimentos seguindo os princípios da produção agroecológica: “*Nós em nossas unidades de produção temos o trabalho da agroecologia.*” (EDEL) A tomada de consciência é seguida pela decisão de produzir com base na produção agroecológica visando o consumo de alimentos saudáveis, o que estaria de acordo com a definição de soberania e segurança alimentar: “[...] *desde que eu comecei ter essa consciência da agroecologia e a participar do movimento de mulheres, que a gente vai aprendendo e trocando experiência do valor da agroecologia e da gente produzir alimento saudável.*” (CARMEN).

A agroecologia é um elemento fundamental para a soberania e segurança alimentar porque a forma de produção exige um ambiente saudável, com relações de respeito entre os seres humanos e destes com a natureza, sem venenos com alimentos saudáveis. (AMT-RS, 2007, p. 47). Entendemos que na produção agroecológica não tem o uso de agrotóxicos, fertilizantes e nem sementes comercializadas por empresas multinacionais, as camponesas

possuem autonomia para decidir como produzir e que tipo de insumos utilizarem, que geralmente são os produzidos no próprio quintal conforme relata Fátima:

E por que o quintal? A gente já fala quintal agroecológico. Então a gente não pode usar nem um tipo de veneno, nem químico, nada. Então a gente produz, então geralmente quando a gente faz essas oficinas nos interior ...] a gente sempre leva a prática de um produto tanto pra usar no quintal, contra o ataque ou mesmo pra controlar os bichinhos, pro solo.

As mulheres camponesas produzem suas próprias sementes e costumam fazer as trocas entre elas de mudas e sementes que Ivanete chamou de “benefício da partilha”. Essa prática contribui para garantir a manutenção das variedades de sementes crioulas, para que essas possam sempre estar sobre o domínio e nas mãos das famílias camponesas, proporcionando mais independência e autonomia.

E não é só o que ela colhe pra ela, que a gente sabe. As minhas vizinhas quando uma tem bastante repolho, troca com a outra que tem batatinha e vise versa, se trocam mudas, quem não tem pede pra vizinha, daí lá tem, se trocam muda de batata, mandioca, uma infinidade de coisas, se trocam, que é um benefício que tu produz uma semente, ela outra, aí se troca o que você não tem com o que você tem, o benefício da partilha que o movimento resgatou. A semente aí, precisa distribuir, eu distribuo quando tenho uma semente nova que eu ganhei e consegui recuperar, porque se você não colher, depois essa semente, a vizinha vai colher, daí ela pode devolver a semente, se você segura só pra você, quando você perder a semente, se foi, perdeu a espécie. Então sempre partilhar a semente para várias pessoas plantar, pra sempre ter e não perder. (IVANETE).

Para que os camponeses e camponesas possam ter autonomia na unidade de produção, é necessário que possam produzir e reproduzir as sementes de posse das comunidades, bem como fazer os fertilizantes que utilizam para não depender das empresas. (AMTR-RS, 2007).

As plantas medicinais também são cultivadas pelas mulheres camponesas em seu quintal, importante para diversidade, equilíbrio e a autonomia, muitas famílias priorizam seu uso para não depender de empresas que monopolizam a fabricação e comercialização de agroquímicos como também de medicamentos:

[...] tem tanta coisa que você pode fazer, dá pra fazer teu chazinho, pomadinha, tintura em casa. Hoje, você sabe, que no SUS nem tudo tem, depende de ir na farmácia qualquer uma pomadinha lá é um horror de caro. Então você pode passar receitinha pras mulheres né, elas cuidar das suas famílias com seus próprios produtos e cuidar também do redor da casa sem veneno, protegendo a natureza, a água né, o ar. (FÁTIMA).

A Fala da Fátima traz elementos de como trabalhar a autonomia dos camponeses e camponesas através do preparo e uso de medicamentos caseiros, homeopáticos, para tratar as

peessoas, as plantas e os animais e também ter o cuidado com a natureza. Também nos diz “[...] eu sempre converso com as mulheres, vamos cuidar em redor das nossas casas pra ter os animaizinhos mais sadios e também fazer produtos pra eles também de boa qualidade.” (FÁTIMA).

Os quintais produtivos agroecológicos apresentam importante papel com relação ao acesso diário de alimentos nutritivos e saudáveis, produzidos de forma limpa e sustentável como. Assim, os “Benefícios seriam da alimentação saudável, que são produtos limpos e que não têm agrotóxicos e são sustentáveis.” (EDEL). Além disso,

Poder produzir teu alimento saudável é muito importante porque além de você ter uma boa alimentação, não precisa puxar dinheiro pra você comprar, sendo que você nem sabe como foi produzido aquele alimento. A gente sempre diz: - Se você tiver pra pôr na mesa, já é de bom tamanho, se sobrar, fazer uma troca com a vizinha ou comercializar pra comprar aquilo que você não conseguiu produzir. (FÁTIMA).

A soberania alimentar diz que é um direito dos povos produzir e ter acesso a alimentos nutritivos e culturalmente adequados. Neste sentido as mulheres camponesas seguem esta política, pois produzem seus alimentos diversificados e saudáveis, principalmente para atender a dieta alimentar e nutritiva das suas famílias, e também buscar comercializar o excedente da produção, possibilitando às pessoas que não conseguem produzir, acesso e consumo de alimentos saudáveis e de qualidade de acordo com seus hábitos e cultura alimentar. Faz parte da identidade e da cultura camponesa produzir seus próprios alimentos: “A importância deles é a vida nossa, assim eu não me vejo sem ter essa lida dos quintais, ter as coisas quando a gente precisa. Imagine uma mulher camponesa ir lá no mercado comprar batatinha, comprar tomate, comprar repolho, essas coisas, eu não me vejo assim, eu tenho para vender, agora então acho que é muito importante.” (CARMEN).

Nas falas a seguir, as entrevistadas explicam que os alimentos produzidos com agroquímicos contêm poucas vitaminas, são de baixo valor nutricional e causam doenças para as pessoas: “[...] porque nossa saúde entra pela boca, porque se você comer um produto de má qualidade, você não vai ter saúde nunca.” (FÁTIMA). Os alimentos que produzem em seu quintal são mais saudáveis, nutritivos, contêm vitaminas, sais minerais, proteínas e micronutrientes essenciais para o organismo das pessoas terem mais resistência e saúde.

Você tem seu quintal produtivo que você produz tua alimentação, você tem saúde, porque as pessoas que não produzem, às vezes levam uma criança no médico, o médico diz: - E essa criança tem que comer feijão por causa do ferro! O que eu avalio que o feijão ou qualquer produto que você compra em mercado, que é

produto produzido com químico né, com adubo, com veneno, ele não tem as proteínas, as propriedades que o feijão orgânico tem dos quintais, que da nossa produção tem então os benefícios. É assim, você tem mais qualidade, você tem mais saúde, teu organismo tem mais resistência. (LUCIMAR).

A luta pela soberania alimentar dos povos é importante e necessária, pois o índice de pessoas que passam fome, mundialmente, tem aumentado cada vez mais, não pela falta de alimentos, mas pelas desigualdades sociais e econômicas, a população pobre não possui renda suficiente para adquirir alimentos em quantidade e qualidade para seu consumo. A fome é um problema social bastante preocupante e grave, mas além da fome, a população mundial enfrenta problemas de saúde considerados sérios como a obesidade e a desnutrição, pois os alimentos que chegam até a mesa da população, não são saudáveis, apresentam deficiência de nutrientes, altos índices de resíduos de agrotóxicos e há também um consumo muito alto de produtos industrializados, enlatados que contém muita gordura, sódio e aditivos como corantes, conservantes, acidulantes, entre outros.

As lutas e ações do MMC para avançar na soberania alimentar e nutricional são intensificadas pela produção de alimentos saudáveis, diversificados, adaptados e consumidos pelas populações locais através dos princípios da produção agroecológica e sustentável, pela autonomia dos camponeses e camponesas, para que não tenham nenhuma ou qualquer dependência das empresas fornecedoras de sementes e insumos para realizar os seus próprios cultivos. As lutas são para que possam decidir o que produzir, quanto produzir, que técnicas, manejos e formas de produção são mais adequadas para sua realidade; por políticas públicas que incentivem a produção, comercialização e distribuição de alimentos produzidos pela agricultura familiar e camponesa e nesse viés também valorizem e reconheçam o papel das mulheres na produção de alimentos saudáveis e da soberania alimentar dos povos e da nação.

4.4.1.2 Conservação e valorização dos saberes da cultura camponesa

Para muitos setores da sociedade, a agricultura camponesa era sinônimo de atraso. Os camponeses e as camponesas não eram reconhecidos como atores sociais que geram renda e desenvolvimento no campo, atribuíam-lhes apelidos pejorativos a exemplo do jeca tatu (personagem do autor Monteiro Lobato). Buscavam reforçar a ideia que os camponeses eram os pobres, miseráveis, sem estudo e que não conseguiram acompanhar a evolução do progresso tecnológico e científico da então denominada modernização da agricultura, não

reconhecendo a agricultura camponesa como uma forma de produção social diferente da agricultura capitalista, para a qual o seu principal objetivo é industrializar a agricultura e gerar lucro.

A concepção dos setores dominantes presentes nos aparelhos do Estado – esferas econômicas e mesmo na academia – reafirmava, assim, o não reconhecimento da unidade familiar camponesa como uma forma social de produção capaz de merecer, ela também um voto de confiança da sociedade por sua capacidade de transformação. Esse quadro revela a incompreensão acerca da lógica específica da produção camponesa, que distingue, naturalmente, da lógica empresarial capitalista. (WANDERLEY, 2009, p. 33).

A agricultura camponesa apresenta particularidades e especificidades próprias, que são distintas do modo de produção capitalista. A negação do campesinato e da agricultura camponesa pelas empresas capitalistas e outros setores dominantes da sociedade se expressa também nos discursos e definições de que

O campesinato se apresenta na formação social brasileira com uma especificidade, uma lógica que lhe é própria na maneira de produzir e de viver, uma lógica distinta e contrária à dominante. Por outra parte, o campesinato se confronta ideologicamente, e com as consequências daí resultantes, com duas expressões já usuais, que se fizeram hegemônicas no campo, e que são decorrência dos interesses das concepções das empresas capitalistas: agricultura de subsistência e agricultura familiar. (CARVALHO; COSTA, 2012, p. 29).

Continuando com as colocações dos autores citados, o termo agricultura familiar foi oficializado no ano de 2006 onde se estabeleceu as diretrizes para formulação da política nacional para agricultura familiar. Muitos agricultores e agricultoras que acessam programas e políticas públicas governamentais são enquadrados nas diretrizes da política nacional da agricultura familiar a exemplo das linhas de crédito dos PRONAF.

Essa formalização do termo agricultura familiar é o que leva muitos estudantes, pesquisadores e demais setores da sociedade, como já falamos acima, a optar e fazer o uso desse termo. Nesse mesmo sentido outros setores da sociedade, principalmente movimentos e organizações populares do campo, pesquisadores, estudantes, comunidade acadêmica, têm optado por outra definição, a de agricultura camponesa, por entenderem que é uma forma própria de praticar agricultura que difere da agricultura industrial, por ser capaz de estabelecer relações de cuidado, preservação e conservação dos bens naturais e da natureza, por produzir diversidade de alimentos saudáveis através da prática agroecológica. Diz respeito a um processo de construção de identidade social e a um modo de viver.

Mulheres do campo organizadas em vários movimentos autônomos de mulheres, iniciam um processo de construção de sua identidade camponesa que contribui para que coletivamente decidam pela consolidação dos Movimentos de Mulheres a nível nacional, passando a denominar-se, Movimento de Mulheres Camponesas, assumindo identidade camponesa e unificando suas lutas.

O MMC foi criado oficialmente em 2004 como resultado da união de vários movimentos de mulheres do campo que se incorporaram à Via Campesina, por ocasião da IV Conferência da Via Campesina. Particularmente em Santa Catarina, esse movimento apresenta uma história de quase três décadas, sendo que nesse período, mudanças políticas e estruturais aconteceram no campo que influenciaram sua postura. Anteriormente, de forma isolada nos estados brasileiros, as organizações de mulheres existem desde a década de 1980, como é o caso do MMA em Santa Catarina, do MMTR no Rio Grande do Sul e Paraná e das extrativistas no norte e nordeste do Brasil, como as quebradeiras de coco de babaçu. Na década de 1990 esses movimentos começaram a se articular e criaram a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR), que resultou na criação do MMC em 2004. (BONI, 2013, p. 69).

Nesse período as mulheres realizaram estudos e debates buscando uma melhor compreensão sobre as características de uma unidade de produção camponesa e sobre a categoria camponês que abrange a diversidade camponesa e contempla desde as pequenas agricultoras, termo mais comum na região Sul do país, como as quebradeiras de coco, extrativistas, pescadoras artesanais, sem-terra, assentadas, indígenas, quilombolas, enfim essa diversidade de mulheres trabalhadoras do campo que produzem alimentos, comercializam, geram renda e autonomia econômica e se organizam em um movimento autônomo de mulheres.

Fizemos debates sobre a *categoria camponês* que compreende a unidade produtiva camponesa centrada no núcleo familiar a qual, por um lado se dedica a uma produção agrícola e artesanal autônoma com o objetivo de satisfazer as necessidades familiares de subsistência e por outro, comercializa parte de sua produção para garantir recursos necessários à compra de produtos e serviços que não produz. [...]. Neste sentido, a mulher *camponesa*, é aquela que, de uma ou de outra maneira, produz o alimento e garante a subsistência da família. É a pequena agricultora, e pescadora artesanal, a quebradeira de coco, as extrativistas, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, bóias-frias, diaristas, parceiras, sem terra, acampadas e assentadas, assalariadas rurais e indígenas. A soma e a unificação destas experiências camponesas e a participação política da mulher, legítima e confirma no Brasil, o nome de Movimento de Mulheres Camponesas. (MMC, 2021, n.p.).

Às vezes as mulheres ainda falam que são agricultoras porque afinal está tudo interligado à agricultura familiar à agricultura camponesa e na região Oeste de Santa Catarina o termo agricultor, agricultora, é mais popular e usual que camponês, camponesa. As mulheres inseridas no MMC/SC desde a adoção do termo camponesa em nível nacional, vem

realizando debates nos grupos de base e com a sociedade, explicando porque são camponesas e dessa forma também se apresentam, identificam e assumem a identidade e a prática camponesa. Conforme destaca Carmen, quando perguntamos se ela se identifica como camponesa, ela responde:

Com certeza sangue, alma e prática também, porque eu to no campo, e to no campo fazendo de tudo um pouco, trabalhando e tirando do campo o sustento para nós e para nossas famílias. E eu tenho conhecimento também, eu acho, uma camponesa que mora no campo, que trabalha e tem a prática, ela vai adquirindo no decorrer dos anos muito conhecimento, então desde como colher a semente, a época certa de plantar as coisas, tudo a gente sabe pra ensinar, já digo não é que eu queira me gabar, mas a gente vai adquirindo, não adianta, esse conhecimento vem e fica com a gente.

O Movimento de Mulheres Camponesas se identifica como movimento social camponês e luta em defesa da agricultura camponesa porque essa agricultura preserva a cultura e os saberes tradicionais dos antepassados levando em consideração que esses conhecimentos são importantes no processo de construção da agricultura agroecológica, e representa autonomia, luta e resistência ao enfrentar o avanço do processo de industrialização da agricultura. O Movimento reforça que agricultura familiar e camponesa constrói a soberania alimentar. As pequenas propriedades são as que produzem comida, pelo trabalho de mulheres, homens, jovens e crianças que começam desde muito cedo, aprender o “ofício” estando junto na lida dia a dia. (AMTR- RS, 2007). Na afirmação de Görden (2004, p. 11) “[...] a agricultura camponesa não é só um jeito de produzir no campo. É um modo de viver. É uma cultura própria de relação com a natureza. É uma forma diferenciada de vida comunitária.”

Para o autor Ploeg (2009, p. 17), a agricultura camponesa constitui parte altamente relevante e indispensável da agricultura mundial, o autor considera que

É enorme e indispensável sua contribuição para a produção de alimentos, geração de emprego e renda, a sustentabilidade e o desenvolvimento de modo geral. Especialmente sob condições atuais (crise econômica e financeira global que se combina com crises alimentares periódicas), o modo de produção camponês deve ser valorizado como um dos principais elementos de qualquer que seja o projeto adotado para fazer frente aos dilemas atuais.

A agricultura camponesa tem suas contradições, enfrentamentos e ameaças de desaparecimento conforme destaca o autor.

No momento histórico em que vivemos ela está sobre pressão do mercado capitalista que força as migrações constantes, a inserir-se no mercado internacional, a produzir

monoculturas, a fornecer mão de obra, para as empresas capitalistas, a endividar-se no sistema financeiro, a integrar-se com as agroindústrias, a ser complementar à produção dos latifúndios, a consumir o pacote tecnológico das multinacionais. (GÖRGEN, 2004, p. 14).

Entre tantas conseqüências do processo de modernização da agricultura, destacamos a não valorização e apropriação dos conhecimentos, do saber-fazer dos agricultores conforme colocam os autores Petersen e Soglio (2009, p. 87):

Entre outros efeitos da modernização da agricultura retirou do agricultor o controle do conhecimento associado ao seu próprio trabalho, criando um mecanismo que ao mesmo tempo expropriou o saber-fazer das comunidades rurais e transferiu esse poder para as corporações do agronegócio transnacional, dessa forma a dependência tecnológica converteu-se em invasão cultural, mobilizando as capacidades autônomas de inovação local e promovendo a desconexão da agricultura com relação aos ecossistemas, às comunidades e ao consumo de alimentos.

Muitos saberes e conhecimentos da cultura camponesa ficaram esquecidos e muitos até se perderam com o passar dos tempos pela insistência de um modelo de produção agrícola altamente dependente de tecnologias e insumos industriais, que nega a existência da agricultura camponesa. Mas por outro lado há enfrentamento a esse modelo de agricultura e constrói formas de resistência. O autor Ploeg (2009), destaca as diferentes formas de resistência que os camponeses buscam para não desativar e fechar suas unidades de produção agrícola diante das investidas e ameaças do modelo de produção agrícola capitalista empresarial.

Os camponeses não desativam (nem fecham completamente) suas unidades de produção agrícola. Ao contrário, eles tendem a resistir de modos distintos, mas mutuamente inter-relacionados: primeiramente, eles tentam, tanto quanto possível aumentar a produção. A quantidade e a qualidade de seu próprio trabalho (familiar) continuam aqui sendo um fator-chave. Qualquer redução da produção total contraria imediatamente seus próprios interesses. Em segundo lugar, eles procuram reduzir os custos monetários enraizando ainda mais o processo de produção agrícola no capital ecológico disponível. Em terceiro lugar, eles engajam, onde for possível, em lutas, arranjos institucionais e na construção de redes que lhes proporcionem maior segurança e melhor acesso aos recursos escassos. Em quarto lugar, o camponês procura, sempre que necessário, cintos *de segurança* (p. ex., pluriatividade e multifuncionalidade) que lhe permitam continuar produzindo e proteger sua base de recursos, mesmo sobre condições de extrema dificuldade. (PLOEG, 2009, p. 28. Grifo do autor).

Nesse processo do saber-fazer, os conhecimentos, a cultura do povo do campo, é recuperada, valorizada e respeitada pela agricultura camponesa através de intensas ações que envolvem muito trabalho, luta e resistência. Os camponeses e camponesas são os que preservam conhecimentos sobre como produzir, colher e armazenar suas próprias sementes crioulas, sobre a produção diversificada de alimentos saudáveis, sobre como tratar problemas

de saúde com a “medicina alternativa” e uso das plantas medicinais, sobre como fazer uso de insumos e materiais disponíveis de suas próprias unidades de produção, sobre como buscar alternativas para aumentar sua autonomia. Na prática de vida coletiva costumam se reunir em comunidade para rezar, celebrar, festejar e se organizar para as lutas, organizam mutirões de trabalho na comunidade ou mesmo para ajudar alguma família, principalmente quando enfrenta problemas de saúde. Os camponeses(as) preservam a cultura de trocas de mudas, sementes, alimentos e de experiências e saberes que são repassados de geração a geração. Diante do que listamos, o autor Altieri destaca cinco razões para apoiar a revitalização da agricultura familiar e camponesa:

- a. Pequenas propriedades rurais são a chave para segurança alimentar mundial;
- b. Pequenas propriedades rurais são mais produtivas e conservam mais recursos naturais do que as grandes monoculturas;
- c. Pequenas propriedades representam modelos de sustentabilidade;
- d. Pequenas propriedades rurais apresentam um santuário livre de organismos geneticamente modificados (OGMs);
- e. Pequenas propriedades rurais resfriam o clima. (ALTIERI, 2012, p. 363).

Como sabemos a agroecologia é uma ciência que integra o conhecimento de várias disciplinas científicas e também aproxima e valoriza os saberes tradicionais da agricultura camponesa. Conforme destacam os autores:

Uma das inovações determinantes da Agroecologia em relação às ciências agrárias convencionais vem do seu reconhecimento da existência de racionalidades ecológicas nos modos camponeses de produção econômica e reprodução socioambiental, resultante da capacidade das populações rurais de ajustar seus meios de vida aos ecossistemas em que vivem e produzem. Portanto estão longe de ser a manifestação de atraso cultural a ser superado, tal como apregoado pela ideologia da modernização. Esse reconhecimento da importância dos saberes locais e da capacidade dos agricultores e agricultoras familiares de gerar novidades trouxe para agroecologia implicações epistemológicas de largo alcance, uma vez que seu desenvolvimento como abordagem científica nega o positivismo lógico que descarta todo e qualquer conhecimento que não seja validado pelo método científico convencional e cartesiano. (PETERSEN; SOGLIO et al., 2009, p. 86).

E nesse sentido os saberes, os conhecimentos dos camponeses e camponesas é tão importante quanto o saber científico no fortalecimento dos processos de transição agroecológica.

O conhecimento dos agricultores familiares sobre os ecossistemas em que operam, seja ele um saber tradicional ou de inovações geradas localmente pelos produtores, é um capital precioso no processo de transição agroecológica, tanto quanto o conhecimento científico da agroecologia. Preservar esses saberes e experiências criativas hoje é valorizar os processos de transição agroecológica em curso que serão a conversão mais ampla da agricultura brasileira. (WEID, 2009, p. 65).

A agricultura camponesa possui conhecimentos, saberes, modo de vida e produção agrícola que integrado com os conhecimentos e avanços científicos produzidos pela agroecologia são capazes de superar o modelo de agricultura industrial e construir uma agricultura de base agroecológica sustentável.

Para as mulheres camponesas é importante defender e valorizar a cultura camponesa principalmente no que diz respeito à relação com os bens naturais (biodiversidade, solo, água) a natureza, os saberes e conhecimentos sobre plantar, colher, armazenar bem como as lutas e formas de resistência, co produção, reprodução, autonomia, o seu modo de vida e cultura. Assim como é também importante ser reconhecido e valorizado o trabalho, os conhecimentos e saberes dos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas e de todas as comunidades tradicionais, bem como dos jovens e das mulheres camponesas, e dessa forma, várias questões da cultura camponesa precisam ser estudadas, repensadas ressignificadas, principalmente aquelas relacionadas ao sistema de poder e dominação que se expressa através da cultura patriarcal e machista.

Na agricultura camponesa também deve haver o reconhecimento do trabalho das mulheres e dos povos indígenas, dos negros, pelo reconhecimento criado e acumulado sobre os alimentos e as formas de industrialização e aproveitamento acumulados sobre os mesmos. Os debates sobre a divisão das tarefas domésticas e também a divisão do poder são grandes desafios. As mulheres e os jovens precisam ter voz de decisão e não apenas serem quem trabalha e obedece. É preciso ir quebrando com as “lógicas patriarcais” e possibilitando a autonomia das pessoas. (AMTR-RS, 2007, p. 34).

Nos quintais produtivos agroecológicos das mulheres camponesas há uma luta diária e constante pela preservação e valorização dos conhecimentos, saberes da cultura camponesa, e por eles também se expressa a luta cotidiana junto às suas famílias e à sociedade pela superação do sistema de dominação patriarcal. Buscam construir relações de igualdade, respeito e distribuição das tarefas domésticas, maior envolvimento e participação das mulheres, dos e das jovens no que diz respeito à administração e gestão das unidades de produção, bem como as decisões a serem tomadas na família. Buscam maior visibilidade, valorização do trabalho e também dos conhecimentos e saberes das mulheres camponesas e o reconhecimento do papel das mulheres na agricultura como sujeitas, autoras sociais de transformação e desenvolvimento.

4.4.1.3 Melhoria na autoestima e independência das mulheres camponesas

Para as mulheres camponesas o trabalho no quintal possibilita às suas famílias alimentação saudável, gera renda, autonomia e melhora a qualidade de vida e saúde, isso tudo é importante para elas e contribui para elevar sua autoestima: *“A importância tudo que já falamos é saúde, autoestima, que dá renda, porque se for botar tudo na ponta do lápis, quanta coisa que não precisa comprar.” (IVANETE).*

Trabalhar e cuidar do quintal produtivo agroecológico, para muitas mulheres camponesas, é motivo de orgulho, satisfação e alegria aliado com a participação na organização, formação e luta por direitos no MMC: *“Felizes as mulheres que estão no movimento e que conseguem esse aprofundamento, essa formação e fazem do seu quintal produtivo um prazer, uma alegria, momentos bons de viver e que nos dá saúde, né?” (ADÉLIA).*

As mulheres camponesas que conseguem trabalhar, comercializar sua produção, além de ter seu dinheiro, também têm mais poder de decisão, autonomia e independência: *“Porque se a mulher assim consegue trabalhar e vender alguma coisa, que ela tenha esse dinheiro pra ela, assim, isso a deixa mais empoderada, porque se ela não tem dinheiro, fica com certa dependência depende do marido, se ela conseguisse trabalhar, isso não seria tão dependente.” (EDEL).*

O trabalho no quintal produtivo contribui para elevar a autoestima das mulheres camponesas, principalmente quando a família e a sociedade reconhecem a importância e o papel desempenhado pelas mulheres camponesas com relação à produção de alimentos saudáveis e diversificados, nos cuidados e atenção à saúde, preservação e conservação dos recursos naturais e do ambiente.

4.4.2 Benefícios Ecológicos

4.4.2.1 Cultivo, conservação e manutenção da biodiversidade

A biodiversidade presente nos quintais produtivos das mulheres camponesas representa a conservação e manutenção de espécies de plantas e animais nativos da região,

como aquelas que foram trazidas pelos povos imigrantes e foram sendo cuidadas pelas mãos humanas, principalmente das mulheres, assim como descrevem as autoras Almada e Souza (2007, p. 15): “Os quintais brasileiros são amostras representativas de experimentação, trocas e processos coevolutivos, constituídos de espécies de plantas e animais nativos e aquelas trazidas das mais diversas partes do mundo durante os processos de migração e colonização.”

Conforme definição dos autores Machado e Machado Filho (2014) “[...] a biodiversidade é o termo que sintetiza essa diversidade de seres orgânicos e inorgânicos presentes em qualquer comunidade natural”. E segundo os autores, a biodiversidade pode ser definida como o conjunto de milhares de seres vivos, animais e vegetais, presentes na natureza, biomas, ecossistemas naturais. Referem-se à agrobiodiversidade como a ação humana sobre a natureza para fins agrícolas, seja ela vegetal ou animal e ainda acrescentam que a agrobiodiversidade não diz respeito somente à vida, fauna e flora da superfície terrestre, sem considerar a biodiversidade dos mares, uma parcela de igual importância se encontra debaixo da terra, no subsolo, aí vivem milhares de espécies animais e vegetais. Para os autores esses dois segmentos às vezes costumam confundir, e quando se discute biodiversidade, discute-se implicitamente agrobiodiversidade. (MACHADO, MACHADO FILHO, 2014 p. 73-77).

Os autores Altieri e Nicholls (2012) usam o termo biodiversidade agrícola se referindo refere a todos os organismos vegetais e animais (cultivos, plantas espontâneas, criações de animais, inimigos naturais, polinizadores, fauna, do solo, etc.) presentes em uma propriedade rural e no seu entorno. Nesse sentido, “A agrobiodiversidade, ou diversidade agrícola, constitui uma parte importante da biodiversidade e engloba todos os elementos que interagem na produção agrícola.” (SANTILLI, 2009, apud MACHADO; MACHADO FILHO, 2014 p. 75).

Sabemos que o Brasil é um país que possui uma rica biodiversidade, porém a sua preservação e conservação tem sido um grande desafio, a produção em larga escala de monoculturas tem provocado de forma considerável e acelerada, a perda da biodiversidade. “A simplificação das tecnologias agrícolas promovidas pelas monoculturas de soja, milho, eucalipto, pinus, suínos, aves, bovinos e outros, causam uma severa agressão ao ambiente.” (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014, p. 77).

A partir das definições de biodiversidade e agrobiodiversidade podemos observar que as famílias camponesas exercem um papel fundamental no cultivo, manutenção e conservação da biodiversidade, o quintal das mulheres camponesas é uma prova disso, pois se faz presente

a diversificação de espécies da fauna e da flora, que é um componente fundamental dos quintais produtivos agroecológicos. A fala da Ivanete expressa esta constatação:

Tem de tudo no quintal, desde verdura, feijão, feijões, abóboras, morangas, daí plantas frutíferas, as cítricas, tem frutíferas nativas e tudo que se pode comer, e os pequenos animais, as galinhas caipiras, outras, tem as poedeiras, os porcos para o consumo próprio, peixe, tem os açudes, ovelhas, patos, gansos, infinidade de aves de tudo tipo. Então é bem diversificado. Tem a cana pra fazer açúcar, fazer o melado e tudo que se pode comer, raiz, fruto, folha tem, né. Bastante gente que tem plantas comestíveis não convencionais. (Ivanete).

Conforme Almada e Souza (2007, p. 22) “[...] tanto espécies nativas como espécies cultivadas que compõem a agrobiodiversidade manejada pelas diferentes populações humanas encontram, nos quintais, um espaço que favorece a manutenção de sua viabilidade ecológica e conservação de sua variedade genética.” E para Altieri e Nicholls (2012, p. 308) entre os fatores que contribuem para biodiversidade de uma propriedade agrícola estão “[...] a diversidade da vegetação dentro e no entorno do sistema de produção, a quantidade de cultivos que compõem a rotação, a proximidade a uma floresta, a presença de cercas vivas e pastagens e outras formas de vegetação nativa.”

Almada e Souza (2007, p. 19), destacam que diversos estudos realizados em países como

Ásia, África e América Latina têm demonstrado como os quintais são importantes para ofertar às famílias, espécies de ciclo curto até a colheita dos cultivos principais, funcionando como reservas de alimentos e reservas estratégicas de material genético, além de contribuir para a conservação de variedades especiais ou preferenciais, servindo como locais de experimentações. As mulheres, neste contexto, exercem um importante papel na experimentação e na agrobiodiversidade.

A diversificação da produção está presente no quintal das mulheres camponesas. Nesse espaço encontra-se a criação dos pequenos animais domésticos galinhas, patos, gansos, perus, ovelhas, porcos, bovinos etc., o esterco desses animais é usado para adubar o solo onde se faz o cultivo das espécies vegetais, promovendo maior otimização e integração dos sistemas de produção, assim como expressa a fala da Noemi:

Ter alguns animais, claro isso precisa ser bem planejado conforme o tamanho do quintal, se você pode ou não pode ter, e que animais vai poder ter nesse espaço para produção do alimento, mas também pra produção da adubação, né. Esse esterco dos animais que você também usa pra poder estar distribuindo quando você prepara o solo.

Segundo Costa (2017, p. 88) a exploração animal contribui para o aproveitamento dos dejetos dos animais sendo que “[...] tais dejetos podem ser processados eficientemente na produção de composto, e nessa forma ou *in natura*, retornados ao solo como fertilizante, condicionador do solo, fonte de energia para os micro-organismos do solo e de nutrientes para as explorações vegetais.”

Os quintais contém uma grande diversidade de cultivos agrícolas como milho, arroz, feijão, mandioca, batata doce, amendoim, pipoca, alho, cebola, melancia, moranga, abóboras, adubação verde, hortaliças etc., e se apresentam como sistemas de policultivos ou então consórcios que exercem importantes integrações, seja pela eficiência na produção de alimentos, controle das plantas espontâneas, diminuição de ataques de pragas e doenças, ou pelos restos das culturas que são aproveitadas para cobertura, melhorando a fertilidade do solo. Conforme destaca Noemi: “[...] *essa questão, assim dos restos de culturas que você vai tendo durante o ano todo pra poder equilibrar o solo, de poder ir fazendo a tua cobertura, seja ela de adubação verde ou seca, também.*”

Quanto à atenção à fertilidade dos solos para aumentar a biodiversidade abaixo da terra, pois esses são fundamentais para melhorar o equilíbrio ecológico, os autores agroecológicos enfatizam que solos saudáveis também são essenciais para a defesa das plantas, porque “[...] solos não saudáveis comprometem a capacidade de os cultivos utilizarem suas defesas naturais e os deixam vulneráveis ao ataque de pragas.” (ALTIERI, NICHOLLS, 2012, p. 306).

Unidades de produção e assim também os quintais que apresentam uma grande biodiversidade e não costumam fazer uso de fertilizantes e nem agrotóxicos favorecem para o habitat de organismos benéficos que contribuem para o controle biológico de pragas.

Estudos mostram que propriedades rurais biodiversas, os agricultores conseguem realmente estabelecer um equilíbrio entre pragas e inimigos naturais. Uma das formas mais poderosas e duradouras de impedir que as pragas causem dano econômico é favorecer os organismos benéficos existentes ou aqueles que ocorrem naturalmente para que atinjam níveis eficientes, proporcionando, um habitat apropriado e fontes alternativas de alimento. Um número menor de organismos benéficos – predadores, parasitas e parasitóides – vive em monoculturas ou em áreas tratadas sistematicamente com agrotóxicos do que em propriedades mais diversificadas, onde são utilizados menos venenos. (ALTIERI; NICHOLLS, 2012, p. 312).

Além da biodiversidade e da agrobiodiversidade animal e vegetal, destacamos ainda como componentes importantes que compõem a biodiversidade dos quintais produtivos, a produção das sementes crioulas, cultivo de árvores nativas, pomares, os sistemas

agroflorestais, diversidade de espécies medicinais usadas para prevenção e tratamento de doenças das pessoas e os animais, usadas como repelentes em consórcio com as culturas alimentícias. O cultivo de flores e espécies ornamentais que embelezam as casas, deixa o ambiente mais agradável e bonito, além de contribuir com a diversificação e controle biológico de pragas.

4.4.2.2 Sistemas agroflorestais

Para Altieri e Farrel (2012, p. 281), o conceito de sistema agroflorestal

É um nome genérico que se utiliza para descrever sistemas tradicionais de uso da terra amplamente utilizados, nos quais as árvores são associadas no espaço e/ou no tempo com espécies agrícolas anuais ou animais. Combinam-se, na mesma área, elementos agrícolas com elementos florestais, em sistemas de produção sustentáveis.

Seguindo esta definição, podemos afirmar que o MMC/SC está construindo conhecimentos sobre sistemas agroflorestais por meio dos quintais produtivos. A preservação e conservação da biodiversidade dos biomas especialmente da mata atlântica, é tema de estudo e preocupação das mulheres camponesas através de suas experiências práticas em seus quintais e unidades de produção, nos quais estão intensificando as áreas de preservação permanente, o cultivo de árvores nativas, e a implementação de sistemas agroflorestais.

Importante dizer que os quintais das mulheres camponesas também contribuem para a conservação de espécies nativas. De modo especial em áreas rurais, os quintais compõem-se não apenas de espécies cultivadas, como também de indivíduos de espécies nativas remanescentes do processo de ocupação dos terrenos. (ALMADA; SOUZA, 2007).

Enquanto o modelo de produção convencional desmata, acaba com a diversidade florestal para aumentar suas áreas de produção, a agricultura camponesa tem preservado, combinando o cultivo de árvores com culturas anuais e criação de animais. Entretanto, durante séculos os agricultores têm suprido suas necessidades básicas cultivando de forma conjunta espécies anuais, alimentícias, árvores e animais. (ALTIERI; FARREL, 2012).

O quintal de muitas mulheres camponesas imita uma agrofloresta, pelo fato desses espaços apresentarem grande diversidade, o consórcio e manejo de diversas espécies na mesma área como: medicinais, ornamentais, hortaliças, culturas anuais, árvores frutíferas, madeiras e árvores de sombra, essa configuração de diferentes extratos se assemelha a uma

floresta. Algumas delas têm destinado uma área de terra em suas unidades de produção e com ajuda de suas famílias implementaram sistemas agroflorestais. Edel relata sua experiência:

[...] nós tamo ampliando a agrofloresta, então lá, já temos colhendo abacate lá no meio da agrofloresta, bergamota, chuchu, banana, tangerina, ananás, goiaba, então isso já tamo colhendo e agora já tamo colocando outras coisas, além disso para ampliar, ter mais produtos lá dentro daquele mato e também para demonstrativo, nós estamos trabalhando muito o demonstrativo para que isso seja uma demonstração para alunos, para grupos de mulheres que querem vir olhar, então um pouco assim mais focado pro turismo ecológico, a gente não deixa de dizer que isso é agroecologia.

Figura 5 - Agrofloresta quintal produtivo agroecológico Edel



Fonte: Edel (2021)

Esses quintais agroflorestais apresentam grande diversidade de espécies destinadas à alimentação humana e dos animais, fornecem madeira para lenha, construções, bem como matéria prima para fazer artesanatos, sementes, mel, bem como os remédios das plantas medicinais. Altieri e Farrel (2012, p. 297), afirmam que “[...] em toda a zona tropical, os sistemas agroflorestais tradicionais podem conter mais de 100 espécies de vegetais, por quintal doméstico. São usados como material de construção, lenha, ferramentas, medicamentos, forragem e alimentação humana.”

Uma das entrevistadas nos relatou a experiência da sua agrofloresta, que na fase de implementação tinha dois objetivos: produzir alimento para três famílias e recuperar uma fonte de água, além disso a família está conseguindo entregar 50 (cinquenta) cestas de alimentos por semana, diretamente para consumidores do município de Chapecó (SC).

[...] agrofloresta ela tinha dois objetivos principais, e ta conseguindo garantir esses dois objetivos, que um era produzir alimento para as três famílias que nós moramos aqui, então a nossa aqui, do Anderson e da Ana, que nós alimentamos tudo junto, na mesma panela. Então garantir alimento saudável para essas três famílias. E o outro objetivo era recuperar uma água que tava no relento, nós tamo conseguindo essas duas coisas inclusive tá sobrando alimento. Então essa parte econômica, a gente vê com bons olhos. Agora tamo entregando diretamente 50 cestas por semana, assim no valor de 20 reais por cesta, se fosse somar né, e daí, às vezes não temos todo o produto, e aí temo despesas de pegar produto dos meus cunhados que os dois estão produzindo na agroecologia e aí gente pega um pouco de produto para interar a cesta, principalmente na questão das frutas que eu não tenho ainda o suficiente, mas mesmo assim ta dando resultado, tá empolgando nós de continuar com esse trabalho. (CARMEN).

Carmen ainda continua relatando de quanto é agradável poder trabalhar na sombra das árvores com maior contato com a natureza: *“[...] e depois a paz que a gente encontra de fazer esse trabalho, no meio da floresta, assim é incrível, e só pra quem trabalha ali para sentir. A gente esquece de vir embora, entra lá dentro e esquece, é tanta coisa que tem, é tantos servicinhos que tem, que dá vontade de ficar naquela sombra trabalhando direto, é muito bom.”*

Figura 6 - Experiência Sistema Agroflorestal da Carmen



Fonte: autora (2020)

Para os autores Machado e Machado Filho (2014) “não existe sustentabilidade na natureza sem biodiversidade”. Com essa afirmação, entendemos que os sistemas agroflorestais são sustentáveis pelo fato que apresentam maior eficiência com relação ao uso da terra, contribuem para preservação e manutenção da biodiversidade local, para o melhor

equilíbrio ambiental, ecológico e ainda são fonte de renda e autonomia econômica para as famílias camponesas e para as mulheres.

4.4.2.3 Cultivo e uso de plantas medicinais

Estudos revelam que sinais de uso das plantas medicinais pelos seres humanos é muito antigo. De acordo com Almeida (1993), “as plantas medicinais foram os primeiros recursos terapêuticos utilizados para o cuidado da saúde dos seres humanos e de sua família, sendo, portanto, um conhecimento milenar que faz parte da evolução humana, pois antes mesmo do aparecimento da escrita, as pessoas já faziam o uso de plantas, ora como remédio, ora como alimento”. (ALMEIDA, 1993, apud BADKE, 2008, p. 20).

Nesse período as mulheres exerciam um papel fundamental com relação ao uso das plantas para cura das enfermidades conforme destacam os autores Simões, Schenkel et al., (2001), “o uso de remédios à base de ervas remonta às tribos primitivas, em que as mulheres se encarregam de extrair das plantas os princípios ativos para utilizá-los na cura das doenças”. (SIMÕES; SCHENKEL, et al, 2001, apud FIRMO; MENEZES, et al., 2011, p. 92).

Segundo as autoras Costa e Fernandes (2015), na Europa no período da Idade Média, consta que homens, mas muito mais as mulheres detinham conhecimentos sobre as plantas medicinais, sabiam fazer os remédios para tratar as doenças, realizavam curas importantes para as pessoas só que isso não estava de acordo com o que a Igreja católica pregava, esses eram levados à Inquisição e chamados de bruxos, bruxas. As mulheres foram a maioria das vítimas porque representavam um número maior que se encarregaram e eram responsáveis pelo cuidado dos doentes e foram mortas, queimadas vivas, por cuidar e tratar da saúde das pessoas.

Conforme explicam as autoras,

[...] como o machismo é uma forma de opressão que antecede o capitalismo, no feudalismo, durante a Idade Média, a divisão sexual e social do trabalho e a opressão das mulheres já estava instituída na sociedade e o cuidado já era considerado uma tarefa “feminina”; logo muitos desses conhecimentos estava guardado pelas mulheres e também por esse fato, muitas delas foram levadas à morte pela inquisição. (COSTA; FERNANDES, 2015, p. 81).

O conhecimento e uso de plantas medicinais no Brasil é herança cultural dos povos indígenas, povos africanos, europeus e orientais:

No que se refere ao sistema etnofarmacológico africano, ressalta-se que ele foi trazido juntamente com o tráfico negreiro para o Brasil, no decorrer dos séculos XVI, XVII e XVIII. Esse sistema associa rituais religiosos ao uso de plantas medicinais, comum em diversas culturas africanas. No Brasil, a maior expressão desse sistema ocorre no estado da Bahia.

O sistema etnofarmacológico indígena é o mais amplo de todos e pode ser encontrado em praticamente todo o território nacional. Além destes principais sistemas etnofarmacológico, Tomazzone; Negrelle; Centa (2006) destacam ainda no Brasil, o sistema etnofarmacológico Oriental trazido pelos imigrantes chineses e japoneses no final do século XIX, que contribuíram para a introdução de novas plantas na cultura brasileira.

Existem também outras plantas medicinais de origem oriental, que foram introduzidas pelos portugueses, quando as descobriram em suas navegações até a Ásia. Como exemplos têm-se a Canela e o Cravo, que ficaram mundialmente conhecidas por seu uso culinário. (BADKE, 2008, p. 24).

O conhecimento e uso das plantas medicinais é uma prática que acompanha a história da humanidade sendo muitas vezes o único recurso utilizado para aliviar as dores e curar as doenças de muitas comunidades e povos.

Com o avanço da indústria farmacêutica no século XX, os saberes da medicina popular foram sendo desvalorizados e orientados por profissionais de saúde aliados das grandes empresas para não usá-las. A partir das décadas de 60 e 70 os medicamentos industrializados passaram a ser produto de mercado ao acesso de grande parte da população, embora muitas pessoas não tenham acesso aos recursos financeiros para pagar por eles. É nesse período que se inicia um processo de negação do uso de plantas medicinais, que até então eram a principal fonte de recurso para combater as enfermidades. (COSTA; FERNANDES, 2015, p. 83).

Com a intensificação do processo da revolução verde no campo chega até as famílias camponesas os agroquímicos, a semente híbrida, a mecanização o pacote tecnológico completo para realizar os cultivos nessa lógica produtiva. Nesse mesmo período também aumenta a fabricação de medicamentos químicos podendo ser adquiridos e usados pelos camponeses e camponesas. As comunidades que até então utilizavam as plantas como principal fonte de remédios passaram a ter seus conhecimentos negados e até mesmo ridicularizados pelos saberes científicos. (COSTA; FERNANDES, 2015).

Acompanhando essa história, sabemos que sempre houve pessoas que resistiram e ousaram ir contra esse sistema, especialmente as mulheres assim como muitas avós, parteiras, curandeiras e benzedoras que preservaram e repassam de geração em geração os conhecimentos sobre as plantas medicinais, o uso de fitoterápicos, práticas conhecidas como medicina popular que perdura até hoje.

De acordo com os autores (GURIB-FAKIM, 2006, apud FIRMO, MENEZES et al, 2011, p. 91):

Grande parte da população mundial tem confiança nos métodos tradicionais relativos aos cuidados diários com a saúde e cerca de 80% dessa população, principalmente dos países em desenvolvimento, confiam nos derivados de plantas medicinais para seus cuidados com a saúde. Aproximadamente 25% de todas as prescrições médicas são formulações baseadas em substâncias derivadas de plantas ou análogos sintéticos derivados destas.

Como luta concreta na construção do projeto de agricultura camponesa agroecológico e feminista do MMC as mulheres camponesas decidem coletivamente a recuperação, preservação e conservação do saber popular relacionado às plantas medicinais. Os grupos de base das mulheres em vários municípios organizam oficinas de estudos sobre o cultivo, princípios ativos, benefícios e uso das plantas medicinais, técnicas de colheita, secagem e armazenamento, preparo de chás, tinturas, xaropes, fortificantes, pomadas etc. E a implementação de hortos medicinais comunitários para o cultivo com o objetivo de recuperar sementes e mudas de plantas medicinais para uso das famílias da comunidade. Aprendizado e a troca de saberes principalmente entre as mulheres.

Para o MMC as plantas medicinais faz parte de um objetivo mais amplo que se refere a luta por saúde integral no qual é necessário um conjunto de ações relacionadas com o cultivo, o uso mas, também a valorização do conhecimento sobre os benefícios das plantas medicinais, consorciadas com as plantas alimentícias visto que a alimentação saudável é o principal remédio, produzir utilizando as sementes crioulas, fazer a conservação dos solos dando atenção a fertilidade seguindo os ensinamentos de Ana Primavesi, que sempre afirmava que o solo deve ser tratado como um organismo vivo, solo sadio = planta sadia = ser humano sadio, a proteção das nascentes e fontes de água, preservação da biodiversidade o cuidado da saúde das pessoas e do ambiente através dos princípios da agroecologia.

O MMC entende que saúde integral é muito mais que fazer horto medicinal, é também entender como funciona a sociedade, é estudar os princípios da agroecologia, é lutar para transformar a sociedade. Enfim toda a mulher ou grupo de base que se compromete em organizar o horto medicinal precisa também se organizar para transformar idéias, hábitos, costumes e enfrentar as imposições do agronegócio e da sociedade neoliberal que destrói a biodiversidade, contamina o meio ambiente, padroniza a alimentação provocando doenças. (COLLET; SILVA, 2008 p. 7).

As mulheres camponesas entendem que para que suas famílias tenham saúde é preciso fazer a luta contra os agrotóxicos que contaminam o solo, água, alimentos, natureza e as pessoas e são os que provocam inúmeras doenças a fala da Ivanete faz essa relação que no espaço dos quintais as mulheres camponesas não usam os agroquímicos por estarem

preocupadas com a saúde das pessoas e também do ambiente. “*Os benefícios ecológicos, também ela não agride a natureza, não joga veneno, não joga químicos e protege a família de doenças, porque a gente sabe que os venenos só sabem trazer doenças câncer, depressão um monte de coisa então ela tá cuidando da natureza e da saúde da família*”. (IVANETE, 2020).

Para as mulheres camponesas o cuidado com a saúde vai desde o uso das plantas medicinais, mas também uma alimentação diversificada, saudável bem como atenção à saúde mental e psicológica.

[...] eu com orgulho digo com a minha idade eu até hoje nunca fiz um tratamento com remédio de farmácia, faço periodicamente os exames, mas, eu preservo muito a saúde alternativa, eu gosto muito dos chás e coisas e principalmente uma alimentação saudável, o descanso pro corpo e evitar brigas coisas que tu tem que preservar a tua saúde mental e o psicológico isso também ajuda bastante porque se tu vive com inveja, com raiva, isso da doença que os médicos não acham, que tu tá doente e não sabem o que tu tem, e vão te encher de remédio e as coisas não são resolvidas. (ADÉLIA).

As plantas medicinais compõem a biodiversidade dos quintais, contribuem como repelentes ao ataque de insetos nas plantações, promovem melhor equilíbrio ambiental e também são usadas pelas famílias no tratamento e cuidado da saúde das pessoas visando maior autonomia com relação à indústria farmacêutica.

Figura 7 - Plantas Medicinais quintal produtivo agroecológico Lucimar



Fonte: Lucimar(2021)

Noemi ao realizar o desenho do seu quintal produtivo durante a entrevista, listou 37 (trinta e sete), plantas medicinais que ela cultiva conforme o quadro abaixo.

Quadro 2 - Plantas medicinais quintal Noemi

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO³²	ORIGEM
Alcachofra	<i>Cynara scolymus</i>	Europa
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Europa
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Sul da Europa
Anis	<i>Illicium verum hook</i>	Sul da China e Norte do Vietnam
Anador	<i>Justicia pectoralis</i>	Nativa região tropical da América
Alevante/Levante Hortelã silvestre	<i>Mentha sp</i>	Não Encontrado
Alfavaca	<i>Occimum canum</i>	Brasil
Açafrão	<i>Curcuma langa L</i>	Índia
Angico	<i>Albizia polycephala</i>	Brasil
Buxinho/buxo	<i>Buxus sempervirens</i>	Ásia e China
Boldo	<i>Vernonia consensata</i>	Brasil
Canela	<i>Ocotea purebula</i>	Brasil
Cânfora/Artemisia	<i>Artemisia camphorata</i>	América do Sul- Brasil
Cana do Brejo	<i>Costus spicatus</i>	América Central e América do Sul
Capim Cidreira	<i>Cymbopogon citraus</i>	Índia
Citronela	<i>Cymbopogon winterinaus</i>	Brasil
Erva cidreira	<i>Lyppia lycioides</i>	Europa
Hibisco/Vinagreira	<i>Hibiscus sabdariffa</i>	África
Hortelã	<i>Mentha piperita</i>	Sul da Europa
Hortelã Crespa	<i>Mentha crispa</i>	Europa
Hortelã Branca	<i>Mentha rotundifolia L</i>	Europa
Losna	<i>Artemisia absinthium</i>	Europa, África, Ásia e América
Massanilha/Camomila	<i>Matricaria chamomila</i>	Europa
Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i>	Índia
Menta	<i>Mentha SSP</i>	Europa
Novalgina/Mile ramas	<i>Achillea millefolium L.</i>	Europa
Poejo	<i>Mentha pogium</i>	Europa, Ásia, África e Américas
Pulmonária	<i>Stachys byzantina</i>	Turquia, Ásia e Cáucaso
Pfaffia	<i>Pfaffia paniculata</i>	América do Sul, Brasil
Quebra tudo	<i>Phyllanthus corcovadensis</i>	Brasil
Sálvia- do Rio Grande do Sul	<i>Lippia citrata</i>	Brasil
Sálvia\sabia	<i>Salvia officinalis</i>	Mediterrâneo
Sene	<i>Cassia SP</i>	Brasil
Tanchagem	<i>Plantago tomentosa</i>	Brasil
Tanaceto\Catinga de	<i>Tanacetum vulgare L.</i>	Nativa da Europa e cultivada no

³²Nomes científicos das plantas da obra de Körbes Vunibaldo, Irmão Cirilo, **Plantas Mediciniais**. 54 Edição, Francisco Beltrão, 2002. Site: Sítio da mata: <http://www.sitiodamata.com.br>. Site: Horto didático de plantas medicinais Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC: <https://hortodidadicoufsc.br>. Site: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia-Sul de Minas Gerais: www2.muz.ifsuldeminas.edu.br

mulata		Brasil
Violeta	Viola odorata	Europa
Vick	Eucalyptus cinérea F	Austrália
Zedoária	Curcuma Zedoária(C)	Índia
Zínia	Zinnia elegans jacp	América do Norte

Fonte: autora (2021)

De acordo com Almada e Souza (2007, p. 22),

[...] a maioria das espécies medicinais encontradas nos quintais brasileiros é representada por espécies exóticas, introduzidas ao longo do processo de colonização, provindas da Europa, África e Ásia. Todavia, a elas também se associam um expressivo número de espécies nativas de uso medicinal, espontâneas e cultivadas.

O quadro sintetiza algumas espécies de plantas medicinais, cultivadas pelas mulheres camponesas, porém é de conhecimento das mesmas que as propriedades medicinais podem ser encontradas e extraídas de toda biodiversidade presente em seus quintais produtivos agroecológicos, assim como as flores, as frutíferas, hortaliças, as árvores e a vegetação nativa.

4.4.2.4 Cultivo de flores, jardinagem e paisagismo

Há pouco reconhecimento, assim como poucos estudos com relação ao cultivo das flores e técnicas de jardinagem e paisagismo no campo, só que eles estão presentes na maioria das unidades de produção e compõem o paisagismo e a biodiversidade local.

As mulheres camponesas conservam a diversidade de flores em seus quintais e costumam fazer troca de sementes e mudas entre elas. O objetivo principal é tornar seus locais de moradia mais bonitos e agradáveis, bem como conservar a variedade de muitas espécies ornamentais. E as flores também exercem importante benefício ecológico por atrair abelhas e outros insetos para polinização das espécies alimentícias.

As mulheres fazem outro trabalho também pouco reconhecido socialmente que é o embelezamento ao redor de suas casas e ambientes comunitários, o que costuma se chamar de jardins. Ali se encontra uma diversidade de plantas ornamentais, aromáticas e medicinais, herdadas historicamente e sabiamente preservadas e utilizadas no cuidado e na promoção da saúde, constituindo-se bem-estar em equilíbrio, harmonia e bem estar da comunidade e do grupo familiar. (CIMA; COLLET, 2015, p. 44).

Além de proporcionar beleza, alegria, harmonia, amor, autoestima e maior contato das pessoas com a natureza, os jardins também exercem um importante benefício ecológico. Flores variadas têm a função ecológica e fundamental, ajudam equilibrar o meio ambiente e auxiliam na produção. Como observa Görger (2004, p. 65), “Um jardim de flores variadas atrai os mais diversos tipos de insetos, pássaros e microorganismos (bactérias e micróbios) que não deixam um único tipo de inseto crescer demais e provocar desequilíbrio.”

As flores contribuem para eficiente manejo e controle biológico de pragas por atrair insetos benéficos aos cultivos agrícolas, como relata Noemi:

Essa questão da diversidade das plantas, desde você preparar algum repelente ou o próprio consórcio por exemplo, você ter um tanto de tagetes que você vai plantar alguns lá no meio das hortaliças ou em outros espaços, que eles ajudam tanto pra cima do solo como pra dentro do cuidado né, por exemplo, o tagetes né, pelas substâncias que ele tem, que ele libera no solo, ele também ajuda a controlar os nematôides, que podem atacar outras plantas e tal. Então esse consórcio, essa reunião das plantas amigas, das plantas controladoras, então que precisa se fazer, nesse espaço todo né.

Noemi reforça que

[...] tem que ter as flores também né, porque essa integração da diversidade assim ela faz com que o ambiente se conduza de forma mais harmônica. [...] flores também é alimentação, porque aquilo que não te alimenta fisicamente, mas te alimenta emocionalmente né. Você sentir o cheiro do perfume das flores, poder ver a beleza de uma flor, essa vida que circula em roda dela, as abelhas, as borboletas, desse conjunto todo, dos passarinhos né.

Figura 8 - Jardim Quintal Produtivo Agroecológico da Noemi



Fonte: Noemi (2021)

O autor Görden (2004), também reflete que com o processo da revolução verde, muitas famílias camponesas diminuíram ou mesmo excluíram a área ocupada pelos jardins residenciais para poder aumentar o cultivo de monoculturas com interesse comercial, sendo influenciados e convencidos que essas culturas lhes dariam maior retorno financeiro, enquanto as flores não. Além do benefício ecológico, o autor também reforça que os jardins apresentam benefícios econômicos por serem fontes de alimento para as abelhas.

Com o argumento que “flor não dá dinheiro”, durante a revolução verde, muitos jardins, em casas camponesas, foram destruídos para dar lugar a alguma monocultura de interesse do mercado capitalista. Mas esse dito é falso. Além de embelezar o ambiente, os jardins têm também uma função econômica, pois é alimento para as abelhas e produz mel, além de ajudar no equilíbrio ambiental, diminuindo os custos na agricultura camponesa. (GÖRGEN, 2004, p. 65).

Essa afirmação condiz com comentários que as mulheres fazem nos encontros do MMC/SC: “Muitas famílias plantam soja até na porta da casa”. Dessa forma os jardins nos quintais produtivos agroecológicos das mulheres camponesas têm buscado recuperar variedades de flores que foram deixadas de cultivar com o processo da revolução verde. A diversidade de flores cultivadas nesses jardins representa um benefício ecológico muito importante.

4.4.2.5 Cuidado e conservação da água

A água é um bem natural indispensável para sobrevivência da humanidade e seu uso na agricultura é variado, abundante e necessário, vai desde o consumo humano, animal, produção de alimentos, o uso doméstico para lavar os alimentos, cozinhar, lavar roupa, louças, limpar a casa até a limpeza de instalações como estrebarias, chiqueiros, galinheiros, entre outros.

Tinha-se uma percepção de que a água era bem natural e infinita, que não acabaria, mas a realidade tem mostrado o inverso. Em várias regiões do país a disponibilidade está cada vez mais limitada e escassa. “É importante considerar que a agricultura utiliza cerca de 70% de toda água utilizada pela humanidade.” (COSTA, 2017, p. 97).

A agricultura convencional usa muita água nos sistemas de irrigação de lavouras, na pecuária, na criação de aves e suínos em agroindústrias, que além do uso exagerado também contaminam as águas das superfícies e subterrâneas pela aplicação intensiva de agrotóxicos e fertilizantes. A agricultura agroecológica, do ponto de vista econômico, social e principalmente ecológico e ambiental, propõe a necessidade de estabelecer ações de proteção, conservação e manejo sustentável dos recursos hídricos. Para o autor Costa (2017, p. 98),

[...] o manejo sustentável dos recursos hídricos demanda a preservação das vegetações, de proteção dos aquíferos (nascentes, cursos d’água, lagos, mangues etc.), matas ciliares e sua recomposição quando necessária. Muitas iniciativas assumidas neste sentido, em áreas até bastante degradadas, têm acusado excelentes resultados na recuperação de aquíferos superficiais e subterrâneos.

De acordo com as colocações do autor, trazemos a experiência de uma das entrevistadas, que relatou bastante emocionada que um dos objetivos da implementação do sistema agroflorestal, era recuperar uma fonte de água numa área onde se praticava agricultura convencional. Várias tentativas foram feitas para secá-la, para facilitar a entrada com máquinas, mas a fonte não secou, porém enfraqueceu, diminuiu a vazão com o plantio de árvores na área. Agora essa água voltou com mais intensidade e é usada para irrigar um hectare de área agroflorestal.

[...] é uma produção de água, aliás, a água é uma coisa muito legal. Estou encantadíssima com a nossa água, eu chego até me emocionar de falar [choro... pausa]. Era uma lagoa no meio do mato, coisa mais linda que eu lembro quando era criança. Tinha uma água que corria numa valetinha e quando nós vinha da roça, a mãe trazia o saco de batata e chegava ali naquela água, ela despejava o saco de batata e fazia nós lavar a batata, ali deixava tudo estendida no sol, para

depois de tarde, ela juntar e trazer embora, trazia já as batatas limpinha, sequinha e essa água corria direto ali, naquele lugar. Ai com a revolução verde meu pai, sem consciência também, derrubou tudo o mato ao redor dessa água e ficou no relento até agora. Faz mais de 40 anos que essa água tava no relento e ela não secou, e daí meu marido ia lá e fazia valeta, vamos fazer uma valeta, aí ela seca, que queria entrar com máquina até na beirada, nunca conseguiu secar. Daí agora, com a recuperação, eu to encantada porque tá cheio de árvore plantada em todo o espaço, vai virar tudo mato de novo com a agrofloresta. E nós conseguimos uma placa solar e daí a placa solar toca o motorzinho, que essa água vai na caixa de água no alto e de lá do alto, ela vem sozinha e irriga tudo nossa lavoura, então essa parte é uma parte que ajuda, assim, a lavoura, que vem água, porque lá não tem luz, não tinha como nós tocar motor e por outro lado, ela nunca seca, essa que é a vantagem do reflorestando ao redor, ela vai vir com mais intensidade ainda. (CARMEN).

As mulheres camponesas sempre preocupadas com a proteção e conservação da água em seus quintais estão desenvolvendo ações de cuidado e consumo consciente: “[...] *você cuida da água se tem nascente de água dentro da tua unidade de produção ou então, como você aproveita a água da chuva através da coleta para que você não explore o máximo as fontes de água.*” (NOEMI).

As práticas e estratégias de proteção e conservação da água dizem respeito também à eliminação do uso de agrotóxicos e fertilizantes; quando necessário fazer uso de irrigação nos seus quintais buscam técnicas de melhor aproveitamento da água exemplo de gotejamento e microaspersão; cobertura do solo com palhadas para que água permaneça com mais tempo no solo e seja melhor aproveitada pelas plantas; manutenção da vegetação natural, plantio de árvores e plantas próximas às nascentes e fontes de água, rios, banhados, etc; coleta e aproveitamento da água das chuvas em reservatórios ou através da construção de cisternas.

A água é um bem natural cada vez mais escasso e quando se trata de períodos de seca e estiagens, conforme vivenciamos na região Oeste de Santa Catarina no ano de 2020 em que as políticas públicas são insuficientes e não atendem com eficiência a agricultura familiar e camponesa, as lutas, ações, técnicas e estratégias de manejo sustentável, bem como o cuidado e conservação da água praticadas pelas mulheres camponesas e suas famílias, são de fundamental importância.

4.4.3 Benefícios Econômicos

4.4.3.1 Produção do autoconsumo dos quintais das mulheres camponesas

Consideramos a produção destinada para o autoconsumo, um benefício econômico importante, pois esse tipo de produção garante para as famílias camponesas o acesso a alimentos saudáveis e diversificados que compõem o cardápio diário da alimentação. Por ser uma atividade agrícola de baixo custo, também possibilita a geração de renda e autonomia econômica para as famílias camponesas.

Figura 9 - Produção Autoconsumo Quintal Produtivo Agroecológico da Lucimar



Fonte: Lucimar (2021)

Quando se trata da produção de alimentos e demais itens produzidos e consumidos nas unidades de produção familiares, várias definições são atribuídas e usadas tanto pelos teóricos como pelos próprios camponeses e camponesas, os autores Chayanov e Wolf elaboraram denominação sobre o tema:

Para ambos, o autoconsumo é uma característica que pode ser descrita como genuína às formas sociais familiares, pois é uma dimensão constitutiva do campesinato que o

define e o caracteriza em todas as sociedades, tanto nas já não mais existentes, como nas contemporâneas. Entre os camponeses o autoconsumo possui as mais diversas denominações, sendo descrito como nível de subsistência, mínimo calórico como o descreveu Wolf (1976), como agricultura de “subsistência” como foi chamado por muito tempo no Brasil e como consumo propriamente dito que é o termo clássico cunhado por Chayanov (1974) que sintetiza e sustenta a maioria dos estudos sobre campesinato no país. (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007, p. 91-92).

Conforme os autores destacam, esse tipo de produção foi chamado de agricultura de subsistência, termo que as mulheres camponesas não concordam com sua definição pelo fato de remeter à produção de alimentos exclusivamente para subsistência, e no contexto social em que as famílias camponesas estão inseridas, a produção para o autoconsumo exerce inúmeras funções, ou seja, não se trata de uma produção voltada exclusivamente só para o subsistência do grupo familiar, pois o excedente dessa produção também é socializado, partilhado com os vizinhos, parentes, e muitas famílias têm buscado formas de comercializar para que outras famílias possam ter acesso a uma alimentação saudável. Destaco também a definição dada pelo autor Khatounian (2008, p. 251), em seu livro *Areconstrução ecológica da agricultura*, o qual denomina autoconsumo como “[...] produção para consumo doméstico.”

Já na região Oeste de Santa Catarina onde realizamos a pesquisa, as famílias camponesas costumam usar outras definições, destacamos as mais usuais: produção de comida, produção para o consumo, produção do auto sustento e também se ouve alguns dizer o plantio das “miudezas”, plantar pro gasto, ou produção para o autoconsumo, dois termos tratados pela autora Catia Grisa (2007), em sua dissertação de mestrado intitulada “*Produção pro Gasto*” *Um Estudo Comparativo do Autoconsumo no Rio Grande do Sul*”. Desse modo,

[...] o autoconsumo refere-se a toda produção realizada pela família cujos produtos são destinados ao seu próprio consumo. Diz respeito ao cultivo de alimentos para o consumo familiar (horta, pomar, criação de animais, etc.) e dos animais presentes no estabelecimento, à fabricação de ferramentas e à produção de insumos para o processo produtivo”. (GRISA; GAZOLA et al, 2010, p. 66).

O Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA), define o termo autoconsumo sendo:

[...] toda a produção realizada pela família destinada ao seu próprio consumo, incluindo os produtos de origem animal, os produtos oriundos das lavouras permanentes e temporárias, da silvicultura, da floricultura, da extração vegetal e da agroindústria doméstica. Trata-se, nesses termos, de uma produção que é destinada ao uso interno da unidade de produção, que acaba se auto provisionando com produtos para a própria alimentação e outros usos no estabelecimento. (BRASIL/IPEA, 2013, p. 10).

O modelo de agricultura imposto pela revolução verde reforçou a ideia que a produção para o autoconsumo se trata de uma atividade que remete ao “atraso”. Nesse sentido muitos técnicos agrícolas incentivaram os agricultores a diminuir a diversidade produtiva e se especializar em uma ou duas culturas.

Os alimentos industrializados como margarina, mortadela, refrigerantes, etc., chegaram à mesa de muitas famílias camponesas deixando de produzir e processar alimentos como queijo, melado, banha, salame, sucos, e outros. Esse tipo de produção também era comercializado direto aos consumidores, o controle sanitário realizado pelas agências de vigilância sanitárias seja federal, estadual e municipal dificultou, impedindo que as famílias vendessem sua produção. Em se tratando de produtos de origem animal, as normas sanitárias passaram a ser muito exigentes e rigorosas, dificultando a adequação às normas exigidas, o que levou à exclusão dos camponesas e camponeses do processo de comercialização e nessa lógica, o leite passa ser vendido direto ao laticínio. A atividade relacionada à criação de pequenos animais foi substituída pela integração de suínos e aves e comercializado direto com as agroindústrias. Adélia relata sua experiência de comercialização nessa época.

[...] eu tinha uma época, antes da revolução verde, que eu tinha 30 famílias na cidade, que eram meus consumidores, eu vendia de tudo, leite, frutas, verduras, derivados de cana, linguiça, pão de milho, bolacha, de tudo. Eu tinha 2 a 3 salários mínimos por mês, vendendo essas coisas nessas 30 famílias, depois a gente parou com isso, vendeu o leite pra fábrica, pra laticínio e construímos um aviário que a gente queria ser um pouco mais cômodo, mas se ferramos com isso né [risos].

A produção de alimentos, seja ela animal ou vegetal destinada ao consumo da família, é produzida nos quintais pelas mulheres, conforme destaca Carvalho (2005) “as propriedades camponesas produzem 70% da alimentação do nosso país e são as mulheres que produzem de 60 % a 80% da alimentação nos países mais pobres”. (CARVALHO, 2005, apud AMTR-RS, 2007, p. 34).

A produção de alimentos realizada pelas mulheres é uma atividade pouco reconhecida, valorizada e valorada por se tratar de uma renda invisível não contabilizada como renda familiar. As famílias costumam fazer o cálculo da renda referente à produção do leite, da soja, dos suínos, das aves etc., menos da produção diversificada que é destinada ao consumo diário das famílias.

E ainda algumas famílias inferiorizam, diminuem essa produção quando usam o termo “miudezas”. As mulheres camponesas, nas oficinas de formação do MMC/SC se deram conta dessa realidade e inclusive algumas delas também se referiam dessa forma à sua produção e começaram a se questionar: “[...] a gente chamava de miudeza sem saber que era comida né,

porque se comida é miudeza, o que é grandeza então, né?” (FÁTIMA). Carmen também comenta: “[...] é uma grandeza, não é miudeza, às vezes diziam miudeza, mas é uma grandeza porque a gente vê tudo o que você imaginar.”

Para as mulheres camponesas o termo “miudezas” não condiz com a prática que elas estão construindo em seus quintais produtivos que apresentam grande diversidade de alimentos saudáveis para alimentar suas famílias e o excedente dessa produção costumam partilhar com familiares, vizinhos e também comercializam sendo uma importante contribuição na geração de renda e autonomia econômica das famílias camponesas. Nesse contexto, as mulheres camponesas adotam o uso dos termos produção do auto sustento ou produção para autoconsumo.

Nessa mesma lógica, Ivanete e Lucimar comentam que a produção para autoconsumo não era valorizada e não costumavam atribuir um valor em dinheiro. Com o processo de formação no MMC, as mulheres começam a anotar tudo o que estão produzindo em seus quintais e também colocar preço tendo como objetivo principal, mostrar para família que essa produção tem valor e contribui com a renda.

[...] sabe, antigamente não era pensado, não era valorado, valorizado, não era dado valor pra essas coisas que a mulher usava no dia a dia, mas ninguém valorou nunca, ninguém disse que isso tinha valor e que tinha que valorar, valorizar, mas depois que a gente começou botar preço, botar na ponta da caneta, no final do mês a gente viu o resultado da economia que dá pra família. (IVANETE).

[...] a gente, com o trabalho no movimento, a gente começou aprender mais, como por mais no papel, vamos dizer, porque até então a gente não valorizava a dúzia de ovos que você colhe, o quilo de beterraba, a cenoura, o feijão que você produz, então a renda pra mim, é o que tu produz e deixa de gastar no mercado. (LUCIMAR).

Conforme destacaram as falas das entrevistadas, a produção para autoconsumo produzida pelas mulheres camponesas representa uma renda importante para as famílias e ao mesmo tempo uma economia, pois não precisa dispor de certo valor em dinheiro para adquirir os alimentos que a família consome.

O reconhecimento do trabalho desempenhado pelas mulheres camponesas na produção de alimentos saudáveis, diversificados, de origem animal e vegetal, bem como a produção de sementes, adubos, repelentes, artesanatos, entre outros, para autoconsumo da família e da unidade de produção, a valorização, valoração, sempre foi tema de debate e estudo no Movimento de Mulheres Camponesas inclusive, como ponto de muitas pautas e bandeira de luta pela reivindicação de melhorias de infraestrutura e políticas públicas para que as

mulheres possam ter melhores condições para produzir e gerar renda e conquistar autonomia econômica.

Nessa lógica o MMC, participou juntamente com outras organizações e movimentos sociais da construção da caderneta agroecológica, ferramenta proposta para dar mais visibilidade e valorizar a produção agroecológica e diversificada realizada pelas mulheres em seus quintais.

A caderneta agroecológica é uma proposta de monitoramento da produção da agricultura familiar e camponesa com objetivo de dar visibilidade e valorizar a produção agroecológica e diversificada sobretudo das mulheres agricultoras.

A agroecologia se expressa na produção das lavouras, hortas, pomares, cozinhas e quintais, na produção para venda, troca, doação e auto-consumo e nas práticas adotadas pelas famílias. Mas nem sempre a renda monetária ou não monetária produzida nos quintais e nas cozinhas é contabilizada no cálculo da renda familiar. Essa mesma falta de visibilidade acontece com a produção vinda do trabalho das mulheres na agricultura familiar e camponesa. Percebemos que as mulheres, além de se ocuparem com a produção principal das unidades produtivas, ainda se ocupam com uma produção que quase sempre fica a cargo somente delas, como os doces, queijos, as conservas, a criação dos pequenos animais, os artesanatos os remédios caseiros, etc. (CADERNETA AGROECOLÓGICA, 2017, n.p.).

O instrumento foi criado pelo Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM) e o Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia – GT de Mulheres da ANA, que coordenaram a pesquisa desenvolvida em quatro regiões do Brasil (Nordeste, Sudeste, Amazônia e Sul), realizada em parceria com organizações da sociedade civil e movimentos sociais. (JAIL, SILVA, et al, 2019).

As mulheres camponesas adotaram a caderneta agroecológica como importante ferramenta para anotar diariamente o que colhem em seus quintais e destinam ao consumo da família, o que é doado, trocado com as vizinhas, familiares, e também o que comercializam conforme destaca Adélia.

[...] nós aprendemos no movimento né, através de uma caderneta, de anotar o que nós colhemos dia a dia, o que nós doamos, o que nós trocamos, o que nós vendemos, daquilo que nós produzimos e a soma no final do mês é bastante alta, que a gente nunca se deu conta do valor do nosso trabalho, do valor de uma mulher em uma unidade de produção, porque o nosso trabalho sempre era visto como obrigação. As coisas pequenas das mulheres, a horta, as galinhas, essas coisas, historicamente, sempre estiveram na mão das mulheres, mas isso não era valorizado né, porque era valorizado só aquilo que dava dinheiro e aquilo que nós produzimos, era consumido, era doado, isso não se dava um valor econômico. Mas hoje nós estamos sentindo, começando a anotar, levar na ponta do lápis. Nem tudo a gente anotou, muita coisa escapou, mas a gente viu um valor muito elevado do trabalho produtivo das mulheres e isso é um valor que nós temos que de fato erguer as mãos pro céu e dar

graças ao movimento de mulheres que nos deu esse momento de nos enxergar hoje, dessa maneira.

A figura abaixo demonstra a experiência realizada por uma das entrevistadas durante o mês de março de 2017, lembrando que o período que as mulheres realizaram anotações foi de março de 2017 a março de 2018 para participar do projeto da caderneta agroecológica, porém muitas mulheres camponesas têm dado continuidade a essa prática.

Figura - 10 Caderneta Agroecológica Carmen

Qtda	Consumiu	R\$	Qtda	Deu	R\$	Qtda	Trocou	R\$	Qtda	Vendeu	R\$
2L	Leite	2,00	1K	Cebola	3,00	2K	carne de porco	15,00	2K	Peixe	44,00
1K	Mandioca	2,00	1K	Salame	15,00		1 por farinha milho		1K	Salame	15,00
1K	Salame	15,00	1K	Salame	15,00				4	vidros chimia	44,00
1 duz	ovos	4,00	meio K	Salame	7,50	2K	Carne de porco	15,00	5	carpa (peixe)	168,00
1K	Fufo	5,00	1K	Tilápia (peixe)	22,00		quando comin double		5K	Cabo	20,00
1K	Batatinha	5,00	1litro	melado	10,00	2K	feijão por	10,00	2K	fei jo	10,00
1V. de	Cebola (conserva)	10,00	2K	Peixe corpa	24,00		1 litro pipoca		5K	Tilápia (peixe)	110,00
1V. de	Vagem (conserva)	10,00	meio K	Salame	7,50				4K	feijao	20,00
6	Pão	15,00	2P	Alface	2,00				30	semente alface medida	30,00
2K	carne de porco	15,00	meio duz	Ovos	2,00						
1K	feijão	4,50	1	Carpa	24,00						
meio K	Vagem	3,00	1	Queijo	13,00						
meio K	tomate	2,50	2	vidros compota	20,00						
3K	Bolaxa	24,00									

Fonte: autora (2021)

As autoras apontam os objetivos das cadernetas agroecológicas que trazem informações sobre a produção dos quintais, espaços de maior protagonismo e domínio das mulheres, sendo possível fazer levantamento das espécies cultivadas apontando a contribuição das mulheres com relação à preservação e conservação da biodiversidade e com a soberania e segurança alimentar. Trata-se de um instrumento teórico importantíssimo para elaboração e conquistas de políticas públicas que atendam a necessidade das mulheres camponesas.

As Cadernetas têm por objetivo organizar as informações sobre a produção das mulheres, ou seja, nelas são registrados o que foi vendido, trocado, doado, e consumido e tudo o que é cultivado nos quintais produtivos ou espaços de protagonismos/domínio das mulheres em suas propriedades. Além disso, é possível fazer um inventário das espécies cultivadas pelas agricultoras, o que dialoga com o objetivo de apontar a contribuição das mulheres na preservação da biodiversidade e

na soberania e segurança alimentar a partir dos quintais, se mostrando um instrumento potente com arcabouço teórico para a disputa de espaços para as mulheres, como também para elaboração e conquista de políticas públicas que atendam às necessidades das mulheres rurais. (JAIL; SILVA, et al, 2019, p. 107).

Essa experiência trouxe reflexões importantes sobre a valorização e valoração do trabalho das mulheres. Através da sistematização dos dados, as mulheres estão apresentando e dialogando com suas famílias e a sociedade as inúmeras funções e benefícios que a atividade de produção, principalmente a de alimentos para autoconsumo realizada pelas mulheres em seus quintais, representa: “[...], por exemplo, a gente trabalhou aquela tabela para escrever lá tudo que você colhe, o que você põe na mesa de onde que veio isso as mulheres não tinham se dado conta que cuidava que plantava e alimentava e gerava renda.” (FÁTIMA).

Apresentamos como primeiro benefício a renda obtida através dessa produção, considerada invisível e dificilmente é contabilizada pelas famílias que se trata do consumo de alimentos tanto de origem animal como vegetal, e também os alimentos fabricados e processados pelas mulheres em suas cozinhas sendo a maioria deles destinado ao consumo da própria família, quando é comercializado é mais fácil visualizar seu valor em dinheiro. Mas quando consumido diariamente pela família, é mais difícil e simplesmente, não é contabilizado, ficando na invisibilidade: “Porque muitas vendem coisas que dá um retorno financeiro, mas, mesmo não vendendo e produzindo, não deixa de ser uma economia para as mulheres.” (ADÉLIA).

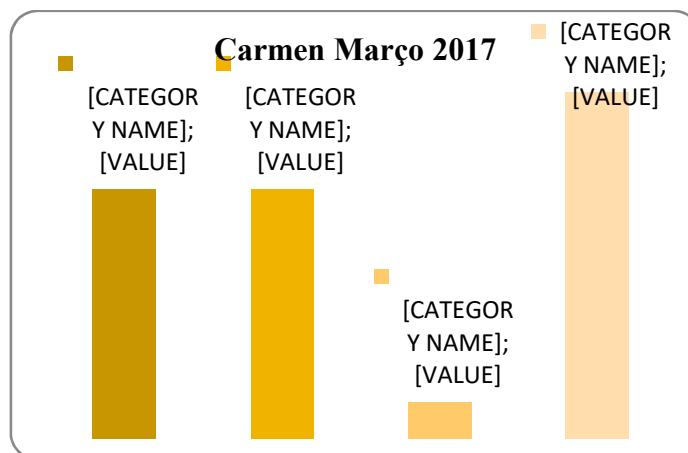
Os gráficos abaixo apresentam o valor em dinheiro, ou seja, a renda referente à produção realizada pelas mulheres em seus quintais produtivos agroecológicos que é destinada ao consumo da família e os valores correspondentes às doações, trocas, e também o que foi comercializado, a partir da experiência de sistematização dos dados na caderneta agroecológica realizadas por três entrevistadas dessa pesquisa a Carmen, a Noemi e a Zenaide.

Importante destacar que as mulheres chegaram a esses dados fazendo anotações diárias ou então semanais referente ao destino dado à produção de cada mês durante o período de um ano. Nas colunas da caderneta agroecológica, listaram a produção destinada ao consumo, doação, troca e venda e também colocaram as respectivas quantidades dos valores em reais referente a cada item listado e, ao encontrar dificuldades de precificar algum item, as mulheres realizavam pesquisas em mercados locais no final de cada mês.

Segundo dados da sistematização das cadernetas agroecológicas (2018), no estado de Santa Catarina foram sistematizados dados de 21 (vinte e uma) mulheres camponesas e

agricultoras, sendo 15 (quinze) delas, pertencentes ao Movimento de Mulheres Camponesas e o valor médio mensal de produção foi de R\$1.500,00.

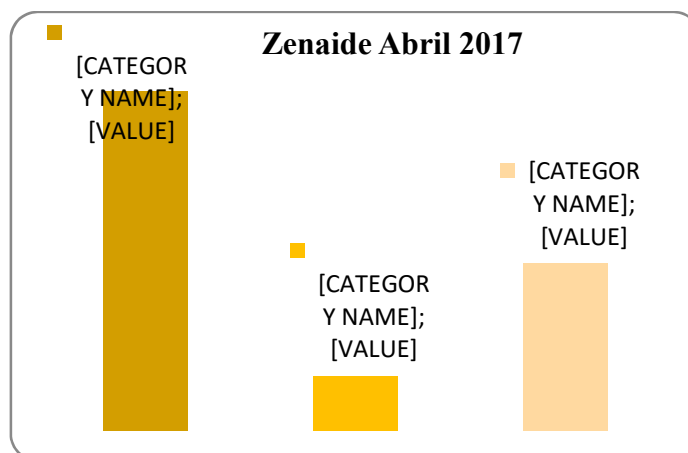
Gráfico 1 - Renda da produção do Quintal da Carmen



Fonte: autora (2021)

A soma total equivalente à renda da produção do quintal produtivo agroecológico da Carmen, referente ao mês de março de 2017, obteve valor de 1.123 reais sendo 318 reais destinado ao consumo da família que é composta apenas pelo casal. Fez doação de alimentos aos filhos, parentes e amigos, no valor de 318 reais. Os 46 reais, é o valor referente às trocas com as vizinhas da comunidade. E o valor de 441 reais é referente à comercialização de sua produção.

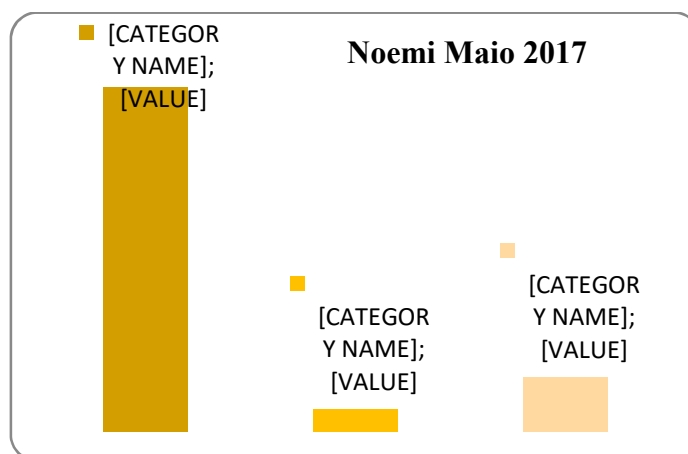
Gráfico 2 - Renda da produção do quintal da Zenaide



Fonte: autora(2021)

A soma total equivalente à renda da produção do quintal produtivo agroecológico da Zenaide, referente ao mês de abril de 2017, obteve um valor de 721 reais, sendo 436 reais destinado ao consumo da família, ou seja, o casal, 70 reais de doação de alimentos para o pai que mora na cidade e os filhos, e o valor de 215 reais, corresponde à comercialização da sua produção.

Gráfico 3 - Renda da produção do quintal Noemi



Fonte: autora (2021)

A soma total equivalente a renda da produção do quintal produtivo agroecológico da Noemi, referente ao mês de maio de 2017, obteve um valor de 757 reais, sendo o valor de 619 reais destinado ao consumo da família que é composta por 3 pessoas, o casal e o neto, 40 reais é referente às doações feitas para vizinhas, parentes da cidade, o valor de 98 reais corresponde à comercialização da sua produção.

Salientamos que a produção do autoconsumo realizada pelas mulheres camponesas em seus quintais, além de gerar renda também contribui para segurança e soberania alimentar. As famílias têm acesso diário a alimentos saudáveis e com alto valor nutricional que são produzidos em seus quintais, orientados pelos princípios da produção agroecológica: “[...] *tu planta sem veneno, que tu sabe que foi você quem plantou, que você vai comer uma coisa boa, uma coisa saudável e se tu compras, você não sabe o que tá comendo porque o veneno, tu não enxerga, então tu sabe o que tá comendo, que ta gerando renda e tá vivendo bem.*” (IVANETE).

E além de poder consumir alimentos saudáveis e de qualidade, muitas famílias camponesas têm como estratégia aumentar a diversificação da produção para autoconsumo, diminuindo a dependência frente a mercantilização dos alimentos e dessa forma vão

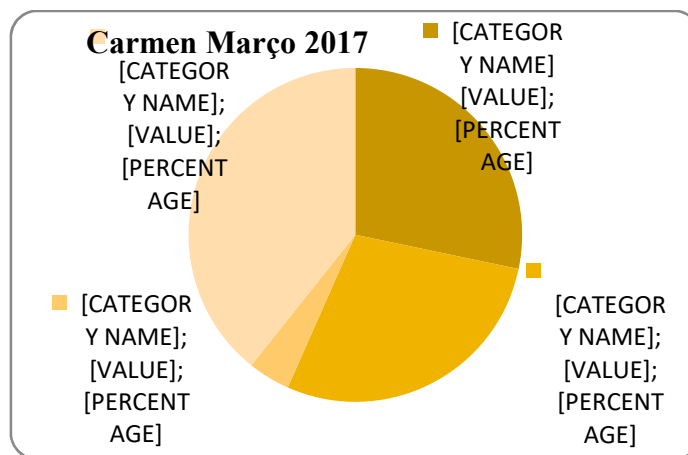
conquistando a sua autonomia econômica. Isto reforça o que as mulheres camponesas costumam dizer sobre diminuir gastos e economizar para poder investir em outras atividades na unidade de produção, ou mesmo comprar o que não é possível produzir, seja pela falta dos meios de produção, estrutura, equipamentos, seja pela diminuição da mão de obra ou por questões ambientais ou sazonais: “[...] *Isso é uma economia enorme porque se tu não gasta pra comprar, tu pode usar o dinheiro pra comprar outra coisa né.*” (FÁTIMA).

Edel também comenta que a produção voltada para autoconsumo é exigente em mão de obra e trabalho, mas ela é feita com sementes, insumos da própria unidade de produção diminuindo os gastos e a dependência de insumos externos.

[...] então econômico assim, na verdade ele [autoconsumo] é econômico quero dizer assim, pelos gastos que a gente tem com ele, então é mais a tua dedicação que é o valor que ele tem, se dedica a fazer cobertura, colocar plantas que ajudam como repelentes, fazer adubos próprios né, ecológicos. Então tudo isso diminui os gastos né, é teu trabalho que está ali, os gastos cai muito. Em outra horta, lavoura, quintal, eles botam adubos, lonas e aí vai, isso dá um gasto grande, muitos gastos, eu acho assim. (EDEL).

Os gráficos abaixo representam a porcentagem dessa produção destinada ao consumo familiar, doação, trocas e comercialização, de três entrevistadas, Carmen, Noemi e Zenaide.

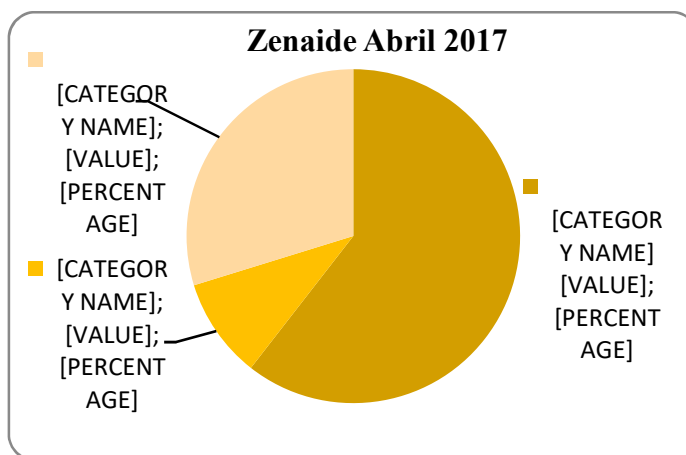
Gráfico 4 - Destino da produção quintal da Carmen



Fonte: autora (2021)

O gráfico apresenta a porcentagem referente ao destino da produção do quintal produtivo agroecológico da Carmen sendo que a maior porcentagem 39% é referente a comercialização, seguida de 29% para consumo, 28% doação, e 4% corresponde às trocas.

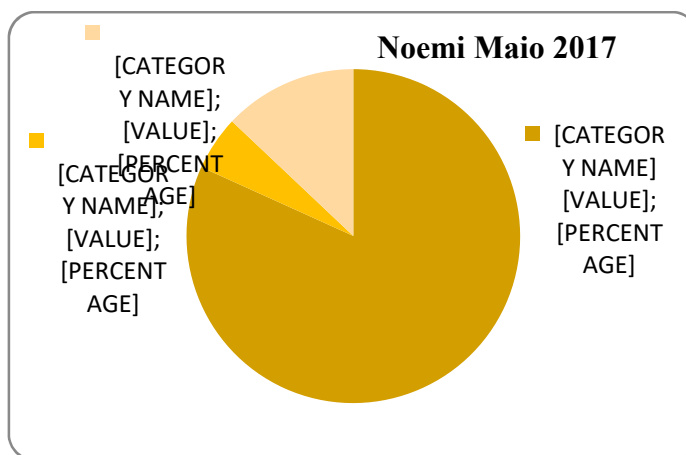
Gráfico 5 - Destino da produção quintal da Zenaide



Fonte: autora (2021)

O gráfico especifica a porcentagem da produção do quintal produtivo agroecológico da Zenaide, sendo que a maior porcentagem 61% é destinada ao consumo da família, seguido por 30% de vendas e 10% de doações.

Gráfico 6 - Destino da Produção quintal da Noemi



Fonte: autora (2021)

O gráfico demonstra a porcentagem da produção do quintal produtivo agroecológico da Noemi sendo que a maior porcentagem 82% é destinada ao consumo da família, seguido de 13% de comercialização e 5% de doações.

O segundo benefício referente à experiência de sistematização da caderneta agroecológica, trouxe dados que demonstra a prática das mulheres referente à doação de alimentos que elas produzem em seus quintais com os parentes, familiares, que moram na cidade ou mesmo com amigas, vizinhas, famílias camponesas da comunidade o excedente dessa produção, é partilhado com as pessoas que não produzem algum tipo de alimento: “[...] *a gente sempre planta que sobra né, quando vem alguém leva né, leva isso leva aquilo, você sabe como é se chega alguém lá a leva uma laranja, leva um chuchu, leva uma melancia e assim sempre tem de sobra.*” (EDEL).

Terceiro benefício é com relação às trocas: “[...] *que sobra da sua alimentação você pode fazer a troca.*” (FÁTIMA). As trocas têm uma porcentagem menor com relação aos dados que foram sistematizados nas cadernetas, mas representa uma prática preservada, principalmente entre as mulheres. Na figura (9), da caderneta da Carmen, na coluna de doações, ela registra a troca de 2 kg de carne de porco por farinha de milho, 2 kg de feijão por um litrão (garrafa pet) de pipoca, e trocou 2 kg, de carne de porco para ser devolvido quando a família fizer um abate.

O quarto benefício é sobre a comercialização da produção das mulheres camponesas que de acordo com os dados de sistematização da Caderneta Agroecológica (2018), confirmam que “[...] o estado de Santa Catarina apresenta os maiores valores totais de venda (250 mil reais) com relação aos demais estados.”(MEDEIROS ALVES et al, 2018, p. 55).

Fica evidente que as mulheres camponesas estão buscando meios para comercializar a produção dos seus quintais produtivos agroecológicos para que outras pessoas possam ter acesso a uma alimentação saudável e de qualidade e dessa forma, as mulheres possam obter renda, autonomia e independência econômica com relação a sua produção e seu trabalho: “[...] *pode comercializar pra comprar aquilo que você não consegue produzir né.*” (FÁTIMA).

Edel percebe que as mulheres podem planejar aumentar a produção dos seus quintais visando a comercialização para obter mais renda.

[...] Se eu quero produzir só pro meu gasto, eu tenho um quintalzinho menor, assim. Agora se eu vou visá-lo economicamente pra venda, gerar uma renda maior, não só o que sobra, aí eu vou ter que aumentar ele. Exemplo assim, eu vou plantar abobrinha, vou plantar pepino, vou plantar batatas, vou plantar mais pra que eu possa vender, isso depende então de eu fazer esse planejamento pra que eu possa vender mais, porque isso me rende mais, isso depende do foco que eu tenho, depende o que eu quero, se eu quero produzir só pra mim, pra minha família isso, seria assim. Não precisaria plantar tanto tá certo, mas se fosse pra vender por exemplo, se eu planto pra mim melancia, planto um canto, mas se quero vender tenho que aumentar esse canto de melancia ou qualquer outro, então depende ali.

Mas eu acho que as mulheres podem tranquilamente tirar o dinheiro delas ali, é só planejar, depende do gerenciamento. (EDEL).

A sistematização da caderneta agroecológica é uma experiência muito importante para as mulheres, os dados têm contribuído para qualificar o debate sobre a valorização, valoração e a maior visibilidade da produção e do trabalho das mulheres. Inicialmente as anotações foram referentes à produção do autoconsumo de alimentos, para além disso, instigou e proporcionou para as mulheres uma visão muito mais ampla com relação à produção voltada para o autoconsumo e elas perceberam que deixaram de anotar e contabilizar muitas coisas que produzem em seus quintais como: as sementes, as mudas, os adubos, repelentes, os artesanatos, etc., bem como o uso das plantas medicinais, o sabão, detergente, conforme destaca Ivanete:

[...] também os chás que eu não falei, que os chás pra diarreia, pra dor de cabeça, dor de estômago a gente tem tudo em casa, pra que correr comprar na farmácia, se tu tem a planta ali e também os temperos, aquela erva baleeira dá pra fazer o sal temperado em vez de comprar, dá pra fazer o sabão em casa em vez de comprar, dá pra fazer o detergente, muita coisa dá pra fazer em casa e não precisa comprar, se torna mais barato se tu fazer.

Tudo isso faz parte do autoconsumo da família e da unidade de produção, que poderia ser contabilizado como renda referente à produção e trabalho realizado pelas mulheres camponesas. Com toda certeza essa experiência foi muito importante para as mulheres camponesas que não possuíam o hábito de fazer anotações da sua produção e agora elas pretendem continuar fazendo, incluindo toda a produção que é destinada ao autoconsumo e que passa despercebida por elas.

5 PASSOS PARA UMA ECONOMIA FEMILISTA SOLIDÁRIA NO MMC/SC

Com a economia feminista o trabalho das mulheres camponesas passa ser visibilizado, reconhecido, valorizado e valorado. Falar sobre economia feminista é necessário, pois a economia capitalista vigente na sociedade globalizada, não reconhece e invisibiliza o trabalho doméstico, o trabalho relacionado aos cuidados e todas as contribuições econômicas realizadas pelas mulheres. Assim destacamos;

A economia feminista questiona o paradigma dominante e sua abordagem androcêntrica e contribui para dar visibilidade ao aporte econômico das mulheres. Já a economia dominante não só desconsidera, invisibiliza a contribuição econômica das mulheres, como oculta e desconhece as elaborações teóricas das feministas. (DI SABBATO; MELLO; LOMBARDI; FARIA, 2009, p. 14-15).

A economia feminista faz a crítica ao paradigma econômico dominante, como também reconhece as elaborações e contribuições teóricas das mulheres e por se tratar de um campo de estudos da Ciência Econômica, aproxima a produção acadêmica das lutas feministas. Como afirmam as autoras Grecco, Furno e Teixeira (2018, p. 11)

[...] a sua construção é fruto da imbricação entre a produção acadêmica e as lutas feministas e é desenvolvida tanto nos centros de estudos e pesquisas como nos espaços de atuação política feminista: Organizações Não Governamentais (ONGs), movimentos sociais e associações de mulheres trabalhadoras.

Em sua origem,

[...] a economia feminista buscou, em primeiro lugar visibilizar as mulheres como 'atoras' econômicas e, assim, focar o grande volume de trabalho doméstico e de cuidados realizados pelas mulheres. A partir dos anos 1990 ocorreu a consolidação da economia feminista como um campo do conhecimento. (DI SABBATO; MELLO; LOMBARDI; FARIA, 2009, p. 15).

Cristina Carrasco (2018, p. 32), afirma que “[...] ao longo do caminho percorrido nas últimas décadas, a economia feminista se caracterizou por propor rupturas com uma série de conceitos definidos a partir da economia oficial dominante; rupturas que não respondem a uma inquietação conceitual, mas sim a um posicionamento político.”

A autora também reflete sobre o percurso que a economia feminista foi propondo do ponto de vista conceitual e político, desde questões sobre o trabalho doméstico para um debate atual que envolve o conceito de “sustentabilidade da vida” que tem sido referenciado com mais intensidade na prática política dos movimentos sociais e sindicais do que na academia.

Nesse percurso, a economia feminista foi se deslocando conceitual e politicamente da discussão sobre o trabalho doméstico para a ideia mais recente de sustentabilidade da vida, ambos conceitos debatidos com mais intensidade nos movimentos sociais e sindicais do que na academia – conceitos, portanto, com uma forte carga política. Os primeiros debates buscavam um reconhecimento do trabalho doméstico como trabalho, o que tinha sérias implicações políticas, colocando em questão as teorias marxistas. O conceito de sustentabilidade da vida – além de exigir um maior estudo e discussão – nos coloca a necessidade de perfilar quais são as economias próximas, que ao menos em princípio mantêm o mesmo objetivo que a economia feminista, para tentar construir diálogos e ações conjuntas – necessários se desejamos uma transformação social rumo a uma sociedade mais igualitária e melhor para se viver. (CARRASCO, 2018, p. 33).

As contribuições da autora citada nos ajudaram a pensar o caminho percorrido pelo MMC na construção de uma economia feminista e solidária. Em um primeiro momento a organização e os processos formativos no Movimento foram muito importantes para as mulheres camponesas aprofundarem os estudos e debates sobre como funciona o sistema econômico capitalista e patriarcal, e desse modo perceberem que as teorias e análises econômicas são formuladas por homens. Por esse viés, o trabalho realizado por eles é colocado como sendo mais importante, mais produtivo e que tem “mais valor” e por isso deve ser melhor remunerado. E o trabalho realizado pelas mulheres, principalmente o doméstico, os cuidados, e o trabalho produtivo na horta, pomar, roça e quintais - no caso das mulheres camponesas - não são considerados como atividade econômica, sendo assim não são reconhecidos, valorizados, valorados, ficando na invisibilidade. Nesse sistema econômico, é considerado apenas as atividades de bens e serviços que têm valor de troca mercantil.

No capitalismo, a riqueza produzida reconhecidamente é aquela destinada e vinculada para o mercado, sendo este controlado em grande medida pelos capitalistas. O trabalho de reprodução da vida, seja produção de alimentos para auto sustento das famílias, ou mesmo o cuidado de crianças e idosos, limpeza da casa, cuidados com a saúde nas famílias não é considerado trabalho produtivo. Estas tarefas são consideradas improdutivas, e em geral são feitas por mulheres. Logo, o trabalho que interessa aos capitalistas, é o trabalho produtivo, pois gera a chamada mais-valia e o lucro. O lucro, por sua vez, parece ser o motor de toda a economia e tudo o que passa sem considerá-lo parece não existir e não ter sentido diante dos mercados. (SCHMIDT; JAHN; SANTOS; COLLET, 2012, p. 6).

O estudo sobre o que é a economia capitalista foi fundamental para as mulheres camponesas se darem conta que esse tipo de economia não serve para elas. Com esta compreensão, iniciam a luta pela construção de outra economia, partindo da realidade concreta das mulheres camponesas que elas chamam de “economia feminista camponesa”. Partem para uma análise crítica de que todo trabalho desempenhado por elas é invisível para a

sociedade, sendo necessário dar mais visibilidade ao seu trabalho e considerar suas contribuições para a economia.

Compreendendo que há diversas formas de organização do trabalho para além do trabalho assalariado, como o trabalho doméstico, o de cuidados e o trabalho produtivo que as mulheres camponesas, ressignificam o conceito de trabalho reprodutivo, o qualificando como produtivo tanto no sentido mercantil como no da sustentabilidade da vida.

Conforme destaca a autora Maria Betania de Ávila (2007, p. 109),

[...] a questão do trabalho é uma questão estrutural na conformação das relações de gênero. Através de uma análise do trabalho, podemos explicar uma dimensão básica da lógica de reprodução social capitalista e patriarcal e, a partir dessa análise, encontrar os elementos importantes que estruturam a exploração e dominação das mulheres.

Nesse processo de compreensão sobre como se estrutura o trabalho na sociedade capitalista, as mulheres camponesas vão se dando conta da sobrecarga de trabalho atribuída a elas, pelos princípios da divisão sexual e social do trabalho, que se coloca como grande desafio conforme destacam as autoras Conte, Calaça e Taborda (2020, p. 131),

O grande desafio posto é o rompimento da divisão sexual do trabalho e dos papéis patriarcais de gênero para a superação da concepção de práticas que definem as mulheres como não produtivas e, portanto, desvalorizadas. Desse modo, necessariamente há que se lutar por outras formas de produção e a superação do capitalismo como modelo, e junto a isso, a superação do patriarcado e racismo.

Parafraçando a autora Daniele Kergoat (2009), que afirma que a divisão sexual e social do trabalho se organiza em dois princípios: no princípio da separação por sexo, há trabalho de homens e há trabalho de mulheres, e no princípio hierárquico o trabalho dos homens vale mais que o trabalho das mulheres. Aproximando esses dois princípios com a realidade das mulheres camponesas, o princípio da separação por sexo nas famílias camponesas é bem presente, pois às mulheres é atribuído o trabalho privado, reprodutivo, da casa, sem remuneração, que as mulheres camponesas passaram a chamar de “trabalho fundamental para manutenção e sustentação da vida”, que inclui todos os trabalhos domésticos (lavar, passar, cozinhar etc.), os trabalhos de cuidados com os doentes, com as crianças, idosos, cuidado e manejo com as plantas medicinais, as flores, as sementes, os pequenos animais, a biodiversidade, os bens naturais, a produção para o autoconsumo e também o trabalho produtivo na roça - atribuído socialmente aos homens e que nesse sentido costumavam dizer que as mulheres prestavam “ajuda ao marido”. Importante ressaltar que

com a chegada do processo da modernização agrícola a roça passa ser feita com uso de máquinas, facilitando muito o trabalho dos homens, enquanto o trabalho realizado pelas mulheres se torna cada vez mais precarizado.

Com relação ao princípio hierárquico, o trabalho masculino vale mais que o trabalho feminino, esse princípio aparece mais claro nas relações de trabalho assalariado urbano, no qual as mulheres exercem a mesma função que os homens e recebem salários menores. Nas atividades agrícolas esse princípio também pode ser percebido quando determinadas atividades são atribuídas às mulheres e passam ser desenvolvidas por homens, um exemplo claro é quando a atividade de produção para autoconsumo passa ser desenvolvida e comercializada por homens, aí passa ser considerada uma atividade produtiva e do ponto de vista econômico, rentável. A atividade leiteira passou por esse processo, quando as famílias tinham uma ou duas vacas apenas para consumo, os homens não se envolviam com essa tarefa, a partir do momento que o leite começa a ser comercializado, os homens se inserem nessa atividade e dessa forma acontece com várias outras atividades agrícolas como horticultura, floricultura, criação dos pequenos animais, etc.

Historicamente, o trabalho reprodutivo é responsabilidade das mulheres e esse é desvalorizado socialmente. Na agricultura os princípios da divisão sexual e social do trabalho reforça que todos os trabalhos realizados pelas mulheres são domésticos, mesmo quando exercem as mesmas tarefas que os homens ou quando produzem para comercializar, seja no espaço dos seus quintais ou na lavoura, ainda é considerado extensão do trabalho doméstico.

Para o MMC,

[...] a divisão sexual e social do trabalho e dos papéis patriarcais de gênero é uma luta necessária para avançarmos na perspectiva da economia feminista, valorizando tudo o que nós mulheres produzimos, consumimos, trocamos, vendemos, seja do pomar, da criação, seja do cuidado dos pequenos animais ou outros. (CONTE; CALAÇA; TABORDA, 2020, p. 131).

As mulheres camponesas do MMC compreendem que é preciso romper com os princípios da divisão sexual e social do trabalho, pois reforçam relações de exploração, dominação e não valorização do trabalho das mulheres. Para as mulheres camponesas “[...] uma economia feminista pensa como deve funcionar a sociedade para que as pessoas tenham qualidade de vida. Pensar formas de articulação e implementação onde as mulheres sejam gestoras, não apenas produtoras e consumidoras.” (SCHMIDT; JAHN; SANTOS; COLLET, 2012, p. 6).

De acordo com a SOF (2021, p. 7),

A economia feminista é uma ferramenta nessa luta porque nos apoia na crítica ao sistema e oferece elementos para a nossa resistência. É fundamental nos processos de organização e educação popular, além de orientar as nossas propostas alternativas. Ela nos ajuda na construção de contra-hegemonia e de práticas feministas de transformação da economia a partir da realidade concreta.

Na perspectiva da economia feminista, as mulheres camponesas fazem a crítica ao sistema econômico dominante e se desafiam a lutar pelo reconhecimento e valorização de todo e qualquer tipo de trabalho que elas desempenham, o doméstico, os cuidados, etc. Mesmo que muitos homens não assumam a responsabilidade das tarefas domésticas para diminuir a sobrecarga de trabalho das mulheres, elas dialogam com seus familiares sobre a importância e valor desses trabalhos.

No Encontro de Formação das Monitoras, realizado em 11 de novembro de 2019, o tema de estudo era sobre economia feminista. Uma participante relatou que dialogou com seu companheiro sobre o valor do seu trabalho, contou que certo dia estava com a máquina de costura quebrada e uma peça de roupa do marido precisava de conserto, levou a uma costureira, o marido reclamou que o conserto custou caro, então ela aproveitou e disse: “*Eu sempre te fiz de graça.*” (CADERNO DE CAMPO, 2019).

As mulheres camponesas também dialogam com relação ao trabalho que envolve todos os cuidados. As crianças, idosos, doentes, o ser humano necessita de cuidados. Assim também o solo, as sementes crioulas, as plantas medicinais, as flores, a biodiversidade agrícola, a natureza, os animais também necessitam de cuidados. Esse trabalho realizado pelas mulheres camponesas por um lado é entendido como sendo necessário, fundamental para sustentação da vida, mas por outro lado, ele precisa ser responsabilidade de todos, não só das mulheres. Conforme afirma a autora Cristina Carrasco, (2018, p. 48),

Os cuidados falam sobre a nossa vulnerabilidade. Nascemos e vivemos em corpos e mentes frágeis e vulneráveis que exigem cuidados ao longo de todo o ciclo vital: cuidados do corpo, na saúde, afetivos, amorosos, psicológicos. Cuidados absolutamente necessários, que sustentam cotidianamente os corpos. Não se trata, portanto, de que alguém queira ou não fazê-los, nem de que se goste ou não; é simplesmente uma condição humana e é preciso realizá-las. Negar os cuidados é negar a própria vida. Neste sentido, o cuidado tem uma dupla dimensão: por um lado, é um direito individual, por outro, é uma responsabilidade coletiva. Se a sociedade nos permite viver através do cuidado, todos e todas deveríamos participar do cuidado dos e das demais. O cuidado não é um assunto de mulheres.

A autora acrescenta ainda sobre a relevância dos cuidados como sendo a base da vida e também do sistema econômico, pois

[...] permite situar este trabalho no centro da reprodução social e as mulheres como sustentadoras de toda a estrutura social e econômica da própria vida, em definitivo. Efetivamente, só a enorme quantidade de trabalho e de cuidados que as mulheres realizam desde sempre permite que o sistema econômico e social possa seguir funcionando.(CARRASCO, 2018, p. 4).

Outro exemplo de trabalho desempenhado historicamente pelas mulheres camponesas, que a sociedade capitalista e patriarcal não valoriza e invisibiliza, é a produção de alimentos para autoconsumo. Nesse sentido, as mulheres camponesas do MMC/SC buscaram metodologias e ferramentas, a exemplo da caderneta agroecológica para anotar, contabilizar e dar visibilidade ao seu trabalho e à produção de alimentos dos seus quintais.

Pela educação que a mulher foi recebendo desde criança, ela aprendeu a administrar todo o trabalho doméstico, o cuidado com as crianças, o trabalho na lavoura, na organização da produção para auto-sustento, ou seja, produções de alimentos saudáveis e diversificados que estão presentes todos os dias na mesa da família, ainda dedicam tempo para organização, para comunidade, e muitas vezes para a entre ajuda com as vizinhas, e amigos(as). Ao tomar consciência do valor do trabalho muitas mulheres começaram a contabilizar a produção de autossustento e se surpreenderam com a economia que gira na família, fruto do seu esforço e dedicação. (SCHIMIDT; JANH; SANTOS; COLLET, 2012, p. 30).

A prática de anotar, precificar e contabilizar a produção dos quintais destinada para autoconsumo, não tem como intenção transformar tudo em valor mercantil, valor de compra e venda, mas sim de mostrar para as famílias e a sociedade que esse trabalho desempenhado pelas mulheres camponesas tem valor e é importante para economia, mas ele também representa muitos “outros valores”, pois além de gerar renda e autonomia econômica para as famílias que não necessitam comprar a alimentação para consumo, também gera benefícios como o de poder consumir alimentos frescos, nutritivos, saborosos e saudáveis, representa mais saúde e qualidade de vida, e ao mesmo tempo que estão produzindo esses alimentos, estão se preocupando com o cuidado dos bens naturais, da biodiversidade e da natureza.

Muito dessa produção também é trocada, doada com familiares, amigos, vizinhos, o que tornam-se valores sociais, ambientais, ecológicos e econômicos. O trabalho desempenhado pelas mulheres camponesas contribui para a soberania alimentar e nutricional e para o fortalecimento da agroecologia como ciência e como modo de vida.

E qual seria o valor de tudo? “As feministas fazem a crítica sobre isso dizendo que tem trabalho que produz valor mercantil, valor de compra e venda, mas tem trabalho que produz outros valores.” (ÁVILA, 2007, p. 114). Para o Movimento “[...] a concepção de economia forjada na luta pelas mulheres do MMC caracteriza-se como uma economia

integrada às múltiplas dimensões, sejam elas sociais, políticas, culturais, entre outras.” (COLLET; GASPARETTO, 2020, p. 8).

No encontro de formação das monitoras em Novembro de 2019, as participantes debateram sobre o que compreendem por economia feminista:

É tudo o que as mulheres produzem, consomem, trocam e vendem dos seus quintais, do pomar, da criação dos pequenos animais. Compreende todos os trabalhos das mulheres, o doméstico bem como os cuidados com as crianças, idosos, doentes e a família, a produção e preparo dos alimentos, cultivo das ervas medicinais, flores, criação dos pequenos animais, a confecção de roupas e o artesanato.” (CADERNO DE CAMPO, 2019, n.p.).

Para as mulheres camponesas avançarem no debate sobre geração de renda e autonomia econômica, foi necessário debater sobre a importância e o valor do seu trabalho e de tudo que produzem em seus quintais:

O campo da economia determina papéis e poder às pessoas, por isso, cada vez mais, as mulheres precisam ocupar esse espaço (que ainda não ocuparam), mas não para reproduzi-lo. É nesse sentido que nós mulheres camponesas e feministas, propomos como necessário, uma economia feminista que possui o princípio da solidariedade. (SCHIMIDT; JAHN; SANTOS; COLLET, 2012, p. 23).

E nesse percurso o Movimento de Mulheres Camponesas juntamente com outras organizações e movimentos sociais têm lutado pela construção de uma economia feminista e solidária

A Economia Solidária se caracteriza por concepções e práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano na sua integralidade ética e lúdica e como sujeito e finalidade da atividade econômica, ambientalmente sustentável e socialmente justa, ao invés da acumulação privada do capital. Essa prática de produção, comercialização, finanças e consumo privilegia a autogestão, a cooperação, o desenvolvimento comunitário e humano, a satisfação das necessidades humanas, a justiça social, a igualdade de gênero, raça, etnia, acesso igualitário à informação, ao conhecimento e a segurança alimentar, preservação dos recursos naturais pelo manejo sustentável e responsabilidade com as gerações, presente e futuro, construindo uma nova forma de inclusão social com a participação de todos. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 31).

Conforme já destacamos, a maior porcentagem da produção dos quintais produtivos das mulheres camponesas é destinada ao consumo familiar, muitos alimentos saem do quintal direto para mesa, não envolvendo relações mercantis, sendo considerada uma economia invisível. As mulheres camponesas organizadas no MMC, sempre lutaram e lutam para dar mais visibilidade, valorização, reconhecimento e valoração a esta economia. E para isto tem buscado formas para evidenciar e mostrar que a produção de alimentos, mesmo destinada ao

autoconsumo, gera uma importante renda e autonomia econômica para as famílias camponesas.

A partir dos princípios da economia solidária, as mulheres camponesas têm buscado alternativas para geração de renda, construindo experiências de comercialização em feiras locais, venda direta aos consumidores, programas institucionais a exemplo do PNAE. As mulheres camponesas estão construindo e fortalecendo relações de amizade e confiança com as consumidoras(es):

[...] há aquelas que têm sua freguesia fixa, organizaram seu grupo que adquire os produtos em forma de cesta ou itens de acordo com a necessidade. Outras o fazem através de feiras pontuais ou permanentes. Também tem aquelas que entregam em mercado local ou regional, outras ainda para a alimentação escolar, entre outras". (COLLET; GASPARETTO, 2021, p. 9).

Esse percurso que o Movimento de Mulheres camponesas está trilhando para construção de uma economia feminista e solidária, apresenta inúmeros desafios que não são poucos e nada fáceis pelo contrário, são muito complexos, pois se faz necessário ir rompendo com as práticas e padrões de uma sociedade capitalista, patriarcal e de um sistema econômico dominante que não tem a pretensão nenhuma de reconhecer, valorizar, valorar e visibilizar o trabalho das mulheres camponesas. Nessa lógica, é preciso fazer o enfrentamento ao modelo de agricultura convencional baseado na exploração e no lucro e por conta disso tem ameaçado e destruído as poucas iniciativas de autonomia econômica das mulheres camponesas e de suas famílias.

As mulheres camponesas precisam lutar diariamente para terem mais reconhecimento e valorização do seu trabalho em suas famílias e na sociedade. Precisam lutar por políticas públicas que fomentem experiências de economia solidária protagonizadas por mulheres. Lutar pelo direito ao acesso aos meios de produção essenciais como terra, água, sementes, insumos, equipamentos, tecnologias, para que consigam avançar em suas experiências de produção e comercialização. Outro desafio seria avançar em experiências de produção e comercialização coletiva, muitas iniciativas ainda estão no individual.

Diante desses desafios que apontamos e de muitos outros que não demos conta de trazer aqui, as mulheres camponesas foram fazendo seu percurso na construção de uma economia feminista e solidária partindo de suas vivências, experiências e realidades. Coletivamente lutaram e conquistaram o reconhecimento da profissão de trabalhadoras rurais, os direitos previdenciários, aposentadoria, auxílio acidente de trabalho, salário maternidade

entre tantos outros direitos. Conquistas significativas na vida das mulheres camponesas que certamente proporcionaram mais dignidade, autonomia e liberdade.

Neste sentido, ficou evidente nesta pesquisa, o quanto os processos formativos do Movimento são importantes e contribuem para que as mulheres camponesas se reconheçam como autoras econômicas. A construção coletiva do projeto de agricultura camponesa agroecológico, motiva, politiza e orienta para que as mulheres camponesas coloquem em prática em seus quintais, uma produção agroecológica e sustentável, que em sua base e princípios também exigem outra economia que baseada em relações de cuidado, solidariedade, respeito, sustentabilidade e bem viver.

5.1 EXPERIÊNCIAS DE QUINTAIS PRODUTIVOS AGROECOLÓGICOS DAS MULHERES CAMPONESAS

Para que as mulheres camponesas tenham uma colheita farta a partir de seus quintais ou agroecossistemas agroecológicos, muitos desafios são colocados que exige delas muita luta individual e coletiva e muitos desses desafios só serão superados a partir da transformação da sociedade e do sistema social, político e econômico que é baseado em princípios capitalista patriarcal e racista.

Conforme um dos objetivos específicos da pesquisa que propomos analisar o trabalho bem como as práticas, saberes e conhecimentos sobre a produção agroecológica que as mulheres camponesas, participantes do movimento, desenvolvem em seus quintais. Nesse sentido descrevemos a experiência de quatro quintais produtivos que visitamos durante a execução dessa pesquisa, lembrando que essas quatro experiências foram escolhidas no Encontro de Formação com as Monitoras. Essas quatro experiências são de mulheres camponesas que participam do MMC/SC, são dirigentes e monitoras de oficinas. A formação os debates coletivos no movimento, mais a prática de produção em seus quintais e o diálogo juntamente com suas famílias, estão construindo processos de transição para a agroecologia.

A família possui 25 hectares de terra, sendo uma parte herança dos pais da Carmen e outra parte herança dos pais do seu marido. O casal dividiu a área de terra com seus dois filhos e as três filhas. Carmem relata que há muitos anos coloca em prática os princípios da produção agroecológica em seu quintal produtivo. Há 10 anos atrás fez um curso em Porto Alegre sobre economia feminista, desde então tinha o sonho de implementar uma agrofloresta para recuperar uma fonte de água, sozinha não conseguia e não encontrava apoio e ajuda do grupo familiar.

Hoje, ela tem ajuda do filho, do marido e das suas filhas que mesmo empregadas exercendo outras funções, apoiam e valorizam. Só um dos seus filhos que não apoia essa forma de produção e os chama de “loucos”:

Não é todos da minha família que apoiam e valorizam, por exemplo, eu tenho um dos meus filhos que trabalha no convencional e chama nós de loucos. Mas, como o outro filho concordou e tá ajudando e daí eu tenho apoio dos outros também, ajuda bastante isso, porque eu sozinha, eu acho que eu não conseguiria, se não tivesse o apoio deles. (CARMEN).

As atividades agrícolas desenvolvidas na Unidade de Produção são o quintal próximo a casa onde produzem frutíferas, medicinais e flores, criam pequenos animais: galinhas, porcos, bovinos e peixes e a lavoura onde produzem mandioca, arroz, feijão, milho e o sistema agroflorestral onde cultivam diversidade de plantas frutíferas, madeiras, medicinais, alimentícias, adubadeiras, etc. O destino da produção é para o consumo de três famílias, para trocas, doações e venda direta ao consumidor de 50 (cinquenta) cestas de alimentos.

Quadro 3 - Produção Diversificada do Quintal da Carmen Listadas no Desenho

Lavoura	Mandioca, arroz, feijão.
Agrofloresta e Diversidade de Frutíferas	Amora de árvore, acerola, ingá, guabiroba, banana, limão, jabuticaba, cereja, laranja, araucária, abacate, figo, goiaba, bergamota, pitanga, laranja, pêssego, caqui, ameixa, mamão, araçá, sete capotes, palmeira, abacaxi, pitaya.
Agrofloresta e Diversidade de Plantas Medicinais	Malva, alecrim do campo, alfavaca, cravo, hortelã branco, hortelã, levante, alfavaca, anis, sálvia, marcela, alfazema, manjerona, sábia, gervão, bálsamo, erva luísa, louro.

Agrofloresta e Produção diversificada	Physalis, quinoa, ora-pro-nóbis, repolho, alface, feijão de vagem, abóboras, tomate, batata doce, batatinha, batata cará, inhame, acelga, chicória, couve, quiabo, moranguinho, amendoim, ervilha, pimentão, alho, cebola, salsa, pepino, melão.
Criação Animais	Galinha, bovino, porco, peixe.

Fonte: autora, (2021)

O trabalho no quintal é realizado pelo casal. Na Agrofloresta, o planejamento do trabalho, manejo do solo, plantio, “limpa”, preparo das cestas, é feito pelo casal. O filho ajuda na colheita, podas e faz a entrega das cestas aos consumidores. O preparo das caldas é responsabilidade do marido.

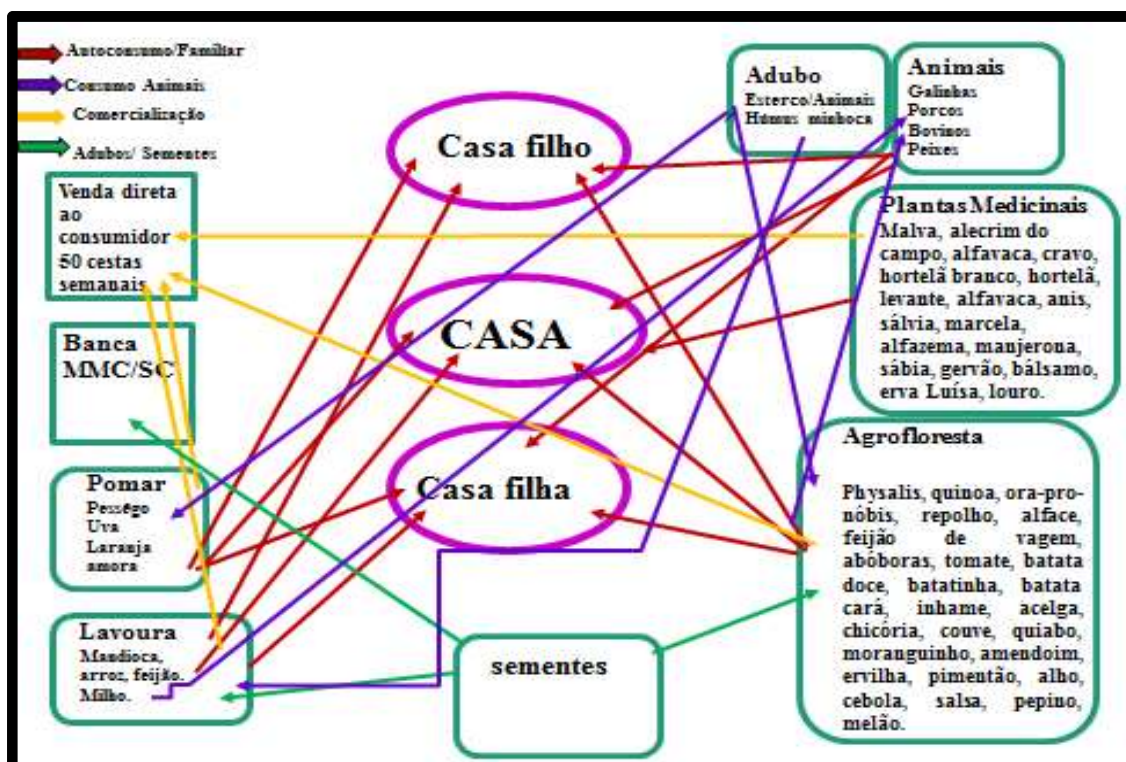
Conforme já comentamos, a comercialização da produção é realizada diretamente aos consumidores através de cestas que envolvem processo de organização e preparo. Os consumidores recebem a cesta duas vezes por semana, quarta-feira e sexta-feira. A cesta é bem diversificada contendo de 8 a 10 variedades, composta de raízes e tubérculos: sendo mandioca, batata doce, inhame, yacon, cenoura, beterraba, batatinha. Cereais: arroz, feijões, pipoca, amendoim, e farinha de milho. Verduras e legumes: alface, repolho, rúcula, couve, ora-pro-nóbis, espinafre, couve, brócolis, vagem, tomate, chuchu, abobrinha. Temperos: salsa e cebolinha. Frutas: amora, pêssigo, uva, laranja, banana. Cucurbitáceas: moranga, abóbora, pepino. Geleias, doces e também plantas medicinais para o chazinho. A família tem autonomia para organizar a cesta com relação às quantidades e a diversidade que é alternada a cada semana. Conforme relata Carmen,

[...] sempre cuidamos para colocar as raízes ou mandioca ou batata. Batatas temos bastante diversificado, ou batata doce e yacon ou batata inhame e cenoura, também entra nas batatas e as beterraba, e assim por diante. E também, nós temos os cereais, que aí a gente guarda esses produtos para usar durante o ano. Aí nós colocamos feijão, arroz, farinha de milho, pipoca de cereais e amendoim, e aí tem as verduras, daí os temperos, aí a alface, ele vai em todas às vezes que a gente vai fazer a cesta. Alface e os temperos vai e daí as outras coisas que vai diversificado, o dia que vai couve flor não vai couve, brócolis, aí o dia que vai couve, não vai repolho, e aí vai rúcula, vai espinafre, vai ora-pro-nóbis e a gente vai colocando diversidade e daí que nem agora é época dos pepinos, das abobrinhas, dos chuchu.

Os consumidores sabem que vão receber os alimentos produzidos na época, pois foram conscientizados sobre a sazonalidade da produção:

A época do inverno, nós temos um tipo de produção, agora nós temos outra, em janeiro não tem mais laranja, que às laranja tão acabando agora, mas aí vai ter as uvas, agora tem os pêssigos, ontem já levamos amora e pêssigo, tem as uvas, aí vai indo assim e o que tem na época e os consumidores já sabem disso. (Carmen).

Figura 12 - Fluxograma produção para Autoconsumo e Comercialização da Unidade
Produção da Carmen



Fonte: autora (2021)

5.1.1.1 Técnicas e práticas agroecológicas da Carmen

As práticas agroecológicas adotadas pela família são a produção diversificada integrada com a criação animais e o sistema agroflorestal: *“Essa prática da agrofloresta é bem importante porque ele é um projeto sustentável, porque lá nós produzimos alimento, a gente produz a madeira, produz a lenha, produz as frutas e as plantas medicinais, é tudo junto que a gente produz lá, e daí mais a água.”* (CARMEN). Instalação de placas fotovoltaicas, utilizadas para converter energia do sol em energia elétrica, tecnologia que é

usada no sistema de irrigação da agrofloresta, projeto em parceria com Instituto Federal do Município de Chapecó, Santa Catarina (IFSC).

Outras técnicas utilizadas são a produção de sementes crioulas, preparo de caldas bordalesa e sulfocálcica, e de microrganismos eficientes - EM. Carmen relata que precisam preparar uma grande quantidade de caldas para ter prontas para evitar e controlar o ataque de pragas, porém, tem observado que não estão ocorrendo tantos ataques, porque o sistema já está fazendo seu próprio controle biológico: *“Não estamos tendo muito ataque, até porque já está havendo esse controle biológico.” (CARMEN).*

Os adubos utilizados são adubação verde, compostos, esterco dos animais e húmus de minhoca, tudo da unidade de produção. O manejo da palhada das culturas, as podas, as folhas das árvores também contribuem bastante para fertilidade do solo. *“A gente faz um composto de adubo com esterco de vaca, às vezes tem um pouco de húmus, estamos se virando com o próprio adubo daqui, não estamos trazendo nada de fora.” (CARMEN).*

Carmem também mencionou sobre os sonhos e projetos para o futuro que se trata da construção de uma estufa para a produção das próprias mudas de hortaliças, pois no momento está tendo que comprá-las.

Outro sonho é fazer uma estufa para nós produzir as mudas porque nós temos que produzir os alimentos com as nossas próprias sementes e daí eu tenho semente e aí e vou comprar as mudinhas. To nessa de novo, já tinha quase me recuperado, mas por falta de ter uma estufa é que eu caí de novo nessa história de comprar mudinha, então não é muita coisa, mas nós gastamos mais de 300 reais, por mês só de muda então a gente adquire a muda, que não é ideal trazer de fora. (CARMEN).

Carmen iniciou sua experiência aplicando os princípios da agroecologia em seu quintal produtivo, por muitos anos alimentou seu sonho, foi dialogando e construindo juntamente com sua família. Ela considera que sua experiência está em transição para a agroecologia. No período da entrevista, a unidade de produção estava em processo para a certificação orgânica.

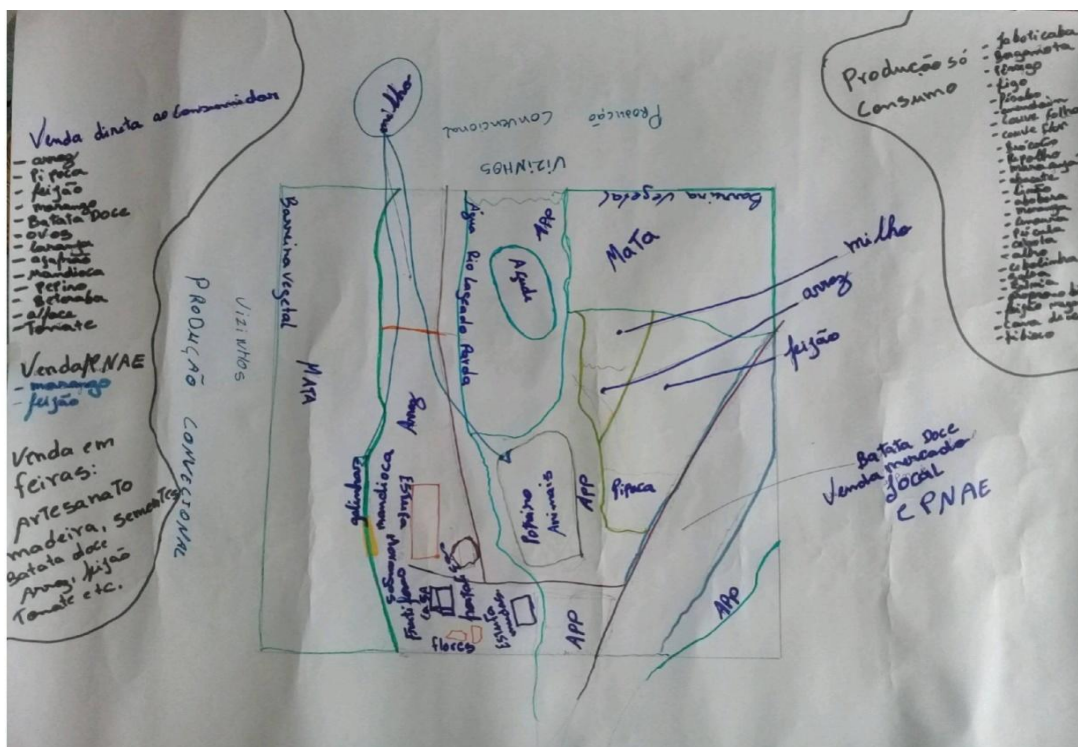
Está em transição para agroecologia, desde o selo orgânico, nós ainda não conseguimos por conta que precisamos organizar melhor as barreiras, porque tem gente passando veneno lá por perto, então por esse motivo e até por causa da terra que é plana, ela era tudo mecanizada aí passava veneno, tem que ter um período uns par de ano, e faz só 3 anos que nós tamo trabalhando lá. Então precisava ter mais tempo, mas eu acredito que do ano que vem em diante a gente já começa a dizer que nós somos orgânicos. Agroecológico ainda não. (CARMEN).

5.1.2 Quintal produtivo agroecológico da Joana

Joana começou a participar do Movimento nos anos 2000, período esse que o MMC/SC intensificou o debate da agroecologia e a construção do programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças. Nesse período a família dialogava e buscava alternativas para permanecer no campo, e garantir mais renda, visto que possuíam pouca terra.

Nas oficinas de sementes crioulas de hortaliças e nos espaços de formação do Movimento se falava muito sobre a agroecologia. Joana foi compreendendo e se interessando por essa forma de produção e juntamente com sua família, decide buscar mais formação e conhecimento para dar início à experiência agroecológica em sua unidade de produção. Hoje a experiência de produção agroecológica da família Sebben é referência para muitas famílias camponesas, que conseguem observar na prática que a agroecologia é possível.

Figura 13 - Desenho Quintal Produtivo Agroecológico da Joana



Fonte: autora (2021)

Os 10 hectares de área de terra trabalhados pela família são herança da família do companheiro da Joana. Das quatro experiências que propomos descrever, essa é uma das experiências que têm um período mais longo de trabalho e prática produtiva, pois desde a fase

inicial pode contar com a compreensão, envolvimento, apoio e valorização do grupo familiar: *“Minha experiência com agroecologia tem mais de 10 anos. Construímos essa experiência juntos, trabalhamos juntos, e todos valorizam.” (JOANA).*

A Família trabalha com a produção diversificada e saudável para autoconsumo, e comercialização: *“Nós produzimos batata doce, desde mudas até a colheita, moranguinho, feijão, arroz, pepino, tomate, verduras, frutas, pequenos animais, galinha, porco, bovinos e peixes.” (JOANA).*

Quadro 4 - Produção Diversificada do Quintal da Joana Listadas no Desenho

Produção e vendas direta ao consumidor e feiras municipais e do MMC/SC. Também para autoconsumo	Arroz, pipoca, feijão, morango, batata doce, ovos, laranja, açafrão, mandioca, pepino, beterraba, alface, tomate. Artesanatos de madeira e sementes.
Venda mercados locais e PNAE	Batata doce Feijão e morango
Produção Autoconsumo familiar	Jabuticaba, bergamota, pêssego, figo, physalis, amendoim, couve folha, couve flor, brócolis, repolho, maracujá, abacate, limão, abóbora, moranga, cenoura, rúcula, cebola, alho, salsa, cebolinha, sálvia, ora-pro-nóbis, feijão de vagem cana de açúcar, hibisco, milho.
Produção Venda em mercados locais	Morango, batata doce.
Animais	Bovinos, porcos, galinhas, peixe.

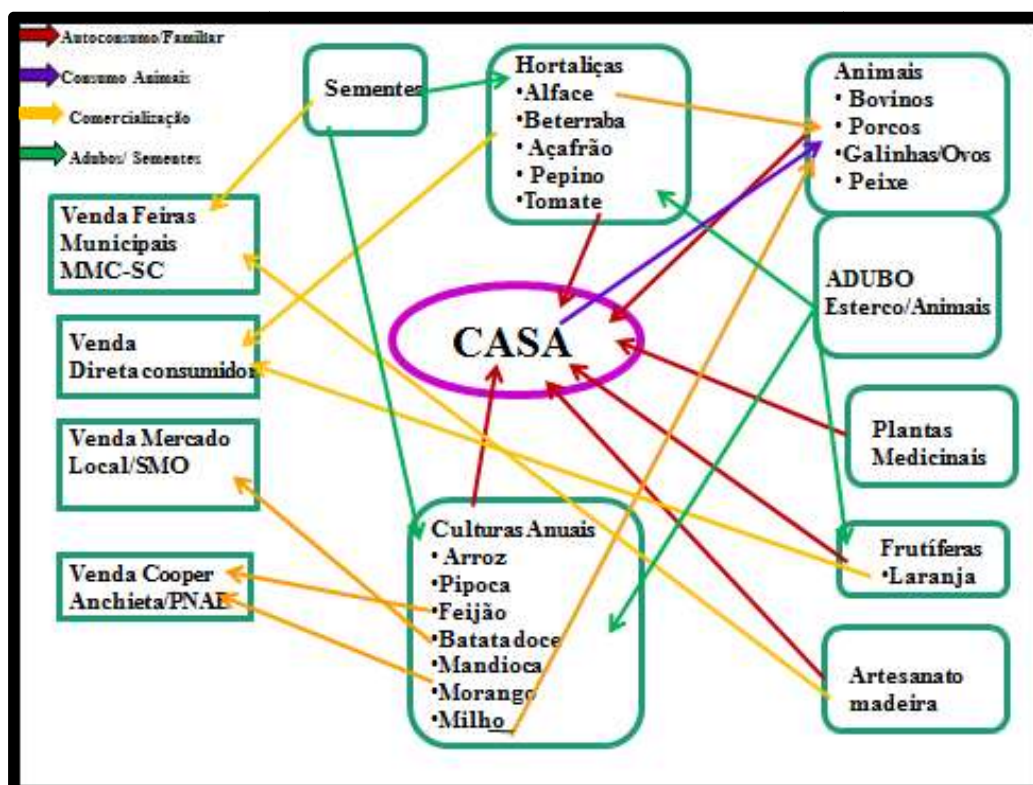
Fonte: autora (2021)

Para Joana seu quintal abrange toda a sua unidade de produção, por isso o trabalho é realizado coletivamente, com exceção de algumas atividades, como o preparo do solo, que geralmente é realizado pelo filho, e com relação à comercialização e entrega da produção para os consumidores, que é feita por Joana: *“Mesmo trabalhando junto, o preparo do solo é geralmente meu filho que cuida, o plantio e a colheita é feito junto, a comercialização quase sempre sou eu que vou entregar.” (JOANA).*

A família trabalha com a produção de batata doce, morango e feijão que são comercializados em mercados locais dos municípios de São Miguel do Oeste e Descanso, e para o Programa de Alimentação Escolar - PNAE. A produção diversificada de arroz, feijão, morango, batata doce, ovos, laranja, açafrão, mandioca, pepino, beterraba, alface, tomate e

outros, é comercializada diretamente com um grupo de consumidores. A produção diversificada e saudável, mais as sementes, mudas e artesanatos de madeira são comercializados em feiras promovidas pelo MMC, além de participarem de feiras realizadas eventualmente em alguns municípios da Região.

Figura 14 - Fluxograma, Produção para Autoconsumo e Comercialização



Fonte: autora (2021)

5.1.2.1 Técnicas e práticas agroecológicas da Joana

As técnicas e práticas agroecológicas adotadas pela família são a produção diversificada e saudável, rotação de culturas, conservação e manejo da fertilidade do solo. Fazem uso de muitas técnicas de produção baseadas na agroecologia, como a produção e uso das sementes crioulas, produção de mudas, preparo de caldas, adubação verde, pó de rocha e

biofertilizantes: *“Preparo adubos fermentados, adubação verde, pó de rocha. Aqui não se faz uso de ureia e adubos químicos.” (JOANA).*

Como há mais de dez a família iniciou o processo de transição para agroecologia, eles possuem a certificação de produção orgânica: *“Meu quintal produtivo é orgânico e agroecológico, temos o certificado de orgânico porque não uso nada de produtos químicos ou agrotóxicos, cuido de trazer o mínimo possível de coisas de fora pra dentro da unidade de produção.” (JOANA).*

A família possuiu a certificação orgânica através da Rede Ecovida. Mas para Joana sua experiência é agroecológica, porque não se trata de produzir apenas sem o uso de venenos ou insumos industriais, ela define como um modo de viver: *“A agroecologia é um modo de viver, é mais do que só produzir sem veneno, é cuidar da vida, minha e de quem consome, do ambiente, da água, do solo, do planeta, é não poluir nem destruir.” (JOANA).*

Joana também nos contou dos seus sonhos e projetos futuros para sua experiência. Ela pretende transformar sua unidade de produção agroecológica em ponto turístico onde grupos de pessoas, famílias, possam passar um dia todo em sua Unidade de Produção para conhecer e ter mais contato com a vida no campo, se envolver com o trabalho, colher os alimentos, as frutas direto do pé. Preparar e saborear os alimentos saudáveis e proporcionar para as pessoas, principalmente as urbanas, maior contato com a natureza.

5.1.3 Quintal produtivo agroecológico da Noemi

A experiência de produção agroecológica da Noemi é a mais recente das quatro que estamos descrevendo, por esse motivo consideramos um ponto importante, pois trata de uma experiência que está sendo planejada e construída a partir dos princípios da agroecologia.

A família possuía uma área de 30 hectares de terras que se localizava distante da cidade e de difícil acesso. Os 30 hectares foram comprados aos poucos, através de seu esforço e muito trabalho. No espaço do quintal, produziam a partir dos princípios da agroecologia, mas o restante da unidade de produção trabalhava com o modelo agrícola convencional. A decisão do casal foi vender essa área. Com a venda dessa área, adquiriram os 3 hectares de terras que possuem hoje e mais próximo da cidade, área menor que facilita o trabalho e a construção das experiências de produção agroecológica: *“Essa unidade de produção, adquirimos com a venda de uma outra área de terras que fomos adquirindo aos poucos,*

aromáticas, e ainda cana para melado e chimia. Temos galinhas, porquinhos, vaca de leite e bezerro para carne. (NOEMI).

Quadro 5 - Produção Diversificada Quintal da Noemi Listadas no Desenho

Plantas Medicinais	Alcachofra, Alecrim, Arruda, Aniz, Anador, Boldo, Boldinho, Zedoaria, Cânfora, Novalgina, Vik, Cidreira, Losna, Menta, Hortelã (3 tipos), Poejo, Phaffia, Maçanilha, Levante, Manjeriçao, Quebra tudo, Canela, Tansagem, Tomilho, Zina, Cene, Sálvia, Sabia, Cana do Brejo,
Produzem	Milho, abóboras, morangos, pipoca, feijão, amendoim, mandioca, batatas. Cana de açúcar. Hortaliças, cenoura, beterraba, rabanete, nabo, alho, cebola, pimentas, alface, repolho, radiche, azedinha, couve, salsa, cebolinha, baleeira, manjerona, physalis, pepino.
Frutíferas	Pêssego, laranja (3 tipos), lima, limão, bergamota (2 tipos), pêra, jaracatiá, jabuticaba, romã, abacate, banana, Pinheiro, caqui, butiá, gabirola, cereja, pitanga, jaracatiá, mandacaru, uvas, costela de adão, banana de mico, amora silvestre, coco gerivá, araçá, nêspera.
Pequenos Animais	Porcos, bovinos, galinhas

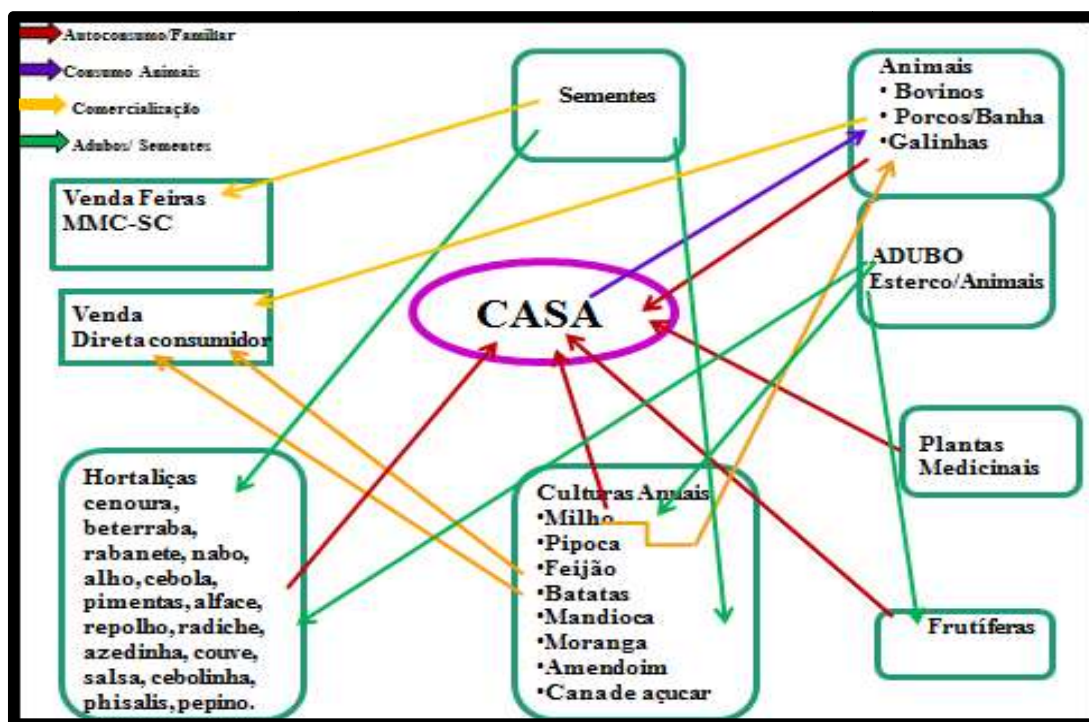
Fonte: autora (2021)

Com relação ao trabalho, a família planeja e procura desenvolver as atividades coletivamente. Algumas atividades como preparo do solo quando necessário fazer o revolvimento, é o marido que faz. A colheita, algumas vezes o marido faz, principalmente quando coincide o período de colheita com atividades do Movimento. Para a comercialização buscam o envolvimento de todos no preparo dos produtos e na venda, que é direta para os consumidores, mas geralmente é Noemi que tem realizado as vendas através dos grupos de mulheres:

O preparo do solo vai sendo feito aos poucos, por exemplo juntamos as folhas do pátio e colocamos para decompor e virar adubo, levamos o esterco da vaca e das galinhas na composteira de forma coletiva. Se tiver que revolver o solo, o companheiro faz a maior parte. Plantamos juntos até as flores. A colheita depende, se tenho muita atividade do MMC, ele faz a colheita. A venda sempre é coletiva, mas quase sempre faço a venda.

A família tem planejado como projeto para o futuro, construir estufa irrigada para produção de hortaliças que vai compor cestas de produção diversificada de alimentos, pois pretendem comercializar para um grupo de consumidores. No período da pesquisa estavam comercializando apenas o excedente da produção para o autoconsumo como: pipoca, feijão, tomate, banha de porco e melado de cana. Para as vendas, utilizam os grupos de WhatsApp que fazem parte.

Figura 16 - Fluxograma Produção para Autoconsumo e Comercialização



Fonte: autora (2021)

5.1.3.1 Técnicas e práticas agroecológicas da Noemi

Entre as técnicas e práticas de produção agroecológicas se destaca a produção diversificada, criação de pequenos animais, consórcio de plantas, manejo e conservação da

fertilidade do solo, cultivo de plantas medicinais, produção, melhoramento e beneficiamento de sementes crioulas, adubação verde, compostagem e cisterna para captação água da chuva: *“Compostagem, consórcio de plantas, aproveitamento da palhada das culturas, captação da água da chuva para regar as plantas. Uso de sementes crioulas.” (NOEMI).*

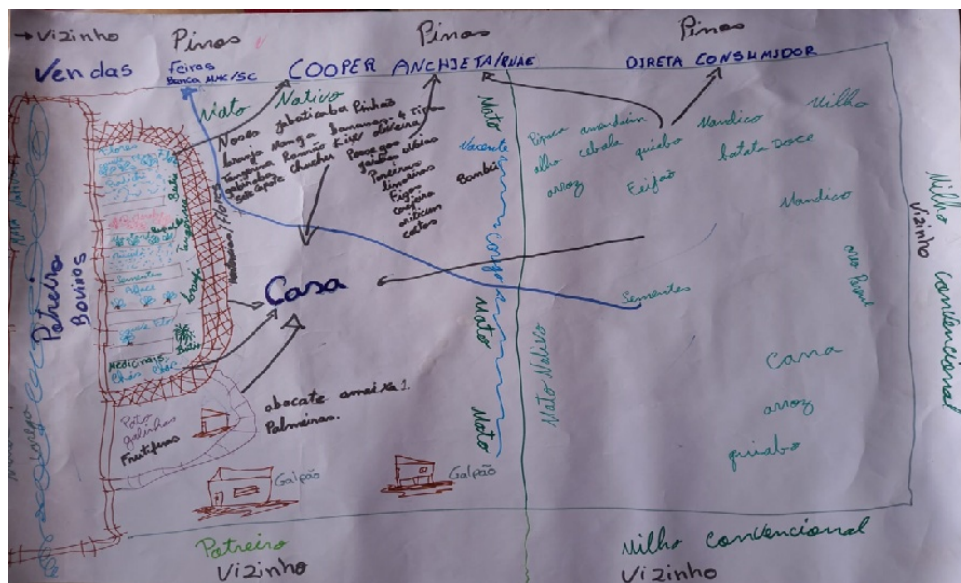
A família está trabalhando para que a Unidade de Produção seja agroecológica, está em processo de transição, o que exige mais alguns anos até que consigam fazer a desintoxicação e recuperação da fertilidade do solo, recompor a biodiversidade e os ciclos ecológicos do sistema: *“Está se aproximando da agroecologia, enfim, está ainda no processo de transição, precisa desintoxicar o solo, recuperar a fertilidade. Tudo é um processo lento, mas que dá resultado.” (NOEMI).* Desse modo, para Noemi, a *“Agroecologia é um modo de vida e projeto de sociedade, vai para além de um jeito de produzir, implica no fim de todas as formas de violência.”*

5.1.4 Quintal produtivo agroecológico da Zenaide

A experiência agroecológica da Zenaide acontece a partir do processo inverso do que estamos acostumadas. É mais comum as famílias saírem do campo para a cidade, que foi o que aconteceu com a Zenaide, primeiro migrou do campo para cidade e anos depois da cidade para o campo. Nos contou que logo que casou, mudou para cidade e a aproximadamente uns 15 anos atrás, decidiu voltar a morar na unidade de produção dos pais, para poder cuidar da sua mãe que estava com problemas de saúde.

Logo que voltou a morar no campo, recebeu um convite de sua irmã para participar de uma oficina de sementes crioulas de hortaliças do MMC/SC. O estudo e o debate realizado nesta oficina contribuíram com sua decisão em trabalhar com a produção agroecológica. Isto a motivou continuar participando do Movimento em busca de mais formação e conhecimento para poder desenvolver na prática, em sua unidade de produção.

Figura 17 - Desenho do quintal da Zenaide



Fonte: autora (2021)

A área de terras utilizada é herança dos pais de Zenaide. Herdou a área de terras, mais as estruturas, a casa, o galpão devido ao acordo feito com seus irmãos para ficar responsável pelo cuidado com os pais.

Por muitos anos, ela foi trabalhando e fazendo a experiência sozinha, não tinha ajuda e apoio do marido que trabalhava de pedreiro e não acreditava muito na proposta da agroecologia. Aos poucos, ele foi se envolvendo, ajudando, mesmo com dificuldades de compreender o processo da agroecologia. No período que realizamos a entrevista, Zenaide nos contou que ele tinha perdido o emprego, então decidiu não trabalhar mais fora e sim trabalhar na Unidade de Produção para que os dois, juntos, pudessem aumentar a produção e ter mais renda. A filha e o filho do casal já têm sua família, não moram mais com os pais, não se envolvem nas tarefas, mas apoiam: *“Meu esposo ajuda e os filhos não se envolvem, mas apoiam e em alguns momentos, dão alguma opinião para termos mais segurança naquilo que vamos fazer.”* (ZENAIDE).

As principais atividades agrícolas desenvolvidas na Unidade de Produção Familiar, são a produção diversificada para comercialização, consumo da família e dos animais, criação dos pequenos animais e frutíferas: *“Plantio de frutas, verduras, legumes, pequenos animais, aves, e toda alimentação para família e animais.”* (ZENAIDE).

Quadro 6 - Produção Diversificada do Quintal da Zenaide Listadas no Desenho

Produção Venda Direta ao Consumidor e Cooper Anchieta. Consumo.	Pipoca, amendoim, alho, cebola, arroz, quiabo, batata doce, mandioca, feijão, milho, hortaliças, chuchu, cenoura, salsa, cebolinha, beterraba, repolho, alface, mostarda, couve flor,
---	---

	rúcula radiche, chuchu, sementes e plantas medicinais.
Frutíferas Venda Cooper Anchieta. Consumo.	Nozes, laranja, jaboticaba, tangerina, sete capotes, goiaba, manga, romã, pêssego, figo, caqui, araticum, uva, uvaías, pêra, oliveiras, limão, cactos, Kiwii, bananas (6 tipos), abacate, ameixa, caqui,
Animais consumo	Bovinos, patos, galinhas.

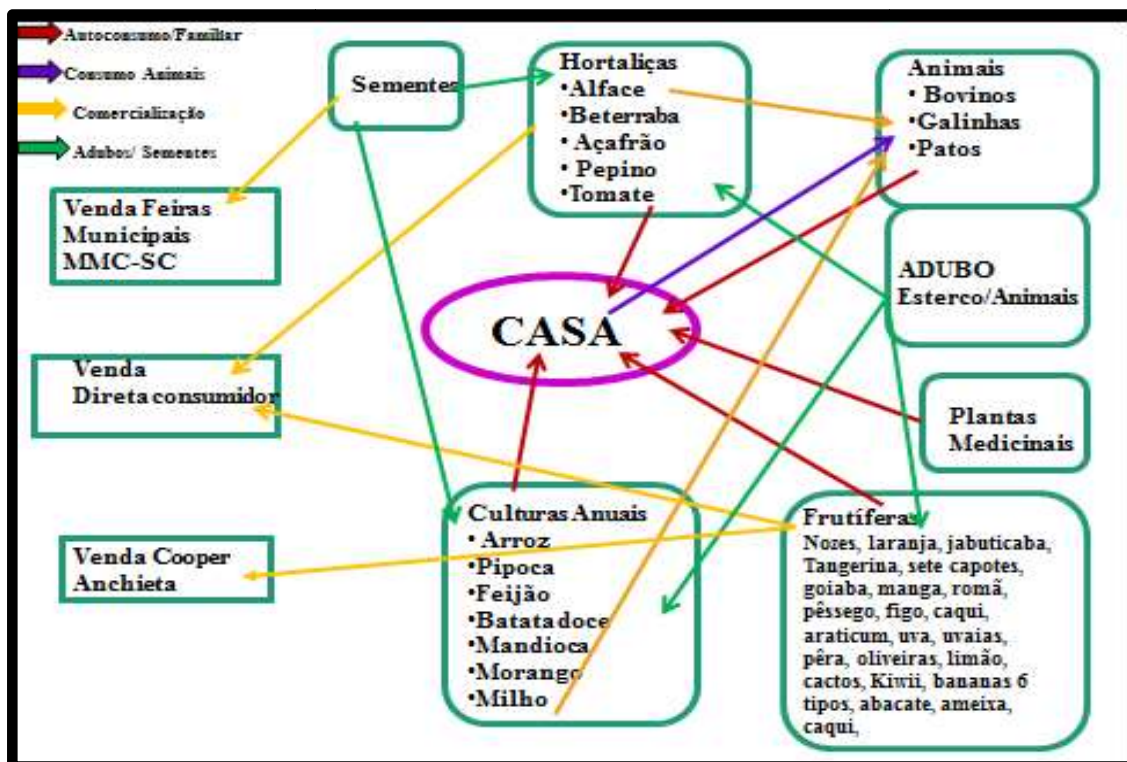
Fonte: autora (2021)

O trabalho na Unidade de Produção é realizado pelo casal desde o preparo do solo, plantio e colheita. A venda e entrega da produção à cooperativa e aos consumidores é realizada pela Zenaide: *“Na hora de preparar o solo com adubação, com cobertura e plantio eu e meu esposo fizemos juntos, na hora da colheita também, depois eu saio fazer as vendas e entrega.”*

Zenaide e o marido comercializam a produção de frutas e demais alimentos como: repolho, alface, mostarda, couve flor, rúcula, chuchu, pipoca, amendoim, alho, cebola, arroz, quiabo, batata doce, mandioca, feijão, milho, hortaliças, chuchu, cenoura, salsa e outros, para Cooper Anchieta, cooperativa do Município, responsável pelo planejamento, organização e compra de alimentos direto da agricultura familiar e camponesa, através do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, para atender a demanda das escolas municipais.

Parte da produção também é comercializada diretamente ao consumidor. Nas feiras de sementes crioulas do Município, Zenaide sempre participa e comercializa as sementes e mudas de plantas. As sementes também são comercializadas nas feiras promovidas pelo MMC e também para a banca de sementes do Movimento Estadual.

Figura 18 - Fluxograma Produção para Autoconsumo e Comercialização



Fonte: autora (2021)

5.1.4.1 Técnicas e práticas agroecológicas da Zenaide

Entre as técnicas e práticas agroecológicas trabalhadas pela família, está a produção de frutas, produção diversificada de alimentos, criação de pequenos animais, plantio de árvores nativas. Produção e melhoramento de sementes crioulas, manejo e conservação do solo: *“Preparamos o solo com adubo orgânico, esterco de animais, palhadas e adubação verde, usamos repelentes e adubo foliar caseiro, tudo retirado da unidade de produção.”* (ZENAIDE). Zenaide considera que sua Unidade de Produção é Agroecológica pois já faz 15 anos que vem trabalhando, manejando e praticando os seus princípios da produção:

É uma agricultura familiar sustentável, trabalhamos com os princípios da agroecologia e conseguimos produzir alimentação saudável. A Agroecologia para mim significa ter uma produção saudável, significa cuidar do solo, da água, da natureza, aproveitar e utilizar o que a natureza nos oferece sem colocar produtos químicos.

Possuem Certificação Orgânica na área das frutíferas, pois precisavam para conseguir comercializar no Programa de Alimentação Escolar - PNAE.

Nessa pesquisa trouxemos apenas quatro experiências que estão sendo trabalhadas na perspectiva da agroecologia, existem várias outras experiências que estão sendo planejadas, executadas e construídas pelas mulheres camponesas que fazem parte do MMC/SC. Conforme fomos ressaltando durante a escrita do texto, o projeto de agricultura camponesa agroecológica feminista e popular está sendo construído coletivamente pelo Movimento.

Durante o período de 2018 a 2021 em que essa pesquisa foi planejada, construída e desenvolvida coletivamente, muitas atividades, encontros e ações foram acontecendo no MMC/SC visando o fortalecimento dos quintais produtivos agroecológicos das mulheres camponesas.

Nos anos de 2017-2018, a temática dos quintais produtivos estava sendo difundida e estudada por toda a base organizada do MMC/SC através do projeto “Fortalecimento de Quintais Produtivos e Autonomia das Mulheres”. No ano de 2019, o MMC/SC prosseguiu com a Formação envolvendo a temática dos quintais produtivos agroecológicos por meio do projeto “Quintais produtivos e autonomia econômica das mulheres para superação da violência”. Ressaltamos que essa formação foi apenas iniciada, pois com o agravamento da crise sanitária da pandemia do COVID-19, a execução do projeto foi interrompida.

As Mulheres camponesas do estado de Santa Catarina se envolveram na Campanha Nacional do MMC “Sementes de Resistência”, que tem como lema: *Camponesas Semeando Esperança, Tecendo Transformação*, foi lançada no dia 8 de março de 2020. A campanha tem como principal objetivo, recuperar sementes crioulas, fortalecer a produção dos quintais produtivos das mulheres camponesas e avançar no beneficiamento da produção, na garantia de soberania alimentar e ao mesmo tempo, contribuir para maior autonomia econômica das mulheres.

O novo projeto intitulado “Mulheres: Produção Orgânica e Alimentação Saudável” que iniciou execução com um intenso processo de formação em 2021, visa a capacitação de 50 (cinquenta) mulheres camponesas, realizado através de videoconferências com a temática sobre a produção orgânica de alimentos saudáveis em seus quintais produtivos. As cinquenta mulheres camponesas que estão participando das etapas de formação e capacitação, serão contempladas com recurso de 3 mil reais para adquirir materiais, equipamentos ou insumos, para o fortalecimento da produção dos seus quintais produtivos.

Importante destacar nesse período a participação, envolvimento e luta das mulheres camponesas para aprovação do projeto que resultou na Lei Assis de Carvalho nº 735 de 2020 e depois na nova elaboração do projeto de Lei nº 823 de 2021, renomeado como Lei Assis de Carvalho II, que disponha de medidas como auxílio emergencial para agricultura familiar e

camponesa para amenizar as dificuldades e consequências causadas pelo agravamento da pandemia do COVID-19, bem como auxiliar na produção diversificada de alimentos saudáveis.

Nesse período de Pandemia as mulheres camponesas também têm participado de muitas campanhas de solidariedade, para as quais a produção de seus quintais produtivos tem sido socializada e compartilhada com profissionais de saúde e famílias que se encontram em vulnerabilidade social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorremos um longo caminho e chegamos à fase de compartilhar as considerações finais deste trabalho, entendendo não ser a finalização ou ponto final, e sim a síntese de questões importantes que o processo de pesquisa ação nos permitiu chegar.

O Movimento de Mulheres Camponesas é um importante ator social de transformação das relações sociais de gênero, da conquista de direitos e da libertação das mulheres camponesas. A organização, os processos formativos, e as lutas foram garantindo para as mulheres camponesas conquistas de direitos tanto individuais como coletivos, os direitos previdenciários, obter seus próprios documentos pessoais, registrar a profissão “trabalhadora rural”, constar seu nome, dos filhos e filhas no bloco de notas e a titulação da terra conjunta em nome do casal.

Conquistar o direito de poder sair de casa, participar da política, ocupar os espaços de decisão, seja na comunidade, sindicato, cooperativa, no movimento, bem como compreender a importância de participar na gestão e administração da Unidade de Produção, lutar contra o patriarcado, o machismo e se contrapor ao modelo de produção capitalista e construir coletivamente um projeto de agricultura agroecológica que tem a preocupação de cuidar das pessoas, dos bens naturais e do ambiente.

A luta para superar as desigualdades sociais e de gênero, a dominação patriarcal, a exploração, a destruição da natureza causada pelo modelo de produção agrícola, monocultor, capitalista, o não reconhecimento e valorização do papel desempenhado pelas mulheres camponesas na produção de alimentos, na soberania alimentar e nutricional, no cuidado das pessoas e da natureza, são questões pertinentes na vida das mulheres camponesas que impulsionam a luta e a construção do feminismo camponês e popular a partir da realidade e vida concreta das mulheres camponesas.

A pesquisa evidenciou a experiência do Movimento de Mulheres Camponesas na construção de um projeto de agricultura baseado nos princípios da produção agroecológica que está interligado com a construção do feminismo camponês e popular. Descrevemos nas páginas anteriores as vivências, saberes e práticas de mulheres que possuem uma forte relação com a terra, com as sementes crioulas, e a cultura camponesa. Através da organização e da luta cotidiana constroem a partir dos seus quintais experiências com princípios da produção agroecológica, conscientizando do valor de seu trabalho e do cuidado e proteção do ambiente.

O Feminismo Camponês e Popular que as mulheres camponesas, militantes do MMC estão construindo se expressa na luta pelo reconhecimento e valorização do trabalho das mulheres camponesas, na luta pela construção de novas relações sociais de gênero, por uma economia feminista e solidária, bem como a construção do projeto de agricultura agroecológica. Pois foi possível observar pelas entrevistas que para as mulheres camponesas, o trabalho com a agroecologia transforma as pessoas, não apenas no que diz respeito às novas técnicas e práticas produtivas adotadas. Mas transforma a vida a partir de novas atitudes, valores e constrói novas relações de respeito e cuidado entre o ser humano e a natureza: *“Esse trabalho com a agroecologia, ele transforma a pessoa.”* (Edel).

A agroecologia vai além de uma forma de produzir, implica a superação do sistema patriarcal, do machismo, racismo e de todas as formas de exploração e violências praticadas contra as mulheres como reflete Noemi: *“Agroecologia é modo de vida e projeto de sociedade, vai para além de um jeito de produzir, implica no fim de todas as formas de violência.”*

Para as mulheres camponesas do MMC/SC, a agroecologia é um projeto de desenvolvimento sustentável que envolve o campo e a cidade. É um modo de vida que diz respeito à cultura camponesa, às formas de praticar agricultura, de produzir alimentos, de trabalhar, de ter outros hábitos alimentares, de cuidado e respeito com a natureza e de implementar novas relações sociais de gênero entre homens e mulheres na sociedade patriarcal do campo.

Ao mesmo tempo que produz alimentos diversificados e saudáveis, sem o uso de insumos industriais, se preocupam com a saúde e bem estar de quem consome e também com o cuidado, respeito e preservação do ambiente, dos bens naturais, solo, água, florestas e da biodiversidade como nos lembra Joana: *“Agroecologia é um modo de viver, é mais do que só produzir sem veneno, é cuidar da vida minha e de quem consome, do ambiente, da água, do solo, do planeta, não poluir nem destruir.”*

A agroecologia é capaz de produzir alimentos diversificados e saudáveis com qualidade e quantidade suficientes para alimentar a população mundial, cuidando, preservando e conservando os bens naturais e Zenaide confirma com clareza o que o Movimento tem ensinado sobre um dos princípios fundamentais da agroecologia: *“Agroecologia pra mim significa ter uma produção saudável, significa cuidar do solo, da água, da natureza, aproveitar e utilizar o que a natureza nos oferece sem colocar produtos químicos.”*

A agroecologia apresenta uma diversidade muito grande de conceitos. Nesse sentido, as mulheres camponesas procuram defini-la a partir do tripé que envolve ciência, prática e movimento.

Em seu surgimento a agroecologia apresenta um enfoque mais científico, conforme destaca Miguel Altieri (2012, p. 105), um dos precursores do conhecimento acadêmico sobre agroecologia na América Latina. Desse modo a agroecologia pode ser definida como uma “[...] disciplina que disponibiliza os princípios ecológicos, básicos de como estudar, manejar e projetar agroecossistemas que sejam produtivos, e ao mesmo tempo conservem, os recursos naturais, assim como sejam culturalmente adaptados, social e economicamente viáveis.”

Outros autores como Costa (2017), vão dizer que a Agroecologia incorpora os conhecimentos acumulados da ecologia e os saberes das populações tradicionais. Então como ciência a agroecologia fez importantes avanços no que se refere a aproximação e sistematização da teoria e conhecimentos acumulados de várias disciplinas científicas como a ecologia, agronomia, economia, antropologia, sociologia, dialogando com os saberes e conhecimentos populares das comunidades tradicionais e camponesas. Como ciência e prática disponibiliza seus estudos, fundamentos e princípios para que as camponesas e camponeses juntamente com seus saberes e conhecimentos tradicionais possam fazer o redesenho e manejo de agroecossistemas de base ecológica mais sustentáveis.

Mas no que diz respeito às relações de gênero no campo, ainda como ciência e prática, a agroecologia precisa se ocupar em fazer o enfrentamento ao sistema de dominação patriarcal e às relações desiguais entre homens e mulheres, como enfatiza autora Siliprandi (2009, p. 147) afirmando que “a agroecologia não cumprirá seus propósitos de ser uma teoria e um modelo para ação emancipatória dos camponeses se também não se ocupar teórica e praticamente, do enfrentamento das questões da subordinação das mulheres agricultoras.”

Enquanto Movimento destaca-se a luta das organizações e movimentos sociais do campo no enfrentamento ao modelo de agricultura capitalista do agronegócio, na luta por reforma agrária, na luta por soberania alimentar e energética, na luta por políticas públicas de incentivo à produção e comercialização agroecológica.

A pesquisa traz a luta, contribuição e o papel do Movimento de Mulheres Camponesas para o fortalecimento de experiências agroecológicas. Descrevemos o processo de organização, formação e lutas trabalhado pelo MMC/SC para a construção de um projeto de agricultura camponesa agroecológica e feminista. Apontamos suas potencialidades, sem romantizar, fomos identificando os desafios que as mulheres camponesas encontram para efetivá-lo em suas Unidades de Produção.

As estratégias e metodologias que o MMC/SC foi construindo coletivamente com as mulheres camponesas, permitiu iniciar suas experiências práticas com princípios da agroecologia, a partir do espaço da horta, porém as mulheres camponesas foram avançando além da horta com suas práticas de produção agroecológica para espaços maiores que envolvem, horta, pomar, lavoura, agrofloresta, denominado de “quintais produtivos”. O objetivo do MMC/SC sempre foi caminhar para além do espaço da horta. Hoje a maioria das experiências se encontram no espaço dos quintais, mas o objetivo do projeto do Movimento, a sua utopia é chegar onde todas as experiências possam se tornar Agroecossistemas Agroecológicos ou Unidades de Produção Agroecológicas como algumas mulheres camponesas já têm denominado.

A pesquisa destaca o importante trabalho desempenhado pelo MMC/SC no enfrentamento ao avanço do modelo de agricultura convencional, a partir da construção do projeto de agricultura camponesa agroecológica e feminista. Demonstramos que os quintais produtivos agroecológicos trabalhados pelas mulheres camponesas, apresentam inúmeros benefícios do ponto de vista social, ambiental e econômico e que contribuem para avançar em processos de transição para agroecologia. E que de fato as mulheres camponesas desempenham um papel importante no desenvolvimento e fortalecimento da agroecologia.

A pesquisa também nos permitiu traçar o percurso que o MMC/SC está construindo para avançar na proposta da economia camponesa feminista e solidária dando visibilidade, reconhecimento, valorização e valoração do trabalho das mulheres camponesas.

Consideramos como lacuna deste trabalho, não apenas por não termos aprofundado, mas também por ser uma questão que pouco tem avançado, que é referente às políticas públicas para a agroecologia. Pois entendemos que para as mulheres camponesas avançarem na construção da agroecologia, é necessário que elas tenham acesso à terra, sementes, água, assistência técnica, acesso a crédito subsidiado que viabilize as condições econômicas de produção, comercialização e adoção de tecnologias adaptadas para a produção agroecológica.

Tivemos a oportunidade de aprofundar tantas questões que envolveram essa pesquisa, nesse sentido gostaríamos de apontar para o MMC/SC o desafio de construir experiências coletivas tanto de produção como de comercialização que inclua em suas ações princípios da economia feminista e solidária.

As entrevistadas apontam como desafios para produzir agroecológico o acesso à terra, a pouca mão de obra e a falta de recursos financeiros. Desafio para o MMC/SC a organização de grupos coletivos por proximidade (local de moradia) poderia ser uma proposta para implantar uma agrofloresta, estufa ou viveiro de mudas, pois devido à dificuldade de acesso à

terra e mão de obra, apoio da família, algumas mulheres não conseguem avançar na construção da agroecologia.

Outro desafio enfrentado por aquelas que implementam experiências de produção agroecológica é quantidade de trabalho que precisam dar conta sozinhas. O que coloca mais um desafio para Movimento que é de pensar e construir estratégias de como organizar mutirões de trabalho envolvendo grupos de famílias para realizar o plantio, podas, colheitas, produzir as mudas, por exemplo, e assim por diante.

Com relação à comercialização, algumas famílias têm iniciado a experiência de entregar cestas em domicílio e às vezes não dão conta de produzir tudo em grandes quantidades conforme a demanda. E às vezes têm famílias que produzem e não conseguem comercializar. Para algumas mulheres é um desafio buscar mercado para vender sua produção e um dos princípios da economia feminista propõem estratégias fora dos mercados capitalistas. Neste caso o MMC teria condições de construir coletivamente com as mulheres camponesas outras formas de comercialização da sua produção a partir dos princípios da economia feminista e solidária.

Primeiro desafio para MMC/SC: Organizar grupos coletivos para desenvolver experiências de produção agroecológica.

Segundo desafio para o MMC/SC: Organizar grupos municipais de mulheres que tenham interesse em comercializar algum tipo de produção.

Terceiro desafio para o MMC/SC: Organizar grupos de consumidoras(es) que podem ser as próprias mulheres camponesas, pois às vezes uma produz algo que a outra não produz. Também podem ser parentes que vivem na cidade, ou então militantes de Organizações e Movimentos Sociais Urbanos que tenham interesse em adquirir e tenham consciência da importância de se consumir alimentos saudáveis.

Os objetivos dessa pesquisa nos possibilitaram analisar quatro experiências agroecológicas de mulheres camponesas, sendo duas em processo de transição para a agroecologia e duas consolidadas como agroecológicas, certificadas como orgânicas e há muitos anos aplicam os conhecimentos da agroecologia. Como sugestão e indicação de pesquisas e estudos futuros, propomos que essas experiências possam ser mais aprofundadas com relação ao redesenho de agroecossistemas a partir da metodologia de pesquisa Diálogo de Saberes. Acreditamos que esta metodologia possibilita apontar as dimensões da agroecologia do ponto de vista produtivo, cultural, ambiental, social e econômico e identificar potencialidades, limites e desafios para a prática da agroecologia entre mulheres camponesas. Sugerimos como ponto de partida aprofundar algumas questões de pesquisa: Como foi

ocorrendo o processo e as etapas para a transição agroecológica? Quais são os projetos e sonhos das mulheres e das jovens camponesas que vivenciam a agroecologia? Como a família planeja o processo geracional de sucessão da Unidade de Produção Familiar?

REFERÊNCIAS

- ADÃO, N. M. **Movimento das Mulheres Camponesas e a Semeadura de novas perspectivas:** os significados da (re) produção de sementes crioulas para as mulheres no Oeste Catarinense. 2009. Dissertação (mestrado - Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias. Florianópolis, 2009.
- ALMADA, E. D.; SOUZA, M. O. Quintais como Patrimônio Biocultural. In: ALMADA, E. D.; SOUZA, M. O. (orgs.). **QUINTAIS Memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2017, p. 13-29.
- ALMEIDA, I. J.; PEREIRA G. Feminismo Camponês e Popular: Uma Abordagem Anti Racista. p 75-85 In: MEZADRI, A.; CIMA, J.; TABORDA, N.; GASPARETO, S.; COLLET, Z. (orgs.). **Feminismo Camponês e Popular:** reflexões a partir de experiências no Movimento de Mulheres Camponesas. São Paulo: Expressão Popular, 2020, p. 75-85.
- ALTIERI, M. **Agroecologia:** bases científicas para uma agricultura sustentável. 3 ed. rev. Ampliada. São Paulo: Expressão Popular, Rio de Janeiro: AS-PTA, 2012.
- ALTIERI, M. **Agroecologia:** a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- ALTIERI, M.; NICHOLLS, C. I. Manejo Agroecológico da Fertilidade dos Solos: Solos Saudáveis, Plantas Saudáveis. In: ALTIERI, M. **Agroecologia:** bases científicas para uma agricultura sustentável. 3 ed rev. Ampliada. São Paulo: Expressão Popular. Rio de Janeiro, AS-PTA, 2012, p. 345-358.
- ALTIERI, M.; FARRELL, J. G. Sistemas Agroflorestais. In: ALTIERI, M. **Agroecologia:** bases científicas para uma agricultura sustentável. 3 ed. rev. Ampliada. São Paulo: Expressão Popular. Rio de Janeiro AS-PTA, 2012, p. 281-304.
- AMTR-RS. **Soberania Alimentar Compreensão e ação na luta camponesa**. Gráfica e Editora Battistel, 2007.
- ANA. Articulação Nacional de Agroecologia. **O que é a ANA**. 2020. Disponível em: <https://agroecologia.org.br/o-que-e-a-ana/>. Acesso em: 5 fev. 2020.
- ACTIONAID. **Sobre nós**. 2020. Disponível em: <http://actionaid.org.br/sobre-nós/quem-somos/>. Acesso em: 05 fev. 2020.
- ÁVILA, M. B. Divisão Sexual do Trabalho: Desafio para Agroecologia. In: SILVA, C. (orgs.). **Encontros Possíveis – Feminismo e Agroecologia**. Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para Democracia, 2007, p. 106- 125.
- BADKE, M. R. **Conhecimento Popular Sobre o Uso de Plantas Medicinais e o Cuidado de Enfermagem**. 2008. Dissertação (mestrado Programa de Pós-Graduação em Enfermagem,

Área de concentração Cuidado Educação e Trabalho em Enfermagem e Saúde). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Santa Maria, 2008.

BARBOSA, M. L.; LERRER, D. Gênero da Posse da Terra: um estudo sobre o poder de negociação de mulheres titulares de lotes via reforma agrária. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 04, n. 08, Jul. Dez 2016.

BONI, V. **De agricultoras a camponesas: o Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina e suas práticas**. 2012. Tese (doutorado Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BONI, V. Movimento de Mulheres Camponesas: Um movimento Camponês e Feminista. **Revista Grifos**, n. 34/35, 2013, p.67-87.

BONI, V.; MARQUES, S. et al. **Organização Produtiva das Mulheres e Promoção de Autonomia por meio do estímulo à Prática Agroecológica**. Tubarão: Copiart, 2015.

BRASIL. **A Produção para o Autoconsumo no Brasil uma Análise a partir do Censo Agropecuário 2006**. Brasília: IPEA, 2013.

BRASIL DE FATO. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/> Acesso em: 20 nov. de 2021.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. A pesquisa Participante: Um momento da Educação popular. **Rev. Ed. Popular**, v.6, jan/dez. 2007, p.51-62.

BRITO, M. A.; COELHO, M. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais – unidades auto-sustentáveis. **Agricultura Tropical**, v. 4, n. 1. Disponível em: <http://www.ufmt.br/agtrop/Revista>. Acesso em: 07 dez. 2018.

CARVALHO, H. M.; COSTA, F. A. Agricultura Camponesa. *In*: CALDART, R. S. et al ([orgs.]. **Dicionário da Educação do Campo**. 2.ed. Rio de Janeiro, São Paulo; Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio: Expressão popular, 2012, p. 26-31.

CARVALHO, H. M. **Transgênicas: Sementes do Império**. Portal da Agenda, textos 2005, Curitiba. 2005. Disponível em: file:///E:/MARTINS_%20Transg%C3%AAnicas,%20sementes%20do%20Imp%C3%A9rio.html Acesso em: 07 dez. 2018.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural, contribuições para a promoção do desenvolvimento Rural Sustentável**. Brasília:MDA/SAF/DATER-2007.

CARRASCO, C. B. A economia feminista: um panorama sobre o conceito de reprodução. **Temáticas: revista dos pós-graduandos em ciências**. v.26, n.52, 2018.

CADERNETA AGROECOLÓGICA. **Publicação projeto Mulheres e Agroecologia**. Viçosa: Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata- CTA/ZM, 2017.

CINELLI, Catiane. **Programa de Sementes Crioulas de Hortaliças: Experiência e Identidades no Movimento de Mulheres Camponesas**. 2012. Dissertação (Mestrado Programa de Pós- Graduação em Educação nas Ciências. Linha de Pesquisa: Educação Popular em Movimentos e Organizações sociais). Universidade Regional UNIJUÍ. Ijuí, 2012.

COLLET, Z.; CIMA, J. Produção de autossustento, quintais produtivos na agricultura familiar e camponesa: O Papel Historicamente Desempenhado pelas Mulheres. *In*: BONI, V.; MARQUES, S. A. et al. **Organização Produtiva das Mulheres e Promoção de Autonomia por meio do estímulo à Prática Agroecológica**. Tubarão: Copiart, 2015, p. 37-57.

COLLET, Z.; SILVA, R. N. (orgs). **Mulheres Camponesas na Luta Por Saúde Integral: Manejo de Horto Medicinal e Saúde Integral**. (Cartilha MMC/SC, Apoio Ministério Desenvolvimento Agrário). Chapecó: Gráfica Rota, 2008.

CONTE, I.; CALAÇA, M.; TABORDA, N. W. Divisão Sexual do Trabalho. *In*: MEZADRI, Adriana, CIMA, Justina, TABORDA, N.; GASPARETO, S.; COLLET, Z. (orgs.). **Feminismo Camponês e Popular: Reflexões a partir de experiências no Movimento de Mulheres Camponesas**. São Paulo: Expressão Popular, 2020, p. 123-132.

COLLET, Z.; GASPARETO S. A. K. **Os quintais produtivos no movimento de mulheres camponesas (MMC/SC): traços de uma economia feminista camponesa**. Fazendo Gênero 12 UFSC, Florianópolis 2021. Disponível em:
<https://www.Fg2021.eventos.dype.com.br/site/anais>

COSTA, M. B. **Agroecologia no Brasil, História, princípios e práticas**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

COSTA, J. A. FERNANDES, M. I. Plantas Medicinais e Aromáticas e Alimentícias. *In*: BONI, V. MARQUES, S. A. et al. **Organização Produtiva da Mulheres e Promoção de Autonomia por meio do estímulo à Prática Agroecológica**. Tubarão: Copiart, 2015, p. 81-104.

DEERE, C. D. Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, janeiro-abril/2004.

DELPHY, C. Patriarcado, gênero, relações sociais de sexo. *In*: HIRATA H.; FRANÇOISE L. et al. (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009, p. 173- 178.

DI SABBATO, A.; MELO, H. P.; LOMBARDI, M. R. et al. **Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília: MDA, 2009.

FIRMO, W. C.; MENEZES, V. J.; et al. Contexto Histórico, uso Popular e Concepção Científica sobre Plantas Medicinais. **Caderno Pesquisa**, v. 18, n. especial, dez. 2011.

FIOCRUZ. **Fundação Oswaldo Cruz**. 2021. Disponível em:
<https://cee.fiocruz.br/?q=node/987>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FERNANDES, B. M. Via Campesina. *In*: CALDART, R. S. et al. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2.ed. Rio de Janeiro, São Paulo; Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio: Expressão popular, 2012.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa. *In*: BRANDÃO, Carlos R. (org). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GRUPO TRABALHO- GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia - ANA. **SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA!** IV Encontro Nacional de Agroecologia – ENA, Belo Horizonte, 2018.

GASPARETO, S.A. **Pedagogia da Semeadura**: A construção de saberes pelo Movimento de Mulheres Camponesas no programa de sementes crioulas. 1.ed. São Paulo: dialogar 2018.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A produção da autonomia: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro: v. 15, p. 89-122, 2007.

GUBUR, D. M.; TONÁ, N. **Agroecologia**. *In*: CALDART, Roseli S. et al.(orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2.ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio: Expressão popular, 2012, p. 57-64.

GUIMARÃES, L. B.; SANTOS, T. F.; ALVES, C. M. Os direitos da mulher: A promoção do direito constitucional e da igualdade de gênero no campo. **Anais... Seminário Geopraxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v.7 p.5769- 5785, maio, 2019. Disponível em: <file:///E:/genero%20posse%20da%20terra.pdf> Acesso em: 20 nov. 2021.

GÖRGEN, S. A. **Os Novos Desafios da Agricultura Camponesa**. 2004.

GRISA, C.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S.A "produção invisível" na Agricultura Familiar: Autoconsumo, segurança alimentar e Políticas Públicas de desenvolvimento rural. **Revista Agroalimentaria**. v. 16, n. 31, p. 65-79, julho/dezembro, 2010.

GRECCO, F. S.; FURNO, J. C.; TEIXEIRA, M. O. Por uma ciência econômica feminista. **Temáticas: revista dos pós-graduandos em ciências sociais**, v.26, n.52, p. 11-22, 2018.

HORA, K.; NOBRE, M.; BUTTO, A. **As Mulheres No Censo Agropecuário 2017**. 2021.

INCA. **Agrotóxico**. 2021. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/en/node/1909>. Acesso em: 12 ago. 2021.

JALIL, L.; SILVA, C. L. et al. Caderneta Agroecológica: a contribuição das mulheres para a soberania e segurança alimentar e conservação da agrobiodiversidade. **Cadernos de ciência sociais da UFRPE**, v. II, n. 15, jul/dez, 2019.

JALIL, L. Soberania alimentar feminismo e ação política. **Revista AGRICULTURAS**, v. 6 n.4, p. 9-11, dez 2019.

MAICÁ, E. D. Sementes. *In*: CALDART, R. S. et al.(orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2.ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012, p. 697-703.

MACHADO, L. C. P.; MACHADO FILHO, L. C. P. **Dialética da Agroecologia**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MEDEIROS, L.; ALVES, C. et al. **Caderneta agroecológica e os quintais: sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil**. Minas Gerais: Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, **Caderno 4; Economia Solidária. Coleção Cadernos Pedagógicos, ProJovem Campo - Saberes da Terra. Conceitos de Economia Solidária**. Brasília: SECAD, 2010.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MMC/SC - MOVIMENTO MULHERES CAMPONESAS EM SANTA CATARINA
Cartilha, **Uma História de Organização Lutas e Conquistas**. Chapecó novembro de 2008.

MMC/SC - MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS/SC. **Conselho Municipal de Saúde e Vigilância Sanitária**. Folder, Elaboração de Noemi M, Krefta, Justina Cima, Zenaide Collet. Chapecó, 2014.

MMC/BRASIL. Movimento de Mulheres Camponesas. Disponível em: <https://mmcbrasil.org>. Acesso em: 01 mar. 2021.

MST. **A questão da Mística no MST**. Coleção Saber e Fazer nº 2.

MUNARINI, C.; COLLET, Z. Recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças: Uma luta do MMC/SC. **Revista Camponesa**, dez 2007.

PACHECO, M. E. Construindo um diálogo: feminismo e agroecologia (entrevista). **Revista Proposta**, n. 103/104, dez./mar. 2005.

PACHECO, M. E. Agroecologia: Mudanças de Concepção e prática. In: SILVA, C. (org.). **Encontros Possíveis – Feminismo e Agroecologia**. 1.ed. SOS CORPO – Instituto Feminista para Democracia, Recife, 2007, p.126-139.

PAULILO, M. I. **Movimento de Mulheres Agricultoras: Terra e Matrimônio**. Disponível em <https://naf.ufsc.br/files/2010/08/mma1.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

PAULILO, M. I. Trabalho Familiar: Uma Categoria Esquecida de Análise. **Estudos Feministas**, jan-abr/2004, p. 229-252.

PEREIRA, P. V. M.; NETO, L. F. F. Conservação de espécies florestais: um estudo em quintais agroflorestais no município de Cáceres – MT. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental Santa Maria**, v. 19, n. 3, set-dez. 2015.

PETERSON P.; SOGLIO, F. K. et al. A Construção de uma Ciência a serviço do campesinato. In: PETERSON, P. (org). **Agricultura familiar e camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009, p.85-104 32.

PLOEG, J. D. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: PETERSON, P. (org). **Agricultura familiar e camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro, AS-PTA, 2009, p.17-32.

PRIMAVESI, A. **O Solo Tropical: Casos.Perguntando Sobre o Solo**. Cartilha cedida por Ana Primavesi ao MST, 1ª ed. Set. 2009.

REPORTER BRASIL. **Contra os Agrotóxicos. 2021**. Disponível em:<https://reporterbrasil.org.br/2021/01/https://contraosagrototoxicos.org/tag/anvisa/>Acesso: 28 jan. 2021.

RIGOTTO, R. M.; ROSA, I. F. Agrotóxicos. In: CALDART, R. S.et al. (orgs.).**Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio: Expressão popular, 2012.

ROMÃO, M. M. Agroecologia e Feminismo Uma Prática Possível: A experiência do Grupo de Mulheres da Xique-xique. In: SILVA, C. (Org); **Encontros Possíveis – Feminismo e Agroecologia**.Recife:SOS CORPO – Instituto Feminista para Democracia, 2007, P. 20-25.

SCHMIDT, C.; JANH, E. F.; SANTOS, G. R.; et al.**Economia (in) Visível das Mulheres camponesas**. Passo Fundo, 2012.

STEDILE, J. P. (org.).**A questão agrária no Brasil: odebate na esquerda 1960- 1980**.São Paulo:Expressão Popular, 2005.

STEDILE, J. P.; CARVALHO, H. M. Soberania Alimentar. In: CALDART, R. S.et al.[orgs] **Dicionário da Educação do Campo**.2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio: Expressão popular, 2012, p. 714-723.

SANTOS, G. R. CIMA, J.; B., V. Quintais Produtivos: a experiência do Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina. In: PULGA, V.; CALAÇA, M.; CINELLI, C.; SEIBERT, I.; CIMA, J. (orgs.). **Mulheres Camponesas Semeando Agroecologia Colhendo Saúde e Autonomia**. Porto Alegre: Rede Unida, 2018, p. 113-129.

SILIPRANDI, E. Um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural. In: PETERSON, P. (org.). **Agricultura familiar e camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro, AS-PTA, 2009, p.139-152.

SILVA, E. R.; RAUBER, A. C.Sementes da Resistência: caminhos para produção de alimentos saudáveis.In: MEZADRI, A.M.; CIMA, J.; WELTER, N. et al. (orgs.). **Feminismo Camponês Popular Reflexões a partir das experiências do Movimento de Mulheres Camponesas**. São Paulo: Expressão popular, 2020,p. 99 –110.

SILVA, C. Mulheres Agroecologia: um campo de possibilidades. In: SILVA, C (org.). **Encontros Possíveis – Feminismo e Agroecologia**, Recife:SOS CORPO – Instituto Feminista para Democracia, 2007, p.140- 148.

SOF.**Agricultura na sociedade de mercado: as mulheres dizem não a tirania do livre comércio**. São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista, 2006.

SOF- Sempre Viva Organização Feminista. **Juntas e misturadas**: explorando territórios da economia feminista. São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista, 2021.

TEIXEIRA, G. O Censo Agropecuário 2017. **Revista NECAT**, n. 16, Jul-Dez 2019.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados. Impresso no Brasil, 1986.

TRIPP, David, Pesquisa- ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p.443-446, set/dez. 2005.

TECHIO, A.; MACAGNAN, I. S. **Solo Útero do Planeta Terra**, caderno 3, Práticas de Recuperação, Produção e Melhoramento de Sementes Crioulas de Hortaliças do MMC/SC. Chapecó: Cooper Graf Ind.e com Gráfico Ltda. ME, 2006.

KHATOUNIAN, C. A. **A reconstrução ecológica da agricultura**. Botucatu: Agroecológica, 2008.

KICHNER, M. H; COLLET, Z. **Alimentação uma Necessidade Vital**. Caderno nº 2. Práticas de recuperação, Produção e Melhoramento de Sementes Crioulas de Hortaliças do MMC/SC. Estampa Editora Gráfica Ltda. Chapecó, 2006.

KÖRBES, Vunibaldo Cirilo, Irmão. **Plantas Medicinais**. 54 edição, Francisco Beltrão, 2002.

WANDERLEY, M. N. O agricultor familiar no Brasil: Um ator social da construção do futuro. In: PETERSEN, P. (org). **Agricultura familiar e camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009, p.33- 46.

WEID, J. M. **Um novo lugar para agricultura**. In: PETERSEN, P. (org). Agricultura familiar e camponesa na construção do futuro, Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009, p.47-66.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Quintais produtivos e o papel das mulheres camponesas no fortalecimento da produção agroecológica: Um estudo sobre as experiências desenvolvidas pelo Movimento de Mulheres Camponesas - MMC/SC

Prezada participante,

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “Quintais produtivos e o papel das mulheres camponesas no fortalecimento da produção agroecológica: Um estudo sobre as experiências desenvolvidas pelo Movimento de Mulheres Camponesas - MMC/SC.” Da estudante Geneci Ribeiro dos Santos, discente de Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Laranjeiras do Sul - PR, sob orientação da Professora Siomara Aparecida Marques, e co-orientação da professora Josimeire Aparecida Leandrini.

O objetivo central do estudo é Identificar na prática educativa dos quintais produtivos, das experiências desenvolvidas pelo MMC/SC, os possíveis benefícios sociais, econômicos e ecológicos, bem como, as contribuições dessa prática para a autonomia das mulheres e o fortalecimento da prática agroecológica.

O método para o estudo consiste em analisar, por meio de questionários contendo perguntas abertas semiestruturadas as experiências que as mulheres camponesas desenvolvem em seus quintais produtivos.

O convite para participar dessa pesquisa se deve pelo seu envolvimento político bem como militância e o papel de dirigente e monitora que exerce no Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina MMC/SC e também por todo o conhecimento e relevância que apresenta com relação a temática educativa dos quintais produtivos e da agroecologia nos aspectos teóricos e práticos. Considero ser uma pessoa de fundamental importância para contribuir no debate, estudo e a produção teórica com relação os benefícios sociais, econômicos e ecológicos dos quintais produtivos.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizada de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar da pesquisadora informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Identificamos como principal risco seja no momento da entrevista em que as entrevistadas possam ter algum constrangimento ou mesmo dificuldade em responder alguma pergunta. Faremos uma pausa no roteiro de entrevistas e conversaremos, explicaremos com outras palavras a questão e se ainda assim sentir dificuldade em responder passará para próxima questão sem forçar a entrevistada responder algo que ela não se sinta confortável. Outro fator de risco colocado nesse período para essa pesquisa é a Pandemia do COVID- 19 que sim é um risco que será levado em consideração. Adotaremos rigorosamente as orientações amplamente divulgadas pelos órgãos oficiais de saúde (Ministério da Saúde e Organização Mundial de Saúde) e pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFFS. Para isto, todas as providências serão tomadas para evitar-se o contágio da COVID-19. No primeiro contato

com as participantes, evitaremos aglomerações, faremos uma conversa com o grupo a ser pesquisado apresentando o tema, objetivos e metodologia a ser utilizada por meio de reunião via mídia eletrônica (*meet.google*, *webex*, *zoom*, etc.). Num segundo contato, também por reunião via mídia eletrônica, faremos uma leitura detalhada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com as cláusulas exigidas, destacando a responsabilidade da pesquisadora no processo, os riscos envolvidos e o que se fará para minimizar esses riscos. Também se explicará como os dados serão registrados, se a participante permitirá ou não a utilização do gravador. As participantes serão convidadas a participar da pesquisa, individualmente, para diminuir os riscos de constrangimento às mesmas e de prevenção contra a COVID-19. As entrevistas serão feitas na casa delas, com uso de máscara, higienização das mãos e canetas, mantendo o distanciamento previsto pelas normas sanitárias, no espaço que as mesmas avaliarem ser mais adequado, ao ar livre.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 40 minutos a 1 hora. A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e com a sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo gravação Não autorizo gravação

A pesquisa também utilizará arquivos fotográficos da pesquisadora com imagens da participante, mas somente com sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo uso Imagens Não Autorizo uso de Imagens

Na fase de sistematização dos dados da entrevista não atribuiremos nomes fictícios e sim seu nome verdadeiro devido às questões que relacionam especificamente seu envolvimento com a militância e motivação em fazer parte do MMC e ainda o relato das experiências práticas que desenvolve em seu quintal produtivo. Entendemos que cada mulher camponesa expressa em suas respostas através de questionário de perguntas conduzido pela pesquisadora sua trajetória de militância bem como sua identidade e seu ponto de vista político e crítico. Diante do exposto pretende-se fazer uso do seu nome mediante autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo uso do Nome. Não autorizo o uso do nome

Será garantida a fidelidade das informações por você prestadas. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos.

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa permitirá mostrar para a sociedade a sistematização teórica do conhecimento dos saberes agroecológicos, das experiências prática e do trabalho que as mulheres camponesas vêm desenvolvendo por meio dos movimentos sociais.

A participação na pesquisa poderá causar riscos tais como: risco de constrangimento durante a entrevista. Na ocorrência de qualquer risco, a participante deverá comunicar à pesquisadora.

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

Laranjeiras do Sul, ____ de _____ de 20....

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE B – Roteiro de questões para entrevista com monitoras

- 1- Nome
- 2- Idade
- 3- Escolaridade
- 4- Endereço (comunidade, rua, bairro... município)?
- 5- Quanto tempo e o que motivou ser militante do MMC?
- 6- Poderia me falar como era a agricultura no estado de Santa Catarina antes da revolução Verde e hoje como está?
- 7- O que significa o termo quintal produtivo agroecológico?
- 8- Conte como surgiu o termo quintal produtivo ou quintal produtivo agroecológico no MMC/SC?
- 9- Na sua opinião como são as características dos quintais produtivos das mulheres camponesas?
- 10- Qual a importância e quais são os benefícios dos quintais produtivos para as famílias camponesas e para sociedade?
- 11- Você pode explicar a relação do quintal produtivo com a geração de renda e autonomia econômica das mulheres camponesas?
- 12- Seu trabalho no quintal produtivo se aproxima de que modelo/projeto de agricultura, Porque?
- 13- Quais são os principais desafios para as mulheres camponesas avançar na produção agroecológica?

**APÊNDICEC – Roteiro questões para entrevista com as monitora em seus quintais
produtivos agroecológicos**

- 1- Nome/ Apresentação
- 2- Idade
- 3- Escolaridade
- 4- Poderia me falar como era a agricultura no estado de Santa Catarina antes da revolução Verde e hoje como está?
- 5- O que significa o termo quintal produtivo agroecológico?
- 6- Conte como surgiu o termo quintal produtivo ou quintal produtivo agroecológico no MMC/ SC?
- 7- Na sua opinião como são as características dos quintais produtivos das mulheres camponesas?
- 8- Qual a importância e quais são os benefícios dos quintais produtivos para as famílias camponesas e para sociedade?
- 9- Você pode explicar a relação do quintal produtivo com a geração de renda e autonomia econômica das mulheres camponesas?
- 10- Seu trabalho no quintal produtivo se aproxima de que modelo/projeto de agricultura. Porque?
- 11- Poderia me contar como adquiriram essa unidade de produção (herança, financiada)?
- 12- Você se identifica como camponesa?
- 13- Quantos anos está organizando seu quintal produtivo e sua a família apoia, ajuda, valoriza?
- 14- Quais são as atividades agrícolas que vocês desenvolvem na Unidade produção Familiar?
- 15- Quem realiza o trabalho no quintal produtivo? Quem prepara o solo? Quem faz o plantio, manejo, colheita, comercialização?
- 16- Conte todo o processo de preparação do produto para a comercialização? E quem faz?
- 17- Quais as experiências/práticas que você aplica em seu quintal que tem os princípios da agroecologia?
- 18- Explique como você busca conhecimento para qualificar seu quintal produtivo?
- 19- Na sua opinião como o MMC poderia contribuir para melhorar seu quintal produtivo?
- 20- Quais são os desafios para as mulheres avançar na agroecologia?